



Maria Carolina El-Huaik de Medeiros

Essa fez Socila: narrativas sobre etiqueta, socialização feminina e aperfeiçoamento social da mulher

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Comunicação.

Orientadora: Prof^a. Tatiana Oliveira Siciliano

Rio de Janeiro
Julho de 2022



Maria Carolina El-Huaik de Medeiros

Essa fez Socila: narrativas sobre etiqueta, socialização feminina e aperfeiçoamento social da mulher

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Departamento de Comunicação Social do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Prof^a. Tatiana Oliveira Siciliano

Orientadora

Departamento de Comunicação Social – PUC-Rio

Prof. Roberto Augusto DaMatta

Departamento de Ciências Sociais – PUC-Rio

Prof. Cristiano Henrique Ribeiro dos Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Prof^a. Beatriz Beraldo Batista

Universidade de Brasília – UnB

Prof^a. Maria Claudia Bonadio

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Rio de Janeiro, 11 de julho de 2022

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da autora, da orientadora e da universidade.

Maria Carolina El-Huaik de Medeiros

É mestra em Comunicação Social pela PUC-Rio (2017). Possui bacharelado em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Gama Filho (2006) e pós-graduação em Marketing pelo Ibmecc-RJ (2009). É membro do grupo de pesquisa Narrativas da vida moderna na cultura midiática (PUC-Rio) e atua como pesquisadora, palestrante e professora em Comunicação e Educação, mais especificamente na área de narrativas sobre mulheres.

Ficha Catalográfica

Medeiros, Maria Carolina El-Huaik de

Essa fez Socila : narrativas sobre etiqueta, socialização feminina e aperfeiçoamento social da mulher / Maria Carolina El-Huaik de Medeiros ; orientadora: Tatiana Oliveira Siciliano. – 2022.
253 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação Social, 2022.
Inclui bibliografia

1. Comunicação Social – Teses. 2. Socila. 3. Etiqueta. 4. Socialização feminina. 5. Beleza. 6. Capital feminino. I. Siciliano, Tatiana Oliveira. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Comunicação Social. III. Título.

CDD: 302.23

Para minha mãe e Belinha,
que se foram, mas permanecem.

Agradecimentos

Não se enganem: nada em um doutorado é trivial. Nem este agradecimento.

Parece trivial que alguém tenha parido um ser humano, alimentado, educado, apoiado, consolado, abraçado. Mas não é. Obrigada, mãe e pai, por tudo, absolutamente tudo.

Parece trivial que uma mulher ingresse em um doutorado. E que uma professora como Tatiana Siciliano aceite orientar seu trabalho, acredite nele quando até você pensa em mudar o rumo, se dedique a te dizer como você pode melhorá-lo, respeite seu tempo e confie na sua capacidade.

Parece trivial que professoras e professores que você admira aceitem ler seu trabalho, criticá-lo e te apontar caminhos.

Parece trivial ter na banca:

- o professor Roberto DaMatta. E saber que posso chamá-lo de amigo, com gratidão pelos ensinamentos dentro de sala de aula e nos longos papos por telefone;

- o professor Cristiano Ribeiro, meu orientador na graduação, que viu na jovem universitária algo que só os professores vocacionados veem, se tornando aquele professor-chave que algumas pessoas de sorte têm na vida, aqueles que mudam tudo;

- a professora Maria Claudia Bonadio, cujo trabalho respeito e admiro, que tem sido generosa comigo desde que nos conhecemos;

- a mais nova professora da UnB, amiga querida e mulher admirável em tantos aspectos, Beatriz Beraldo;

- a professora Claudia Pereira, cujas qualidades não sou capaz de enumerar (dentre tantas, talvez caiba dizer que eu adoro o seu abraço);

- o colega doutor Miguel Reis, que sempre me inspirou por sua dedicação acadêmica.

Nada disso é trivial.

Não é trivial também ter sido aluna dos professores José Carlos Rodrigues, Vera Follain e Everardo Rocha, além dos já citados.

Não é trivial encontrar “informantes” dispostos a concederem entrevistas; agradeço a vocês que contribuíram, cedendo seu tempo e valiosas informações: Ana Elizabeth Fontes, Homero Fontes, Ilka Soares, Isabella Lobato, Joaquim Ferreira dos Santos, Leo Aversa, Marina Colasanti (obrigada!), Maysa Helvecia Ganz, Marcia Dantas, Regina Lobato e Ruth Alves.

Não é trivial contar a história da vida de alguém. Agradeço especialmente à Anselmo Duarte Jr. e à Lara Sayão, respectivamente afilhado e sobrinha-neta de Maria Augusta, da Socila, absolutamente fundamentais para que esta pesquisa tenha sido desenvolvida.

Lara, a você agradeço especialmente por toda a acolhida e afeto. Obrigada pela confiança de compartilhar comigo memórias de família, tão caras.

Também não é trivial passar sete anos dentro de uma universidade (contando o mestrado), sair dela sem grandes traumas e com uma porção de afetos inestimáveis, da sala de aula à secretaria. Meu imenso obrigada à Marise Lira pelo apoio em tudo, absolutamente tudo, e à Juliana Pecis, que chegou depois, mas foi suporte tantas vezes. Queridas!

Não é trivial ter amizades acadêmicas que ficam para a vida: Carina Borges, Mariana Ayres, Melba Porter, Beatriz Beraldo, Valmir Moratelli, Isabel Feix, Karine Karam. Também Suzana Veiga, Marcella Winter, Danielle Schlossarek e Mariana Martins, mulheres pesquisadoras que amo e admiro. Nem sei o que seria de mim sem nossas trocas e acolhimento.

Não é trivial ter parceria e amor em meio a um ano de muito trabalho, luto e celebração. Obrigada, Felipe.

Não é trivial ter Belinha e Bibi. Não mesmo!

Não é trivial ter na vida aquelas/es que torcem e celebram, em especial: Ana Sharp, Aydano Motta, Carol Krebs, Duda Oliveira, Eduardo Manhães, Luciana Rosa, Marina Conti, Paola Santos, Renata Abreu e Thais Lacerda.

Agradeço às alunas e alunos que tive o privilégio de coorientar em suas monografias durante esses anos. Aprendi demais com vocês e seus trabalhos.

Obrigada também aos que contribuíram de alguma forma, fazendo pontes para que essa pesquisa acontecesse (e que me ajudaram mais do que imaginam): Klara Duccini, Tatiana Reis, Mateus Baldi, Leticia Sardas.

Agradeço, claro, ao Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, à Vice-reitoria para Assuntos Acadêmicos e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)¹ pela bolsa de doutorado.

Agradeço às mulheres que acompanham meu trabalho, às que escrevem, pesquisam, existem e resistem. Não é trivial. Mas acontece. Meu muito obrigada!

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Medeiros, Maria Carolina El-Huaik de; Siciliano, Tatiana Oliveira. **Essa fez Socila: narrativas sobre etiqueta, socialização feminina e aperfeiçoamento social da mulher.** Rio de Janeiro, 2022. 253p. Tese de Doutorado – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Precursora na formação de manequins e candidatas a miss no Brasil, a Socila ficou conhecida por ser uma escola de etiqueta para mulheres, sinônimo de elegância no Brasil dos anos 1950 e 1960. “Fazer Socila” significava aprender sobre embelezamento, vestuário e educação do corpo, configurando um “aperfeiçoamento social”. A despeito do seu auge ter sido nos anos 1960, a Socila continua sendo mencionada na imprensa, sem nunca ter sido objeto de estudo. Nesta pesquisa se pretende contar a história da escola e de sua fundadora, Maria Augusta, que ensinou etiqueta para a família Kubitschek, circulou na alta roda mundial e inspirou personagem em série de TV, buscando compreender as narrativas de feminilidade e socialização ensinadas às mulheres dos anos 1950 e 1960, tomando a escola como partícipe da construção de um imaginário normatizador de feminilidade, de um *habitus* (BOURDIEU, 1983). A hipótese é que entre opressão e emancipação, Maria Augusta teria sido uma mediadora para mulheres, a partir de um capital feminino que lhes possibilitava participar da vida social, fora dos recônditos do lar. Com o tempo, entretanto, o aperfeiçoamento social se desloca do aprendizado da etiqueta para um aperfeiçoamento corporal, mediante intervenções estéticas no corpo. As narrativas na imprensa sobre a Socila, sobretudo nas revistas *Manchete* e *O Cruzeiro* e no jornal *O Globo*, ajudam a recontar a história, além do conteúdo de quatro apostilas com os ensinamentos ministrados por Maria Augusta, cotejado a entrevistas.

Palavras-chave

Socila; etiqueta; socialização feminina; beleza; capital feminino.

Abstract

Medeiros, Maria Carolina El-Huaik de; Siciliano, Tatiana Oliveira (Advisor). **She did Socila: narratives about etiquette, female socialization and social improvement of woman.** Rio de Janeiro, 2022. 253p. Tese de Doutorado – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A precursor in training models and miss candidates in Brazil, Socila became known for being a school of etiquette for women, synonymous of elegance in the 1950s and 1960s. “Doing Socila” meant learning about beauty, clothing and body education, becoming a “social improvement”. Despite its heyday being in the 1960s, Socila continues to be mentioned in the press, without ever having been an object of study. In this research, we intend to tell the story of the school and its founder, Maria Augusta, who taught etiquette to the president Kubitschek’s family and inspired a character in a TV series, seeking to understand the narratives of femininity and socialization taught to women, taking the school as a participant in the construction of a normative imaginary of femininity, of a habitus (BOURDIEU, 1983). The hypothesis is that between oppression and emancipation, Maria Augusta would have been a mediator for women, based on a female capital that allowed them to participate in social life, outside the confines of home. However, social improvement shifts from learning etiquette to body improvement, through aesthetic interventions in the body. The narratives in the press about Socila help to tell the story, in addition to the content of four handouts with the teachings given by Maria Augusta and interviews.

Keywords

Socila; etiquette; female socialization; beauty; female capital.

Sumário

1. Introdução	13
1.1. A questão.....	20
1.2. Pressupostos teóricos.....	28
1.3. <i>Corpus</i> e percurso metodológico	32
2. Maria Augusta, Socila e outras mulheres “em trânsito”	44
2.1. Pedagogias do “ser mulher”: o papel da imprensa	45
2.2. Conselhos de Clarice: beleza, receitas e emancipação.....	47
2.3. Criadora e criatura: apresentando Maria Augusta e os Anos Dourados da Socila	55
2.4. A fachada de Maria Augusta: biografia, mediação e campo de possibilidades	95
2.5. Uma nova sociabilidade para a mulher.....	107
2.6. O que faz de uma mulher, mulher?	113
2.7. Socialização feminina e “aperfeiçoamento social”	119
3. Não se tem uma segunda chance de causar uma primeira impressão: <i>habitus</i> e capital feminino na Socila.....	123
3.1. As regras do comportamento social.....	125
3.2. As regras do bem vestir	130
3.3. Educação do corpo e <i>hexis</i> corporal.....	139
3.4. O ensino do <i>habitus</i>	151
3.5. <i>My fair lady</i> : mito, cinema e vida real.....	158
3.6. Feminilidade, emancipação e capital feminino	176
4. De “não basta ser linda” a “só é feia quem quer”	195
4.1. Embelezamento, de dom à realização pessoal	198
4.2. Socila-Escola: “o importante é saber ser linda”	203
4.3. Socila- <i>Beauté</i> : técnicas a serviço da beleza.....	207
5. Considerações finais	225
6. Referências bibliográficas	234
7. Anexos	241

Lista de figuras

Figura 1 – Anúncio Socila	22
Figura 2 – Carteira de identidade de Maria Augusta	55
Figura 3 – Maria Augusta estampa anúncio de loja.	57
Figura 4 – “As intocáveis da Socila”: Florinda Bolkan, Maria Augusta, Pauline e Patricia recebem Peggy Morse (ao centro), professora da Power School de Nova Iorque. À direita, Mariela Tarnaswiska, Isabela e Ilka Soares	58
Figura 5 – Maria Augusta e Jardel Filho.....	59
Figura 6 – Ilka Soares	61
Figura 7 – Maria Augusta e candidatas a miss.....	67
Figura 8 – Da direita para a esquerda: as modelos Ilka Soares (sentada), Isabela, Peggy Morse (Power School de Nova York), Maria Augusta, Márcia Kubitschek, Ligia Bastos e Maria Estela Kubitschek (sentada)	71
Figura 9 – Maria Augusta e presidente JK	73
Figura 10 – Pitt Nielsen e Maria Augusta com, supostamente, um nobre norueguês.	74
Figura 11 – Certificado emitido pela Socila Escola de BH	79
Figura 12 – Maysa Ganz, Maria Augusta e outras modelos.....	81
Figura 13 – Carteirinha da Socila	83
Figura 14 – Cartão de visitas de Maria Augusta.....	84
Figura 15 – Socila Tijuca	87
Figura 16 – Mapa do Maria Augusta Studius, no Hotel Glória	91
Figura 17 – Reportagem de 1997. “Perdendo a pose: escola de etiqueta que marcou época, a Socila troca a Lagoa pelo Méier”.	93
Figura 18 – A equação sinérgica.....	136
Figura 19 – Aula de postura na Socila. Posição das pernas.	143
Figura 20 – Postura certa e errada.....	144
Figura 21 – Exercícios posturais para a face	145
Figura 22 – Exercícios para a postura.....	148
Figura 23 – Josepha Massimo	167
Figura 24 – Josepha na capa de <i>O Cruzeiro</i>	169
Figura 25 – Josepha e o estilista Pierre Balmain	174
Figura 26 – Tabela	178
Figura 27 – Maria Augusta em diversos momentos	192

Figura 28 – Maria Augusta	194
Figura 29 – Socila-Escola, na época situada à Av. Borges de Medeiros, 2415, Lagoa, Rio de Janeiro	204
Figura 30 – Socila-Beauté mostrando “antes e depois” das mulheres. ...	208

*Quando emprego as palavras “mulher” ou “feminino” não me refiro
evidentemente a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável; (...) cabe
subentender:
“no estado atual da educação e dos costumes”.
(Simone de Beauvoir)²*

*Nossa mercadoria é a beleza e a educação da mulher.
Estamos seguros de que vendemos um gênero de primeira necessidade.
(Maria Augusta, da Socila)³*

*As boas maneiras são a melhor herança.
(Clarice Lispector)⁴*

²BEAUVOIR, Simone de [1949]. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. p. 7.

³ Ser miss não é mole. *O Cruzeiro*, ed. 0021, 1971, p. 112.

⁴ LISPECTOR, Clarice [1977]. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 45.

1. Introdução

Século XXI. Anos 2020 e 2021. Em meio às notícias sobre a pandemia de Covid-19 que assola todo o mundo desde 2020⁵, a imprensa noticia também novas regras de comportamento⁶ a fim de evitar a propagação do vírus: por exemplo, manter o chamado distanciamento social entre as pessoas e evitar contato físico nos cumprimentos. Nas páginas do jornal carioca *O Globo*, considerado o jornal mais lido do Brasil em 2020, com quase 29 milhões de visitantes únicos por mês na versão digital⁷, leitoras e leitores se deparam com frequentes menções a uma tal “Socila”, notadamente em colunas de opinião: “Ainda existe a Socila? Ou algum curso de etiqueta à moda antiga que ministre os novos comportamentos pós-pandemia e, com urgência, antes que todos os amigos desapareçam, me faça parar de cumprimentar com o soquinho dos últimos dois anos?”⁸. A mesma Socila é mencionada como sendo tão necessária quanto o certificado da vacinação contra o vírus da Covid-19:

Não podemos esquecer a carteirinha da Socila. O certificado de boas maneiras seria um equivalente digital ao da vacinação contra a Covid, um documento necessário para postar e comentar nas redes. Quem sabe um selinho, igual ao de verificado? Uma garantia - para os outros - de que a pessoa tem alguma intimidade com o “bom dia”, o “obrigado”, o “por favor” e – principalmente - o “desculpe”. Quem não tivesse o certificado seria condenado a um cercadinho virtual, onde continuaria a interagir por meio de xingamentos, grunhidos e zurros, mas só com seus pares. Um grande alívio para todos. Alguma coisa a gente tem que aprender com a experiência da pandemia⁹.

A menção à Socila na imprensa não se dá apenas na pandemia; tem estado presente nas páginas de jornais e revistas desde a década de 1950 e permanece ainda hoje. Vejamos: “Há siglas que são um exemplo de superação. Nascidas para ser

⁵ Especialistas mapeiam os lugares no mundo onde pandemia pode estar próxima ao fim. *O Globo*, 03 de novembro de 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/medicina/covid-19-especialistas-mapeiam-os-lugares-no-mundo-onde-pandemia-pode-estar-proxima-ao-fim-25262285>. Acesso em 03 de janeiro de 2022.

⁶ Coronavírus cria novas formas de cumprimento no mundo. *G1*, 03 de março de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/03/03/coronavirus-cria-novas-formas-de-cumprimento-no-mundo.ghtml>. Acesso em 03 de janeiro de 2022.

⁷ *O Globo* foi o jornal mais lido do país em 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/oglobo-foi-jornal-mais-lido-do-pais-em-2020-24906502>. Acesso em 28 de março de 2021.

⁸ SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Já é hora de cancelar o 'soquinho' por economia de afeto? Negativismo sentimental? *O Globo*, Segundo Caderno, 22 de novembro de 2021, p. 4.

⁹ AVERSA, Leo. Um PCR para as redes sociais. *O Globo*, Segundo Caderno, 16 de novembro de 2021, p. 4.

apenas um comitê de letrinhas, vencem as adversidades e se transformam em substantivos”¹⁰, diz um colunista de *O Globo* em 2019. E prossegue: “Só depois de adulto fui descobrir que ‘Socila’ era uma sigla, não uma panaceia para os males da deselegância. “*Essa aí não fez Socila*” significava que a moça não tinha modos” explica, fornecendo pistas do tema que será tratado nesta pesquisa.

Não para por aí. “Volto ao *Twitter*¹¹ e a treta continua. Um perfil reclama que sou um retrógrado. (...) Um terceiro diz que preciso me educar. Penso em perguntar se a Socila resolveria, mas fico com medo de ser mal interpretado mais uma vez”¹², observa um colunista em 2020. Em outra coluna, publicada em outubro de 2019, o mesmo autor já havia mencionado a Socila como solução para os problemas de uma mãe que, aborrecida com a postura de uma docente, “resolveu que não havia melhor maneira de resolver a gravíssima questão do que botar o dedo na cara da professora e começar um faniquito todo trabalhado na gritaria, na frente da filha e de todos os outros alunos”¹³. E completa: “Já escrevi aqui que metade dos problemas atuais do Brasil seria resolvida pela Socila. Acho que sou um visionário”.

Pouco mais de um mês depois, reitera às leitoras e leitores que “não pensem que essa moda da imbecilidade se restringe a sequelados, aos analfabetos funcionais ou às pessoas com graves problemas cognitivos”¹⁴, e segue com a suposta solução: “Proponho a volta do Mobral, em versão original, analógica, e da Socila, aquele curso de boas maneiras que ensinava a tigrada a dizer bom dia, por favor e obrigado, em versão 2.0, digital”.

Na década anterior não foi diferente. Aqui e acolá no jornal *O Globo*, a Socila nunca deixou de ser mencionada como sinônimo de elegância e ensino de etiqueta, sem grandes explicações do que se tratava - como se fosse algo de conhecimento público, quase óbvio. Em referência à novela *Porto dos Milagres*,

¹⁰ AFFONSO, Eduardo. Tiro de guerra, Socila e bobos. *O Globo*, Opinião, 21 de novembro de 2019, p. 3.

¹¹ Rede social com 186 milhões de usuários em todo o mundo, segundo dados de julho de 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/twitter-surpreende-em-numero-de-usuarios-no-2o-trimestre/>, acesso em 25 de janeiro de 2021.

¹² AVERSA, Leo. O cancelamento do Mário. Que Mário? *O Globo*, Segundo Caderno, 23 de junho de 2020, p. 4.

¹³ AVERSA, Leo. O rabo que abana o cachorro. *O Globo*, Rio, 31 de outubro de 2019, p. 11.

¹⁴ AVERSA, Leo. Burrice *is the new black*. *O Globo*, Segundo Caderno, 07 de dezembro de 2019, p. 6.

exibida na *TV Globo* naquele momento, o colunista Mauro Rasi pergunta em 2001: “O centro noturno de lazer de Porto dos Milagres não parece um colégio de moças na Suíça? Ou seria a Socila?”¹⁵, indaga, traçando um paralelo entre a escola brasileira e a educação suíça, popularmente tida como exemplar.

Em 2005 é a vez do escritor João Ubaldo Ribeiro se referir à sigla para criticar o governo: “Criam-se cargos que não têm o que fazer, (...) produzem ideias brilhantes como essa, de criar uma espécie de Socila (lembram da Socila?)”¹⁶. Em 2007, reportagem sobre etiqueta online tem como título “Momento Socila”¹⁷. Os exemplos são muitos e serão apresentados ao longo deste trabalho. O que interessa aqui é: o que foi a Socila e por que ela continua sendo mencionada na imprensa?

A Socila¹⁸, sigla para Sociedade Civil de Intercâmbio Literário e Artístico (por vezes também mencionada como Sociedade Civil pela Integração Literária e Artística), foi fundada no Rio de Janeiro como agência de talentos para publicidade e cinema. Aqui se apresenta o primeiro desafio da pesquisa: cravar o ano da fundação. Nas menções na imprensa, as datas variam de 1953 a 1958. Em notícia de 1957 no jornal *O Globo*¹⁹, a Socila é apresentada como uma empresa recém-fundada em ramo inédito, “destinada por isso mesmo a obter um grande sucesso: Agência de Contratos e Publicidade”. A matéria diz que a Socila se dedica a tratar, “nos moldes das companhias americanas congêneres”, dos interesses “econômicos, publicitários, contratuais e até mesmo dos interesses técnicos” para artistas, dando “ao brasileiro todo amparo e valorização que ele merece ter”.

A mesma notícia ressalta a atuação das fundadoras, “duas moças”, Maria Augusta e Ligia Bastos, que “audaciosamente, penetraram no mundo brasileiro do *Show Business*”. Em outras reportagens são citados também 1954²⁰ e 1958²¹ como anos de fundação da Socila. Em entrevista à *GloboNews*²² em 2005, Maria Augusta

¹⁵ RASI, Mauro. Pra lá de Marrakech. *O Globo*, Segundo Caderno, 25 de junho de 2001, p. 8.

¹⁶ RIBEIRO, João Ubaldo. Programa Fala Zero. *O Globo*, Opinião, 08 de maio de 2005, p. 7.

¹⁷ Momento Socila: é hora de um reload na netiqueta. *O Globo*, Info etc, 25 de junho de 2007, p. 4.

¹⁸ Em algumas fontes nota-se a grafia SOCILA, em outras Socila. Neste trabalho a menção será sempre com apenas a primeira letra em maiúsculo, “Socila”.

¹⁹ Os agentes é quem devem tratar dos interesses dos artistas. *O Globo Feminino*, 11 de julho de 1957, p. 9.

²⁰ As chefonas. *O Globo*, Geral, 01 de maio de 1972, p. 4.

²¹ Maria Augusta: qualquer moça pode ser miss. *Manchete*, ed. 0896, 1969, p. 32-33.

²² Entrevista concedida à Regina Martelli no Programa Almanaque, exibido na *GloboNews* em 22 de agosto de 2005.

disse que a Socila foi fundada em 1957; já em entrevista à Paulo Borges, publicada no livro *O Brasil na moda* (2003), a própria afirmou que a data correta é 1954. Cotejando informações da imprensa e das entrevistas realizadas, parece improvável que a Socila tenha sido fundada no fim dos anos 1950, de modo que 1954 será aqui tomado como o ano de sua fundação.

A data importa menos do que o feito: no fim dos anos 1950 e na década de 1960 a Socila se consolida, pouco literária e muito artística (lembre-se que Socila é sigla para Sociedade Civil de Intercâmbio Literário e Artístico). Faz sucesso como escola para manequins e prepara candidatas a miss, grande feito para as moças da época. Sinônimo de ensino das boas maneiras, como até hoje se lembram os colonistas citados acima quando pensam nela, a Socila ficou marcada principalmente pelo ensino de regras de etiqueta, postura, comportamento e beleza para mulheres, no que denominava curso de “aperfeiçoamento social”, fosse para aspirantes a uma carreira de manequim e miss, ou para mulheres “comuns”, que desejassem “serviços de aperfeiçoamento [que] tornavam realidade os sonhos de *my fair lady*²³” – uma referência ao filme estadunidense de mesmo nome, de 1964, que se baseia no mito grego de Pigmalião e Galatéia e sobre o qual falarei mais à frente.

Essa era a Socila, uma “escola para manequins, e depois de aperfeiçoamento social completo”²⁴, nas palavras de Ligia Bastos (posteriormente adotou o sobrenome de casada, Carrato), uma das fundadoras. Mas é a outra fundadora, Maria Augusta Nielsen (sobrenome do último marido, como veremos adiante), que mais interessa aqui, pois sua história se confunde com a da própria instituição. “Maria Augusta da Socila” era termo frequente na imprensa como “referência de elegância na segunda metade do século passado”²⁵. Famosa por ter ensinado etiqueta para d. Sarah Kubitschek (então primeira-dama do Brasil) e para suas filhas Márcia e Maria Estela, “foi professora (...) de toda mulher interessada em ter traquejo social”²⁶. Ficou amiga do então presidente Juscelino Kubitschek²⁷,

²³ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

²⁴ As chefonas. *O Globo*, Geral, 01 de maio de 1972, p. 4.

²⁵ Sempre elegante. *O Globo*, Segundo Caderno. Coluna Gente Boa, 18 de agosto de 2008, p. 3.

²⁶ Sempre elegante. *O Globo*, Segundo Caderno. Coluna Gente Boa, 18 de agosto de 2008, p. 3.

²⁷ Presidente do Brasil de 1956 a 1961.

responsável, aliás, por oficializar a Socila “depois de anos de tentativas inúteis de enquadrar nas leis trabalhistas da época uma empresa que vendia elegância”²⁸.

Maria Augusta circulava nas altas rodas cariocas e em desfiles em Paris, na França, onde conheceu estilistas como Coco Chanel. Quando Fidel Castro tomou o poder em Cuba, em 1959²⁹, ela participou da delegação brasileira que levou escolas de samba para festejar a vitória. Na ocasião, teria conhecido Che Guevara, que ela classificou como “um homem charmoso, um cidadão do mundo”³⁰: “nesse dia, tinha o jantar do Brasil e Fidel teve que ir aos Estados Unidos. Quem nos recepcionou foi Che Guevara. Como chefe da delegação, me sentei ao lado dele e conversamos muito”³¹, contou Maria Augusta. A informação surpreende e é relevante para ajudar a compreender quem foi a mulher que “ensinou o Brasil a ser elegante”³², e que entre os anos 1950 e 1970 “ditava o que era de bom tom em sociedade”³³.

Maria Augusta foi, inclusive, personagem de TV: *JK*, minissérie escrita por Maria Adelaide Amaral e Alcides Nogueira e exibida na *TV Globo* em 2006, teve uma personagem inspirada nela e vivida pela atriz Mila Moreira. “Maria Adelaide e eu criamos uma personagem, Maria Alice, inspirada na Maria Augusta, uma figura importante no panorama sociocomportamental nos anos JK”³⁴, declarou Nogueira. Maria Augusta não gostou do resultado; reclamou que não se identificou com a personagem criada: “Tanto Maria Adelaide Amaral quanto Mila [Moreira] estiveram na minha casa tomando meu depoimento. Mas o que se vê no ar são aulas erradas de etiqueta e postura. E a personagem tem hábitos morais muito duvidosos. Não me representa”³⁵. Atribuo a essa declaração de Maria Augusta o fato de Mila Moreira não ter querido dar entrevista para esta pesquisa: a atriz declarou que tinha sido modelo da Rhodia – empresa do setor têxtil que montou o que Maria Claudia Bonadio (2004) considera como o primeiro grupo de modelos profissionais do

²⁸ Depoimento de Maria Augusta à Paulo Borges para o livro *O Brasil na moda* (2003, p. 891). Ver referências bibliográficas.

²⁹ As diferentes facetas de Fidel Castro em seus 90 anos. *O Globo*, 13 de agosto de 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/as-diferentes-facetras-de-fidel-castro-em-seus-90-anos-19903305>, acesso em 23 de janeiro de 2022.

³⁰ Depoimento de Maria Augusta à Paulo Borges para o livro *O Brasil na moda* (2003, p. 893). Ver referências bibliográficas.

³¹ A batuta mágica. *Revista Carioquice*, seção Chão de estrelas. Instituto Cultural Cravo Albin. Ano II, número 5, abr/mai/jun 2005, p. 56-61. edição em pdf.

³² Gugu: porque elegância é fundamental. *O Globo*, Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

³³ Gugu: porque elegância é fundamental. *O Globo*, Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

³⁴ Gugu: porque elegância é fundamental. *O Globo*, Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

³⁵ KOGUT, Patricia. *O Globo*, Segundo Caderno. Controle Remoto, 14 de março de 2006, p. 6.

Brasil, como veremos adiante -, encerrando o assunto e dizendo que nada tinha a declarar sobre a Socila³⁶.

A escola de boas maneiras que segue sendo falada na imprensa, a despeito do seu auge ter sido entre os anos 1950 e 1970, também povoou meu imaginário de criança. Nascida em 1984, eu me recordo de, quando pequena, passar em frente a uma unidade da Socila na Lagoa, zona sul do Rio de Janeiro, e saber do que se tratava. Vivíamos em Nova Iguaçu, cidade da Baixada Fluminense; não frequentei a Socila, mas cresci em uma família de mãe e pai que ascenderam financeira e socialmente. Frequentávamos a alta roda da cidade, e quem já viveu em cidade pequena sabe o quanto as boas maneiras importam.

Quando ingressei no mestrado em Comunicação nesta mesma PUC-Rio, em 2015, a Socila já despertava o meu interesse: como uma instituição tão presente na imprensa e na cabeça das pessoas (eu comentava a esmo sobre meu interesse na Socila e muitas pessoas sabiam do se que tratava) poderia não ter sido ainda objeto de pesquisa? Os dois anos de mestrado se mostraram curtos para empreender tal estudo, que precisaria começar do zero, mas a ideia ficou. Na época pesquisei, então, manuais de etiqueta no Brasil (MEDEIROS, 2017), comparando dois exemplares: *Novo Manual do Bom Tom*, escrito por um francês, publicado na França em 1857 e posteriormente no Brasil, e *Guia de boas maneiras*, de autoria do brasileiro Marcelino de Carvalho e publicado em 1961 no país, tendo como fio condutor o “processo civilizador” de Norbert Elias ([1939] 2011).

A notícia da publicação do livro de Elias no Brasil, aliás, foi relacionada à Socila, ao dizer que “o autor tenta, através da interpretação de manuais tipo Socila, provar que não há um comportamento natural para o ser humano”³⁷. A frequente menção da Socila e de Maria Augusta na imprensa sem explicações mais detalhadas, pressupondo que quem lê sabe do que se trata, dá a dimensão da relevância da escola e valida seu significado no imaginário, no qual há uma produção de sentido em relação a “fazer Socila”:

Maria Augusta resolveu fazer um império da elegância. De fato, a Socila criou tal conceito de categoria, de alta elegância, que até

³⁶ O diálogo com Mila Moreira se deu pelo aplicativo de troca de mensagens *whatsapp*, em 2019. Ela morreu em dezembro de 2021.

³⁷ Mudanças sociais: lançado no Brasil o livro "O processo civilizador", de Norbert Elias. *O Globo*, Segundo Caderno, 11 de fevereiro de 1990, p. 3.

nas expressões populares a gente a usa. Vocês já ouviram certamente alguém dizer "esse cara aí está precisando de um banho de Socila". A tal ponto o nome se confundiu com o objetivo³⁸.

Até em colunas de política a Socila se fazia presente: em nota em 1971 na revista *O Cruzeiro*³⁹, um deputado afirma que continuará “falando com franqueza e se queixando das coisas erradas que existem e ocorrem no nosso país”, dando o assunto como encerrado: “não pretendemos fazer um curso de boas maneiras na Socila para cumprir o nosso papel”. A escola também foi citada em músicas: Vinicius de Moraes e Edu Lobo compuseram os versos “Já no meu caso/Eu não quis entrar na fila/Fiz meu curso na Socila/Lá na porta do Bonfim”, na canção “Tá difícil”⁴⁰; Luiz Carlos da Vila compôs “Artigo esgotado”: “Depois de tudo que eu fiz para ela ficar mais bonita, paguei cursos na Socila e a roupa mais cara da moda”⁴¹. Também foi assunto de crônica do escritor, poeta e jornalista Paulo Mendes Campos: “Mas a porca refocila? Se nunca foi à Socila!”⁴².

A amizade de Maria Augusta com o presidente JK, a circulação no *high society* e a frequente aparição da fundadora e/ou da Socila na imprensa se convertem em surpresa ao constatar que, a despeito desta relevância, uma ampla busca em bancos de teses e dissertações, bem como no mercado editorial, revela que - fora menções aqui e acolá em trabalhos sobre moda⁴³, sobre a profissão de manequim⁴⁴ ou modelo⁴⁵, sobre concursos de miss⁴⁶ ou senhoras da sociedade⁴⁷ -, até hoje a Socila não foi objeto de estudo, muito embora tenha sido um marco para a sociedade do Rio de Janeiro de seu tempo.

Um formulário de pesquisa elaborado para esta tese e divulgado nas redes sociais no mês de junho de 2021 com as perguntas “Quando você pensa na Socila,

³⁸ Clubes. *O Globo*, Geral, 12 de novembro de 1971, p. 2.

³⁹ *O Cruzeiro*, coluna Em Confiança, ed. 0021, 26 de maio de 1971, p. 97.

⁴⁰ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/vinicius-de-moraes/86931/>. Acesso em 23 de abril de 2022.

⁴¹ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/luiz-carlos-da-vila/artigo-esgotado/>. Acesso em 25 de abril de 2022.

⁴² CAMPOS, Paulo Mendes. Porcos: crônica suína. *Manchete*, ed. 0638, 1964, p. 67.

⁴³ O Brasil na moda (2003). Ver referências bibliográficas.

⁴⁴ BONADIO, 2004. Ver referências bibliográficas.

⁴⁵ PALMEIRA, Lara Virgínia Saraiva. A construção de uma modelo: corpo, práticas e subjetividade. 2013. *Dissertação de Mestrado*. Universidade Federal de Pernambuco.

⁴⁶ FERRAZ, José Ricardo. Ninguém Nasce Bela, Torna-se Bela “Miss Brasil”: Beleza e Gênero (1950–1980). *Revista TransVersos*, v. 5, n. 5, p. 74-85, 2015.

⁴⁷ MENEZES, 2010. Ver referências bibliográficas.

o que vem à sua mente?”, “Como você explicaria o que era a Socila?” e “Você frequentou ou conhece alguém que tenha frequentado a Socila?” obteve 165 respostas em apenas uma semana. O ineditismo, a relevância e a atualidade do tema motivaram a realização desta pesquisa, aliados aos questionamentos que se seguem.

1.1. A questão

Pesquisar sobre a Socila é buscar compreender as narrativas de feminilidade e socialização ensinadas às mulheres dos anos 1950, 1960 e 1970, tomando a escola como partícipe da construção de um imaginário normatizador de um dever ser feminino, tendo como suporte a imprensa da época, apostilas de etiqueta dos cursos ministrados, entrevistas com familiares, pessoas próximas à Maria Augusta, ex-sócios, alunas, jornalistas. Considerando que os processos civilizatórios estudados anteriormente em minha dissertação de mestrado (MEDEIROS, 2017) não são os mesmos para o homem e para a mulher, o que se entende como papel feminino é socialmente atribuído; neste sentido, a etiqueta, o ensino das boas maneiras e do “aperfeiçoamento social” apregoado pela Socila funcionaria como normatizador do que é ser mulher, e como ferramenta para adequação desta mulher ao papel social (GOFFMAN, [1959] 2014) dela esperado.

Não apenas a beleza é “aprendida”, mas todo o corpo precisa ser disciplinado e contido para o desempenho da feminilidade. É um *habitus* (BOURDIEU, 1983) que pode ser adquirido. Falar de Socila não é falar apenas sobre etiqueta: é refletir sobre como a mulher é socializada e sobre a relação entre boas maneiras e a construção da feminilidade via “aperfeiçoamento social”. Simone de Beauvoir ([1949] 2019) escreveu a célebre frase sobre não se nascer mulher, e sim tornar-se; ela não nega a existência da opressão da mulher com base em seu sexo, posto ao nascimento, mas a amplia para um tornar-se mulher, no sentido de uma confirmação do ser mulher, construída a partir de um ideal de feminilidade que é culturalmente atribuído. Este é o fio condutor desta pesquisa.

No curso de “aperfeiçoamento social” da Socila, cabia à mulher aprender “processos para manter e restaurar a beleza”⁴⁸ por meio dos “laboratórios”⁴⁹ onde

⁴⁸ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

⁴⁹ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

trabalhavam “cientistas da beleza”⁵⁰, no qual “mulheres aparentemente sem charme passam por uma transformação total”⁵¹; os “cientistas” da beleza têm “operado milagres”, sendo “a atual esperança de centenas de moças que desejam ser manequins ou simplesmente “melhorar um pouco”⁵². As técnicas de “aperfeiçoamento”⁵³ empregadas iam desde maquilagem, cabelereiro, ginástica e vestuário até postura, modo de andar, de se sentar e sorrir, passando por voz e dicção e, claro, etiqueta: “a mulher aprende, em linhas gerais, a ‘se conduzir’, pois “a pessoa que não comete gafes ou exageros tem seu sucesso social quase garantido”⁵⁴.

Os discursos da Socila frequentemente opunham trabalho e feminilidade, e alfinetavam o movimento feminista. Em anúncio⁵⁵ publicado em 1971, a Socila defende que a mulher segura não precisa protestar, pois os protestos “revelam uma grande insegurança”. E alfineta a aparência de Betty Friedan, ativista estadunidense, feminista e autora de *A mística feminina*: “Você gasta apenas uma média de 3,00 por dia em qualquer Clínica de Beleza Socila. Convenhamos, a Betty Friedan continua assim porque quer”⁵⁶.

O livro de Friedan, lançado em 1963 é, segundo Beatriz Beraldo (2019), a fagulha que faz acender o levante das mulheres na década de 1960, inaugurando a chamada Segunda Onda do Movimento Feminista, além de a ativista ter assumido posições políticas polêmicas para a época, como a postura favorável à legalização do aborto e a luta por salários e oportunidades iguais para homens e mulheres. Em um momento em que as mulheres já votavam e tinham acesso mais amplo à educação e à esfera pública, as reivindicações da Segunda Onda estavam mais ligadas à sexualidade e aos padrões de beleza, buscando “repensar o papel social da mulher, já que ela ainda era encarada como a única encarregada dos afazeres do lar e dos cuidados com os filhos” (BERALDO, 2019, p. 73). A Socila, no entanto, escolheu criticar Friedan por sua aparência.

⁵⁰ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

⁵¹ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

⁵² Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

⁵³ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

⁵⁴ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

⁵⁵ Socila nela. *O Globo*, 22 de novembro de 1971, Geral, p. 3.

⁵⁶ Socila nela. *O Globo*, 22 de novembro de 1971, Geral, p. 3.

Figura 1 – Anúncio Socila

socila nela.

Desde sua fundação, a Socila Clube de Beleza tem um objetivo: a emancipação feminina.

Emancipação sem passeatas ou greves contra os homens.

Liberdade, sim, de ter um corpo mais bonito. De ser atualizada. De ter confiança em si mesma e saber o que quer.

A Socila entende que a liberdade da mulher começa na confiança que ela tem no seu corpo.

Dai é um passo para a formação de uma personalidade marcante.

Sem mágoas.

Sem complexos.

Sem protestos que na verdade – está na cara – revelam uma grande insegurança.

A Socila existe para mostrar essa liberdade a você. Em seus vários estúdios: massagens, dietas, saunas, ginásticas, banhos de beleza, penteados, maquiagem, postura, andamento, arte de vestir e conquistar.

Tudo isso entre um curso e outro de atualização. Da psicologia infantil à Bolsa de Valores. Da etiqueta e modas a artes plásticas.

socila clube de beleza

Chaga de sair e esquecer de você caro você mesma.

SOCILA CLUBE de S. A. CAPOENGA, 121-117

SOCILA TIBICA Rua C. Buarque, 170 e 172

SOCILA J. BOYANNO R. Alameda Ferns, 85

SOCILA NITERÓI Rua Ad. Faria, 818

SOCILA LARANJEIRAS R. Barão Stalhe, 111

SOCILA FRANCA R. Proença Moraes, 41

SOCILA C. GRANDE Estrada de Jari, 13

SOCILA LERCON L. Atílio de Melo Moraes, 18

Esta é a verdadeira emancipação feminina.

Liberdade com concórdia pacífica. É a liberdade, ao contrário do que se diz por aí, tem preço. Bem baixo, por sinal.

Você gasta apenas uma média de 3,00 por dia em qualquer Clínica de Beleza Socila.

Convenhamos, a Betty Frielan continua assim porque quer.

GRÁTIS

Vale uma consulta de beleza integral.

Ficha biométrica, corpo, pele, cabelo, unhas e maquiagem.

Procure a Clínica mais perto de sua casa.

Fonte: *O Globo*, 22 de novembro de 1971, Geral, p. 3.

Neste sentido, cabe tensionar a ideia de emancipação proclamada nos discursos da Socila e o que buscava o movimento feminista. Não é que a “mulher Socila” não trabalhasse fora, mas a ela era sempre lembrado que não deveria “desprezar os de casa”⁵⁷, nem “meter os pés pelas mãos”⁵⁸, que é o que se supunha que poderia acontecer às que priorizassem a vida profissional em detrimento da doméstica. “A independência social e profissional do sexo feminino é, no Brasil, fenômeno recente. Ainda é mais fruto do desejo de emancipação que de uma educação ou de um preparo orientado nesse sentido. Como tal, é incompleta e deficiente”⁵⁹, diziam os discursos da Socila na imprensa.

Entretanto, em meio ao ensino da etiqueta, do “aperfeiçoamento social”, da educação do corpo e do embelezamento, destacando que as moças que davam menos trabalho eram as “calmas e cordatas”⁶⁰, Maria Augusta foi uma empresária de sucesso, frequentou a alta sociedade, casou-se três vezes e não teve filhos. Esses fatos sugerem uma tensão que é a tese a ser defendida neste trabalho: disciplinando corpos e dizendo às mulheres para serem belas todo o tempo, para nunca dizerem

⁵⁷ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

⁵⁸ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

⁵⁹ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

⁶⁰ *O Cruzeiro*, ed. 0041, 1967, p. 54.

não, criticando o movimento feminista enquanto ela própria trabalhava e construía um “império da elegância”⁶¹, Maria Augusta oprimiu mulheres ou contribuiu para a emancipação feminina?

A escrita de uma tese de doutorado coloca na pesquisadora uma lente pela qual passa a ver o mundo. Penso todo o tempo no artista *bricoleur* de C. Wright Mills ([1959] 2009), para quem deve-se eliminar o jargão e o hermetismo e falar em linguagem clara e simples, tomando sua própria experiência como lente: depois que o tema de trabalho é escolhido, você passa a ver e ouvi-lo sempre em sua experiência, basta que se cultive o que o autor chama de imaginação sociológica. Essa relação entre o que se faz intelectualmente e o que se experimenta como pessoa me atravessou em muitos momentos da tese, e na medida que o objeto - a Socila – se descortinava, imbricada a ele surgia a figura de Maria Augusta.

Ensinando às mulheres a não dizerem não, a serem belas e a manterem seus casamentos, ora se assemelha à oprimida (mulher) que oferece cumplicidade ao opressor (o homem), como diz Beauvoir ([1949] 2019), ora parece uma mulher atenta à importância da autonomia feminina e que, ao seu modo, ao modo do que era possível na época, pensava caminhos para emancipar mais mulheres.

A premiada escritora Marina Colasanti⁶², autora de mais de cinquenta títulos publicados no Brasil e no exterior e conhecida feminista – ela integrou o primeiro Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM)⁶³ e se diz feminista desde que nasceu⁶⁴-, foi manequim da Socila nos anos 1950. Sua obra é objeto de estudo de diversos trabalhos acadêmicos; em um deles, Anderson Gomes (2004, p. 12) analisa as publicações da autora na década de 1980, com temática majoritariamente feminina, e argumenta que as mulheres, conscientes das opressões que sofriam, queriam mudanças sem saber exatamente como conquistá-las; Colasanti colocaria a si mesma e as mulheres de seu tempo em uma condição de “trânsito entre suas antecessoras e o futuro”, retratando em seus textos “uma ‘nova’ mulher, que ainda

⁶¹ Os clubes. *O Globo*, Geral, 12 de novembro de 1971, p. 2.

⁶² Segundo o site da autora, Marina Colasanti é detentora de vários prêmios Jabutis, do Grande Prêmio da Crítica da APCA, do Melhor Livro do Ana da Câmara Brasileira do Livro, do prêmio da Biblioteca Nacional para poesia, de dois prêmios latino-americanos, além de ter se tornado *hors-concours* da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), após ter sido várias vezes premiada. Disponível em: <https://www.marinacolasanti.com/p/biografia.html>, acesso em 17 de janeiro de 2022.

⁶³ A história do grupo está contada no documentário *Lobby do Batom* (2022), de Gabriela Gastal.

⁶⁴ Em depoimento para esta pesquisa, por telefone, em janeiro de 2022.

não está pronta, mas que ela, através de seu trabalho de escrita, está ajudando a construir”.

Dentre suas obras que se destacam pela temática feminina, em *A nova mulher* (1980) e *Mulher daqui pra frente* (1981) Colasanti se coloca como feminista, independente, defensora da igualdade entre os sexos e denunciadora das dificuldades enfrentadas pelas mulheres na conciliação entre vida doméstica, de esposa e mãe, e vida profissional. Ela também escreveu para revistas femininas. Respondia semanalmente às dúvidas das leitoras na coluna “Qual é o seu problema?”, da revista *Nova*, embora tenha afirmado para esta pesquisa que não dava conselhos, e sim via a revista como uma espécie de clube de leitura, onde ela lia as cartas “muitas e repetidas vezes até entender o que a leitora estava lhe dizendo inconscientemente”⁶⁵. As respostas foram compiladas no livro *Intimidade Pública* (1990).

Colocando a si mesma e às mulheres do seu tempo como “em trânsito”, em *Mulher daqui pra frente*, Colasanti (1981, p. 182-185) diz: “Acho que não chegamos ao começo do fim. (...) Acho que simplesmente não chegamos, estamos em trânsito”. Mencionando as manifestações feministas, comenta: “Nós não fomos à praça. Não ateamos fogo. Não criamos preceitos. Nós chegamos depois. E tivemos tempo para ver e refletir. (...) Trata-se de avaliar e procurar caminhos novos, certas de que tudo o que tiver de ser feito o será, daqui pra frente”.

Penso em outras mulheres “em trânsito”. Durante a escrita da tese vi a série documental *O canto livre de Nara Leão*⁶⁶. Os cinco episódios em homenagem à cantora que faria 80 anos em 2022 mostram que muito mais do que musa da bossa nova, como era chamada, Nara foi protagonista e decidia com firmeza sobre sua vida. Nas palavras da filha, Isabel Diegues, a série sobre Nara revela “sua personalidade, suas escolhas, seu modo de estar no mundo, dando contornos a uma mulher incomum, à frente do seu tempo”⁶⁷.

A despeito de sua pouca idade nos anos 1960, Nara era a jovem anfitriã daqueles que seriam os grandes nomes da bossa nova – Tom Jobim, João Gilberto

⁶⁵ Em depoimento para esta pesquisa, por telefone, em janeiro de 2022.

⁶⁶ Dirigida por Renato Terra e lançada em janeiro de 2022 no serviço de *streaming Globoplay*.

⁶⁷ DIEGUES, Cacá. O canto livre de Nara Leão. *O Globo*, Segundo Caderno, 09 de janeiro de 2022, p. 2.

e muitos outros frequentaram a casa de seus pais, de frente para o mar de Copacabana, na zona sul do Rio de Janeiro; o encanto pelo grupo não a impediu de mudar de turma quando teve uma decepção amorosa com um deles, decidindo por outro rumo, o do morro e do samba; moça que se poderia chamar de “bem de vida” para a época, não se furtou a conhecer outras realidades, o que a levou a impulsionar a carreira de nomes como Cartola e Nelson Cavaquinho, ambos homens negros; quando a música de Roberto Carlos e Erasmo Carlos era considerada “de motel”, resolveu gravá-las; repeliu o rótulo de feminista, mas se colocou a favor da pílula anticoncepcional e do divórcio; teve uma carreira de sucesso, que não a impediu de priorizar a maternidade quando se exilou com o marido em Paris. Como observa a jornalista Flávia Oliveira, a série “aponta o protagonismo - e os pioneirismos - de Nara Leão na música, na política, nos costumes. (...) É um encontro apaixonante com uma mulher poderosa camuflada em voz suave”⁶⁸.

Dona de voz suave que não se furtava a tomar posição, Nara tinha um jeito de falar manso e calmo, mas foi corajosa ao criticar o Exército em plena ditadura militar: “mostrou que não era leão à toa, e mandou brasa no gorila: ‘O Exército não serve pra nada!’”, lembra o também jornalista Joaquim Ferreira dos Santos⁶⁹. Em artigo sobre o documentário, ele afirma que a série que homenageia a cantora é “sobre uma vida que se mistura com a história do Brasil, da cultura popular e da resistência feminina no enfrentamento do troglodismo macho. Ela fez o que quis”.

A série leva a crer que sim. Ao relembrar a importância de Nara Leão na carreira de Maria Bethânia, a quem indicou como substituta no famoso teatro Opinião⁷⁰, Flávia Oliveira afirma: “Nara foi, indubitavelmente, ponte”⁷¹. É pena ter morrido cedo, com 47 anos, em 1989, pois Nara parece mesmo ter sido ponte: entre mundos diferentes, o do mar e o do morro, ponte para a carreira de artistas menos consagrados do que ela até então, ponte para abrir caminhos para mulheres, para que soubessem que podiam tomar as decisões da própria vida. Fez o que quis.

⁶⁸ OLIVEIRA, Flávia. Brasil que esperança. *O Globo*, Opinião, 14 de janeiro de 2022, p. 3.

⁶⁹ SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Nara é que era mulher de verdade. *O Globo*, Segundo Caderno, 10 de janeiro de 2022, p. 4.

⁷⁰ Espetáculo musical com Nara Leão no elenco, famoso por protestar contra os problemas sociais do país em plena ditadura militar.

⁷¹ OLIVEIRA, Flávia. Brasil que esperança. *O Globo*, Opinião, 14 de janeiro de 2022, p. 3.

Outra mulher “em trânsito”, para citar Marina Colasanti, foi Clarice Lispector. Mais à frente veremos que a aclamada escritora também dava conselhos para mulheres em revistas femininas, entre dicas de beleza, decoração, moda e conselhos para a mulher viver bem – como, por exemplo, não engordar. São textos pouco comentados, provavelmente por um entendimento de que são “menores” se comparados aos seus livros. Acredito que, de fato, o são; mas dentre os conselhos aparentemente fúteis e banais há questões de emancipação feminina, além do mérito de terem possivelmente incutido nas mulheres daqueles periódicos o hábito da leitura. Beauvoir ([1949] 2019, p. 531) diz que “mesmo falando de temas gerais, a mulher que escreve ainda falará de si”. E assim existiram muitas outras.

Também Beauvoir ([1949] 2019) aponta que a raiz da desigualdade que se estabelece entre homens e mulheres tem a ver com o que ela chama de situação, ou seja, com uma “condição feminina” que ela busca investigar, que é dada socialmente. Em contraposição a essa visão, Maria Augusta defendia que a solução dos problemas da mulher estaria em si mesma, no “aperfeiçoamento social”, na feminilidade. E com esses ensinamentos, a Socila pode ser analisada sob três recortes:

- a) o ensino da postura, do jeito de desfilar, do “andamento”, fotografia e afins para manequins;
- b) a preparação das candidatas aos concursos de miss;
- c) o ensino das boas maneiras, regras de etiqueta, postura, maquiagem e “aperfeiçoamento social” para a mulher “comum”, aquela que não tinha planos de se tornar famosa, mas que diante da convivialidade no espaço público e da busca por apreender as formas de sociabilidade, buscava adquirir uma espécie de *habitus* (BOURDIEU, 1983), um aperfeiçoamento de gestos, postura, andar, vestuário, sorrisos oferecidos nos cursos da escola.

Cada uma dessas vertentes da Socila merece, por si só, uma tese. A relação com a moda e a profissão de manequim, bem como os concursos de miss que consagraram Maria Augusta e sua bengala como “fada madrinha” (como veremos adiante) demandariam escolhas de caminhos diferentes, tal a necessidade de aprofundamento. É o terceiro e último recorte que me interessa nesta pesquisa: o da

mulher que não aspira à fama, mas tal qual “a esposa de um político recém-eleito ou de um industrial em ascensão, aprenderia a frequentar e a receber segundo a melhor etiqueta. Neste campo inexplorado Maria Augusta pretendia descobrir uma verdadeira mina”⁷². Essa mulher buscava aprender “processos para manter e restaurar a beleza”⁷³ por meio dos “laboratórios”⁷⁴ onde trabalhavam “cientistas da beleza”⁷⁵, a fim de alcançar “uma transformação total”⁷⁶ para “melhorar um pouco”⁷⁷, por meio das técnicas de “aperfeiçoamento”⁷⁸ da Socila.

A Socila ditava códigos comportamentais, pautava uma produção de sentido comunicacional a respeito de um dever ser da mulher. Por que fazia sentido frequentá-la? A despeito do papel social (GOFFMAN, [1959] 2014) da “mulher Socila” se confirmar no casamento e na maternidade, em um contexto que ensinava que trabalhar fora deveria ficar em segundo plano em relação à vida doméstica, a vida e a atuação profissional de Maria Augusta são testemunhas de que, para ela, o lugar da mulher não era nos recônditos do lar.

Profissional de sucesso ensinando etiqueta, educando corpos e propondo embelezamento às mulheres, estaria ela reforçando a submissão feminina e a dominação masculina (BOURDIEU, [1998] 2020), ou era uma mulher visionária, que navegava no campo de possibilidades (VELHO, 2013) da época, abrindo caminhos para que mulheres participassem do jogo da vida social com as ferramentas que tinham? E que ferramentas eram essas? Poderiam se constituir em uma espécie de capital feminino? De que modo Maria Augusta se apropriou da imprensa para construir uma fachada (GOFFMAN, [1959] 2014) para si, abrindo um campo de possibilidades (VELHO, 2013) para as mulheres da época? Estas são as questões a que se pretende responder.

⁷² Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

⁷³ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

⁷⁴ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

⁷⁵ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

⁷⁶ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

⁷⁷ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

⁷⁸ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

1.2. Pressupostos teóricos

Neste ponto é importante fazer algumas ressalvas. De que mulher estamos falando? Precursora do que hoje se entende como estudos de gênero, a antropóloga Margaret Mead foi à campo entre 1931 e 1933 para estudar o que ela chamou de condicionamento das personalidades sociais dos dois sexos. Em expedição à Nova Guiné buscando fazer “um relato de como três sociedades primitivas agruparam suas atitudes sociais em relação ao temperamento em torno dos fatos realmente evidentes das diferenças sexuais” (MEAD, [1950] 2015, p. 22), a antropóloga se deparou com três cenários distintos, em uma área de cem milhas.

Mead ([1950] 2015, p. 10) relata que em um deles homens e mulheres agiam “como esperamos que as mulheres ajam: de um suave modo parental e sensível”. Na segunda sociedade, encontrou todos agindo “como esperamos que os homens ajam: com bravia iniciativa”; na terceira, “os homens agem segundo o nosso estereótipo para as mulheres”, enquanto as mulheres agem conforme esperamos que os homens ajam. Na vivência, Mead ([1950] 2015) reuniu material que lhe esclareceu diferenças de temperamento, ou seja, dons individuais inatos, sem distinção de sexo, que cada uma dessas sociedades empregou de forma diferente.

A partir da comparação entre o modo que cada um dos povos teceu a trama da diferença de sexo, Mead ([1950] 2015, p. 22) afirma que “é possível perceber melhor que elementos são construções sociais, originalmente irrelevantes aos fatos biológicos do gênero de sexo”. Traçando um paralelo com a sociedade ocidental, observa algo novo para a época, que tomamos como ponto de partida para o presente trabalho: a sociedade atribui diferentes papéis aos dois sexos desde a infância, “cerca-os desde o nascimento com uma expectativa de comportamento diferente” e define “os tipos de comportamento aceitos como inatos e, portanto, apropriados a um ou a outro sexo” (MEAD, [1950] 2015, p. 23).

Em relação à mulher, o trabalho da antropóloga também se estabelece aqui como fio condutor a partir da reflexão de que “a trama cultural por trás das relações humanas é o modo como os papéis dos dois sexos são concebidos” (MEAD, [1950] 2015, p. 23). No início dos anos 1930, Mead ([1950] 2015, p. 25) já observara que “homens e mulheres são socialmente diferenciados, e cada sexo, como sexo, é forçado a conformar-se ao papel que lhe é atribuído”. Esta é uma das premissas da

presente pesquisa: trata-se de um estudo sobre a construção da feminilidade na mulher a partir do papel social que lhe é estabelecido; como mais à frente, em 1949, Beauvoir ([1949] 2019) definiria: não é possível simplesmente *ser* mulher, é preciso *tornar-se* mulher.

Sabe-se, por óbvio, que a mulher branca não representa uma uniformidade do que é ser mulher; mas fato é que a “garota Socila” era branca. À construção da feminilidade se somam outros atravessamentos quando pensamos na mulher negra; trabalhar fora e ser socializada para ter no casamento e na maternidade seu objetivo maior eram questões de mulheres brancas e é importante que não se perca isso de vista na leitura deste trabalho. Como observa Angela Davis ([1981] 2016, p. 17), as mulheres negras, historicamente escravizadas, tinham “todos os outros aspectos da sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório”; propriedades no sistema escravista, eram vistas como “unidades de trabalho lucrativas”, “desprovidas de gênero”.

Em artigo sobre a situação da comunidade negra no Rio de Janeiro do início do século XX, Mônica Velloso (1990, p. 211-212) observa que as responsabilidades e encargos da casa cabiam às mulheres, e que neste recorte “não se sustentava o modelo burguês de família que delega à mulher o espaço do lar, a criação dos filhos e a submissão, e ao homem o trabalho, a subsistência da família e o poder de iniciativa”. Trabalhadoras em tempo integral e preocupadas com a sobrevivência, é de se imaginar que não eram mulheres negras as alunas em busca de “aperfeiçoamento social” na Socila. Tal ausência pode e deve ser problematizada em trabalhos futuros; neste, procurarei contar a história da escola e do que ela ensinava às moças – majoritariamente brancas e, ao que tudo indica, de classes abastadas – da época.

Quando falamos de mulher, sabemos não se tratar de um grupo homogêneo; todavia, e considerando as ressalvas feitas, há características importantes em comum que nos permitem tratar aqui como “a mulher”. A primeira delas é a imanência: Beauvoir ([1949] 2019) entende que a mulher tem um fim nela mesma, na feminilidade, no lar, na esfera privada, no casamento. Enquanto o homem é o sujeito que transcende, a mulher é objeto, imanente. Ele *nasce* Sujeito, enquanto ela precisa *tornar-se*. A segunda característica é a socialização: a tese de Beauvoir ([1949] 2019) demonstra que a opressão à mulher desde seu nascimento é também

sustentada pelo ideal de feminilidade, pelo papel social que a mulher é levada a desenvolver para agradar ao homem, a quem sua existência está condicionada. Ele é Sujeito, ela é o Outro.

Esta teoria leva à escolha da forma de tratamento assumida no trabalho em curso. Beauvoir ([1949] 2019) questiona o porquê do homem ser sinônimo do ser humano, da condição humana universal; se dizemos “eles”, podemos nos referir a homens ou a um grupo de homens e mulheres, ao passo que se dizemos “elas”, obviamente nos referimos apenas às mulheres. Este “ser homem” como sinônimo do sujeito universal dá a dimensão de que a mulher é o Outro, o segundo sexo.

Também a historiadora Michelle Perrot (2019, p. 21) observa o apagamento da história das mulheres e aponta diversos fatores, dentre eles a própria língua. “A gramática contribui para isso. Quando há mistura de gêneros, usa-se o masculino plural: *eles* dissimula *elas*”. A historiadora acrescenta ainda que, no caso de greves mistas, ignora-se quase sempre o número de mulheres; que as estatísticas são quase sempre assexuadas; que pelo casamento as mulheres perdiam (e eventualmente ainda perdem) seu sobrenome, tornando quase impossível reconstituir linhagens femininas. “No teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra” (PERROT, 2019, p. 22), acusa.

Também Pierre Bourdieu ([1998] 2020, p. 24) observa que “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção”, uma vez que tanto na percepção social quanto na linguagem o gênero masculino funciona também como neutro, ao contrário do feminino, “explicitamente caracterizado”. Beatriz Beraldo (2019, p. 47), em *Mulheres em movimento: emancipação feminina, bicicleta e outros bens de consumo (1875-1930)* também aponta que, ao se compreender a natureza do homem como sinônimo de “sujeito universal, neutro, se constata em oposição binária a figura da mulher, representada como um ser secundário, sexualizado, marcado pelo seu gênero e determinado pela sua natureza reprodutora”.

A leitura de *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, de Grada Kilomba (2019), resultado de sua tese de doutorado, suscita reflexões acerca da dimensão política da língua. Kilomba (2019, p. 14) alerta para a possibilidade da língua de “criar, fixar e perpetuar relações de poder e violência, pois cada palavra

que usamos define o lugar de uma identidade”. E continua: “no fundo, através das suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é *normal* e de quem é que pode representar a *verdadeira condição humana*”.

Kilomba (2019) contesta o uso de termos que em sua avaliação perpetuam desigualdade de gênero, sobrepondo o masculino em relação ao feminino na língua portuguesa – como “sujeito” e “objeto”, palavras que em inglês não têm gênero, mas que em português a autora entende que assumem o gênero masculino (o sujeito, o objeto), sem possibilitar variações no gênero feminino (que seria algo como *a sujeita, a objeta*). Contesta também termos que perpetuam o racismo, como “mulata” e “mestiça”. Na falta de substitutos a estas palavras, Kilomba (2019) opta por utilizá-las em itálico ao longo de seu texto, marcando e nos lembrando da inexistência das variações.

Compreendendo a subordinação imposta historicamente à mulher e pensando na dimensão política da língua, esta pesquisa prioriza a escrita da norma culta no gênero feminino, dirigida sobretudo à mulher. De modo que quando não for possível discriminar *leitoras e leitores*, por exemplo, será privilegiado o plural feminino, ainda que eu me refira também aos homens. Além disso, mas talvez ainda mais importante, o embasamento desta pesquisa procura se calcar sobretudo em publicações escritas por mulheres - tanto quanto possível, uma vez que o volume de produção intelectual masculina é muito maior, reflexo da desigualdade aqui discutida.

Ser mulher para Beauvoir ([1949] 2019) é caber no papel social do que se entende socialmente como ser mulher. Assim, a feminilidade se torna ferramenta de opressão a partir do entendimento da beleza como algo que pode vir a ser construído, almejado e ao alcance de todas, por meio de cosméticos, maquiagem e tratamentos estéticos (VIGARELLO, 2006; SANT’ANNA, 2014; NEIVA, 2018). Este entendimento da beleza como construção se coaduna com a disciplinarização do corpo (no caso, feminino) como corpo dócil (RODRIGUES, 1986; RODRIGUES, [1999] 2014; FOUCAULT, [1975] 1997) e porque dócil, compatível com o que se entende como ser mulher, com a passividade que se espera da feminilidade (BEAUVOIR, [1949] 2019).

O ideal de feminilidade alia tratamentos de beleza ao aprendizado de comportamentos dito civilizados ensinados pela Socila, que controla, repreende, educa, embeleza, ensina; atua enquanto normatizadora da domesticação em favor da construção da feminilidade, em permanente tentativa de “melhoramento” (BRAGA, 2016). A Socila se configura então como uma preparação, uma escola de formação para moças - notadamente para as que buscavam se casar com “bons partidos” e/ou manter seu casamento -, que surge e perdura mesmo ante a colocação do feminismo e a pauta da emancipação feminina. O dever ser da feminilidade é a submissão e conformação estética e comportamental voltada ao desejo masculino para alcançar o ideal do casamento. Ser civilizada é tornar-se aceitável ao outro, e considerando as teorias de autoras como Beauvoir ([1949] 2019) e Perrot (2019) de que a mulher só existe legitimada pelo olhar do homem, adquirir boas maneiras e ser bela têm como finalidade a aceitação masculina, validada pelo casamento.

Émile Durkheim ([1895] 2014) explica, a partir do conceito de fato social, que a coerção social torna ilusória qualquer vontade individual; tudo o que pensamos ser nosso desejo são pensamentos exteriores ao indivíduo, que sobre ele exercem coerção. Embora ele não tenha feito este recorte, entendo que as constatações do sociólogo se aplicam à mulher que, a vida toda sendo socializada de uma forma, não consegue se desvencilhar do que parece ser seu único destino possível, sua única possibilidade de passar da imanência à transcendência, como aponta Beauvoir ([1949] 2019), a partir da relação com o homem. E para alcançá-la, precisa encarnar o ideal de feminilidade. A trajetória da Socila e de Maria Augusta se mistura a esta construção da beleza e da educação do corpo feminino. O papel da imprensa como amplificadora deste discurso, disseminando uma pedagogia da feminilidade, será discutido ao longo de todos os capítulos.

1.3. Corpus e percurso metodológico

O desenvolvimento desta pesquisa tem evidenciado o desafio que é referenciar informações sobre a Socila, uma vez que não há bibliografia específica a respeito da instituição ou biografia da fundadora, Maria Augusta. A solução encontrada foi cotejar três *corpus* que conversam entre si, se apoiam e possibilitam a costura das informações necessárias à pesquisa, como em um artesanato

intelectual (MILLS, 2009): imprensa, apostilas e entrevistas, além de uma pesquisa realizada *online*.

Por entendermos que a história da Socila se confunde com a de Maria Augusta, compõem o *corpus* desta pesquisa as apostilas do curso ministrado por ela nos anos 1980, sob a denominação *Maria Augusta Studius* e cujo conteúdo se baseia no “método Maria Augusta”. Localizado no então glamuroso Hotel Glória (RJ), o curso ensinava às moças o embelezamento e a educação do corpo, tal qual a Socila. Tive acesso à quatro apostilas, que versam sobre os seguintes temas: *Bem Vestir* (113 páginas); *Comportamento Social* (123 páginas); *Linguagem do corpo* volume um e dois (193 páginas somadas nos dois volumes).

Embora estes cursos tenham sido ministrados em 1980, as informações coletadas ao longo desta pesquisa possibilitam inferir que se trata do mesmo conteúdo das apostilas da Socila: a indicação nas páginas introdutórias de que o conteúdo foi produzido por meio do “método Maria Augusta”; as entrevistas que esclareceram os rumos da marca Socila (e indicam que Maria Augusta não teria empecilhos jurídicos para usar o conteúdo); os indicativos de que tudo o que era ensinado na Socila era ideia de Maria Augusta, referência de elegância, e que sua sócia, Ligia Bastos, cuidava (bem) da parte administrativa; os discursos na imprensa dizendo o que a Socila ensinava e que casam com os das apostilas; e por fim, também os depoimentos de entrevistadas/os. Desse modo, infere-se que o que Maria Augusta ensinava nos anos 1980 nada mais era do que *replay* do que era oferecido nos cursos da Socila nas décadas anteriores.

As apostilas estão em posse da professora Lara Sayão, sobrinha-neta de Maria Augusta; junto com outros pertences que ela guarda, esse conteúdo foi fundamental para que eu tomasse conhecimento do que era exatamente ministrado para as mulheres que, mesmo depois da Socila, “faziam Maria Augusta”. A pesquisa mostra que os dois nomes são indissociáveis, de modo que mesmo as apostilas datando de 1984, foram escolhidas como *corpus* dada a importância e ineditismo do material.

Realizei doze entrevistas em profundidade, por meio de chamadas de vídeo, telefone e troca de mensagens via aplicativo *Whatsapp*. As pessoas entrevistadas são familiares de Maria Augusta, alunas, manequins Socila e familiares, amigas,

parceiras/os de trabalho e demais pessoas que têm relação com a marca Socila nos dias de hoje. Houve também três tentativas de entrevistas negadas, por parte da atriz e modelo Mila Moreira, de Sandra Haegler, ex-modelo Socila, e do último marido de Maria Augusta, Kaare Thurmann Nielsen, o Pitt.

Por se tratar de uma pesquisa no campo da Comunicação, decidiu-se tomar também como base deste constructo historiográfico reportagens e menções na imprensa escrita entre os anos de 1954, quando da fundação da Socila, e 2022, ano da defesa desta tese, tanto como *corpus* quanto como pano de fundo para ajudar a contar a trajetória da instituição, e composto principalmente por buscas nos acervos do jornal *O Globo* e das revistas *Manchete* e *O Cruzeiro*. Foram utilizadas também outras reportagens publicadas em mídia impressa em veículos variados, além de duas produções audiovisuais: a observância da personagem Maria Alice da minissérie *JK*, exibida em 2006 na *TV Globo*, declaradamente inspirada em Maria Augusta, como dito anteriormente, e uma entrevista da própria Maria Augusta ao programa *Almanaque*, da *GloboNews*⁷⁹, quatro anos antes de sua morte (Maria Augusta morreu em 2009⁸⁰), além de uma entrevista concedida por ela à Paulo Borges no livro *O Brasil na moda* (2003).

Foram consultados com afincos quatro diferentes acervos de forma *online*. Em conversas informais sobre a Socila antes de iniciar a pesquisa formal, ouvi constantemente que deveria procurar informações sobre a escola em duas revistas que se destacavam nos anos 1950 e 1960: *Manchete* e *O Cruzeiro*. De acordo com Bonadio (2009), ambas pertencem à segunda geração das revistas brasileiras e se caracterizavam pela publicação de grandes reportagens ilustradas. A autora aponta que eram concorrentes: apesar de ter surgido no mercado em 1928, *O Cruzeiro* alcançou suas maiores tiragens entre 1955 e 1960; a *Manchete*, lançada em 1952, atraía pela boa qualidade gráfica e visual, de modo que privilegiava as imagens em detrimento do texto: metade do espaço era preenchido por fotografias, frequentemente coloridas. O fato de serem duas revistas com foco em imagens explica, em boa parte, a razão de terem sido veículos em que a Socila e suas modelos marcavam constante presença.

⁷⁹ Entrevista concedida à Regina Martelli no Programa *Almanaque*, exibido na *GloboNews* em 22 de agosto de 2005. Fonte: Acervo pessoal.

⁸⁰ Maria Augusta, fundadora da Socila, 86. *O Globo*, Obituário. 04 de novembro de 2009.

Segui as sugestões e consultei o acervo de ambas. Primeiro, fiz uma pesquisa online com a palavra-chave “Socila” no acervo da revista *Manchete*, período de 1952 a 2007, disponível no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. A busca resultou em 77 ocorrências entre notas, menções e reportagens sobre a escola. Destas, nove reportagens publicadas entre 1959 e 1970 deram destaque de uma a oito páginas inteiras à Socila ou à sua fundadora, Maria Augusta. A mesma pesquisa foi feita no acervo da revista *O Cruzeiro*, totalizando 65 ocorrências entre os anos de 1958 e 1970. No caso desta publicação, as menções à Socila são majoritariamente acerca dos concursos de miss e aparições de modelos da escola, com poucas reportagens com texto. Há que se considerar a possibilidade de nem todas as edições das revistas terem sido digitalizadas; digo isso porque não encontrei uma reportagem sobre uma manequim da Socila, mencionada em um blog⁸¹, no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Elaborei uma tabela em *excel*, decupando todas as ocorrências sobre a Socila nas duas revistas. Em seguida, observei os discursos a fim de mapear os temas mais recorrentes, que se seguem: “bela” e “beleza” (33 menções), “etiqueta” (9 menções), “casamento” (8 menções), “corpo” (6 menções), “aperfeiçoamento social” (6 menções), “educação” (5 menções). Esta pesquisa, no entanto, não se restringirá a quantificar as menções, uma vez que embora a palavra “corpo” apareça seis vezes na tabela, para citar um exemplo, “corpo” é mencionado de muitas outras formas, relacionado à ginástica, tratamentos, postura, andar, transformação etc. Assim, muito mais do que quantificar ou analisar discursos conforme metodologias duras, o material aqui selecionado será destrinchado com base nos conceitos de antropologia social (DAMATTA, 1978; [1981] 2011), artesanato intelectual (WRIGHT MILLS, 2009), representação e linguagem (HALL, 2016) e observação do familiar (VELHO, 2013), tendo também como inspiração a escrita artesanal e fluida da minha orientadora neste trabalho, professora Tatiana Siciliano (2014, 2015).

Dois outros acervos são utilizados para checagem de fatos e cruzamento de informações. Um é composto por reportagens, notas, anúncios e menções sobre a

⁸¹ Sessão Nostalgia. *Blog Passarela Cultural*, 03 de maio de 2014. Disponível em: <http://passarelacultural.blogspot.com/2014/05/sessao-nostalgia.html>. Acesso em 06 de março de 2022.

Socila, disponíveis no acervo digital do jornal *O Globo*, publicados entre 1957 e 2021 – o jornal foi escolhido em razão das frequentes menções à Socila na publicação ainda no século XXI, como vimos no começo deste trabalho. Por fim, o quarto acervo consultado, fundamental para a pesquisa, é o acervo pessoal de Maria Augusta. A fundadora da Socila mantinha recortes do que saía sobre si e sobre a escola na imprensa de todo o Brasil, bem como fotos e documentos diversos que comprovam passagens pessoais e profissionais – além das quatro apostilas do seu curso *Maria Augusta Studius*, que compõem o *corpus* deste trabalho.

Este rico material me possibilitou, de alguma forma, conhecer a história da Socila por meio da lente de quem a construiu. O material consultado é mantido pela professora Lara Sayão, sobrinha-neta de Maria Augusta, que guarda os pertences da tia-avó após sua morte, em 2009. Moradora da cidade de Petrópolis (RJ), Lara é também pesquisadora na área de Filosofia, e chegou a pensar em fazer sua tese de doutorado sobre a Socila. Escolheu outro caminho e, compreendendo a relevância de tal material para o presente trabalho, gentilmente me concedeu acesso presencial ao acervo. Sou grata a ela por me receber em sua casa e me possibilitar conhecer Maria Augusta pelas lentes familiares, além de ter me colocado em contato com outras pessoas da família que gentilmente me concederam entrevistas.

Cheguei ao nome de Lara por indicação de Anselmo Duarte Jr., filho do cineasta Anselmo Duarte e de Ilka Soares, modelo, atriz e nome importante na Socila, além de amiga de Maria Augusta. Anselmo Jr., afilhado de Maria Augusta, gravou mais de 200 horas de depoimentos de e sobre a madrinha, almejando produzir o documentário *A batuta mágica*⁸² (o nome é uma alusão à bengala utilizada por ela). Tomei conhecimento de sua intenção de fazer o documentário por meio de uma simples busca no *Google* pelo nome de Maria Augusta, confirmada depois por reportagem no jornal *O Globo*⁸³ de 2005, antes mesmo de sua morte.

Contatei Anselmo Jr. via rede social *Facebook*, e ele tem sido extremamente solícito desde então. O documentário foi arquivado por falta de recursos, e as fitas estão guardadas em um formato de difícil visualização, impossibilitando o acesso

⁸² A batuta mágica. *Youtube*. Trailer disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BPJVtrVQncM>. Acesso em 13 de junho de 2021.

⁸³ Gugu, porque elegância é fundamental. *O Globo*, Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

ao material bruto neste momento. Anselmo, no entanto, foi gentil em me conceder recorrentes informações, incluindo uma entrevista com sua mãe, Ilka Soares⁸⁴, que me ajudaram na construção da pesquisa e na elucidação de dúvidas.

A utilização de jornais e revistas como fontes históricas se justifica. De acordo com Tania de Luca (2008, p. 112), durante o século XIX e as décadas iniciais do século XX havia uma certa tradição dos historiadores de buscar uma “verdade dos fatos” que se julgava possível apenas por meio de “fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo”. Neste sentido, os periódicos, permeados por “interesses, compromissos e paixões” pareciam não se enquadrar como fonte histórica.

Nas décadas finais do século XX, entretanto, emerge um novo tipo de história ligado a três processos. Mencionando Jacques LeGoff e Pierre Nora, de Luca (2008) aponta quais são: novos problemas colocam em causa a própria história, novas abordagens modificam e enriquecem os setores da história, e novos objetos surgem no campo epistemológico da história. Deste modo, jornais e revistas, outrora negligenciados, passam a se constituir como relevante fonte histórica. Renata Neiva (2018, p. 11), em sua tese de doutorado sobre pedagogias da beleza no jornal *Correio da Manhã*, observa que a imprensa, ao deter uma historicidade e peculiaridades, deve ser compreendida como tal, como “uma espécie de caixa de ressonâncias daquilo que circula no mundo social”. Para a pesquisadora, “na esteira do pensamento de um grupo de historiadores franceses, notadamente Roger Chartier, entendemos que jornais impressos são artefatos resultantes de redes de sociabilidades, crenças e aspirações de grupos sociais específicos” (NEIVA, 2018, p. 112).

Neiva (2018) e de Luca (2008) citam o historiador Jean-François Sirinelli em sua avaliação sobre revistas serem um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo que são espaços de sociabilidade, conceito aplicável também aos jornais. Por esta razão, o jornal *O Globo* e as revistas *Manchete* e, em menor escala, *O Cruzeiro*, serão os principais aliados para recuperar a história da Socila e verificar a tese deste trabalho.

⁸⁴ Ilka Soares morreu em junho de 2022, menos de um mês antes da defesa desta tese de doutorado.

Por fim, foi realizada também uma pesquisa por meio de aplicação de formulário online⁸⁵, divulgado inicialmente no meu perfil da rede social *Facebook* no mês de junho de 2021. O formulário continha três perguntas: “Quando você pensa na Socila, o que vem à sua mente?”, “Como você explicaria o que era a Socila?” e “Você frequentou ou conhece alguém que tenha frequentado a Socila?”, além de espaço para identificação da faixa etária e sexo (masculino ou feminino), resultando em 165 respostas.

Escolhi compartilhar no meu perfil da rede social *Facebook* por ser, dentre as redes que utilizo, aquela na qual tenho mais contatos com idade acima de 60 anos, o que aumentaria as chances de encontrar contemporâneas da Socila, mulheres que se lembrassem da escola e que tivessem uma opinião acerca do que ela representava. A meu pedido, o formulário foi compartilhado também por mulheres com mais de 60 anos em suas próprias redes sociais, consistindo na técnica de amostragem “bola de neve”, onde a amostra é não probabilística e consiste em indivíduos respondentes convidarem novos participantes de suas redes para também responderem à pesquisa. Não houve preocupação com representatividade estatística, mas sim o objetivo de compreender o que é a Socila no imaginário das respondentes.

Também não houve recorte geográfico, mas tendo sido compartilhada majoritariamente via minha rede de contatos, é possível presumir que a maioria das respondentes mora no estado do Rio de Janeiro, onde eu também resido. As perguntas eram abertas e as respostas, espontâneas, e muitas vezes mencionavam mais de uma palavra (por exemplo, “elegância, educação e bons modos” em vez de apenas um deles). Uma semana após a publicação original do formulário e consequentes compartilhamentos, obtive 165 respostas para as perguntas feitas. Mapeei manualmente quais palavras mais apareciam para se referir à Socila (“etiqueta”, “elegância” e assim por diante), observei e analisei as respostas, procurando extrair delas informações, e não números.

Os pressupostos teóricos indicados fornecem chaves de leitura para a compreensão do objeto e para a formulação de um percurso metodológico que possibilite responder às questões propostas. Em primeiro lugar, há que se discutir:

⁸⁵ Utilizei a ferramenta “Formulários” do Google.

como definir um método “duro” de investigação nas ciências sociais, se investigadora e investigada compartilham da mesma experiência humana? Roberto DaMatta, em seu *Relativizando: uma introdução à antropologia social* ([1981] 2011), observa que a matéria prima da chamada “ciência natural” pode ser isolada, reproduzida e estudada dentro de um laboratório, assegurando uma condição de objetividade. Em contrapartida, as ciências sociais estudam fenômenos complexos, cujas causas são difíceis de isolar; tratam de eventos cujo significado pode mudar de acordo com o ator e as relações existentes.

Como exemplo, o antropólogo provoca: o simples ato de comer um bolo pode significar fome, encerramento de uma refeição (se comido como sobremesa), compulsão (dependendo da quantidade e frequência da ingestão), celebração (se é comido compartilhado, em um aniversário, por exemplo). Os eventos que motivam o interesse das ciências sociais podem ser fatos que não estão mais ocorrendo no momento da investigação; segundo DaMatta ([1981] 2011, *e-book*, posição 261), fatos sociais são geralmente irreproduzíveis em condições controladas, e por isso, quase sempre fazem parte do passado. De modo que “nossas reconstruções (...) são sempre parciais, dependendo de documentos, observações, sensibilidade e perspectivas”. A centralidade se dá, portanto, no *como* observar o fenômeno.

Outro ponto fundamental e que dialoga com o presente trabalho é o fato de estudar-se nas ciências sociais fenômenos próximos a nós, estreitando a distância entre observadora e observada. Como exemplo, DaMatta ([1981] 2011, *e-book*, posição 280) ressalta que quem estuda baleias estuda algo radicalmente diferente de si mesma, que se possa perceber como distante e com o qual se estabelece uma relação de objetividade, o que permite a “dicotomia clássica da ciência: aquela entre sujeito (que conhece ou busca conhecer) e objeto (a chamada realidade ou o fenômeno sob escrutínio do cientista)”; a baleia não vai contestar o que é dito sobre ela.

Já nas ciências sociais há uma “interação complexa entre o investigador e o sujeito investigado, ambos – como disse Lévi-Strauss – situados numa mesma escala” (DAMATTA, [1981] 2011, *e-book*, posição 302), compartilhando de um mesmo universo das experiências humanas. Esta posição coaduna com o pensamento de C. Wright Mills ([1959] 2009) sobre o olhar sociológico de confiar na própria experiência e, ao mesmo tempo, ser cético a ela. Assim, “a natureza não

pode falar diretamente com o investigador; ao passo que cada sociedade humana conhecida é um espelho onde a nossa própria existência se reflete” (DAMATTA, [1981] 2011, *e-book*, posição 369).

É nesta perspectiva de espelho da existência que procuro compreender o que foi a Socila para seu tempo e em que medida a instituição refletia a própria sociedade. Aqui cabe atenção: segundo DaMatta em seu *Ofício de etnólogo* (1978, p. 5), quando nos voltamos para estudar a nossa própria sociedade, há que se atentar para “estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir (ou recolocar, como fazem as crianças quando perguntam os “porquês”) o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação”.

Já para Gilberto Velho (2013, p. 126) em seu *Observando o familiar*, a ideia de se distanciar do que parece familiar é relativa, uma vez que o fato de pertencer à mesma sociedade não garante proximidade: “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido, e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido”. Filtrar a realidade, seja ela familiar ou exótica, pelo ponto de vista do observador, faz com que relativizemos as noções de distância e objetividade, e nos permite observar o familiar “sem paranoias sobre a impossibilidade de resultados imparciais, neutros” (VELHO, 2013, p. 129). O que busco fazer neste trabalho é de alguma forma o que Velho (2013) chamaria de uma interpretação dos fatos, perpassada pela subjetividade de quem pesquisa.

O ensino de etiqueta, mote da Socila, só se justifica quando o sentido que lhe é atribuído é partilhado socialmente. Ser civilizada implica em ser civilizada para o outro, aos olhos do outro. Pensar a cultura a partir de códigos que estabeleçam tradutibilidade entre nossos conceitos e línguas, como explica Stuart Hall (2016), é fundamental para compreender a razão de ser da Socila. Em *Cultura e representação*, Hall (2016) discute a noção de que o sentido não está no objeto, na pessoa ou na palavra. Mesmo que o sentido mude com o passar do tempo, de algum modo ele é fixado, até que passa a ser naturalizado.

Esta noção de sentido é construída pelo sistema de representação e fixada pelos códigos que governam as relações de tradução entre os mapas conceituais: compartilhados, estes códigos estabelecem uma “tradutibilidade” (HALL, 2016, p.

42) que é criada socialmente e na cultura, resultado de um conjunto de convenções sociais. O ensino de etiqueta, portanto, se daria nessa ideia de mapas conceituais que compartilham da mesma interpretação acerca do que é ser civilizada, educada, elegante.

Maria do Carmo Rainho (1995) observa que os códigos de civilidade são como enunciações acerca do dever ser, funcionam como meio de clivagem social, cujos instrumentos passam pela maneira de falar, de comer, de andar, de se vestir e se portar. A falta de comedimento tem graves implicações sociais, pois quem não é civilizada, ou seja, quem não é capaz de se conter diante dos outros, seja nos gestos, na expressão de suas emoções ou mesmo na fala, sofre a sanção de não ser convidada para reuniões sociais. Maria Cecília Pilla (2004, p. 126) corrobora esse entendimento, uma vez que não ser convidada significa deixar de ter oportunidade de conhecer e se relacionar com pessoas, “muitas vezes fora de seu círculo social, fechando-se uma das portas de acesso à integração social”.

Essa tradutibilidade da qual fala Hall (2016) será pensada aqui também quanto à construção do que se entende como beleza, que passa de algo “natural”, um dom divino, para algo a ser obtido a partir de uma rotina de sacrifícios (NEIVA, 2018), de modo que “as feias caem em desgraça, até que o século XX as resgate: todas as mulheres podem ser belas” (PERROT, 2019, p. 50). A noção do embelezamento como “gênero de primeira necessidade” (SANT’ANNA, 2014, p. 10) é construída e só faz sentido na engrenagem do consumo de diversos produtos que surgem ao longo das décadas porque é compartilhada.

Tal construção é aqui estudada a partir de narrativas sobre a Socila: o que Maria Augusta falava sobre si, o que era publicado na imprensa, os textos das apostilas e as lembranças das pessoas entrevistadas. Michel Foucault ([1970] 2019) reflete sobre um processo ordenado de produção de discurso na sociedade; assim como tudo se reorganiza e se renova, o discurso também é refeito cada vez que é anunciado, produzido, de modo que tem força criadora, produtiva, serve a interesses, funciona como dominação. Para Foucault, saber utilizar o discurso possibilita direcionar a história. Essa é uma perspectiva interessante quando estudamos um objeto do passado; o que Maria Augusta escolhia contar, por exemplo, para construir uma fachada (GOFFMAN [1959] 2014) de si mesma?

Como já dito, na costura deste percurso metodológico utilizarei o conceito de artesanato intelectual de C. Wright Mills ([1959] 2009), para quem é fundamental manter uma perspectiva sociológica, “não apenas na forma pela qual [se] vive no mundo, mas no modo pelo qual [se] vê o mundo” (MILLS, [1959] 2009, p. 14). O pesquisador é um *bricoleur* que deve evitar normas rígidas para reflexão, cultivando a imaginação sociológica e procurando “manter seu mundo interior desperto, relacionando aquilo que está fazendo intelectualmente e o que está experimentando como pessoa” (MILLS, [1959] 2009, p. 15). Trilhando este percurso metodológico, além deste primeiro capítulo introdutório, apresentando a questão, os pressupostos teóricos e o corpus, o trabalho está estruturado em mais três capítulos.

No capítulo 2, “Maria Augusta, Socila e outras mulheres ‘em trânsito’”, recupero o papel da imprensa na disseminação das pedagogias do “ser mulher”, passando pelas revistas ilustradas até as colunas escritas em revistas femininas por nomes como Clarice Lispector. Entre dicas de beleza, receitas e organização do lar, há indícios contundentes de que a escritora aproveitava as brechas para iniciar suas leitoras também em literatura e, de certo modo, semeava algumas ideias sobre emancipação.

Em seguida, apresento a história de Maria Augusta, recuperada a partir de documentos, entrevistas e narrativas na imprensa. As informações foram cotejadas na tentativa de reconstruir sua trajetória e, conseqüentemente, a da Socila. A Socila ainda existe? O que aconteceu com a marca? Procuo montar uma linha do tempo para, na sequência, problematizar a atuação de Maria Augusta (opressora ou emancipadora?) a partir da análise da fachada (GOFFMAN, [1959] 2014) que ela construiu para si mesma, tendo em vista os conceitos de projeto, mediação e campo de possibilidades de Gilberto Velho (2013), dentre outros. Nada disso faria sentido dissociado do tema central: a socialização feminina, desenvolvida nos itens seguintes a partir de autoras como Simone de Beauvoir ([1949] 2019), Michelle Perrot (2019) e Margaret Mead ([1950] 2015).

O capítulo 3, “Não se tem uma segunda chance de causar uma primeira boa impressão” contém um apanhado de conteúdo das apostilas de Maria Augusta sobre comportamento social, bem vestir e linguagem do corpo, cotejados às narrativas na imprensa e problematizados a partir dos devidos pressupostos teóricos. Neste

capítulo disserto sobre a relevância do aprendizado da *hexis* corporal (BOURDIEU, [1981] 2019) para se adquirir o *habitus* (BOURDIEU, 1983), mostrando como isso acontece em três caminhos que se cruzam: no mito grego de Pigmalião; no cinema, com Audrey Hepburn em *My fair lady*; e na Socila, por meio da transformação da empregada doméstica paraibana Josefa em Josepha Massimo, manequim internacional e princesa. Ao fim do capítulo discuto sobre feminilidade, emancipação e capital feminino.

No capítulo 4, “De ‘não basta ser linda’ a ‘só é feia quem quer’”, procuro discutir sobre a mudança na noção de beleza, que passa de dom divino a algo passível de ser adquirido, e como esse deslocamento impacta na Socila, que vê seus ensinamentos de etiqueta perderem força na sociedade e reage, abrindo clínicas focadas em tratamentos estéticos. O “aperfeiçoamento social” cede lugar para o combate à flacidez e à celulite, em um contexto em que quem não “cuida de si” é preguiçosa, desleixada. O que mudou no mundo, no Brasil e na Socila? Aqui são fundamentais os estudos de Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2014, 2016 e 2018) e Georges Vigarello (2006) sobre beleza, de Mirian Goldenberg (2006) sobre o corpo como capital e de Paula Sibilia (2012) sobre envelhecimento.

2. Maria Augusta, Socila e outras mulheres “em trânsito”

Este capítulo é uma tentativa de contar a história da Socila e de Maria Augusta, imbricadas uma na outra, por meio do acervo pessoal da fundadora da Socila e da forma como foi representada e representou a si mesma na imprensa, além das entrevistas realizadas que contribuíram para montar esta espécie de linha do tempo. Busco também esclarecer o que houve com a marca, que se transformou em institutos de beleza e foi vendida por Maria Augusta – que terminou a vida pobre, segundo ela mesma⁸⁶.

Fundada para agenciar artistas, a Socila se consolidou como curso de manequins e escola de etiqueta, voltada para mulheres que desejassem um “aperfeiçoamento social”, como vimos. Este aprendizado requeria esforços e dedicação e correspondia a um dever ser feminino, a um ideal de feminilidade ao qual as mulheres deveriam corresponder. A imprensa tem papel importante nas pedagogias do “ser mulher”, mas os papéis nem sempre são claros. Enquanto ensinava a mulher a ser a esposa cordata, também era pelas mãos e pela bengala de Maria Augusta - que ditava os passos e a postura ereta das moças – que a mulher, antes restrita ao lar, encontrava ferramentas para participar da vida social, e eventualmente também se preparava para o mercado de trabalho.

A própria Maria Augusta tinha profissão: na certidão do seu primeiro casamento, em 1950, consta que ela é comerciária; na do segundo casamento, em 1971, professora; em 1981 recebe o título de Habilitação Profissional em Relações Públicas, concedido pelo Conselho Federal da área, e é esta profissão que consta em sua certidão de óbito, em 2009⁸⁷. Neste capítulo, procuro remontar a trajetória da Socila e de Maria Augusta, tensionando pontos que julgo relevantes para a compreensão do objeto de pesquisa.

⁸⁶ Gugu, porque elegância é fundamental. *O Globo*, Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

⁸⁷ As certidões e documentos aqui citados foram cedidos pela sobrinha-neta de Maria Augusta, Lara Sayão, que apresento na introdução deste trabalho e cuja contribuição foi valiosa para dar forma a esta pesquisa.

2.1. Pedagogias do “ser mulher”: o papel da imprensa

A imprensa escrita tem papel importante na construção e na promoção das sociabilidades e de pedagogias destinadas às mulheres, prescrevendo um dever ser feminino, ainda que em tons diferentes ao longo dos tempos. A historiadora Michelle Perrot (2019, p. 34), que se debruça sobre a história das mulheres, aponta como primeira imprensa feminina especializada a de moda, que surge no século XVIII e se desenvolve significativamente no século XIX, em razão do sucesso que faz entre as mulheres, que consultam suas páginas em busca de conselhos. Na escrita inicialmente dominada por homens, pouco a pouco as mulheres “se infiltram e mesmo se apoderam dela”.

Perrot (2019, p. 34) observa o que chama de ambiguidade da imprensa feminina francesa, na medida em que “por trás dessa fachada algo banal, observa-se na escolha e no tom uma vontade de emancipação das mulheres pela educação e mesmo pelo saber e pelo trabalho”. Na imprensa a que ela se refere há conselhos, por exemplo, sugerindo que as jovens estudem línguas estrangeiras, pois tradutora seria uma profissão possível para mulheres. “É um começo, uma brecha nas zonas proibidas”, ela diz. A historiadora ressalta que as revistas femininas vão tendo papel crescente nos séculos XIX e XX e que, se por um lado há patrocinadores que têm como objetivo captar consumidoras potenciais, guiando seus gostos e compras por meio dos temas publicados, há mulheres que se se aproveitam dessas “brechas nas zonas proibidas” para pautar a emancipação, dando conselhos sobre temas como a contracepção.

Tania de Luca (2008) observa que jornais e revistas têm se constituído como importante fonte histórica. De fato, há um sem-número de trabalhos acadêmicos que deles se utilizam como suporte para compreender aspectos da temporalidade, sobretudo no campo da Comunicação, mas não só, buscando o passado como ferramenta para entender o presente. É o caso, por exemplo, das revistas ilustradas que circularam com frequência no Rio de Janeiro entre o fim do século XIX e a primeira metade do século XX, tomadas como “construtoras do espetáculo da cidade e da encenação da modernidade, traduzindo para os leitores as formas de sociabilidade adequadas à época e atuando como mediadoras nessa fase de transição” (SICILIANO et al., 2020, p. 6).

Tais publicações inseriam leitoras e leitores nos assuntos do cotidiano da cidade e nas inovações da vida moderna, fossem quem as compravam, as que as liam pelos ombros ou mesmo aquelas que somente ouviam os comentários a seu respeito. De acordo com Siciliano et al. (2020, p. 13), as revistas ilustradas veiculavam modelos de comportamento feminino, prescrevendo normas sobre “como uma moça de boa família ou uma senhora casada deveriam se portar, conforme os manuais de etiqueta”. O casamento era sempre sugerido como destino das moças, e era frequente que somente se apresentasse duas fases da vida da mulher: a juventude, com a mulher ainda solteira, e a adulta, somente na condição de casada - ou viúva. Saber se comportar era sinal de distinção para as mulheres, e a prescrição constava como sinônimo de civilidade nas revistas ilustradas do começo do século XX.

É também a imprensa, mais especificamente o jornal *Correio da Manhã* (1925-1972), o objeto da pesquisadora Renata Neiva (2018) para tratar da história da educação do corpo feminino. Ela faz um inventário do que chama de “pedagogias da beleza”, pensando o jornal como uma totalidade de discursos que supõem uma unidade de sentido, totalidade essa que, segundo ela, insiste na promessa de aceitação e de felicidade, atravessando décadas e ainda reverberando no século XXI.

Seu escopo são os suplementos femininos do *Correio da Manhã*, desde colunas ou artigos publicados esporadicamente nos primeiros anos até os cadernos especiais dedicados às mulheres, a fim de compreender como o corpo feminino foi representado ao longo das décadas. Neiva (2018, p. 12) busca apreender de que forma a leitura dos suplementos veiculados no *Correio da Manhã* pode ter contribuído para a educação das mulheres urbanas brasileiras das camadas médias e altas, educando para um determinado “tipo de ser e estar no mundo”: “a elas era ensinado como tratar as criadas (muitas vezes, no plural), a usar joias, a harmonizar pratos com vinhos, a se sentar num veículo, a escolher roteiros de viagens, a combinar vestuários”.

As revistas femininas dos chamados Anos Dourados - período de 1945 a 1964 - são o suporte utilizado por Carla Bassanezi Pinsky (2014, p. 10) como “porta de entrada para uma viagem pela história das relações de gênero”, uma vez que veiculam ideias de seu tempo sobre os papéis femininos e masculinos. Segundo ela,

o conteúdo das revistas é marcado pelo contexto histórico; se não apresentam ideias revolucionárias, também não ficam distantes das transformações da sociedade, sob pena de perderem seu público leitor. São, portanto, uma importante chave de leitura para compreender algo sobre as mulheres de uma determinada época.

Para as leitoras fiéis, de acordo com Pinsky (2014, p. 10), publicações como *Jornal das Moças* (anos 1940 e 1950) e *Claudia* (anos 1960) eram “guias de ação e conselheiras persuasivas”, capazes de formar gostos, opiniões, condutas e padrões de consumo, além de revelarem mudanças e permanências nas relações familiares, normas sociais e padrões de comportamento ditados às mulheres. É neste período também, na segunda metade do século XX, que há mudanças significativas nos cuidados com o corpo, como veremos ao longo deste trabalho; e a imprensa, como não podia deixar de ser, teve papel importante nesta nova abordagem.

Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2014, p. 92) historiciza como embelezar-se deixa de ser um tema secundário na imprensa brasileira em meados dos anos 1950 e conquista seriedade, integrando a publicidade de milhares de produtos e serviços, de cosméticos e alimentos a academias de ginástica. A educação do corpo e o embelezamento não estavam apenas na publicidade; permaneciam na forma de conselhos que insistiam na necessidade de educar o corpo para a vida social, além das dicas de beleza. Ela recorda que a escritora “Clarice Lispector também escreveu conselhos dessa natureza”, como veremos a seguir.

2.2. Conselhos de Clarice: beleza, receitas e emancipação

Quando diz que Clarice Lispector escreveu conselhos para mulheres⁸⁸, Sant’Anna (2014) se refere às páginas femininas que ela escreveu em periódicos. Temendo comprometer sua carreira de escritora e a imagem de esposa de diplomata (Lispector era casada com Maury Gurgel Valente), Clarice usava pseudônimos para assinar a produção desses textos, como conta Aparecida Maria Nunes (2006):

⁸⁸ Nesta pesquisa, a ideia é contextualizar os conselhos que Clarice dava como parte de uma pedagogia do ser mulher nas revistas femininas, tensionando com sua própria existência. Para se aprofundar nos excertos das colunas, sugere-se a leitura de LISPECTOR, Clarice; organização de Aparecida Maria Nunes. *Correio Feminino*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006; e LISPECTOR, Clarice; organização de Aparecida Maria Nunes. *Só para mulheres: conselhos, receitas e segredos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

primeiro Tereza Quadros⁸⁹, depois Helen Palmer. O terceiro pseudônimo não foi escolha sua: em 1960 ela aceitou o convite do jornalista Alberto Dines para, nas páginas do *Diário da Noite*, ser a *ghost-writer* de uma famosa atriz e manequim. E é aqui que a trajetória de Clarice Lispector se cruza com a de Maria Augusta: o nome por trás do qual Clarice escrevia na coluna “Só para mulheres” era o de Ilka Soares, grande nome do elenco da Socila e então vedete da *TV Tupi* (LISPECTOR, NUNES, 2008).

A primeira oportunidade de escrever sobre assuntos dito femininos surgiu em 1952, quando Clarice assinou a coluna “Entre Mulheres” do tabloide *Comício*. Como Tereza Quadros, ela dava dicas de beleza, decoração, moda e conselhos para a mulher “viver bem”. Mas como mostra sua biógrafa Teresa Montero (2021), a coluna inaugural também reproduziu um texto sobre a atriz Sarah Bernhardt, escrito pelo dramaturgo Bernard Shaw. Embora o texto de Shaw focasse nos atributos físicos de Bernhardt, vale lembrar o que a atriz significou em sua época.

Em artigo sobre as passagens de Bernhardt pelo Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX, Everardo Rocha e Ligia Lana (2017, p. 16) sugerem que ela representava aspectos de uma “mulher livre, fora dos padrões da época, precursora da vida cosmopolita, repleta de viagens internacionais, fama e dinheiro”. E que além disso, era também empresária, em busca de reconhecimento e rendimentos financeiros, com estratégias que, segundo os autores, se assemelham a ações publicitárias contemporâneas. Deste modo, afirmam, Bernhardt “contribuiu decisivamente para a discussão dos papéis de gênero naquele momento”.

Na biografia de Clarice, Montero (2021, p. 599) observa que, apesar de as leitoras de Tereza Quadros ainda estarem fixadas em regras como se casar virgem e manter o casamento, “Clarice mostrava-se atenta e revelava uma compreensão da questão da emancipação feminina”. Ela se refere aos comentários que Tereza Quadros fez sobre o famoso texto da escritora inglesa Virginia Woolf, *Um teto todo seu* ([1928] 2020), no qual a autora convida a pensar sobre a desigualdade entre os sexos.

⁸⁹ A grafia do nome varia entre *Teresa* e *Tereza* nas diferentes fontes aqui utilizadas. Opta-se por utilizar a que se encontrou mais frequentemente, Tereza, com z.

Woolf propõe que a leitora imagine como teria sido a vida de Judith, irmã imaginária do dramaturgo William Shakespeare, supondo que, se tivesse existido, ela não teria tido o mesmo êxito do irmão pelo simples fato de ser mulher: “(...) qualquer mulher nascida com um grande dom no século XVI teria com certeza enlouquecido, se matado com um tiro ou terminado seus dias em alguma casa de campo, meio bruxa, meio maga, temida e ridicularizada”, e se tivesse sobrevivido, sem dúvidas, “pensei, olhando para a prateleira onde não há peças escritas por mulheres, seu trabalho não teria tido assinatura” (WOOLF, [1928] 2020, p. 64-65). Em diálogo com este texto, Clarice, ou melhor, Tereza Quadros, narra como a imaginária Judith teria vivido. Fato é que “entre receitas de bolo e conselhos de beleza, ela refletia com seriedade sobre a problemática das mulheres” (MONTERO, 2021, p. 600).

Casada com um diplomata, é de se supor que Clarice conheceu de perto regras de etiqueta, como se portar, como receber em casa e todos os demais protocolos que cabiam a uma mulher em sua posição. Em 1959, separada do marido, ela retornou ao Brasil com os dois filhos e precisava de dinheiro. Aceitou o convite para novamente escrever conselhos em uma coluna feminina, desta vez sob o pseudônimo de Helen Palmer no jornal *Correio da Manhã* (MONTERO, 2021; LISPECTOR, NUNES, 2006). Anos depois ela declarou que a literatura não lhe dava independência financeira, e que seu sustento vinha do que escrevia em periódicos (MONTERO, 2021).

Nesta coluna, volta a dar conselhos triviais sobre beleza, moda e culinária; Nunes (2006, p. 9) diz que “como Helen Palmer, sedução e feminilidade era o tema preponderante. As receitas tinham um propósito único: conquistar o bem-amado”. Mas, de acordo com Montero (2021, p. 631), em algum momento Clarice também ironizava que o objetivo da mulher fosse o casamento: “Nós não estamos mais no tempo em que a única finalidade de uma jovem era arranjar marido. (...) Existem ainda algumas mocinhas antiquadas que vivem esse drama ridículo. (...) A essas, gostarei de aconselhar a acompanharem a época”.

Como *ghost-writer* de Ilka Soares, Clarice escreveu 291 colunas, de segunda a sábado, no “Só para mulheres” do *Diário da Noite*, de abril de 1960 a março de 1961. Diagramava ela mesma a página e ajudou a aumentar a tiragem do vespertino, que caiu no agrado do público. Dentre os assuntos figurava “o tal do *it*, fenômeno

de sedução de difícil explicação” (LISPECTOR, NUNES, 2006, p. 145), um certo magnetismo que supostamente todas as mulheres gostariam de ter, mais importante até do que a beleza propriamente dita – um *je ne sais quoi* que fazia parte dos ensinamentos também da Socila, onde charme, classe e presença eram mais importantes do que traços de boneca: “Não basta a mulher ser linda. O importante é saber ser linda”⁹⁰.

Manequim e atriz, Ilka foi também muito próxima de Maria Augusta da Socila, que veio a ser madrinha de seu filho Anselmo Duarte Jr.⁹¹, fruto do casamento com o ator e premiado diretor Anselmo Duarte⁹². Em 1958 a revista *O Cruzeiro*⁹³ dedicou quatro páginas à Ilka, em reportagem assinada pelo jornalista Ary Vasconcelos⁹⁴. Em texto entremeado pelos feitos da atriz, destacando sua contratação pela Socila naquele ano e seu sucesso no teatro, o foco é no casamento e na maternidade. Conta que o casal Ilka e Anselmo estava junto desde 1953, se casou no Uruguai e teve dois filhos “que são a grande ventura de mamãe Ilka”.

O texto diz que Anselmo Jr. “quer ser forte”, enquanto para a caçula Lídia “o ideal será mesmo parecer com a mamãe”, reforçando a oposição histórica entre beleza como virtude feminina e força como virtude masculina (PERROT, 2019; VIGARELLO, 2006). Clarice, nas quase 300 colunas de “Só para mulheres” que escreveu como Ilka Soares, reforçava a beleza como atributo da mulher, ressaltando para sua leitora que vaidade feminina não era frivolidade: “você já devia saber que as mulheres querem se sentir bonitas para se sentirem amadas. E querer sentir-se amada não é frivolidade” (LISPECTOR, NUNES, 2008, p. 6). Também recomenda que o espelho seja conselheiro da mulher, e que “depois de certa idade, é preciso procurar manter a esbeltez ou tentar reduzir o peso até atingir o tipo de silhueta que “enfeita” a roupa” (LISPECTOR, NUNES, 2008, p. 45), afinal, “ser gorda não é tipo; é talvez o tipo engordado, e isso não ajuda a ser sedutora” (LISPECTOR, NUNES, 2008, p. 46).

⁹⁰ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

⁹¹ Como dito na introdução deste trabalho, Anselmo foi a primeira pessoa com quem conversei sobre Maria Augusta. Este contato confirmou meu interesse pela Socila e deu início a esta pesquisa.

⁹² Vencedor da Palma de Ouro e do Prêmio Especial do Júri em Cannes em 1962 pelo filme *O pagador de promessas*.

⁹³ Ilka: beleza natural do Rio. *O Cruzeiro*, ed. 0034, 31 de maio de 1958, p. 62-65.

⁹⁴ Neste trabalho opta-se por mencionar quem assina as reportagens somente quando se trata de colunas de opinião. No caso de reportagens assinadas por jornalistas conceituados, a autoria será indicada no texto.

Voltando à reportagem sobre Ilka Soares⁹⁵, somos informadas que “os primeiros tempos de casamento foram lua de mel permanente”, mas que depois “os imperativos do lar passaram a ser fardo demasiado ao temperamento de Anselmo Duarte”, que ficava “meses e meses fora de casa, filmando”. Ironicamente, na coluna em que assinava como Ilka, Clarice respondeu a uma leitora que reclamava que fazia tudo em casa e que o marido vivia saindo com os amigos: “é preciso que eu lembre a você que, pelo fato de ser casado, ele não deixa de ser um ente sociável, não deixa de ter sua profissão e de gostar dela, não deixa de precisar de divertimentos” (LISPECTOR, NUNES, 2008, p. 61).

Volta e meia os jornais noticiavam algum romance de Anselmo: “Ilka se desesperava. É compreensiva, mas não tem vocação para Amélia”, diz o texto, em alusão à personagem da canção de 1942, de Ataulfo Alves e Mário Lago, que seria “mulher de verdade” por não reclamar de nada e não ter vaidade. Confrontado por Ilka, Anselmo não negou que estava tendo mais um caso; se separaram como bons amigos: “tão bons que numa das últimas visitas de Anselmo aos filhos, Ilka revelaria: “estava tão amável que se não o conhecesse, casaria com ele de novo”.

Mas a mesma Clarice/Tereza/Helen/Ilka que recomendava às leitoras que não engordassem e cuidassem do lar sem perturbar o marido que quisesse sair com os amigos, denotando um quê de passividade, era a que aconselhava a leitura: “ler é um hábito que todo mundo deveria ter” (LISPECTOR, NUNES, 2008, p. 6), disse Clarice/Ilka Soares; como Helen Palmer, recomendava: “a leitura instrui e educa” (LISPECTOR, NUNES, 2008, p. 30).

Essa tensão entre reproduzir o mundo em que a leitora vivia e, ao mesmo tempo, provocar que pensasse sobre sua situação, parecia recorrente nas colunas em que Clarice escrevia, assim como em sua própria vida. Como reflete Aparecida Nunes no livro que organiza com as colunas de Clarice, “a página de jornal, ao se tornar espaço de diálogo, aproximando a colunista de sua interlocutora, poderá se transformar em pretexto para a escritora iniciar a leitora” (LISPECTOR, NUNES, 2006, p. 8).

Na epígrafe do livro *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX* (2017), Constância Lima Duarte cita um trecho da poetisa e filósofa Christine de

⁹⁵ Ilka: beleza natural do Rio. *O Cruzeiro*, ed. 0034, 31 de maio de 1958, p. 62-65.

Pisan no *Livro das três virtudes*, de 1405: “O primeiro grande ato de rebeldia das mulheres foi o de querer ler, e o segundo, o de aprender a ler. Porque ler é saber”. Esse é o tom da obra de Duarte (2017), que se propõe a fazer um dicionário ilustrado, um inventário das publicações do século XIX, a fim de compreender o percurso realizado pelas mulheres, recuperando as protagonistas.

Assim, analisa a produção letrada feminina daquele século, desde os periódicos destinados ao público feminino, independente de terem sido escritos por homens ou mulheres, até a imprensa feminista, que além de se dirigir às mulheres, se diferenciava “por protestar contra a opressão e a discriminação e exigir a ampliação de direitos civis e políticos” (DUARTE, 2017, p. 14). Sobre as revistas femininas do século XX a autora promete um novo livro⁹⁶, mas de antemão observa que “se apoderaram de vez do privado, da intimidade, da vida sensível e da busca do prazer. E assumiram a feminilidade – para o bem e para o mal” (DUARTE, 2017, p. 28).

O fato é que, se valendo de uma escrita que não desafia diretamente o *status quo*, a vida privada, o papel da mulher como esposa e mãe, Clarice “instiga sua leitora a refletir sobre as duas realidades em que se estrutura a sociedade: o mundo das simulações e o da verdadeira natureza das coisas” (LISPECTOR, NUNES, 2006, p. 8). Afinal, a Clarice que ensina a mulher a seduzir e a se embelezar é também a escritora de ficção elogiada por mulheres como Patrícia Galvão⁹⁷, a Pagu, figura emblemática da arte, da política e da sociabilidade na primeira metade do século XX que, conforme Rocha e Lana (2018), construiu uma imagem de mulher relevante para o imaginário brasileiro. De acordo com Montero (2021), Pagu, sob o pseudônimo de Mara Lobo na revista *Senhor*, do jornal *A Tribuna*, de Santos (SP), profetizou a importância de Clarice para a literatura brasileira e enxergou os obstáculos que uma escritora enfrentaria num meio formado por homens: “Clarice

⁹⁶ Não lançado até o momento em que se escreve este trabalho.

⁹⁷ Para se ter uma ideia de sua relevância, Pagu dá nome à renomada revista científica da Unicamp sobre estudos de gênero, a *Cadernos Pagu* (disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/about>. Acesso em 07 de janeiro de 2022); e também ao Instituto Patrícia Galvão, organização feminista que luta pelos direitos das mulheres (disponível em: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/quem-somos/>. Acesso em 07 de janeiro de 2022).

Lispector – nenhum dos marmanjos que escreve em ‘SR⁹⁸’ supera não senhor” (MONTERO, 2021, p. 370).

Aparecida Nunes (2006, p. 10) observa que as cerca de 450 colunas femininas que Clarice escreveu são pouco comentadas, provavelmente por serem considerados textos “menores em face da grandiosidade de sua obra literária”. Clarice foi inclusive acusada de ser alienada e viver em uma redoma; o cartunista Henfil a colocou em seu “Cemitério dos Mortos-Vivos”, destino de personalidades que, para ele, colaboravam ou simpatizavam com a ditadura.

A biografia escrita por Montero (2021), no entanto, refuta o título e revela que a escritora chegou a ser fichada pelo regime militar, ainda que não se saiba exatamente o motivo. Reitera também a preocupação de Clarice com justiça social, presente em sua obra: “Clarice propõe uma reflexão sobre a vida. Se isso não é político, não sei o que é”⁹⁹. O professor Júlio Diniz, organizador do livro *Quanto ao futuro, Clarice*¹⁰⁰, compartilha da mesma opinião; para ele, é absurdo chamar de alienada uma escritora que criou personagens como Macabéa, a migrante nordestina de *A hora da estrela*: “Clarice é uma intérprete do Brasil”¹⁰¹.

Assim como a Clarice que escreve sob o pseudônimo de Tereza Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares é a mesma elogiada por Pagu, também a leitora que demanda seus conselhos nas colunas femininas é quem lê seus elogiados livros de ficção. Para Aparecida Nunes (2006, p. 10), “é a mulher que está às voltas com seu entorno – o ambiente doméstico. É a que possui inquietações. É, por outro lado, aquela que está à procura de sua feminilidade. É, enfim, a que deseja ‘ser mulher’”.

Clarice tinha, ela própria, sua ambiguidade. Segundo a escritora e amiga Nélide Piñon em declaração à Montero (2021), Clarice sentia o peso da formação patriarcal e não queria ser vista como alguém que traía seu destino de ser mulher e esposa. Tinha “preconceitos da geração dela” e adotava uma postura de não

⁹⁸ Referência à revista *Senhor*, mencionada acima.

⁹⁹ Clarice Lispector foi fichada pela ditadura, revela nova biografia. *O Globo*, 21 de novembro de 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/clarice-lispector-foi-fichada-pela-ditadura-revela-nova-biografia-25284393>. Acesso em 21 de novembro de 2021.

¹⁰⁰ DINIZ, Júlio (org). *Quanto ao futuro, Clarice*. Rio de Janeiro: Ed. Bazar do Tempo e Ed. Puc-Rio, 2021.

¹⁰¹ Clarice Lispector foi fichada pela ditadura, revela nova biografia. *O Globo*, 21 de novembro de 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/clarice-lispector-foi-fichada-pela-ditadura-revela-nova-biografia-25284393>. Acesso em 21 de novembro de 2021.

competição com os homens. Piñon diz também que Clarice “foi muito ajudada pela beleza e juventude” (MONTERO, 2021, p. 258); no ano seguinte em que escrevera como Ilka Soares no *Diário da Noite*, Clarice figurava na coluna social de Ibrahim Sued¹⁰² como uma das damas da sociedade que mais se destacaram em 1962.

Em 1963 aparece novamente na lista do colunista, que elencava “as mulheres mais belas da sociedade carioca e as que se destacavam em suas profissões (MONTERO, 2021, p. 408). Bela, elegante, escritora renomada, separada do marido, será que Clarice Lispector contribuía para a alienação das mulheres por meio dos conselhos aparentemente fúteis e banais nas colunas ou, como observa Michelle Perrot (2019, p. 34) a respeito de mulheres que escreviam na imprensa feminina, “por trás da fachada algo banal” buscava emancipar pela educação, da forma possível à época?

Clarice, ao que parece, aproveitava a brecha nas zonas proibidas ao navegar pelo que o antropólogo Gilberto Velho (2013) chama de campo de possibilidades. Era uma mediadora entre mundos, estilos de vida e padrões de comportamento. Nas páginas femininas escrevia conselhos algo fúteis para a mulher que tinha no casamento seu objetivo de vida, ao mesmo tempo em que criava personagens como a mulher de classe média que sente náuseas ao se lembrar que tem gente com fome¹⁰³. Assim como ela, houve muitas outras. Terá sido o caso de Maria Augusta, da Socila?

Aqui primeiro vou narrar a história de Maria Augusta como em uma linha do tempo, observando os indícios, para depois problematizar a partir do paradigma indiciário proposto por Carlo Ginzburg (1989), método que consiste na observação de pormenores reveladores, de detalhes comumente negligenciáveis, que funcionam como pistas na construção de um quadro antropológico. Partindo do crítico de arte Giovanni Morelli, do detetive Sherlock Holmes e até de Sigmund Freud, Ginzburg constrói o paradigma: na observação da arte, Morelli propunha se basear não nas características mais vistosas de um quadro (que eram também as

¹⁰² Segundo texto do site *Memória Globo*, “Ibrahim Sued é considerado o inventor do colunismo social brasileiro. Escreveu mais de 15 mil colunas, marcadas por um estilo inconfundível, e entrou para o *Guinness*”. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/ibrahim-sued-reporter/>. Acesso em 07 de janeiro de 2021.

¹⁰³ Clarice Lispector foi fichada pela ditadura, revela nova biografia. *O Globo*, 21 de novembro de 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/clarice-lispector-foi-fichada-pela-ditadura-revela-nova-biografia-25284393>. Acesso em 09 de janeiro de 2022.

mais imitáveis), e sim examinar detalhes como os lóbulos das orelhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés.

O “método morelliano” exerceu influência intelectual até sobre Sigmund Freud, que o considerava “um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores” (GINZBURG, 1989, p. 149). O que para alguns eram dados marginais, para Morelli eram reveladores porque davam lugar a traços que escapavam, sem que o artista se desse conta; compara-o a um detetive que descobre o autor de um crime baseado em indícios imperceptíveis para a maioria. Deste modo, aqui busco os fios da vida de Maria Augusta tal qual os fios de um tapete, como propõe Ginzburg, fios que funcionam como sinais, como indícios reveladores, e que uma vez juntos, possibilitam uma melhor visão do quadro completo.

2.3. Criadora e criatura: apresentando Maria Augusta e os Anos Dourados da Socila

“Maria Augusta queria viajar o mundo”. Essa é uma das primeiras falas de familiares da fundadora da Socila, entrevistadas para esta pesquisa. Esta conversa, que ajudou a montar uma espécie de linha do tempo da vida de Maria Augusta, aconteceu no dia 17 de janeiro de 2022. Sua sobrinha-neta Lara Sayão conta que Maria Augusta sempre aparecia em família nesta data, dia do aniversário de uma de suas irmãs. Ela viajava muito, mas era certo que a veriam no dia 17 de janeiro. Confirmando a tradição, Maria Augusta apareceu e, por meio desta conversa, de outras que a antecederam e sucederam, e claro, do que saía sobre ela imprensa, aqui se apresenta para nós.

Figura 2 – Carteira de identidade de Maria Augusta



Fonte: acervo pessoal Maria Augusta

Em 06 de maio de 1923 nasceu no Rio de Janeiro Maria Augusta da Silva Pinto, de cor branca, filha de Arthur Fiock Pinto e Edelmira da Silva Pinto e caçula de seis filhos, cinco meninas e um menino. A família tinha uma relação com o estado do Pará. Passou a infância e parte da adolescência morando no bairro da Tijuca, estudou no Colégio Imaculada Conceição e teria se diplomado em Psicologia e Administração¹⁰⁴, sendo uma aluna brilhante. Sobre sua educação, nos documentos acessados¹⁰⁵ há um certificado de matrícula no Instituto de Ensino de Administração Científica do Rio de Janeiro, datado de 17 de maio de 1949. Os membros da família e pessoas próximas entrevistadas conheceram Maria Augusta já adulta e pouca ou nenhuma informação têm sobre sua infância e adolescência.

Uma parente se recorda dela contar já ter feito trabalhos como modelo; em uma publicação¹⁰⁶ pesquisada, diz-se que na década de 1930, com 16 anos (portanto, em 1939), ela teria trabalhado na casa MC Modas, no Rio de Janeiro. A mesma publicação, à qual Maria Augusta teria dado entrevista, diz que seu pai faleceu na mesma época e que ela teve de trabalhar para ajudar no sustento da família. “Era seu sonho participar de desfiles de moda, mas as suas próprias irmãs eram contra. Achavam que não era uma profissão digna para moça de família. Com o apoio, no entanto, de sua mãe, (...) teve sucesso na carreira”¹⁰⁷. No acervo que Maria Augusta deixou, há um anúncio de uma loja, de nome Madame Lourdes, com ela como modelo:

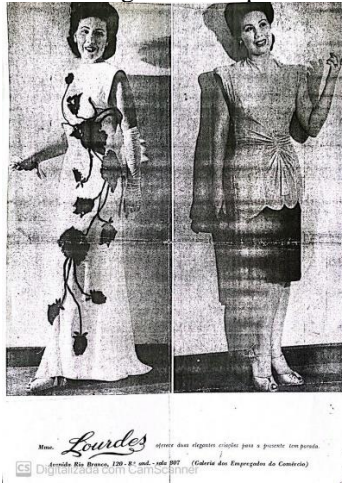
¹⁰⁴ Essas informações constam na justificativa escrita pelo então deputado estadual Victorino James (ARENA) para, em 1974, conceder à Maria Augusta o título de benemérito da Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara. Supõe-se que a própria Maria Augusta lhe deu tais informações. Falaremos disso mais à frente.

¹⁰⁵ Gentilmente cedidos pela sobrinha-neta de Maria Augusta, Lara Sayão.

¹⁰⁶ CHAVES, 2020. Ver referências bibliográficas.

¹⁰⁷ CHAVES, 2020, p. 258. Ver referências bibliográficas (como se trata de *e-book* sem paginação, o número refere-se à posição no *kindle*, e não à página).

Figura 3 – Maria Augusta estampa anúncio de loja.



Fonte: acervo pessoal Maria Augusta

Ela se casou três vezes; a primeira delas com o técnico de laboratório romeno Vasile Andrian, em 14 de julho de 1950. Maria Augusta tinha 27 anos e adotou o nome de Maria Augusta Pinto Andrian. Na certidão de casamento consta como sua profissão comerciária; se desquitam em 02 de outubro de 1953 (o divórcio só passou a existir em 1977). Nenhuma das pessoas próximas entrevistadas conviveu com o casal, algumas não eram nascidas e outras não conheciam Maria Augusta nesta época. No material de imprensa consultado, Maria Augusta também não comenta sobre esse casamento, como se não tivesse existido.

Em retrospectiva sobre si mesma na imprensa, Maria Augusta diz¹⁰⁸ que foi funcionária do Departamento de Relações Públicas do Ministério da Educação até 1955 (a data contradiz declarações nas quais afirma que fundou a Socila em 1954), e teria também alguma experiência como chefe de seção em uma loja de modas (uma parente se lembra dela ter trabalhado em uma casa de tecidos no Rio de Janeiro). Se dizia solteira nesta época, omitindo o primeiro casamento. Declarava ter um “belo porte, expressão confiante e temperamento liberal”¹⁰⁹, e para ganhar confiança, teria se matriculado em famosos cursos de comportamento em Nova York, denominados *Lucky e Power School*.

Pessoas próximas consideram improvável que a condição financeira de Maria Augusta, enquanto solteira, possibilitasse viagens e cursos no exterior, mas uma hipótese é que seu primeiro casamento tenha possibilitado alguma ascensão

¹⁰⁸ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

¹⁰⁹ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

econômica. A *Power School* de fato existia, tanto que há registros da visita de Peggy Morse, intitulada professora da instituição, em visita ao Brasil anos depois, e posando com as “intocáveis” da Socila:

Figura 4 – “As intocáveis da Socila”: Florinda Bolkan, Maria Augusta, Pauline e Patricia recebem Peggy Morse (ao centro), professora da Power School de Nova Iorque. À direita, Mariela Tarnaswiska, Isabela e Ilka Soares.



Fonte: *O Brasil na moda*, p. 182-183. Acervo Maria Augusta, anos 50¹¹⁰.

Em algum momento posterior ao divórcio, entre 1954 e 1955, Maria Augusta passou a viver com Jardel Frederico de Bôscoli Filho, conhecido como Jardel Filho, ator brasileiro que participou do primeiro elenco da *TV Globo* e fez 13 novelas na emissora¹¹¹. Filho de artistas, Jardel Filho trabalhava em peças e filmes desde a década de 1940. Embora não se possa precisar o período em que viveram juntos, reportagem de 1955¹¹² da *Manchete* divulga que Jardel estava nos Estados Unidos e “de lá mandava cartas para sua mulher, Maria Augusta”.

Em edição de 1983¹¹³ da mesma revista, na ocasião da morte do ator, diz-se que ele teve vários casamentos e o nome de Maria Augusta não é mencionado como “esposa”. Comenta, entretanto, que “Jardel nunca pôde viver sozinho. E entre as mulheres que em determinados momentos de sua vida o acompanharam estão Maria Augusta (fundadora da Socila)”.

¹¹⁰ Ver referências bibliográficas.

¹¹¹ De acordo com o perfil de Jardel Filho no site *Memória Globo*. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/jardel-filho/>, acesso em 25 de janeiro de 2022.

¹¹² *Manchete*, ed. 0177, 1955, p. 22.

¹¹³ *Manchete*, ed. 1611, 1983, s/p.

Figura 5 - Maria Augusta e Jardel Filho



Fonte: Almanaque *GloboNews*, 22 de agosto de 2005.

O segundo casamento de Maria Augusta, ao que tudo indica, não foi oficializado, mas pode ter tido papel importante na sua vida profissional. Ilka Soares, grande nome do elenco Socila, contou em depoimento¹¹⁴ para esta pesquisa que conheceu Maria Augusta por meio de Jardel Filho, com quem ela atuava no teatro à época. Ficaram muito amigas, a ponto de Maria Augusta (chamada de Gugu no círculo íntimo) ter lhe feito confidências sobre a orientação sexual do primeiro marido. Ilka e Anselmo Duarte, então casados, chegaram a hospedar Maria Augusta e Jardel Filho em sua casa no Pacaembu, em São Paulo, quando o ator fazia uma temporada de teatro na cidade. Segundo ela, Jardel bebia muito; de acordo com a imprensa, ele era “o terror das mulheres”¹¹⁵, razões que teriam levado Maria Augusta a se separar.

Ilka testemunhou o surgimento da Socila, fundada por Maria Augusta junto com a amiga Ligia Bastos (provável nome de solteira: Ligia Bastos Belfort; uma vez casada com Rogério Carrato, passou a assinar Ligia Belfort Carrato¹¹⁶). Ela não se recorda ao certo da data em que a Socila foi fundada nem do que levou as duas amigas a abrirem o negócio, mas se lembra que ambas eram muito inteligentes. O grande ativo de Maria Augusta era a forma como se apresentava: falava bem, era muito educada, simpática, bonita e bem-vestida, era a “vitrine” do negócio, enquanto Ligia, para Ilka, era “o motor por trás de Maria Augusta”. Assim como Maria Augusta, Lígia morou em algum momento no bairro da Tijuca, no Rio de

¹¹⁴ Depoimento concedido por telefone, em janeiro de 2022, mediado pelo filho Anselmo Duarte Jr. Ilka Soares estava com 89 anos na época.

¹¹⁵ *Manchete*, ed. 1611, 1983, s/p.

¹¹⁶ Essas informações constam na justificativa escrita pelo então deputado estadual Victorino James (ARENA) para, em 1974, conceder à Maria Augusta o título de benemérito da Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara.

Janeiro; terá sido lá que elas se conheceram? A família de Ligia era do Amazonas e veio para o Rio em meados dos anos 1950:

Dinâmica e visionária, Ligia queria fazer algo diferente; percebendo o interesse de suas novas amigas da Tijuca, onde morava, em melhorar na aparência e no comportamento, pensou na criação de uma escola de manequins que ofereceria também o aperfeiçoamento social. A Socila cresceu a ponto de oferecer cursos de recepcionista, secretária e intérprete. Logo depois, a casa entrava no ramo da estética¹¹⁷.

Como já foi dito, não é tarefa fácil afirmar qual foi o ano de fundação da Socila. A imprensa menciona datas que variam entre 1953 e 1958, e a própria Maria Augusta deu versões diferentes em entrevistas. Tomaremos neste trabalho o ano de 1954 como ano de fundação, tendo como base um dos depoimentos de Maria Augusta à Paulo Borges em *O Brasil na moda* (2003), cotejado a informações adicionais que veremos adiante, e 1957 como o ano de oficialização da escola, com a ajuda do então presidente Juscelino Kubitschek.

Com Ligia Bastos, por volta de 1954¹¹⁸ Maria Augusta abre um “escritóriozinho elegante, de nome vago, mas muito sugestivo: Sociedade Civil de Intercâmbio Literário e Artístico”¹¹⁹. Socila, como vimos, é sigla, que nasce como Agência de Contratos e Publicidade, replicando o modelo de companhias americanas em que um agente cuida da carreira do artista. Maria Augusta conta em entrevista¹²⁰ que trabalhava no Ministério da Educação (ela já havia dito isso em reportagem¹²¹), onde organizava lançamentos de livros e espetáculos teatrais, e que o amigo Paulo Francis, jornalista e então jovem crítico teatral, a teria estimulado a abrir um escritório de eventos. O primeiro endereço foi uma sala no centro do Rio de Janeiro, à Avenida Rio Branco, 185, sala 1623 e, fazendo jus ao “intercâmbio literário e artístico” do nome, um dos primeiros trabalhos teria sido o lançamento simultâneo do livro e da peça teatral *Pedro Mico*, de Antônio Callado¹²².

¹¹⁷ As informações sobre Ligia constam no seu obituário, publicado no jornal *O Globo* em 12 de dezembro de 1997, p. 20.

¹¹⁸ Como já dito na introdução, o ano de fundação da Socila é incerto. Trabalharemos com o ano mais frequentemente divulgado.

¹¹⁹ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

¹²⁰ Entrevista à Paulo Borges no livro *O Brasil na moda* (2003, p. 891). Ver referências bibliográficas.

¹²¹ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

¹²² Causa estranhamento que tenha sido o primeiro trabalho da Socila, pois o livro foi lançado em 1957. O programa que Ilka Soares estrelou é anterior, de 1956.

Ilka Soares conta que foi a primeira contratada do novo negócio, e que Maria Augusta e Ligia negociavam tudo para a artista; em 1956 a Socila teria sido procurada pela *Standard Propaganda* que, segundo a historiadora Maria Claudia Bonadio (2004), era uma das mais antigas e maiores agências do Brasil na época. O objetivo era selecionar uma modelo para ser garota-propaganda da versão carioca do programa de TV *O céu é o limite*, que era exibido na *TV Tupi*, apresentado por J. Silvestre e patrocinado pela companhia aérea Varig. O programa deu fama à Ilka, que estava recém-separada de Anselmo Soares, com dois filhos pequenos, e precisava trabalhar. “O trabalho caiu do céu”, ela conta.

Maria Augusta diz em entrevista¹²³ que o programa foi um sucesso, e que isso despertou sua atenção para o fato que, segundo ela, não havia moças para fazer fotografias de produtos no Brasil; todas as garotas-propaganda eram estrangeiras, e mesmo marcas multinacionais que se instalavam aqui usavam publicidade importada. O sucesso de Ilka Soares despertou um novo mercado para a Socila, o de garotas-propaganda e, em seguida, de manequins.

Figura 6 – Ilka Soares



Fonte: *Manchete*, ed. 0031, 1952.

A primeira menção à Socila no jornal *O Globo* data de 1957 e conta que “duas jovens, Ligia Bastos e Maria Augusta, audaciosamente, penetraram no mundo brasileiro do *show business* com uma empresa, inédita neste país, destinada por isso mesmo a obter um grande sucesso”¹²⁴. A Socila fora fundada nos moldes

¹²³ Em depoimento ao livro *O Brasil na moda* (2003, p. 891). Ver referências bibliográficas.

¹²⁴ Os agentes é que devem tratar dos interesses dos artistas. *O Globo*, Feminino, 11 de julho de 1957, p. 9.

das companhias americanas, nas quais um agente trata dos interesses econômicos, publicitários e contratuais, dando aos artistas “todo amparo e valorização que ele merece ter”¹²⁵. Entre 1957 e 1959 a vocação preliminar da Socila como agência de artistas foi se confirmando por meio da divulgação no jornal *O Globo* e na revista *Manchete*, como neste anúncio veiculado repetidas vezes em 1957: “Para um produção norte-americana em *Cinemascope*, precisam-se moças de 18 a 25 anos, bonitas, muito fotogênicas, de preferência que falem inglês. As interessadas devem comparecer à Socila com várias fotografias”¹²⁶.

Para além de anúncios buscando candidatas, a Socila se firmava também por meio de reportagens escritas pela pena de importantes personagens da imprensa da época, como Jacinto de Thormes, famoso cronista social, que destaca a então agência como “a primeira organização no gênero, dispondo atualmente de um fichário com mais de 1500 pessoas - moças, rapazes e crianças, de todas as idades e feitios - para toda espécie de publicidade”¹²⁷. Maria Augusta e Ligia eram vistas como “audaciosas” que “transformam moças em profissionais”¹²⁸. O resultado, diz outro texto, são “excelentes frutos produzidos por essa escola onde já se desenvolveram tantos talentos bem-sucedidos na televisão, no rádio e no cinema. (...) É uma organização inédita no Brasil, no estilo da Escola *Power*”¹²⁹, referindo-se à escola na qual Maria Augusta teria estudado em Nova York, “gozando de prestígio como centro cultural e não simples curso de manequins”¹³⁰.

Maria Augusta: Eu tive interesse por este assunto, estive em Nova Iorque, fazendo na Power School um curso sobre estas matérias todas que depois montei aqui. E era um conjunto de etiqueta, de estética também, de postura, de maquiagem, de cabelo, uma série de coisas. E cheguei aqui com uma ideia de fazer qualquer coisa a respeito, e reparei que na época, há muitos anos, há 50 e tantos anos, as publicidades todas de jornal eram com fotografias de artistas de Hollywood. E num país que tem tanta mulher bonita, por que não aproveitar as nossas moças daqui? Mas era uma coisa... só um pensamento, porque manequim não tinha, artistas de teatro normalmente eram pessoas bem mais velhas, porque era uma profissão menor, digamos assim. Todo mundo ia ao teatro para assistir, mas não

¹²⁵ Os agentes é que devem tratar dos interesses dos artistas. *O Globo*, Feminino, 11 de julho de 1957, p. 9.

¹²⁶ Moças para filme em cinemascope. *O Globo*, Geral, 10 de dezembro de 1957, p. 3.

¹²⁷ Vida de manequim. *Manchete*, ed. 0372, 1959, p. 72-76.

¹²⁸ Vida de manequim. *Manchete*, ed. 0372, 1959, p. 72-76.

¹²⁹ A hora é das mulheres. *Manchete*, ed. 0374, 1959, p. 54.

¹³⁰ A hora é das mulheres. *Manchete*, ed. 0374, 1959, p. 54.

valorizavam muito os artistas e tal. E eu então achei que devia enfrentar essa parada e abrir a escola. Comecei devagar, descobrir moças bonitas e oferecer para fazer curso e tal, e ninguém queria, é claro, porque era uma atividade nova e desconhecida aqui no Brasil. Mas a escola Power de NY era exatamente formação de manequins. Difícil... consegui algumas moças, mas todas estrangeiras ou filhas de estrangeiros. Com isso foi bom, chamou a atenção e eu fiz o primeiro grupo de manequins¹³¹.

As mesmas moças que desfilava faziam publicidade, segundo Maria Augusta. Era uma turma só, que ganhava cachê por desfile, e cada contratante pagava de uma forma. A Socila era então “criadora, produtora de moda, orientadora, agência, enfim, de tudo um pouco”¹³². As manequins, nessa época, eram “todas meninas de família muito boa, tinham suas casas, não eram pessoas independentes que precisavam trabalhar para sobreviver. Faziam aquilo porque gostavam, porque tinham tempo, e ficavam famosas”, disse Maria Augusta. A carreira durava até os 22, 23 anos, segundo ela; depois as moças se casavam e em seu lugar entravam outras mais jovens.

A escritora Marina Colasanti, hoje com 84 anos, conta em seu livro *Vozes de Batalha* que “havia entrado com um grupo de amigas na escola para modelos Socila, a convite da casa. Fomos a primeira turma de manequins formada pela instituição. (...) Passei dois anos na profissão. Era considerada muito magra, quando magreza ainda não era exigência da moda” (COLASANTI, 2021, p. 275-276). Em depoimento para esta pesquisa¹³³, ela confirma a informação. Lembra que o convite partiu de Nilza Vasconcellos, “que era elegantíssima e chiquérrima e nos convidou, todas moças de família”. Colasanti não se recorda o período certo em que esteve na Socila, mas lembra que fazia parte da turma que participou dos famosos desfiles da tecelagem Matarazzo-Boussac - que, de acordo com Simili e Bonadio (2017), aconteceram em 1958. Ela se recorda de ter aprendido a desfilas na mesma turma formada por nomes como Sandra Haegler¹³⁴ e Gilda Medeiros, que foi miss Pará em 1955, e que este grupo precedeu turmas como a de Florinda Bolkan,

¹³¹ Em entrevista à Regina Martelli no Programa Almanaque da *GloboNews*, exibido em 22 de agosto de 2005.

¹³² *O Brasil na moda* (2003, p. 890). Ver referências bibliográficas.

¹³³ Entrevista realizada em janeiro de 2022, por telefone.

¹³⁴ Socialite do Rio de Janeiro. Procurada em outubro de 2020, não quis conceder entrevista.

comumente associada à Socila. Segundo Maria Augusta, esta primeira turma era composta também por:

Patricia Tatherfield, que foi maravilhosa, hoje é pintora, mora na Inglaterra; tinha a Condini que era filha do presidente da Shell; tinha a Jacqueline Dubideaux que era filha do cônsul da França; tinha uma que vocês conhecem, é claro, que hoje é a Sandra Haegler; mas sempre estrangeiras ou filhas de estrangeiros, que aceitavam a profissão¹³⁵.

Em depoimento para a pesquisa, Colasanti relata que o grupo de moças viajava para várias capitais; convidadas para festas, eventualmente eram confundidas com garotas de programa. A escritora não sabe precisar quando episódios como este aconteceram e lembra que não teve contato com Maria Augusta, apenas com Nilza Vasconcellos. Já Maria Augusta declarava que não deixava ninguém chegar perto das manequins, e que por isso o grupo era conhecido como “Intocáveis”: “Olha, vocês vão sair daqui intocáveis, porque tenho que dar satisfação aos pais de vocês e entregá-las como levei”¹³⁶.

A própria Maria Augusta conta que o então vice-presidente João Goulart¹³⁷ convidou as manequins para um baile que aconteceria no Hotel Glória (famoso hotel no Rio de Janeiro, que depois seria locação do Maria Augusta *Studios*), antecedendo o Carnaval; e que ela proibiu: “Imagina! Sair com o Jango¹³⁸? Ir para um baile com o vice-presidente da República? As meninas da Socila? Anos 50? Nem pensar! Eu vivia de olho nelas, pois se acontecesse alguma coisa, quem era a responsável?”. A preocupação era maior porque eram os próprios pais – notadamente as mães – que levavam as filhas à Socila. Segundo Maria Augusta, buscavam um “burilamento social” para as moças. Reclamavam que os colégios instruíam, mas não educavam, e pediam sua ajuda:

Naquele momento o país passava por uma transformação. Aquelas moças eram de boas famílias, mas suas mães já não tinham mais tempo para educá-las, a vida estava mais agitada, as mulheres começando a trabalhar... sentimos que havia a necessidade de formar jovens da sociedade com aulas de etiqueta,

¹³⁵ Em entrevista ao Programa Almanaque, da *GloboNews*, exibido em 22 de agosto de 2005.

¹³⁶ Em depoimento à Paulo Borges no livro *O Brasil na moda* (2003, p. 890). Ver referências bibliográficas.

¹³⁷ Vice-presidente do Brasil entre 1956 e 1961, no mandato do presidente Juscelino Kubitschek.

¹³⁸ Apelido de João Goulart.

postura, maquiagem, etc¹³⁹.

Quando começaram as bailarinas que tinham sido *girls* dos cassinos começaram a desfilarem, as meninas “de família” foram proibidas de entrar na passarela, “as mães não queriam que elas se misturassem”, disse Maria Augusta¹⁴⁰:

Estava começando um movimento de modelos e manequins aqui no Brasil. Nessa época uma ou outra moça de sociedade topava fazer moda. Mas quando os cassinos foram proibidos, as vedetes ficaram desempregadas. Como eram mulheres lindas, começaram a desfilarem também. Então o mercado se retraiu, porque as mães não queriam ver suas filhas na passarela ao lado das chamadas *girls*. O Brasil ainda era muito moralista nos anos 50. O trabalho que estávamos fazendo de lançar moças novas na moda, de criar a profissão de manequim, foi por água abaixo.

Até então, a profissão de modelo era exercida por mulheres que, em sua maioria, “não eram profissionais, mas sim moças da sociedade, atrizes e até mesmo *show-girls* que desfilavam eventualmente – o trabalho das profissionais se restringia às passarelas”, conta Bonadio (2004, p. 52). A historiadora menciona a Socila no rol das primeiras escolas de modelos e manequins do Brasil, quando se tratava de uma profissão não regulamentada; e considera que o primeiro grupo de profissionais do país foi o da Rhodia, empresa do setor têxtil.

Com o objetivo de criar um mercado para o fio sintético, a Rhodia produzia editoriais e propaganda de moda (encomendados à já citada *Standard Propaganda*), além de popularizar os desfiles de moda que, associados à números musicais, esquetes teatrais e dança, se tornaram shows lançados anualmente, entre 1963 e 1970. A iniciativa, segundo Bonadio (2004), fez com que modelos e manequins começassem a ter suas imagens publicamente reconhecidas. Maria Augusta conta que muitos costureiros ganharam fama a partir de seus desfiles, e que quando começaram os shows da Rhodia, Livio Rangan, diretor de publicidade da empresa, “pegou muitas das minhas meninas – roubou mesmo... Eu não podia fazer nada, afinal tratava-se de uma carreira profissional e eu as tinha como filhas, queria o melhor para elas”¹⁴¹.

¹³⁹ Em depoimento à Paulo Borges no livro *O Brasil na moda* (2003, p. 891). Ver referências bibliográficas.

¹⁴⁰ Em depoimento à Paulo Borges no livro *O Brasil na moda* (2003, p. 891-892). Ver referências bibliográficas.

¹⁴¹ Em depoimento à Paulo Borges no livro *O Brasil na moda* (2003, p. 893). Ver referências bibliográficas.

Se o trabalho feito até então foi “por água abaixo”, como disse Maria Augusta, outra oportunidade se apresentou: Assis Chateaubriand, dono dos *Diários Associados*, conglomerado de comunicação da época, queria investir no concurso de miss, segmento que despertara o interesse do público após a polêmica das “duas polegadas”; a baiana Martha Rocha vencera o concurso de Miss Brasil em 1954, e no mesmo ano, ficara em segundo lugar no concurso de Miss Universo, supostamente por ter “duas polegadas a mais no quadril”. A história, desmentida pela própria Martha Rocha, que afirmou que ninguém conferira suas medidas, teria sido inventada pelo jornalista João Martins, da revista *O Cruzeiro*, para consolar os brasileiros pela perda do título¹⁴². O jornalista Artur Xexéo conta que houve uma miss Brasil antes de Martha, Yolanda Pereira, mas a conjunção do momento político fez com que Martha fosse mais celebrada e ficasse no imaginário como a primeira a obter o título. Segundo ele,

O Brasil estava um pouco deprimido, teve toda uma questão política daquele ano, a morte do Getúlio Vargas. E, de repente, a gente quase ganha um concurso internacional, e tinha uma mulher linda representando o Brasil para o mundo inteiro. Então, foi um acontecimento mesmo — disse Xexéo, lembrando que Martha virou notícia a partir daí: — Quando ela casou, quando separou, quando ia a uma festa, todas as atenções se voltavam para ela, e isso era notícia no dia seguinte¹⁴³.

Neste contexto, no final dos anos 1950, Assis Chateaubriand convidou Maria Augusta para organizar o concurso de Miss Brasil. “Aceitei e fizemos um grande evento no Maracanãzinho, a partir dali a coisa tomou vulto”¹⁴⁴. Em reportagem de 1968 é dito sobre Maria Augusta que “só de concurso de miss ela tem 11 anos”¹⁴⁵, e que Ligia é sua “auxiliar”:

Ela e sua Socila, que ensinam as misses a andar, a sorrir, a ganhar e a perder, sempre sorrindo. Nos contatos que a Socila tem com as misses, Maria Augusta e sua auxiliar imediata, Ligia Bastos, consideram de primeira importância a aula inicial, que é, mal comparando, uma espécie de moral e cívica: convencer a

¹⁴² Martha Rocha, a primeira miss Brasil, morre aos 83 anos em Niterói. *O Globo*, 05 de julho de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/martha-rocha-primeira-miss-brasil-morre-aos-83-anos-em-niteroi-1-24516798>, acesso em 30 de janeiro de 2022.

¹⁴³ Martha Rocha, a primeira miss Brasil, morre aos 83 anos em Niterói. *O Globo*, 05 de julho de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/martha-rocha-primeira-miss-brasil-morre-aos-83-anos-em-niteroi-1-24516798>, acesso em 30 de janeiro de 2022.

¹⁴⁴ Em depoimento à Paulo Borges no livro *O Brasil na moda* (2003, p. 892). Ver referências bibliográficas.

¹⁴⁵ O *Cruzeiro* no Miss Brasil: receita de miss. *O Cruzeiro*, ed. s/n, junho de 1968, p. 120-125.

candidata de que o que ela faz é importante; inculcar-lhe um espírito de competição sadiamente esportivo; fazer com que ela veja que o concurso não é apenas uma exibição de pernas e curvas; a miss é potencialmente uma embaixatriz do Brasil no exterior. Em resumo: educação para a perfeita miss."

Tida como extremamente amável, simpática e gentil pelas amigas/os e familiares que deram depoimento para esta pesquisa, Maria Augusta era também considerada muito exigente quando se tratava de seu trabalho. Reportagem¹⁴⁶ sobre os concursos de miss diz que beleza é importante, “mas não é tudo”: a candidata precisava aprender “mil bossas” e ter “mil pequenos defeitos corrigidos antes de pisar a passarela do Maracanãzinho”: “postura, etiqueta, comportamento, uma gordurinha a mais nos quadris, aquele tom de maquiagem, aquele plá - tudo isso é importante numa receita de miss”.

Figura 7 – Maria Augusta e candidatas a miss



Fonte: *Manchete*, 24 de junho de 1961.

Em outro texto¹⁴⁷ sobre o concurso para eleger a miss Brasil 1968, é dito que “Maria Augusta, da Socila, deu um pito em Maria da Glória, da GB [miss Rio de Janeiro, estado da Guanabara], pela maneira como se apresentou no dia da sua eleição. Exagerou nos pivôs e sorrisos para a plateia”. Nos bastidores do Miss Guanabara 1970, “Maria Augusta, diretora da Socila e orientadora do desfile, deu uma bronca em miss Renascença ao fim de seu desfile, por causa do exagero com que fez o pivô na passarela. Foram suas palavras textuais: não faça isso, minha filha, que você se prejudica”¹⁴⁸.

¹⁴⁶ Ser miss não é mole. *O Cruzeiro*, ed. 0021, 26 de maio de 1971, p. 111-113.

¹⁴⁷ Misses na hora da decisão. *O Cruzeiro*, ed. 0028, 1968, s/p.

¹⁴⁸ *O Cruzeiro*, ed. 0026, 1970, s/p.

Para o jornalista Joaquim Ferreira dos Santos, a quem entrevistei por ser autor de alguns textos sobre a Socila na imprensa, mantendo viva a memória da escola ainda que de forma inconsciente, “Maria Augusta era uma espécie de bedel das misses”¹⁴⁹; a vigilância era importante, em tempos em que as moças precisavam ser resguardadas: “era um regime de colégio interno mesmo! Não podiam sair sozinhas, não podiam sair do hotel. Tirava essas meninas daqui sob minha responsabilidade, então não podia cochilar”¹⁵⁰.

Difícil mesmo, segundo Maria Augusta, era lidar com as mães das candidatas, todas achando que sua filha era a mais bela, a mais elegante, a mais adequada para ganhar o título de miss Brasil¹⁵¹: “as meninas eram ótimas, aceitavam a programação, eram dóceis, o problema eram as mães”¹⁵². O olhar clínico para identificar aquelas que levariam o cetro e a coroa não falhava e, segundo Maria Augusta, assim foi com Vera Fischer, em 1969: “a Vera era linda, linda. Quem escolheu as luvas para ela desfilar foi a [socialite] Lourdes Catão e, quando ela entrou na passarela vestida de campesina eu disse: não dá outra”.

A Socila oferecia também tratamentos estéticos para as candidatas: “as máquinas possantes, modernas - algumas estranhíssimas - da Socila resolvem todo o problema”¹⁵³ (o problema, leia-se, era flacidez, gordura etc), entendidos como “talvez a parte mais importante do concurso, porque cuida do elemento humano, da moça que levará a sua beleza à passarela do Maracanãzinho”¹⁵⁴. Os tratamentos preparavam as moças para “ter condições de se habilitar ao título de beleza, porque o resto fica por conta dos especialistas contratados para dar a forma final, o último polimento”¹⁵⁵. A Socila dizia que:

No Brasil, o zelo chega a ser excessivo. Nenhum outro país do mundo filiado ao concurso Miss Universo faz o que nós fazemos pelas candidatas a miss. A moça ao se inscrever sabe que antes de chegar à passarela para competir passará por uma série de ensinamentos, proporcionados por especialistas ligados com exclusividade ao concurso. No Miss Guanabara então, esse

¹⁴⁹ Em depoimento para essa pesquisa, por telefone, em janeiro de 2022.

¹⁵⁰ A batuta mágica. *Revista Cariquice*, seção Chão de estrelas. Instituto Cultural Cravo Albin. Ano II, número 5, abr/mai/jun 2005, p. 56-61. edição em pdf.

¹⁵¹ CHAVES, 2020, p. 310. Ver referências bibliográficas.

¹⁵² A batuta mágica. *Revista Cariquice*, seção Chão de estrelas. Instituto Cultural Cravo Albin. Ano II, número 5, abr/mai/jun 2005, p. 56-61. edição em pdf.

¹⁵³ Ser miss não é mole. *O Cruzeiro*, ed. 0021, 26 de maio de 1971, p. 111-113.

¹⁵⁴ Ser miss não é mole. *O Cruzeiro*, ed. 0021, 26 de maio de 1971, p. 111-113.

¹⁵⁵ Ser miss não é mole. *O Cruzeiro*, ed. 0021, 26 de maio de 1971, p. 111-113.

processo atingiu a perfeição total. Nas semanas que antecedem o desfile no Maracanãzinho as candidatas são submetidas a fases de tratamento físico nos laboratórios da Socila e ali também aperfeiçoam sua prática de andamento e conceito, etiqueta, além de aprenderem como fazer a maquiagem exata para seu tipo de rosto e o tratamento dos cabelos¹⁵⁶.

Diversas menções à Socila na imprensa ora como curso de manequim, ora como agência de artistas, ora como preparação para concursos de miss indicam que as profissões estavam imbricadas. Ilka Soares desempenhava diversos papéis. Em janeiro de 1958 ela contou estar se preparando para uma viagem a Punta del Este, no Uruguai, “onde as modelos da Socila apresentarão a moda brasileira”¹⁵⁷. No mesmo mês, Ilka foi citada como atriz, sendo “uma presença agradável na TV”¹⁵⁸ à espera de um produtor norte-americano, “que parece já vem com seu nome no bolso para um filme que pretende realizar aqui em coprodução”¹⁵⁹.

E assim, *mezzo* agência de artistas, *mezzo* escola de manequins e preparação para concursos de miss, no fim da década de 1950 a Socila se configurava como “representante artística de várias estrelas”¹⁶⁰ que contava com “um esplêndido time de pretendentes ao cinema”¹⁶¹, “empregando um grande naipe de astros e estrelas do cinema nacional”¹⁶² e trazendo profissionalização ao mercado. Na imprensa, o alívio: “Chega de tanta improvisação”¹⁶³.

Improviso parece mesmo ter passado longe da Socila. Enquanto agenciava artistas, Maria Augusta – figura onipresente na imprensa, a “vitrine da Socila”, como diz Ilka Soares¹⁶⁴ -, não descuidava de outros aspectos que considerava fundamentais para o êxito da mulher, na carreira e na vida em sociedade. Em reportagem sobre atrizes iniciantes, é dito que “d. Maria Augusta tem procurado melhorar seus gestos, seu andar, seu sorriso e está decidida a aproveitar ao máximo as qualidades”¹⁶⁵. Embora em algum momento no final dos anos 1950 houvesse

¹⁵⁶ Miss GB: a competição da beleza. *O Cruzeiro*, ed. 0022, 1971, p. 5-9.

¹⁵⁷ Ilka Soares diz não ter problemas que a levem a suicidar-se. *O Globo*, Geral, 11 de janeiro de 1958, p.10.

¹⁵⁸ Notas Brasileiras. *O Globo*, Nos Cinemas, 23 de janeiro de 1958, p. 6.

¹⁵⁹ Notas Brasileiras. *O Globo*, Nos Cinemas, 23 de janeiro de 1958, p. 6.

¹⁶⁰ Notas Brasileiras. *O Globo*, Nos Cinemas, 23 de janeiro de 1958, p. 6.

¹⁶¹ Notas Brasileiras. *O Globo*, Nos Cinemas, 23 de janeiro de 1958, p. 6.

¹⁶² Notas Brasileiras. *O Globo*, Nos Cinemas, 30 de janeiro de 1958, p. 6.

¹⁶³ Notas Brasileiras. *O Globo*, Nos Cinemas, 30 de janeiro de 1958, p. 6.

¹⁶⁴ Em depoimento para esta pesquisa, concedido por telefone janeiro de 2022.

¹⁶⁵ Quero ver meu nome em letras de gás neon. *O Globo*, Feminino, 19 de dezembro de 1957, p. 17.

também rapazes e crianças no elenco da Socila, desde o princípio estava claro que as mulheres eram o público-alvo, fosse para serem alçadas ao estrelato, fosse por desejarem obter “serviços de aperfeiçoamento”¹⁶⁶ que ajudassem a tornar realidade os “sonhos de *my fair lady*”, como vimos na introdução.

Desde o começo das suas atividades, a Socila tinha como premissa a “educação” das jovens mulheres. Se em 1971¹⁶⁷ Maria Augusta afirmaria que “nossa mercadoria é a beleza e a educação da mulher. Estamos seguros de que vendemos um gênero de primeira necessidade”, o conceito já estava lá desde o início, quando era procurada pelas mães para dar algum “burilamento social” às filhas. Os cursos de “aperfeiçoamento social” que nos interessam aqui, ganharam projeção no final da década de 1950 com alunas de uma família renomada: os Kubitschek.

Em entrevista¹⁶⁸, Maria Augusta contou que uma reportagem sobre as aulas de postura na Socila despertou o interesse da primeira-dama, d. Sarah Kubitschek, para as filhas Márcia e Maria Estela. O noivo de uma sobrinha de d. Sarah, amigo de Maria Augusta, teria intermediado o encontro. Márcia tinha um problema sério na coluna; teria sido em razão dele¹⁶⁹ que a primeira-dama criou o Centro de Reabilitação que leva seu nome, primeiro em Brasília e hoje presente em várias cidades do país, e solicitado a construção da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Brasília, hoje um ponto turístico da cidade, como promessa caso a filha ficasse curada. O problema de Márcia não era postural, mas o encontro com a família Kubitschek rendeu frutos. Segundo Maria Augusta¹⁷⁰, Márcia era “uma menina muito estudiosa, muito inteligente e tal, mas um pouco tímida”:

Foi proveitoso porque ensinei alguns truques pra ela. Ela tinha um ombro um pouco mais caído, ensinei de botar um pouco a mão na cintura pra levantar o ombro que era mais caído, e com isso ela se sentiu mais segura, começou a frequentar a sociedade com mais liberdade e tal. E d. Sarah ficou muito grata, fez até uma conversa comigo muito interessante, dizendo que a Márcia sempre que eles viajavam, tinha aquelas mesas grandes, ficava a cúpula de um lado e os jovens lá pra trás, e que ela estava sempre

¹⁶⁶ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

¹⁶⁷ Ser miss não é mole. *O Cruzeiro*, ed. 0021, 1971, p. 112.

¹⁶⁸ Em entrevista ao Programa Almanaque, da *GloboNews*, exibido em 22 de agosto de 2005.

¹⁶⁹ Dona Sarah Kubitschek, o braço direito de JK. Agência Brasília, 19 de março de 2020. Disponível em: <https://agenciabrasilia.df.gov.br/2020/03/19/dona-sarah-kubitschek-o-braco-direito-de-jk/>, acesso em 30 de janeiro de 2022.

¹⁷⁰ Em entrevista ao Programa Almanaque, da *GloboNews*, exibido em 22 de agosto de 2005.

quietinha no canto dela. E ela se surpreendeu quando num desses jantares em Portugal ela viu as pessoas interessadíssimas num assunto, muita gente rindo e ela percebeu que era a Márcia. Ela se soltou completamente. Então ela ficou grata a isso e começou a fazer aulas duas vezes por semana. Eu ia ao Palácio [das Laranjeiras] e fazíamos aula antes do lanche com as meninas. Depois do lanche, d. Sarah, que era uma mulher fantástica, maravilhosa, resolveu tomar umas aulas também com um grupinho de amigas dela e tal. A irmã dela, Idalina e tal. Então eu ficava pro lanche e o presidente [JK] ia sempre lanchar no Palácio, porque trabalhava no Catete. (...) Então eu tive muitas oportunidades de conversar, de conhecer os políticos todos, o presidente que era uma pessoa extremamente carismática, e era muito agradável¹⁷¹.

Figura 8 – Da direita para a esquerda: as modelos Ilka Soares (sentada), Isabela, Peggy Morse (Power School de Nova York), Maria Augusta, Márcia Kubitschek, Ligia Bastos e Maria Estela Kubitschek (sentada)



Fonte: *O Globo*, 02 de julho de 2005.

O “aperfeiçoamento social” como parte da educação de Márcia e Maria Estela não começou na Socila. Na autobiografia *Simple e princesa* (2006, p. 75), a própria Maria Estela Kubitschek Lopes conta que “mamãe [d. Sarah Kubitschek] sempre se preocupou em termos a melhor educação possível”, e que por isso, quando moravam no Palácio da Liberdade, em Minas Gerais (estado que JK governou entre 1951 e 1955, antes de ocupar a Presidência do Brasil), “contratou uma governanta para nós. (...) era uma companhia agradável que nos ensinava regras de etiqueta, francês e cultura geral”.

¹⁷¹ Em entrevista ao Programa Almanaque, da *GloboNews*, exibido em 22 de agosto de 2005.

Embora nada tivessem de “comum” enquanto filhas do presidente do Brasil, as jovens não tinham aspiração a manequim; seu interesse era o aprendizado da elegância, da etiqueta, das modas e modos para que soubessem se portar com o traquejo social que o cargo do pai requeria. Em seu livro, Maria Estela conta que ela e a irmã chegaram a tomar chá com a Rainha Elizabeth, da Inglaterra, e a almoçar com o presidente Charles de Gaulle na França, além de terem debutado no Palácio de Versalhes, “honra concedida a poucas moças estrangeiras” (LOPES, 2006, p. 113), o que requeria traquejo social. A amizade com a família Kubitschek e a proximidade com o presidente do Brasil, a quem achava engraçado e de quem ficou amiga¹⁷², possibilitaram à Maria Augusta a oficialização da Socila em 1957¹⁷³:

Aí um dia conversei com ele e disse: o senhor sabe, presidente, que eu sou clandestina no meu trabalho? E ele disse: como? E eu: pois é, eu não consegui registrar, porque é uma atividade nova e não tem como dentro da lei eu registrar essa escola. Ele disse: vou pensar nisso. Mas não deu mole, não. Ele foi [faz um gesto de firmeza com as mãos]... mas foi muito bom, eu me senti mais segura. Ele chamou o professor Chediak¹⁷⁴ que era muito amigo dele, do Ministério da Cultura, e mandou conversar comigo. O professor Chediak foi, conversou e tal, viu as instalações (eu estava trabalhando, mas clandestinamente), e aí resolveu, pediu minhas apostilas, minhas coisas todas, levou pro Ministério e fez uma banca examinadora. Levou um médico por causa da postura, levou uma pessoa do Itamaraty por causa da parte toda de etiqueta... nós dividimos a etiqueta entre a doméstica, a profissional e depois a cerimonial. Então tudo isso eu fiz prova. Eu e uma sócia, não fui sozinha, nós abrimos juntas, a Ligia Carrato. Nós fizemos a prova, passamos com louvor e recebemos o diploma. Quer dizer, registramos o meu diploma estrangeiro. (...) Registramos o meu diploma do exterior e eles me deram um diploma aqui também.¹⁷⁵

¹⁷² Sempre elegante. *O Globo*, Segundo Caderno. Coluna Gente Boa, 18 de agosto de 2008, p. 3.

¹⁷³ Maria Augusta menciona o ano de 1957 em entrevista ao Programa Almanaque, da *GloboNews*, exibido em 22 de agosto de 2005.

¹⁷⁴ Provavelmente se trata de Antonio José Chediak, professor, político e administrador mineiro, que foi amigo de JK. Ver NISKIER, Arnaldo. Chediak, um cavalheiro. Publicado no site da *Academia Brasileira de Letras*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/artigos/chediak-um-cavalheiro>, acesso em 30 de janeiro de 2022.

¹⁷⁵ Em entrevista ao Programa Almanaque, da *GloboNews*, exibido em 22 de agosto de 2005.

Figura 9 – Maria Augusta e presidente JK



Fonte: Almanaque *Globonews*, 22 de agosto de 2005.

O advogado e jornalista Aldo Xavier também é mencionado¹⁷⁶ como alguém que acreditou no potencial de Maria Augusta e Ligia; ele teria sugerido a estrutura comercial e jurídica da empresa. O fato é que a oficialização da Socila ajudou a consolidar o sucesso e Maria Augusta era recebida na alta roda mundial:

Conheci [o estilista francês André] Courrèges, conheci [a estilista britânica] Mary Quant, conheci porque nós fizemos uma revistinha interna da Socila e fizemos contato com todos os costureiros, tanto na Europa como nos Estados Unidos. E trocávamos correspondências, e quando viajavamos íamos sempre vê-los e tal, fazia entrevista com eles pra nossa revistinha, e depois cedíamos as fotografias até pro [jornal] O Globo, nós mandávamos pra eles e eles ficavam muito gratos. Chegou ao ponto tão agradável que eles mandavam as fotografias das coleções que iam ser lançadas, mandavam pra mim imediatamente, pedindo que não fossem publicadas antes que viesse a ordem, quer dizer, antes da apresentação lá. Sempre respeitamos isso, com isso abrimos uma porta imensa. Então quando eu viajava, (...) fui fazer uma entrevista com madame Chanel, ela encantadora, muito simpática. (...) Comigo foi extremamente simpática¹⁷⁷.

Do Palácio Laranjeiras, residência da família Kubitschek, à Cuba (como contado na introdução deste trabalho), passando pelos espaços da moda em Paris e diversos estados do Brasil - “a essa altura a Socila já tinha se tornado um império, (...) com mais de 15 endereços só no Rio de Janeiro e Socilas espalhadas pelo Brasil”¹⁷⁸ -, nos anos 1950 e 1960 Maria Augusta tornou “fazer Socila” sinônimo

¹⁷⁶ Essa informação consta na justificativa escrita pelo então deputado estadual Victorino James (ARENA) para, em 1974, conceder à Maria Augusta o título de benemérito da Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara.

¹⁷⁷ Em entrevista ao Programa Almanaque, da *GloboNews*, exibido em 22 de agosto de 2005.

¹⁷⁸ *O Brasil na moda* (2003, p. 893). Ver referências bibliográficas.

de elegância e educação. E enfim, viajava pelo mundo, como desejava desde sempre.

Tudo parecia dar certo. Em 20 de outubro de 1971 casou-se com o industrial brasileiro de descendência norueguesa Kaare Thurmann Nielsen Filho, conhecido como Pitt. Na certidão de casamento consta que Maria Augusta à época era professora e viúva, o que possibilitou a oficialização (antes da Lei do Divórcio, de 1977, pessoas desquitadas não podiam se casar novamente, a menos que enviugassem). Depoimentos de pessoas próximas ao casal dizem que eles já estavam juntos bem antes disso, apenas oficializaram a união naquele ano. Ela adotou o nome de Maria Augusta Pinto Thurmann Nielsen, e embora tenham se divorciado¹⁷⁹ (provavelmente na década de 1980, segundo depoimentos para esta pesquisa), ela manteve o nome de casada e se apresentou como Maria Augusta Nielsen até sua morte, em 2009.

Figura 10 – Pitt Nielsen e Maria Augusta com, supostamente, um nobre norueguês.



Fonte: acervo pessoal Maria Augusta

Segundo depoimentos de amigos e familiares, o casamento de Maria Augusta e Pitt era ótimo e feliz. Tinham hábitos diferentes e, por isso, dormiam em quartos separados: Maria Augusta gostava de dormir e acordar tarde, enquanto Pitt acordava cedo e praticava esportes (adorava caça submarina). Ela fumava muito e tinha uma saúde frágil. Ele era de família rica, ligada à nobreza norueguesa, o que fazia com que fosse chamado por amigos de “príncipe”. Teria herdado, de acordo com depoimentos, uma empresa metalúrgica de nome Titan e ganhado muito

¹⁷⁹ Conforme estado civil que consta na certidão de óbito de Maria Augusta.

dinheiro porque, diz-se, vendia explosivos para o governo durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985).

O casal morou em endereços diferentes na zona sul do Rio de Janeiro, todos em áreas nobres; pessoas entrevistadas citaram um apartamento de frente para a praia do Leblon ou Ipanema e outro na rua Corcovado, no Jardim Botânico. Em ambos os endereços, recebiam amigos com frequência. Tinham um *Ford Galaxie*, automóvel de luxo da época, dirigido por um motorista, e uma casa de praia na cidade de Cabo Frio, Região dos Lagos do Rio de Janeiro.

Pitt chamava Maria Augusta de “Gugu”, “minha Guguzinha”. Eram muito carinhosos um com o outro. Não tiveram filhos juntos – falaremos sobre a relação de Maria Augusta com a maternidade mais à frente. Pessoas próximas ao casal comentaram, em depoimento para esta pesquisa, que Pitt era ótimo companheiro para Maria Augusta, mas “tinha a carne fraca”. E que ela era muito generosa financeiramente com os amigos e treze afilhados, pelos quais sentia “o amor pelos filhos que não teve”¹⁸⁰. Anselmo Duarte Jr. era um destes afilhados e conta, em depoimento para esta pesquisa, que Maria Augusta lhe deu um carro de luxo quando ele ingressou na faculdade de Direito.

Quando os negócios de Pitt deixaram de ir tão bem, ela o teria sustentado. Várias pessoas entrevistadas comentaram que Pitt e Maria Augusta se separaram porque ele se apaixonou – e supostamente engravidou - outra mulher, provavelmente em meados dos anos 1980. Sabe-se pouco sobre a moça; alguns comentaram que ela era passista de escola de samba, outros disseram que era “mulata do Sargentelli”, como eram conhecidas as dançarinas que acompanhavam o apresentador de TV Osvaldo Sargentelli em shows de samba, na década de 1970.

Pitt está vivo, tem hoje 96 anos e mora no Leblon, no Rio de Janeiro. Fiz contato por telefone e fui atendida por uma mulher de nome Elsa, que se identificou como sua irmã; ela disse que o ex-marido de Maria Augusta vive acamado e já não fala. Perguntada se poderia comentar algo sobre o tempo em que Pitt foi casado com Maria Augusta, respondeu que já fazia muito tempo, que ela morava fora do Brasil na época e não tinha nenhum comentário a fazer.

¹⁸⁰ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

Se “a essa altura a Socila já tinha se tornado um império, (...) com mais de 15 endereços só no Rio de Janeiro e Socilas espalhadas pelo Brasil”¹⁸¹, como vimos, ao longo da década de 1970 as coisas parecem mudar um pouco. “Algumas investidas tiveram que ser interrompidas para que ela pudesse acertar o passo”, diz reportagem de 1970¹⁸² sobre a escola, observando que atividades como “a organização de congressos, o lançamento de livros, as aulas de dicção fracassaram. E o que realmente caracterizou e deu fama à Socila foi a escola de manequins”¹⁸³.

A Sociedade Civil de Intercâmbio Literário e Artístico, enfim, agora “nada tem de literária e bem pouco de artística”, mas “nem por isso Maria Augusta admite frustrações”¹⁸⁴. No começo da década, em 1971, a Socila ainda está ligada aos concursos de miss, mas em 1974 já não participou da organização do Miss Guanabara¹⁸⁵: está “inteiramente desligada de toda a programação artística do show”, mas “continua colaborando com o concurso na parte de preparação estética das candidatas”. Maria Augusta justificou que o desligamento se deu em razão de compromissos assumidos anteriormente: “Lamento muito, mas pela primeira vez depois de 16 anos a Socila não participará da programação do treinamento de passarela das candidatas nem do show da noite de eleição do Miss Guanabara”, disse ela¹⁸⁶. Uma das razões seria a antecipação da data do concurso e o fato de Maria Augusta e seu staff estarem cuidando do Fórum Mulher, realizado no Palácio Anhembi, em São Paulo¹⁸⁷.

Se foi por decisão de Maria Augusta e da sócia Ligia Bastos ou não, ao longo dos anos 1970 as menções à Socila nas mídias pesquisadas (revistas *Manchete* e *O Cruzeiro* e jornal *O Globo*) mudam de tom. Fala-se menos em miss e manequins, boas maneiras, elegância, modo de andar, postura e etiqueta, e mais em beleza no sentido estético. Não que a beleza não fosse importante para a Socila desde sempre; mas em 1970, o que era um pequeno escritório da Av. Rio Branco, já funcionava na Av. Nossa Senhora de Copacabana, na Tijuca e em Ipanema, bairros do Rio de

¹⁸¹ *O Brasil na moda* (2003, p. 893). Ver referências bibliográficas.

¹⁸² Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

¹⁸³ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

¹⁸⁴ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

¹⁸⁵ O alegre caminho da passarela. *O Cruzeiro*, ed. s/n, 1974. p. 100-103.

¹⁸⁶ O alegre caminho da passarela. *O Cruzeiro*, ed. s/n, 1974. p. 100-103.

¹⁸⁷ O alegre caminho da passarela. *O Cruzeiro*, ed. s/n, 1974. p. 100-103.

Janeiro, “dividindo seus setores em Socila-Escola e Socila-*Beauté*”¹⁸⁸, o que veremos mais à frente.

Um dos nós que esta pesquisa pretende desatar é entender como a Socila cresceu tanto e, no entanto, Maria Augusta morreu pobre, em 2009. Reportagens de 1970¹⁸⁹ e 1971¹⁹⁰ mencionam que a marca tinha filiais em Recife, Porto Alegre, Blumenau, Salvador, São Paulo, funcionava em três endereços no Rio de Janeiro (Copacabana, Tijuca e Ipanema), com previsão de abertura em outros bairros da cidade (Leblon, Jardim Botânico, Laranjeiras e Méier) e previsão de expansão para as cidades de Vitória, Brasília, Belo Horizonte e Ribeirão Preto:

Vocês têm observado como a Socila se tem expandido? Várias filiais no Rio, depois Recife, Porto Alegre, São Paulo, Santa Catarina. Maria Augusta resolveu fazer um império da elegância. De fato a Socila criou tal conceito de categoria, de alta elegância, que até nas expressões populares a gente a usa. Vocês já ouviram certamente alguém dizer "esse cara aí está precisando de um banho de Socila". A tal ponto o nome se confundiu com o objetivo¹⁹¹.

Para compreender a trajetória de expansão da Socila e do seu modelo de negócios, a primeira pergunta que me fiz quando comecei a pesquisa foi: a Socila ainda existe? A resposta é sim e não, e explicarei o porquê. Antes mesmo da pesquisa na imprensa, comecei pelo começo: acessei o buscador *Google*, onde digitei: “Socila” e me deparei com três “versões”:

- a) Socila Tijuca¹⁹²: situada na Rua Padre Elias Gorayeb, 25, na Tijuca, Rio de Janeiro. Nas redes sociais se posiciona com o slogan “excelência para sempre”, anunciando “etiqueta, modelagem, beleza e estética, *make* (maquiagem), mesa posta, imagem pessoal”. Nas redes sociais, fotos dos desfiles da Socila nos anos 1960 e de Maria Augusta. Proprietária: Ruth Alves.

¹⁸⁸ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

¹⁸⁹ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

¹⁹⁰ Os clubes. *O Globo*, Geral, 12 de novembro de 1971, p. 2.

¹⁹¹ Os clubes. *O Globo*, Geral, 12 de novembro de 1971, p. 2.

¹⁹² Página na rede social *Facebook*: <https://www.facebook.com/Socilaforever>. Na rede social *Instagram*: https://www.instagram.com/socila_forever/. Acesso em 02 de fevereiro de 2022.

- b) Socila Escola¹⁹³: localizada em Belo Horizonte (MG), tem funcionamento online. Oferece cursos de etiqueta social e profissional, como *Os segredos da elegância*, que promete eliminar a “insegurança social”, e *Etiqueta à mesa na prática*; bem como os livros *Etiqueta pós-covid-19: o guia absolutamente completo para o mundo pós coronavírus*, *Relacione-se com elegância*, e *Como ser elegante*. No site oficial conta a história da Socila, fazendo referência ao legado de Maria Augusta. Proprietária: Ana Elizabeth Fontes.
- c) Rede de salões de beleza Socila¹⁹⁴: rede de franquias de Belo Horizonte, fundada em 1985. Usa o pronome masculino (o Socila) e no site não faz nenhuma menção à escola de Maria Augusta. Em seu site, diz que é a maior rede salões de beleza do Brasil e que conta com mais de cem franquias entre Brasil, Espanha e Estados Unidos.

Dos três negócios que utilizam o nome Socila, dois reverenciam Maria Augusta e remetem à Socila fundada no Rio de Janeiro na década de 1950: a Socila Tijuca e a Socila Escola, de Belo Horizonte (MG). Consegui contato com os proprietários de ambas, e as entrevistas foram fundamentais na tentativa de compreender os rumos que trouxeram a Socila aos dias de hoje – e levaram Maria Augusta à falência. O terceiro negócio, a rede de salões, não retornou o contato, mas conforme veremos, embora não faça menção à Socila de Maria Augusta, tudo indica que o uso do nome aqui também decorre da fama da escola de boas maneiras.

Precisamos voltar um pouco no tempo. É outubro de 2017. Eu preparava meu projeto de pesquisa, a fim de me candidatar ao doutorado. Embora o recorte ainda não estivesse tão claro, eu já queria contar a história da Socila, por todos os motivos que expus na introdução. A partir do site da Socila Escola, preenchi o campo de contato, me apresentando e contando sobre minha intenção, na tentativa de estabelecer diálogo com alguém que respondesse pela marca atualmente.

¹⁹³ Página na rede social *Instagram*: <https://www.instagram.com/socilaetiqueta/>. Site oficial: <https://socilaescola.com.br/>. Acesso em 02 de fevereiro de 2022.

¹⁹⁴ Site oficial: <https://www.salaosocila.com.br/>. Página na rede social *Instagram*: <https://www.instagram.com/socilasalao/>. Acesso em 02 de fevereiro de 2022.

Figura 11 – Certificado emitido pela Socila Escola de BH



Fonte: site oficial da Socila Escola de BH¹⁹⁵

Rapidamente recebi uma resposta, por email, de Ana Elizabeth de Almeida Fontes. Gentilmente ela me explicou que era a responsável pela Socila Escola em Minas Gerais, e que seu pai, Homero de Almeida Fontes, era o detentor da marca no estado e havia sido sócio da Socila Rio de Janeiro. Agradei e guardei a informação caso fosse aprovada no doutorado, o que aconteceu ainda naquele ano. Voltei a contatar Ana Elizabeth somente em 2021, com o recorte da tese ajustado e os rumos definidos. A pesquisa sobre a Socila na imprensa já estava finalizada, e eu tinha mais repertório para fazer as perguntas. Novamente gentil e receptiva, Ana Elizabeth me disse que seu pai havia convivido com Maria Augusta, e que ele próprio me contaria a história:

Conversei com o meu pai e ele me autorizou a te passar o telefone dele. Ele já tem 90 anos. A cabeça e corpo estão ótimos, mas os ouvidos nem tanto. Por isso, fale alto com ele quando ligar. Ele te contará maiores detalhes sobre a Socila. Conheceu a Maria Augusta e poderá te dar melhores informações que eu. Ele não usa celular. Tem que ligar para o telefone fixo. O melhor horário para ligar para ele é após 14h¹⁹⁶.

Essas foram as instruções de Ana Elizabeth, passadas por email junto com o telefone do pai, Homero Fontes, que havia sido sócio de Maria Augusta na Socila. Aqui, a história da marca começou a ser contada por quem, de alguma forma, a vivenciou. Liguei para o sr. Homero diversas vezes no segundo semestre de 2021, sem sucesso. Ninguém atendia ou ele não estava em casa. Participei do rito da qualificação¹⁹⁷ sem ter conseguido as informações que o sr. Homero parecia ter. Já

¹⁹⁵ Disponível em: <https://socilaescola.com.br/segredosdaelegancia/>. Acesso em 27 de maio de 2022.

¹⁹⁶ Em troca de e-mails entre 10 e 14 de junho de 2021.

¹⁹⁷ Em cumprimento às exigências do doutorado, realizada em 20 de agosto de 2021.

havia desistido de entrevistá-lo quando, em um sábado de janeiro de 2022¹⁹⁸, resolvi tentar novamente. E ele atendeu. A conversa com o sr. Homero me levou a outro contato importante: Maysa Helvecia Ganz¹⁹⁹, com quem ele foi casado, para quem Maria Augusta concedeu a marca em Minas Gerais e de quem foi muito amiga. A partir do número que o sr. Homero me deu, telefonei para Maysa, que me atendeu e conversou comigo. Era meu sábado de sorte.

Nos anos 1960, Maysa morava em Belo Horizonte. Solteira, “moça da sociedade”, segundo ela mesma, desfilava como convidada em eventos da cidade. Acredita que foi em 1966 que, casada e com dois filhos pequenos, se mudou para o Rio de Janeiro. Estudante do curso de Psicologia na PUC-Minas, tentou transferência para a PUC-Rio. Na mesma tarde em que levou os documentos à universidade, foi dar um passeio nos arredores de sua casa, passou pela praça Sarah Kubitschek, em Copacabana, e viu um anúncio da Socila, que na época tinha um endereço no bairro. Entrou, se matriculou no curso de manequim e logo começou a desfilar. Acabava ali a carreira de psicóloga, mas começava outra.

Maysa tinha 24 anos; Maria Augusta gostou dela e começou a indicá-la para desfiles. “Maria Augusta era a grande dama dos concursos de miss com sua bengala, treinando as moças”, recorda Maysa. Logo, uma professora de postura e andamento parou de trabalhar porque o filho estava com leucemia. Maria Augusta indicou Maysa para substituí-la, e ela se lembra dos treinamentos de candidatas à Miss Brasil. Um caso, em especial: o das gêmeas idênticas que disputaram o primeiro lugar (Maysa se refere às irmãs Ana Cristina e Maria Elizabeth Ridzi, que ficaram, respectivamente, em primeiro e segundo lugar no concurso Miss Brasil de 1966²⁰⁰).

¹⁹⁸ Entrevista realizadas por telefone, em janeiro de 2022.

¹⁹⁹ Entrevista realizada por telefone, em janeiro de 2022.

²⁰⁰ Morre em Petrópolis Ana Cristina Ridzi, eleita Miss Brasil em 1966. *G1 Rio de Janeiro*, 10 de janeiro de 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/01/morre-em-petropolis-ana-cristina-ridzi-eleita-miss-brasil-em-1966.html>, acesso em 08 de fevereiro de 2022.

Figura 12 – Maysa Ganz, Maria Augusta e outras modelos



Fonte: acervo pessoal de Maysa Ganz

Maysa ficou na Socila por três ou quatro anos até voltar para Belo Horizonte, nos anos 1970. Na época, Maria Augusta estava abrindo a Socila-*Beauté*, que passava a agregar tratamentos estéticos ao *portfolio* da Socila. A amizade consolidada das duas acarretou na expansão do negócio: em meados de 1973 (estima Maysa), ela e mais duas sócias, Marita Rosário Machado e Léa Assunção, receberam uma concessão de uso da marca Socila em Minas Gerais, que funcionaria como uma espécie de franquia da marca do Rio de Janeiro, com pagamento de *royalties*. “Foi um *boom* tremendo, tinha fila na porta para o curso de manequim e de aperfeiçoamento social. Treinávamos as moças para o concurso *Glamour Girl*, que era famoso em BH”, conta Maysa.

Entretanto, Homero de Almeida Fontes foi convidado a entrar na sociedade porque, segundo ele conta, o negócio não ia bem. O endereço da Socila em Belo Horizonte era o primeiro problema a ser resolvido: “uma mansão chique, mas fora do eixo comercial”, segundo sr. Homero. Maysa diz que ficava no bairro Cidade Jardim e, posteriormente, no bairro Mangabeiras. Sr. Homero conta que começou a conhecer a Socila, gostou e achou que estava desvirtuada do potencial que tinha: “A Socila era tudo na sociedade. Tinha um curso para adolescentes que toda menina de bom nível em Belo Horizonte tinha que fazer. Era cartão de entrada para tudo. Era valoroso. Inclusive minhas filhas fizeram. Etiqueta, postura, vestuário, andamento”.

Para Maysa, a Socila possibilitou que mulheres “vivessem a vida social”, e seus cursos “que não eram baratos” se destinavam a “mulheres que queriam aprender a conviver, a serem bem-educadas, um pouco por influência do cinema também”. As três sócias teriam sugerido que Homero ficasse com a marca em Minas Gerais; ele topou e viu que era preciso renegociar os termos da concessão,

principalmente o valor dos *royalties* que a franquia pagava. Fez isso pessoalmente em reunião com Maria Augusta e Ligia Bastos no Rio de Janeiro:

Fui ao Rio conversar com Maria Augusta e Ligia. Maria Augusta fazia apresentações, era a vedete. Ligia era a cabeça econômica da Socila. No começo elas estavam irredutíveis quanto aos royalties e à mudança de local em Belo Horizonte, mas ficamos amigos e chegamos a um ponto em comum.

Com a renegociação a franquia da Socila cresceu, mas sr. Homero conta que o modelo não era muito “amarrado”. Em Belo Horizonte a Socila acabou se tornando mais clínica de beleza, cabelereiro. Maysa e Homero se casaram; ela se formou em Medicina e nos anos 1980 ainda chegou a ser a médica responsável pelos tratamentos estéticos na Socila de Belo Horizonte. “A escola de etiqueta era um braço”, diz sr. Homero. O casal vinha ao Rio se encontrar com Maria Augusta: “a amiga do peito de Maria Augusta era a Maysa”, disse o sr. Homero.

Maysa confirma: “Maria Augusta era uma mulher maravilhosa, boa de coração, elegante em todos os aspectos, no modo de se vestir também, mas em todos os sentidos... tinha um coração de ouro. Era muito boa e pura e foi muito roubada por várias pessoas ao longo da vida”, conta, dando pistas da razão de Maria Augusta ter morrido pobre, a despeito de todo o êxito durante a vida.

O sucesso da Socila impulsionou outra marca brasileira, desconhecida à época: a Natura²⁰¹, fundada em 1969 por Luiz Seabra, em São Paulo. Na biografia *Natura, a realização de um sonho*²⁰², em depoimento à Betânia Tanure de Barros (2011, p. 47-50), o próprio Seabra menciona a Socila como “célebre marca de institutos de estética no Rio de Janeiro”, fundada por Maria Augusta, “muito conhecida por ser orientadora nos concursos de Miss Brasil”. E conta como a Socila foi importante para a divulgação “da desconhecida marca Natura àquela época”, fazendo o papel de distribuidora dos produtos: “em 1974 a Natura passou a contar com distribuidoras. (...) A Socila criou uma empresa coligada, a Natubel, que fazia as vendas no Rio de Janeiro”.

²⁰¹ Em seu site, a Natura se posiciona em 2020 como quarto maior grupo do mundo no segmento de beleza. Disponível em: <https://www.natura.com.br/a-natura/nossa-historia>, acesso em 08 de fevereiro de 2022.

²⁰² BARROS, Betânia Tanure de. *Natura, a realização de um sonho*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. edição em pdf.

Figura 13 – Carteirinha da Socila



Fonte: acervo pessoal Maria Augusta

Para sr. Homero, “a Socila foi uma das molas mestras da Natura, que era uma fábrica pequena”. Segundo ele, a Socila comprava e distribuía os produtos da marca, “deu muita força para a Natura, foi um sucesso”. Sr. Homero avalia que, em uma determinada época nos anos 1970, a Socila foi maior do que a Natura, ainda mais porque a Natura ainda estava mais restrita à São Paulo. Em algum momento, a parceria entre Socila e Natura desandou. Luiz Seabra conta que:

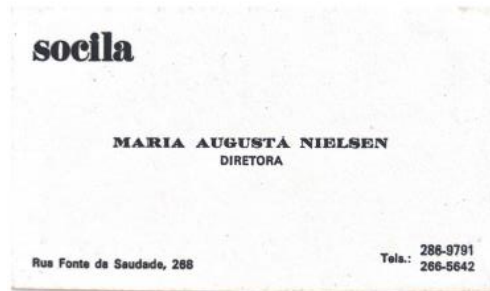
Nessa época, 1973, ela [Maria Augusta] tinha vendido boa parte de sua sociedade ao doutor Cury Neto, que nos procurou para distribuir nossos produtos no Rio, e posteriormente, em Minas Gerais. Este distribuidor foi muito importante para a divulgação da desconhecida marca Natura àquela época. No entanto, representava um sério problema no que se refere a saldar seus compromissos com a Natura. (...) Certa noite, fui ao Rio porque precisava receber duplicatas atrasadas da Socila, e todos os esforços neste sentido tinham sido em vão. Esperei amanhecer em frente ao hotel onde o doutor Cury Neto morava, para encontrá-lo logo cedo. Acho que o elemento surpresa funcionou, porque consegui receber os pagamentos de que tanto precisávamos. Hoje soa muito estranho ter tomado uma medida assim extrema. Mas eram os tempos que vivíamos. (BARROS, 2011, p. 47-48)

Tudo indica que o “doutor Cury Neto” a quem o fundador da Natura se refere é Carlos Emanuel Costa Cury Neto, advogado já falecido. Nenhuma das pessoas entrevistadas sabe precisar se foi mesmo em 1973 que ele entrou na sociedade, nem por quanto tempo foi sócio de Maria Augusta e Ligia, tampouco quando foi que ficou sozinho à frente da Socila, mas cotejando relatos e datas a informação tem sentido e coincide com a diminuição da menção à Socila na imprensa.

Em 1974, como já foi dito, a Socila se desvincula dos concursos de miss. Em depoimento ao livro *O Brasil na moda*, Maria Augusta diz que no fim dos anos

1970 Ligia vendeu sua parte na sociedade ao advogado da empresa - que tudo indica ser Cury Neto. Na versão de Maria Augusta, supostamente Ligia e o marido se mudaram do Brasil; em entrevista²⁰³ ela diz que resolveu parar porque a sócia teria se mudado com o marido para Marbella, na Espanha, onde ele montou uma clínica de cirurgia plástica: “E como aquilo dava certo com nós duas, resolvi vender. A pessoa que comprou só conseguiu manter por mais dois anos”.

Figura 14 – Cartão de visitas de Maria Augusta



Fonte: acervo pessoal Maria Augusta

Mas Ligia, que acompanhava o trabalho da mãe, Lucila Belfort, como bióloga que fazia pesquisas com ervas e plantas nativas no Amazonas, em 1980 fundou com o marido uma empresa de nome *Rama Fitocosméticas*, com uma equipe de químicos que desenvolvia produtos a partir de ervas e plantas. Ligia morreu em 23 de novembro de 1997, aos 69 anos, vítima de um aneurisma cerebral há anos mantido sob controle. Rogério Carrato morreu em 1990²⁰⁴. Um dos entrevistados para esta pesquisa afirma que a famosa mansão onde viveu a apresentadora de TV Xuxa Meneghel, conhecida como Casa Rosa e localizada em Vargem Grande, zona oeste do Rio de Janeiro²⁰⁵, teria sido construída por Rogério Carrato e Ligia – fato digno de menção, já que Maria Augusta morreu pobre. O casal, que não teve filhos, é mencionado como “fundadores também da primeira clínica de estética do Brasil, a Socila”²⁰⁶.

Seja pela razão que for, parece factível afirmar que a saída de Ligia da Socila mudou tudo. Pessoas entrevistadas para a pesquisa disseram que Ligia era “a cabeça

²⁰³ A batuta mágica. *Revista Carioquice*, seção Chão de estrelas. Instituto Cultural Cravo Albin. Ano II, número 5, abr/mai/jun 2005, p. 56-61. edição em pdf.

²⁰⁴ As informações constam no obituário de Ligia Carrato, publicado no jornal *O Globo* em 12 de dezembro de 1997, Rio, p. 20.

²⁰⁵ Conheça a mansão de Xuxa, vendida por R\$ 45 milhões depois de três anos. *Extra*, 01 de setembro de 2021. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/conheca-mansao-de-xuxa-vendida-por-45-milhoes-apos-tres-anos-25179978.html>, acesso em 02 de fevereiro de 2022.

²⁰⁶ Página da *Rama Fytocosmetika*. Disponível em: <https://yellow.place/en/rama-fytocosm%C3%A9tika-rio-de-janeiro-brazil>, acesso em 02 de fevereiro de 2022.

do negócio” – vale notar que a reportagem “As chefonas”²⁰⁷, publicada no jornal *O Globo* em 01 de maio de 1972 a fim de enaltecer as trabalhadoras do Brasil, foca em Ligia como mulher trabalhadora em vez de em Maria Augusta, enaltecendo sua dupla jornada: “Seu trabalho começa muito cedo, quando tem de organizar a casa. Em seguida vai à Socila e só retorna às 22 horas”. Ligia diz pensar que é importante ser dona de casa e conciliar com o trabalho fora do lar. “Tudo é uma questão de coordenação”. E que no caso da Socila, as dificuldades são muitas: “Somos pioneiras e não temos de quem copiar. Criamos tudo”.

As mesmas pessoas que apontaram Ligia como “cabeça” do negócio disseram que Maria Augusta não sabia gerir, além de ser muito generosa e confiar demais nas pessoas, tendo supostamente sido roubada diversas vezes. Para uma delas, “Cury entrou no negócio e mudou muito o esquema. Ele tinha objetivo financeiros, não se preocupava com o que a marca era”. Para outra, Maria Augusta vendeu sua parte porque precisava do dinheiro, “estava em maus lençóis”. Considerado por Homero como “um gênio, muito inteligente”, Cury Neto tomou conta da Socila Rio de Janeiro e se tornou sócio também da Socila Minas Gerais, com 20% do negócio.

Sr. Homero não sabe precisar quando Maria Augusta se afastou, mas se lembra de tratar mais diretamente com Cury Neto. Quando a Natura cancelou a distribuição de seus produtos pela Socila, em episódio relatado pelo próprio Luiz Seabra acima, decidiram lançar produtos de marca própria para concorrer com a antiga parceira. De acordo com sr. Homero, os cosméticos da Socila eram então fabricados por outra marca que, mais tarde, viria a ter expressão nacional: O Boticário, na época uma pequena empresa, tal qual a Natura quando distribuía seus produtos via Socila.

Sr. Homero se recorda de lidar com um homem de nome Miguel; tudo leva a crer que se trata de Miguel Krigsner, que fundou O Boticário em 1977²⁰⁸. A linha de cosméticos da Socila, sobretudo maquiagem, “foi um sucesso no Rio e em Minas!”, conta sr. Homero. Mas nem tudo eram flores. Maria Augusta conta no

²⁰⁷ As chefonas. *O Globo Feminino*, *O Globo*, Geral, 01 de maio de 1972, p. 4.

²⁰⁸ Informações disponíveis em: <https://www.boticario.com.br/nossa-historia/>, acesso em 08 de fevereiro de 2022.

livro *O Brasil na moda*²⁰⁹ que se desentendia com o sócio (ao que parece, Cury Neto), e que tiveram conflitos porque ele não aceitava uma mulher lhe dando ordens. Segundo o mesmo depoimento, ela viu crescer a influência do sócio, sentiu que perdeu o controle financeiro e se incomodou quando ele começou a trazer “apadrinhadas suas” para a Socila. A gota d’água teria sido em 1980:

[Maria Augusta] recebeu um telefonema que a alertava para um escândalo iminente. Uma mãe indignada estava acusando seu sócio de fazer mal à filha adolescente. Maria Augusta passara os últimos 25 anos construindo um nome acima de qualquer suspeita e não queria correr riscos. Vendeu sua parte na sociedade e afastou-se da empresa. A Socila perdia sua alma.

No mesmo depoimento, Maria Augusta diz que dois anos depois Cury Neto a teria procurado para que ela retomasse a Socila; mas ele acabou morrendo sem concluir as negociações - e ela perdeu a marca. Homero Fontes diz que Cury Neto era diabético e morreu de supetão, deixando a Socila Rio abandonada. E que ele (Homero) teria convencido Miguel, do Boticário, a comprar a marca, especialmente para concorrer com a Natura, que não vendia maquiagem. Mas com a morte de Cury Neto a Socila Rio ficou sem dono: o sobrinho do advogado, um rapaz de nome Marcos, teria dificultado as negociações e, segundo sr. Homero, “foi tudo por água abaixo”.

A representação em Minas Gerais já tinha sido abandonada quando a Natura saiu de cena. E nem o nome Socila sobreviveu: não havia nada muito “amarrado”; na lembrança do sr. Homero, a Socila ficou registrada com vários braços diferentes, com vários usos. Ele conseguiu reativar a marca Socila Escola em Belo Horizonte, mas em virtude do abandono, a rede de salões de beleza Socila, mencionada anteriormente, conseguiu registrar a marca naquele segmento. Homero considera, inclusive, que “destroçaram o nome Socila, tem em qualquer esquina”.

No Rio de Janeiro, a Socila Tijuca permanece ativa. A proprietária Ruth Alves, em entrevista para esta pesquisa²¹⁰, conta que assumiu o local em 2012, quando Maria Augusta já tinha morrido, mas sabe que “ela havia vendido a Socila para o Cury muitos anos antes e depois voltou, contratada como professora de

²⁰⁹ 2003, p. 893. Ver referências bibliográficas.

²¹⁰ Entrevista realizada por meio do aplicativo de mensagens *Whatsapp*, em junho de 2021.

etiqueta e “Embaixadora da Socila”, até se aposentar. Quando adoeceu, se afastou definitivamente do *high society*”.

Segundo Ruth, em algum momento Cury Neto teria ido morar nos Estados Unidos com a família e teria vendido a Socila Rio para um senhor de nome Manuel (talvez sejam a mesma pessoa, pois Cury Neto se chamava Carlos Emanuel). Ele teria vendido para uma funcionária do estabelecimento, que fez um novo CNPJ, porque o anterior “tinhas muitos problemas”. Em 2012, esta mulher vendeu a Socila para Ruth, hoje estabelecida na Tijuca “no mesmo endereço em que esteve nos últimos 20 anos”, segundo ela.

Inicialmente Ruth manteve a Socila como salão de beleza, estética e curso de etiqueta no endereço da Tijuca, mas “depois, já visando uma transição, fechei a parte de serviços e deixei só o curso online”. Ruth reverencia Maria Augusta e seu legado, se considera “a herdeira atual do *know-how* e fiel representante da história e dos valores reais da Socila”. Ela diz: “tenho uma forte consciência da responsabilidade social e histórica da marca, por isso estou sempre estudando o movimento e as demandas sociais, para adequar o posicionamento em nossos cursos”.

Figura 15 – Socila Tijuca



Fonte: página no Facebook²¹¹

Entre 1970 e 1980, Maria Augusta cursou e ministrou diversos cursos e recebeu homenagens em muitas áreas, com destaque para o título de Benemerita do Estado da Guanabara, proposto em 1974 pelo então deputado estadual Victorino James (ARENA), filho de Nuta James, importante feminista brasileira; em 1981, se habilitou como profissional de Relações Públicas; e se estava fora da Socila desde

²¹¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/antigasocila/>. Acesso em 28 de maio de 2022.

1980, em 1984 voltou ao jogo com o Maria Augusta *Studios*, no luxuoso Hotel Glória, no Rio de Janeiro:

A fundadora da primeira escola de aperfeiçoamento social da mulher, Maria Augusta, acaba de inaugurar no hotel Glória o Maria Augusta Studios que, segundo sua própria definição, propõe uma "nova ideia de mulher". Na verdade, através dos mais diversos setores, da beleza ao comportamento, Maria Augusta oferece, utilizando a infraestrutura do hotel, como suas áreas de lazer, salas de ginástica e cabelereiro, o aprimoramento feminino²¹².

Em documento²¹³ que guardou em seu acervo pessoal, Maria Augusta detalhou a programação de cursos, eventos e atividades do novo espaço, começando pelo evento de inauguração em março de 1984. Dentre as opções, estavam mantidos os cursos com apostilas sobre “aperfeiçoamento social”, que passou a se chamar comportamento social, além de linguagem do corpo e bem vestir (as apostilas estudadas nesta pesquisa são do Maria Augusta *Studios*), mas o programa ia muito além: dentre as programações para junho daquele ano havia um “Seminário de Sexologia”, com temas que se misturavam e iam desde “sexualidade e poder” até *Chi-kun*, uma prática aparentemente com foco na respiração e no fluxo de energias, similar ao *Tai Chi Chuan*²¹⁴, passando por “amor e reprodução” e “educação”.

O que surpreende são os nomes escolhidos: para falar de “sexualidade e poder”, Rose Marie Muraro, figura central na luta pela emancipação das mulheres, a tal ponto que em 2005 viria a receber o título de Patrona do Feminismo Nacional²¹⁵, concedido pelo Congresso Nacional e pelo Governo Federal; para falar sobre “educação”, a sexóloga Marta Suplicy²¹⁶, que mais tarde viria a ser deputada federal, prefeita de São Paulo, ministra do Turismo e da Cultura e senadora, mas

²¹² Da beleza ao comportamento, seminário completo sobre a mulher. *O Globo*, Jornal da Família, 18 de março de 1984, p. 3.

²¹³ Cedido por Lara Sayão, sobrinha-neta de Maria Augusta.

²¹⁴ Informações retiradas da sinopse do livro de Sonia Amaral, que daria a palestra sobre *Chi-kun* no Maria Augusta *Studios*. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Chi-Kun-Ricardo-Amaral/dp/8587098721>, acesso em 09 de fevereiro de 2022.

²¹⁵ ONU Mulheres destaca o legado da feminista Rose Marie Muraro. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-mulheres-destaca-o-legado-da-feminista-rose-marie-muraro/>, acesso em 09 de fevereiro de 2022.

²¹⁶ Biografia disponível em: <http://martasuplicy.com.br/>, acesso em 09 de fevereiro de 2022.

que já naquela época comandava o quadro “Comportamento sexual” no programa *TV Mulher*, que abordava temas considerados tabus²¹⁷.

O evento foi divulgado na imprensa²¹⁸, confirmando data (25 a 29 de junho de 1984), local (centro de convenções do Hotel Glória) e as palestrantes citadas. Maria Augusta era notícia outra vez? Talvez, mas sem o mesmo destaque: na mesma página em que o evento sobre sexualidade valeu apenas uma nota, uma coluna sobre etiqueta ocupava quase meia página. Quem assina não é Maria Augusta, e sim Martha Calderaro, autora do então recém-lançado livro *Etiqueta e boas maneiras* (1983)²¹⁹.

Para o ano seguinte, 1985, mais planos: em sua programação o Maria Augusta *Studios* contaria com a presença da escritora Marina Colasanti, que como vimos, fez parte de um grupo de modelos da Socila no final dos anos 1950, para falar sobre “a nova mulher”, título e tema de seu livro lançado em 1980. Colasanti, em entrevista para esta pesquisa, alega que não se recorda de todas as palestras que fez, porque foram muitas, e não confirma nem desmente que esteve no evento. Mas o fato de Maria Augusta planejar encontros com tais nomes dá indícios dos temas que lhe interessava debater – e do seu interesse em ouvir e amplificar a voz de mulheres feministas.

Embora a imprensa²²⁰ tenha noticiado a abertura do Maria Augusta *Studios* como um espaço que propunha uma “nova ideia de mulher” e que oferecia, para isso, toda a estrutura para o “aprimoramento feminino”, “da beleza ao comportamento”, a programação do novo estabelecimento abordava inúmeras frentes. Seja por falta de foco, desejo de ampliar o repertório das mulheres ou necessidade financeira (possivelmente uma combinação das três coisas), Maria Augusta programou eventos de toda natureza; na programação traçada no papel e

²¹⁷ *Memória Globo*. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/auditorio-e-variedades/tv-mulher/quadros-e-colunas/comportamento-sexual/>, acesso em 09 de fevereiro de 2022.

²¹⁸ *O Globo*, Jornal da Família, 10 de junho de 1984, p. 5.

²¹⁹ Quando vi o nome de Martha Calderaro, sabia que a conhecia. Busquei na estante e encontrei um exemplar de seu livro. Agradeço à amiga Bianca Dramali, colega na pós-graduação da PUC-Rio que, sabendo do meu interesse pelo tema, quando avistou este exemplar em um sebo, gentilmente o adquiriu para mim.

²²⁰ Da beleza ao comportamento, seminário completo sobre a mulher. *O Globo*, Jornal da Família, 18 de março de 1984, p. 3.

prevista para se realizar de março de 1984 a julho de 1986, propunha-se de tudo um pouco, até atividades de difícil compreensão.

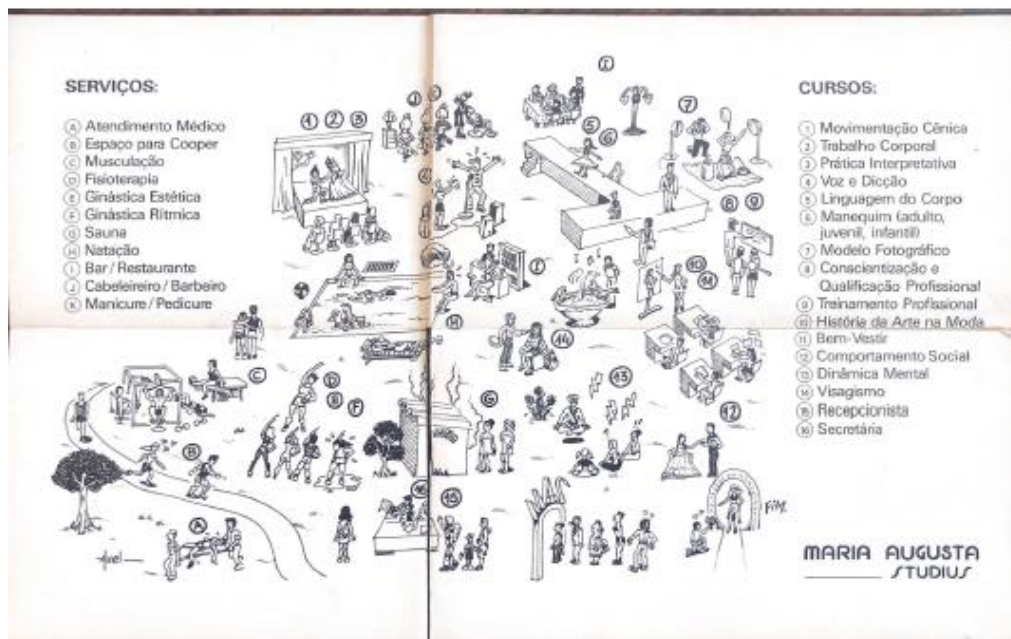
Não se sabe se todas realmente aconteceram, mas o planejamento no papel era consistente; em muitos casos indicava o profissional responsável, em outros, apontava as empresas contratantes dos serviços de Maria Augusta. Entre atividades, cursos, palestras e eventos, a proposta era que passassem por lá, entre 1984 e 1986, especialistas das mais diversas áreas: psicologia, relações humanas, bem vestir, comunicação pessoal, comportamento social, etiqueta à mesa, biodança, arquitetura, cirurgia plástica, visagismo, jazz e sapateado, medicina, estética e trabalho corporal, “análise transacional”, controle e desenvolvimento mental; também eventos de moda, como desfiles do curso de manequim infanto-juvenil do Maria Augusta *Studios*; espetáculos de “dança moderna”, seminários de “atualização da mulher”, cursos de etiqueta social para colégios, palestras de “treinamento social para esposas de executivos”, e cursos externos de “linguagem do corpo e história da moda”, realizados em outros estados, como Maranhão e Mato Grosso.

Havia também eventos contratados por empresas, como um seminário de “atualização para secretárias executivas”, “treinamento profissional para secretárias e recepcionistas”, curso de “aperfeiçoamento profissional para recepcionistas e telefonistas”, e até um seminário para executivos, com curso de “comportamento social e profissional” para homens, além de eventos beneficentes e até mesmo palestra sobre “ecologia humana”.

Na programação mencionada, aparece mais de uma vez uma conferência sobre “cérebro e mente”, ministrada por José Silva, “presidente do *Silva Mind Control International Inc*”. Maria Augusta fez um curso com ele no Texas, Estados Unidos, em junho de 1983²²¹. Anselmo Duarte Jr., afilhado de Maria Augusta, se lembra que a madrinha estava “animadíssima com o novo começo”; em sua memória ficou registrado o curso de controle da mente que ela passou a oferecer e que insistia para que ele fizesse.

²²¹ O certificado estava entre seus pertences, que pude acessar por meio do acervo em posse de sua sobrinha-neta, Lara Sayão.

Figura 16 – Mapa do Maria Augusta Studius, no Hotel Glória



Fonte: acervo pessoal Maria Augusta

Dali em diante, a presença do Maria Augusta *Studius* na imprensa se deu mais por meio de publicidade do que como notícia. Anúncio publicado em 1985²²² publiciza um “curso de férias intensivo”, englobando automaquiagem, bem vestir, linguagem do corpo, comportamento social, expressão corporal e harmonia do corpo, além de colônia de férias - sugerindo que o espaço também passou a se destinar a crianças, o que faz sentido dado os cursos de manequim infantil que passou a oferecer - com ginástica aquática, jazz, teatrinho, educação artística, boas maneiras, recreação com jogos dirigidos, postura, higiene corporal.

Em 1987, anúncio²²³ divulga os cursos de “expressão vocal”, incluindo voz e dicção, imitação, eloquência, timbre, pronúncia e sotaques, e de “posicionamento frente às câmeras”, como um “curso de extensão para modelos e manequins, adultos e crianças”. Em 1988, outro anúncio²²⁴ comunica “uma chance de carreira internacional” para adultos e crianças com o curso de manequim/modelo profissional.

Nas revistas *Manchete* e *O Cruzeiro*, de cujas páginas Maria Augusta era *habituée* até os anos 1970, fosse falando da Socila, fosse com as manequins

²²² *O Globo*, Matutina, Rio, 22 de junho de 1985, p. 10.

²²³ *O Globo*, Matutina, Rio, 15 de março de 1987, p. 25.

²²⁴ *O Globo*, Matutina, Revista da TV, 21 de fevereiro de 1988, p. 9.

estampando editoriais de moda, passou a se ler sobre ela e a Socila apenas como página do passado. A *Manchete* destaca, em 1987, a volta às passarelas da “manequim brasileira que virou princesa na Itália”²²⁵, referindo-se à Josepha, “descoberta” por Maria Augusta e transformada em modelo, que depois se casou com um italiano (veremos mais sobre essa história nos próximos capítulos).

Em reportagem²²⁶ sobre a carreira de modelo, ilustrada por nomes como a apresentadora Xuxa e a modelo Luma de Oliveira, Maria Augusta é reconhecida como precursora: “Quem deu origem à fábrica de sonhos foi Maria Augusta Nielsen, carioca, 69 anos, criadora da primeira escola de modelos da América do Sul, a Socila”. O texto, publicado em 1992, afirma que no começo dos anos 1980 Maria Augusta “vendeu a Socila e foi viajar pelo mundo”, e que depois abriu o Maria Augusta *Studios* “numa sala do hotel Glória”. Naquele momento o espaço, entretanto, estava desativado, “mas pode voltar a qualquer momento”.

Não voltou. Sem Maria Augusta na sociedade, na década de 1990 a Socila permanece anunciando serviços de estética no jornal *O Globo*²²⁷, divulgando ao menos quatro endereços no Rio de Janeiro, três deles em áreas nobres da cidade: na rua Prudente de Moraes, 416, Ipanema; na rua Pinheiro Machado, 151, Laranjeiras; a Socila-Escola, na rua Fonte da Saudade, 268, Lagoa; e uma filial na rua Borja Reis, 165, no bairro do Engenho de Dentro/Méier. Lígia, sócia-fundadora da Socila ao lado de Maria Augusta, morre em 1997, como vimos.

²²⁵ Josepha Massimo, a manequim brasileira que virou princesa na Itália, volta às passarelas. *Manchete*, ed. 1815, 1987, p. 73-77.

²²⁶ Escola de modelos, a fábrica de sonhos. *Manchete*, ed. 2100, 1992, p. 80.

²²⁷ *O Globo*, Matutina, Rio, 13 de abril de 1991, p. 8.

Figura 17 – Reportagem de 1997. “Perdendo a pose: escola de etiqueta que marcou época, a Socila troca a Lagoa pelo Méier”.



Fonte: acervo pessoal Maria Augusta.

Nos anos 2000 a Socila continuou anunciando serviços de estética e beleza no jornal *O Globo*, divulgando basicamente dois endereços: o da rua Borja Reis, 165, no Engenho de Dentro/Méier, e o da rua Padre Elias Gorayeb, 25, na Tijuca, hoje propriedade de Ruth Alves. Em 2003 Anselmo Duarte Jr. começou as filmagens do documentário *A batuta mágica*, para homenagear a madrinha (o documentário não foi finalizado por falta de verba). Maria Augusta voltou a aparecer na imprensa, em matérias remetendo aos tempos áureos da Socila e à personagem inspirada nela e vivida por Mila Moreira na minissérie JK, em 2006 (que ela não gostou). As chamadas a enaltecem: “Gugu, porque elegância é fundamental”²²⁸, “Momento Socila”²²⁹, “Sempre elegante”²³⁰, “Senhora elegância”²³¹ são algumas delas. Perguntada no *Programa Almanaque*, da *GloboNews*²³², sobre como era estar de novo sob os holofotes, ela respondeu, bem-humorada:

Eu achei tão interessante como é que aos 82 anos eu vou pra

²²⁸ *O Globo*, Caderno Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

²²⁹ *O Globo*, Infoetc, 25 de junho de 2007, p. 4.

²³⁰ *O Globo*, Segundo Caderno, 18 de agosto de 2008, p. 3.

²³¹ *O Globo*, Segundo Caderno, 04 de novembro de 2009, p. 3.

²³² Entrevista à Regina Martelli, exibida em 22 de agosto de 2005.

mídia [risos]. Estou achando muito interessante. Eu amo a vida, eu sou uma mulher muito feliz, isso tinha que acontecer comigo, porque as coisas materiais acabam, como acabou toda a vida que eu tive, as minhas coisas, as minhas pratas, os meus quadros, os meus tapetes, e que importa? Que valor tem isso? Quem vem aqui vem me ver. Não vem ver os porta-retratos de prata. Mas estão todos ali. (risos). E sou muito amada.

Neste período Maria Augusta morava sozinha na Gávea. Segundo pessoas próximas entrevistadas para esta pesquisa, recebia uma pequena aposentaria do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), complementada pela ajuda de amigos e de modelos que ela lançou. Uma delas contou, em entrevista para esta pesquisa, que vinha ao Rio de Janeiro e trazia queijos, doces, presentes que pensava que teriam utilidade para Maria Augusta – uma forma de ajudar sem ofendê-la.

Segundo a própria Maria Augusta²³³, ela ficou praticamente cega do olho esquerdo e com 10% de visão no olho direito. “É irreversível”, contou. Mas não perdia a alegria de viver, segundo vários depoimentos; em mais uma demonstração do quanto prezava sua autonomia, foi aprender braile no Instituto Benjamin Constant²³⁴. Estava pobre, mas se dizia privilegiada:

Não me lembro de coisas desagradáveis e acho ótimo. Fiquei muito rica, depois houve um final melancólico. Estou pobre, essa é a verdade, mas estou feliz, as coisas materiais não me fazem falta. Não me sinto sozinha, recebo meus amigos, vivo de amor, por isso não fico velha²³⁵.

Maria Augusta morreu em 01 de novembro de 2009, aos 86 anos, vítima de uma parada cardíaca não especificada. Estava no apartamento 801 da Rua Xavier da Silveira, 56, em Copacabana – bairro importante para a história da Socila. Parentes confirmam que o endereço era a casa de uma amiga com quem ela estava morando, a pianista e xará Maria Augusta Rogenroth, também já falecida. Ninguém da família recebe nenhum tipo de *royalties* da Socila, nem Maria Augusta recebeu quando viva. Na entrevista para o *Programa Almanaque* (2005), ela considerou escrever sobre sua vida:

Eu, escrever... pode ser, até. Mas tem algumas pessoas

²³³ Gugu, porque elegância é fundamental. *O Globo*, Caderno Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

²³⁴ Referência nacional em capacitação de pessoas cegas, com baixa visão e surdocegas. Informação retirada do site do Governo Federal. Disponível em: <https://www.gov.br/ibc/pt-br>, acesso em 23 de fevereiro de 2022.

²³⁵ Gugu, porque elegância é fundamental. *O Globo*, Caderno Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

interessadas sim. Pode ser que saia. Porque realmente a minha vida foi muito rica de acontecimentos. Não só Miss Brasil, não é só isso. A história do meu trabalho, minha história também, um pouco de sociedade, um pouco de política, um pouco de tudo aconteceu na minha vida. Minhas viagens em volta do mundo, sempre pesquisando as coisas femininas para poder incrementar aqui no Brasil e tal, foi uma vida rica de acontecimentos. Realmente tem muita coisa para contar.

Maria Augusta não conseguiu escrever sobre si. Mas sua vida fala por ela, assim como suas declarações à imprensa, a fachada que construiu para si e o legado da Socila, que se mantém – e mantém Maria Augusta – viva no imaginário, muito em virtude da imprensa. “Maria Augusta queria viajar o mundo”. Conseguiu bem mais do que isso.

2.4. A fachada de Maria Augusta: biografia, mediação e campo de possibilidades

Na coletânea *Usos e abusos da história oral* (2006), Giovanni Levi questiona: pode-se escrever a vida de um indivíduo? Para além do que ele chama de pretexto da falta de fontes, o autor defende que as distorções mais gritantes se devem ao fato de que historiadores, como ele, imaginam atores históricos obedecendo a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado, relatando fatos que sigam uma cronologia ordenada, “uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas” (LEVI, 2006, p. 169), quando a própria complexidade da identidade, sua formação não-linear e suas contradições são protagonistas dos problemas biográficos. Para Pierre Bourdieu ([1986] 2006), falar de história de vida é pressupor que a vida é uma história, e que como tal, é o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história, também o relato dessa história:

Essa propensão a tornar-se o ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência, como as que implica a sua instituição como causas ou, com mais frequência, como fins, conta com a cumplicidade natural do biógrafo, que, a começar por suas disposições de profissional da interpretação, só pode ser levado a aceitar essa criação artificial de sentido (BOURDIEU, [1986] 2006, p. 184-185).

Para Bourdieu ([1986] 2006), o mundo social dispõe de instituições de totalização e de unificação do eu, incluindo o nome próprio: uma forma inteiramente singular de nominação por meio da qual se institui uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo em todos os campos possíveis onde ele seja agente. O nome próprio daria à Maria Augusta uma unicidade, fosse ela a “tia” Maria Augusta na vida das sobrinhas-netas que deram depoimento para este trabalho, a Maria Augusta da Socila, a esposa de “Pitt” Nielsen, a mestra da elegância, a fada-madrinha das candidatas a miss Brasil.

Segundo o sociólogo, o nome próprio intervém como agente em todas as histórias de vida do indivíduo, assegura a constância através do tempo e a unidade através dos espaços sociais. Bourdieu ([1986] 2006) entende que o relato de vida se aproxima do modelo oficial da apresentação de si, como carteira de identidade, ficha de estado civil, *curriculum vitae* etc. Entretanto, ressalta: seria absurdo tentar compreender uma vida como uma série única de acontecimentos sucessivos, ignorando que provavelmente a constância dessa vida é somente a do nome próprio. Há o risco da “ilusão biográfica”, por parte de quem escreve sobre si ou por quem tenta escrever a biografia de outro; a trajetória não é uma sucessão de acontecimentos, tampouco podemos compreendê-la sem construir um conjunto das relações objetivas que atravessaram o agente considerado.

Erving Goffman (1963 [1982]), no livro *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, analisa biografia e identidade social. Para ele, biografia é o resultado do entrelaçamento entre identidade pessoal e identidade social, uma espécie de somatório das interações sociais das quais participa e da informação disponível sobre si mesmo. Goffman diz que não importa se a linha biográfica de um indivíduo está apenas na mente daqueles com quem ele convive ou se está sistematizada nos arquivos de uma organização; o fato é que o indivíduo é uma entidade sobre a qual se estrutura uma história, é um objeto para biografia.

Assumimos que um indivíduo só pode ter uma única biografia; no entanto, quando é encarado pela perspectiva do papel social que representa, há uma multiplicidade de “eus”, podendo o indivíduo até mesmo manipular informações sobre seu passado. Goffman (1963 [1982]) afirma que não há dúvidas que os meios de comunicação de massa desempenham um papel central nesse sentido, tornando

possível que uma pessoa privada seja transformada em figura pública, cuja imagem passa a se constituir de uma seleção de fatos sobre este indivíduo.

Maria Augusta morreu em 2009, portanto não pude ouvir diretamente dela um relato sobre si mesma; mas tomo a imprensa como mediadora da construção de sua trajetória e das relações sociais que ajudam a tecer tal trajetória que, entretanto, não obedece a um modelo cronológico nem a uma formação linear, privilegiando, ao contrário, suas contradições, mas também buscando estabelecer conexões entre os acontecimentos para lhes dar coerência.

Para além do nome próprio que institui uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo em todos os campos possíveis onde ele seja agente, como diz Bourdieu ([1986] 2006), busca-se compreender sua trajetória e as relações sociais que a atravessaram. Quando pensamos sobre as informações que constroem a biografia de Maria Augusta na imprensa, temos dois momentos da seleção de fatos: a seleção (pelo jornalista) do que seria publicado, e a seleção do indivíduo (feita por Maria Augusta), considerando o que desejava contar sobre sua vida.

As divergências e incoerências de datas e fatos perpassam a narrativa da história de Maria Augusta e da Socila; para além das diversas datas mencionadas na imprensa sobre o ano de fundação da escola, a história de Maria Augusta também é contada de diversas formas por ela mesma. Qual é, afinal, o ano de fundação da Socila? Maria Augusta frequentou a *Power School* em Nova York? Isso aconteceu antes ou depois de fundar a Socila? Antes da Socila, quem era Maria Augusta?

Não mencionava seus pais e irmãos. Sua vida pregressa. A família tinha boas condições financeiras? Maria Augusta cresceu aprendendo etiqueta em casa, tal qual as “moças de boa família da época”? Se não, de onde veio a perspicácia para abrir a Socila e transformá-la em uma escola de aperfeiçoamento social para moças? São respostas que nem a imprensa, nem as entrevistas para esta pesquisa conseguiram dar. Ela também não citava seu primeiro casamento, com Vasile Andrian (de quem se desquitou em 1953), provavelmente com receio do preconceito contra uma mulher desquitada.

Segundo Goffman ([1963] 1982), a descoberta de algum defeito secreto “desacreditável” prejudica a situação social corrente e as relações sociais

estabelecidas, interfere nas aparências e na reputação, de modo que o estigma e o esforço para esconder ou consertar tal “defeito” se fixam como parte da identidade social. No caso de Maria Augusta, é presumível que o desquite se configuraria como um “defeito secreto desacreditável” que desabonaria a sua reputação. Que outros haveria?

Em seus estudos sobre as interações entre os indivíduos, Goffman ([1959] 2014) considerou a vida como um palco de representações, e cada indivíduo como um ator social que representa um papel - para o qual necessita de máscaras sociais. Utilizei a tese sobre a representação de si mesmo para os outros, analisada por ele em *A representação do eu na vida cotidiana*, na minha dissertação de mestrado (MEDEIROS, 2017). Na ocasião, discuti a função de manuais de etiqueta como guias para novos mundos: bastaria seguir as regras discriminadas nos livros que a inclusão social estaria garantida - ao menos era o que autores dos manuais pregavam. A promessa dos guias de civilidade era justamente traduzir normas que dessem segurança aos atores para atuarem nos palcos em que exerciam as relações sociais, a fim de causarem uma determinada impressão a quem lhes observasse, obtendo assim as respostas desejadas.

Goffman ([1959] 2014, p. 13) diz que quando um indivíduo chega à presença de outros, é comum que estes outros procurem obter informações a seu respeito, e que tais informações ajudam a “definir a situação”, “tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar”²³⁶. E mais: se o indivíduo for desconhecido, é a partir de sua conduta e aparência, segundo Goffman, que quem lhe observa poderá presumir de quem se trata e, assim, utilizar experiências anteriores e “aplicar-lhe estereótipos não comprovados”.

Goffman ([1959] 2014) divide a expressividade do sujeito, conseqüentemente sua capacidade de dar impressão, em duas frentes: a expressão que ele transmite, ou seja, os símbolos verbais, o que fala objetivamente, e a expressão que ele emite, constituída a partir de uma ampla gama de ações – mas ambas, a mais objetiva e a mais subjetiva, podem ser dissimuladas a fim de causar uma determinada impressão. Não importa o objetivo que se tenha em mente e a

²³⁶ Nota-se aqui a pertinência da crítica de Michelle Perrot (2019) sobre a linguagem, comentada na introdução deste trabalho: o sinônimo do sujeito universal é masculino.

razão deste objetivo, para Goffman será do interesse do sujeito regular a conduta dos outros: “assim, quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitir” (GOFFMAN, [1959] 2014, p. 16).

A Goffman, e nesta pesquisa, interessa mais compreender as expressões emitidas, a lógica teatral dos indivíduos como atores em um palco a fim de causar determinada impressão. Veremos mais à frente como essa lógica era ensinada por Maria Augusta às meninas da Socila: “não se tem uma segunda chance de causar uma boa impressão”, ela dizia. Agora interessa compreender as impressões construídas pela própria Maria Augusta sobre si mesma, atentando para a “ilusão biográfica” observada por Bourdieu ([1986] 2006) e comentada por Tatiana Siciliano (2011, p. 61), quando ressalta que ao falarem sobre si, os sujeitos reconstituem sua trajetória como uma sucessão de acontecimentos; e nesta sucessão pretendida “se eclipsam as contradições, as fragmentações e as incoerências subjetivas na vivência dos múltiplos papéis sociais”. A autonarrativa, portanto, é ilusória ao tentar dar à vida um sentido coerente, uma vez que a descontinuidade faz parte da trajetória, assim como as relações objetivas que possibilitam a compreensão do contexto em que a trajetória se desenrolou.

Maria Augusta passou a ser mencionada na imprensa quando já estava à frente da Socila, mas contou sua história em retrospectiva algumas vezes. Na construção da narrativa sobre si mesma, se apresenta como mulher até então solteira (quando era desquitada), de boa família (da qual ela nunca fala), supostamente com recursos para frequentar uma escola em Nova York que ensinava boas maneiras às moças. Segundo familiares, das cinco meninas da família (Maria Augusta era a mais nova), outras duas tinham um perfil mais “corajoso” (palavras de uma familiar): uma era pianista, outra fundou uma escola; outras irmãs eram casadas com militares e não trabalhavam fora.

Maria Augusta era a mais impetuosa e a que “desbravou o mundo”, segundo depoimento. Mesmo as que trabalhavam fora, depois de casadas davam muito valor ao papel de esposa e mãe. Maria Augusta era exceção, e depois de ter se tornado uma figura pública, contou para familiares que seu desejo sempre foi viajar o mundo e ter dinheiro para comprar as roupas que desejava (indicando que a família não tinha posses para custear uma viagem a Nova York, por exemplo). Era alta e magra,

tinha porte de modelo, mas na época a profissão não era regulamentada e não havia a carreira de modelo internacional (a Socila, anos depois, teve papel fundamental para a regulamentação); ela teria então desfilado para uma casa de tecidos no centro do Rio de Janeiro a fim de começar a ter seu próprio dinheiro. Familiares acham que essa vontade de ser modelo ficou nela, tanto que construiu a Socila – mas essa história Maria Augusta não contava à imprensa.

Em retrospectiva na matéria intitulada sugestivamente “Se Maria Augusta falasse”²³⁷, publicada na revista *Manchete* em 1970, quando a Socila já era um sucesso, a jovem Maria Augusta foi retratada como “solteira, com belo porte, uma expressão confiante e um temperamento liberal”, uma moça que “estava a meio caminho da emancipação”. E que para isso precisava, tal qual as jovens da época, de ferramentas que a habilitassem para participar do jogo da vida social: “Faltava a ela, e a toda sua geração, mais estrutura para se impor no mundo extradoméstico”.

Então, segundo a reportagem, “julgando que era mais fácil romper barreiras no exterior, Maria Augusta foi saber o que se passava nos mais famosos cursos de comportamento em Nova York”. Em seguida, de volta ao Brasil, teria aberto a Socila com a amiga Ligia Bastos, nos moldes do “hei de vencer”. As primeiras matérias sobre a Socila na imprensa reforçavam o caráter inovador do negócio e a audácia das jovens. O espírito pioneiro de Maria Augusta era enaltecido com frequência: “Fundadora da primeira escola de aperfeiçoamento social da mulher, (...) Maria Augusta oferece (...) o aprimoramento feminino”²³⁸, “Maria Augusta é reconhecida como precursora [da profissão de modelo]”²³⁹.

O ponto de virada da Socila, tendo Maria Augusta à frente e Ligia nos bastidores, como se pode inferir pelo que vimos até aqui, é a aproximação com a família Kubitschek. “De repente fizeram uma reportagem sobre o assunto, sobre a escola, e nesse setor de postura, a d. Sarah [Kubitschek] se interessou”²⁴⁰. Daí em diante, Maria Augusta passaria a fazer parte da alta sociedade: “d. Sarah abriu portas incríveis, é claro que nós fizemos um bom trabalho, mas também tivemos

²³⁷ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

²³⁸ Da beleza ao comportamento, seminário completo sobre a mulher. *O Globo*, Jornal da Família, 18 de março de 1984, p. 3.

²³⁹ Escola de modelos, a fábrica de sonhos. *Manchete*, ed. 2100, 1992, p. 80.

²⁴⁰ Entrevista concedida à Regina Martelli no Programa Almanaque, exibido na *GloboNews* em 22 de agosto de 2005.

uma estrela fantástica. Depois da temporada no Palácio foi um deus-nos-acuda, veio toda a sociedade procurar a Socila, foi uma maravilha”²⁴¹.

Maria Augusta soube aproveitar a oportunidade: “Então eu tive muitas oportunidades de conversar, de conhecer os políticos todos, o presidente [JK] que era uma pessoa extremamente carismática, e era muito agradável”²⁴². “Até o presidente ia para lá na hora do lanche. E perguntava: “como é que eu estou, professora, estou bem?”. E aí ele desfilava e também dizia que precisava de aulas. Eu dizia: “o senhor não precisa, presidente”, e ele respondia “preciso sim, sou de Minas”. Ele era muito engraçado, ficamos muito amigos”²⁴³. A aproximação com JK foi fundamental para profissionalizar a Socila, como vimos.

Ao longo dos anos dourados da Socila, do final de 1950 até meados de 1970, Maria Augusta apareceu diversas vezes na imprensa como criadora - de misses, de talentos, de artistas, de belezas, de mulheres da “geração Socila” - e orientadora de moças: “portadora de sensível olho clínico”²⁴⁴, “são 14 anos de atividades dentro do mundo feminino, visando orientar e ajudar a mulher no aspecto cultural, social e físico”²⁴⁵, “Maria Augusta cria artistas”²⁴⁶, “ela se dedica a transformar jovens tímidas em mulheres lindas e elegantes”²⁴⁷, “uma das inovadoras nas questões de etiqueta e beleza feminina”²⁴⁸, “ela protege, através da juventude física, também a juventude psicológica de suas clientes”²⁴⁹, “d. Maria Augusta, que sabe elegância e beleza de cor e salteado”²⁵⁰; “Maria Augusta (...) fez do assunto beleza o seu *métier* - quem não a conhece e ao seu famoso bastão de comando nos desfiles de misses?”²⁵¹.

Já era uma figura pública. “Ela ensinou o Brasil a ser elegante. Entre os anos 50 e 70 a empresária Maria Augusta Nielsen ditava o que era de bom tom em

²⁴¹ Gugu, porque elegância é fundamental. *O Globo*, Caderno Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

²⁴² Entrevista concedida à Regina Martelli no Programa Almanaque, exibido na *GloboNews* em 22 de agosto de 2005.

²⁴³ Gugu, porque elegância é fundamental. *O Globo*, Caderno Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

²⁴⁴ Josepha Massimo, a manequim brasileira que virou princesa na Itália volta às passarelas. *Manchete*, ed. 1815, 1987, p. 73-77.

²⁴⁵ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 13 de outubro de 1970, p. 54.

²⁴⁶ A hora é das mulheres: elas venceram pela inteligência e a tenacidade. *Manchete*, ed. 0374, 1959, p. 54.

²⁴⁷ Maria Augusta: qualquer moça pode ser miss. *Manchete*, ed. 0896, 1969, p. 32-33.

²⁴⁸ A toalha que rejuvenesce e liberta energias. *Manchete*, ed. 1685, 1984, p. 101.

²⁴⁹ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

²⁵⁰ O Cruzeiro no Miss Brasil: receita de miss. *O Cruzeiro*, 01 de junho de 1968, p. 120-125.

²⁵¹ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 13 de outubro de 1970, p. 54.

sociedade”²⁵². “Conhecida por sua rigidez - ela marcava o ritmo dos passos das moças na passarela com a ajuda de uma bengala -, Maria Augusta costumava dizer que foi a fada madrinha de muitas Cinderelas”²⁵³. “Gugu, como era carinhosamente chamada, tinha passe livre nas *maisons* em Paris. Gugu ergueu um império da beleza com filiais em quase todo o país”²⁵⁴. A personalidade de quem sabia aonde queria chegar e vivia na base do “hei de vencer”²⁵⁵ é constantemente reforçada: “dinâmica, obstinada, experiente, ela conseguiu para si própria o que pretendia”²⁵⁶. Consolidou seu projeto.

Sua vida inspirou produções audiovisuais: “A vida de Maria Augusta Nielsen, fundadora da escola de etiqueta Socila, vira filme”²⁵⁷ e inspira personagem na minissérie JK. Aos 82 anos, ela conta como ficou amiga de Juscelino e ensinou a brasileira a ser elegante”²⁵⁸, “Fez fortuna e perdeu tudo. Sua vida renderia um filme ou uma novela”²⁵⁹. Apesar dos comentários sobre a exigência com as moças que passavam pela Socila, também era retratada como mera esposa: “Maria Augusta da Socila, no entanto, não é mais do que meia imagem de Maria Augusta Nielsen, a esposa de um industrial tranquilo, que sente por 13 afilhados o amor pelos filhos que não teve”²⁶⁰. Sobre filhos, uma entrevistada me disse que ouviu Maria Augusta dizer várias vezes que não tinha vontade de tê-los; já uma amiga disse que ela desejava ser mãe e não pôde.

Não apenas a imprensa, mas também as entrevistas realizadas para esta pesquisa contribuem para pensarmos a biografia, mesmo que de forma ilusória, de Maria Augusta. Um dos afilhados, Anselmo Duarte Jr., “a sentia como mãe”. As amigas que concederam depoimento a retrataram como alguém com “uma certa ingenuidade”, “uma pessoa muito boa”, “estandarte, elegante, falava bem, educada”, “um mito”, “uma mulher maravilhosa, boa de coração, elegante em todos os aspectos, no modo de se vestir, mas com coração de ouro”, e como alguém que mesmo praticamente cega não perdia o bom humor: “Todo mundo tem altos e

²⁵² Gugu, porque elegância é fundamental. *O Globo*, Caderno Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

²⁵³ Boas (e velhas) maneiras. *Revista O Globo*, 24 de agosto de 2014, p. 16-18.

²⁵⁴ Gugu, porque elegância é fundamental. *O Globo*, Caderno Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

²⁵⁵ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

²⁵⁶ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

²⁵⁷ Referência ao documentário idealizado por Anselmo Duarte Jr., que não foi finalizado.

²⁵⁸ JK e suas aulas de etiqueta. *O Globo*, 02 de julho de 2005. Capa.

²⁵⁹ Gugu, porque elegância é fundamental. *O Globo*, Caderno Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

²⁶⁰ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

baixos. Não me lembro de coisas desagradáveis e acho ótimo”²⁶¹. Mesmo na pobreza, se dizia feliz: “as coisas materiais não me fazem falta. Não me sinto sozinha, recebo meus amigos, vivo de amor, por isso não fico velha”²⁶².

Apesar do otimismo, nos últimos anos de vida sentia falta da etiqueta, que para ela deveria ser eterna: “A evolução da moda é natural, mas tem coisas que não mudam, nas atitudes, por exemplo. Você pode impor suas opiniões de maneira elegante. O que falta no país é educação, em todos os sentidos”²⁶³. E prossegue:

Eu acho que é eterna. Que é... uma parte que entra até a gentileza, não só a educação. A gentileza, a cortesia, o respeito, a ética... tudo isso foi desaparecendo, desaparecendo. Felizmente com os meus pintinhos todos, essa gente que me rodeia, elas conservam, porque as mães foram minhas alunas, e enfim, viveram um pouco da minha história, e sempre me consultam, me perguntam e tal. Estou rodeada de gente ótima, de jovens ótimos. Mas eu vejo assim... que um rapaz não tem mais a cortesia de levantar a porta de um carro para abrir pruma moça, tem pequenos detalhes, quando ele abre a porta ele entra no carro de qualquer maneira, quando deve... é bonita a etiqueta, ele deve passar pela frente do carro para entrar no lugar dele, não por trás, pra que a moça se sinta protegida, tá vendo a pessoa. Veio, fechou a porta, passa pela frente, e vai, entra no carro. Puxar uma cadeira pra ela sentar num restaurante, levantar quando ela levantar pra ir ao telefone, ao banheiro, qualquer coisa, são pequenos detalhes que... parece que não, mas a gente percebe a educação da pessoa. É uma questão de educação também e de cortesia²⁶⁴.

O saudosismo do valor à etiqueta, aos bons modos, de alguma forma encontra eco na imprensa. Na introdução desta pesquisa, vimos trechos de coluna de opinião do jornal *O Globo* que, em pleno século XXI, mencionam a Socila como solução para os problemas do Brasil, ainda que o façam com certa ironia. Entrevistei dois jornalistas que evocam a Socila com alguma frequência em seus artigos; para Joaquim Ferreira dos Santos, como vimos, “Maria Augusta era uma espécie de bedel das misses”, e a Socila teve seu tempo: “Socila dava uma base de comportamento, de sociabilidade, de como se comportar”, mas ele compreende que as mulheres queriam romper com isso. Pensa na Socila de um jeito carinhoso e acha que Maria Augusta foi mesmo audaciosa: “a sociedade era muito careta e, de certa

²⁶¹ Gugu, porque elegância é fundamental. *O Globo*, Caderno Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

²⁶² Gugu, porque elegância é fundamental. *O Globo*, Caderno Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

²⁶³ Gugu, porque elegância é fundamental. *O Globo*, Caderno Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

²⁶⁴ Entrevista concedida à Regina Martelli no Programa Almanaque, exibido na *GloboNews* em 22 de agosto de 2005.

forma, as misses provocavam. Acho que hoje a sociedade conservadora não gostaria”.

Para Leo Aversa, também colunista que menciona diversas vezes a escola, a Socila era a “grande referência de etiqueta e boas maneiras”; “é como a expressão “cair a ficha: a maioria das pessoas que diz isso nunca deve ter usado uma ficha telefônica, mas a expressão ficou”. Para ele, o mesmo ocorre com a Socila: muita gente faz referência à escola como algo que remete às boas maneiras, mesmo sem ter realmente feito Socila. Ambos não conhecem mulheres que tenham feito um curso na instituição, mas se lembram da escola pelas referências na imprensa. Para Aversa, “a Socila tem uma função de superego coletivo”.

A Socila nasce como agência de artistas e acaba se tornando referência nos cursos de modelo e manequim, na preparação de candidatas aos concursos de miss e no aperfeiçoamento social de jovens mulheres. Maria Augusta era a “vitrine”, e seu charme e simpatia lhe renderam amizades como a de JK, enquanto era presidente do Brasil, viagens ao exterior com delegações brasileiras, onde dançou com nomes com Che Guevara, e presença em desfiles em Paris, onde conversou com Coco Chanel. Todas as pessoas que conviveram com ela e deram depoimento para esta pesquisa são unânimes em ressaltar sua educação, simpatia, elegância e bom papo, escolhendo o que dizer e em que hora dizer. E veem a Socila como um drible no papel de esposa e mãe que a mulher dos anos 1950 deveria desempenhar, como veremos mais à frente.

Se não dizer “não” remete a uma mulher passiva, que aceita calada o destino que lhe impõem, este não parece ter sido o caso de Maria Augusta. Parece plausível dizer que ela construiu uma fachada (GOFFMAN, [1959] 2014) para si por meio da imprensa, das declarações que deu e das informações que forneceu sobre sua vida, a partir do seu projeto de ser bem-sucedida e viajar o mundo. A concepção aqui é a de Gilberto Velho (2013), que entende projetos como constitutivos da identidade de indivíduos-sujeitos: assim como a memória, que constrói a identidade retrospectivamente, projetos constroem prospectivamente, estabelecendo metas e ações e possibilitando antecipações do futuro. Maria Augusta queria ganhar dinheiro, viajar o mundo e circular na alta sociedade; o projeto que construiu para si incluía uma memória que lhe possibilitasse, em retrospectiva, atuar na direção de seu projeto; e de modo prospectivo, elaborar seu pretendido sucesso, fortalecendo

a autorreferência e a identidade, alimentando visões do futuro e estratégias de ação para atingir objetivos delimitados.

Tudo isso, para Velho (2013), envolve deliberações e escolhas a partir de um quadro sociocultural e de um campo de possibilidades cujos limites nem sempre são claros. Qual era o campo de possibilidades para as mulheres da época? É bem verdade que a Socila não se contrapunha ao que os maridos desejavam para as esposas, ao contrário, se propunha a reforçar esse papel de boa esposa e boa mãe, de mulher calma e cordata que nunca diz não, da mulher que pode até trabalhar fora, mas não deixa de lado as tarefas domésticas e o cuidado com a família, da que não desafia o que Bourdieu ([1998] 2020) chama de dominação masculina, o *status quo*. Maria Augusta não desafiava, mas “entendia o que tinha que fazer em cada situação”²⁶⁵. Basta nos lembrarmos dos seus três casamentos e seu sucesso profissional para vermos brechas e observarmos nuances nestes comportamentos ditados.

A possibilidade de lidar com vários códigos e viver diferentes papéis sociais, em um processo de metamorfose, dá a indivíduos específicos a condição de mediadores, segundo Velho (2013). Os mediadores, estabelecendo comunicação entre grupos e categorias sociais distintos são, muitas vezes, agentes de transformação, pois sua atuação tem o potencial de alterar fronteiras. DaMatta (1997, p. 101) pensa o Brasil de modo relacional, como um “resíduo de relações, de desejos e de ideias que interfere no poder, mesmo quando ele tem tudo para ser absoluto”. Para ele, o mundo social brasileiro é mais complicado do que parece à primeira vista, e o ambíguo pode ser algo positivo, onde o feminino assume um aspecto relacional como mediador por excelência. A mulher, para DaMatta (1997, p. 117), permite relacionar e, quase sempre, “sintetizar antagonismos e conciliar opostos”, sendo peça fundamental “na relação e no relacionamento”.

Maria Augusta transitou, trouxe informações e buscou traduzir e interpretar preferências e padrões do mundo. Foi mediadora, cruzou fronteiras (geográficas, em suas viagens pelo mundo, e simbólicas) e transformou padrões tradicionais de relacionamento. Tal qual a premissa de Velho (2013) de que o mediador entende o que fazer em cada situação, transita entre mundos socioculturais, media diferentes

²⁶⁵ Depoimento de Isabella Lobato, sobrinha-neta de Maria Augusta, concedido para esta pesquisa em janeiro de 2022.

mundos, estilos de vida e experiências, Maria Augusta assim agiu; nesses encontros são valorizados temas e conjuntos de interesses que são capazes de gerar fontes de prestígio e honra social, além de possíveis canais de mobilidade social.

Essa dimensão mais dinâmica da mediação se associa, segundo Velho (2013), à noção de *liberdade*, na medida em que se sublinha a possibilidade de escolha; não sei se é possível falar em escolha para as mulheres na sociedade brasileira dos anos 1950, em que seu destino estava bem definido; mas como em todo processo, há nuances, e a mediação de Maria Augusta parece ter atuado neste sentido, entendendo que havia algum campo de possibilidades, ainda que restrito, e que para driblar os códigos era preciso compreendê-los – e aprendê-los. Um drible, como dito por entrevistadas.

O conceito de elegância, por exemplo, é construído socialmente a partir de um conjunto de códigos. Elegância passa não só pela vestimenta, mas também pela postura, pela contenção dos gestos, pelo modo de falar. É o que Bourdieu (1983) chama de *habitus*, que veremos a seguir. Embora um homem elegante seja passível de elogio, as mulheres é que são ensinadas a obter elegância mediante esforço, por meio de manuais, apostilas e escolas como a Socila. O homem é o que é – o Sujeito, para Beauvoir ([1949] 2019). A mulher só é alguém por meio da existência masculina, chancelada pelo casamento. O Outro, para a filósofa.

Ora, se a mulher precisa se casar para ter sua existência legitimada, e historicamente ela não escolhe, mas é escolhida, por óbvio haverá uma construção em prol de alcançar este objetivo. Esta construção é a da feminilidade, que inclui as boas maneiras, inculcadas na menina desde a infância, como mostra Beauvoir ([1949] 2019). Quanto mais bem-sucedida a mulher for em desempenhar a feminilidade, mais facilmente alcançará o objetivo do casamento. Mais admirada será na vida social. É também uma questão de mudança de fronteiras; antes restritas ao lar, tão logo as mulheres passam a circular no espaço público lhes são prescritas regras sobre como se portar em todas as circunstâncias possíveis.

A elegância depende das roupas, mas não só. A mulher bem-comportada, dócil, passiva, contida, é também elegante. Tudo isso era ensinado pela Socila, o que em um primeiro momento nos faria pressupor que se tratava de uma instituição opressora. Mas como vimos, Maria Augusta parece mais ter encontrado uma brecha

no campo de possibilidades (VELHO, 2013) das mulheres da época, atuando como mediadora, construindo sua “fachada pessoal” que, para Goffman ([1959] 2014, p. 36) incluía os distintivos da função ou da categoria, aqueles que “de modo mais íntimo identificamos com o próprio ator”, e que além de características físicas, inclui “atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes”.

A fachada acompanha o ator aonde quer que ele vá, compatibilizando a aparência e as maneiras, e “quando um ator assume um papel social estabelecido, geralmente verifica que uma determinada fachada já foi estabelecida para esse papel” (GOFFMAN, [1959] 2014, p. 40). Maria Augusta, ao passo que marcava a postura das moças com a batida de sua bengala no chão, era a mediadora, a construtora de fachada para si e para outras mulheres, consolidando seu projeto que, no entanto, tem raízes bem mais antigas.

2.5. Uma nova sociabilidade para a mulher

A historiadora Michelle Perrot (2019, p. 17) aponta que, outrora mais restritas a atividades religiosas, menos vistas no espaço público, historicamente as mulheres são invisíveis, e tal invisibilidade, assim como seu silêncio, fazem parte da “ordem das coisas”. A aparição da mulher causa medo, desordem, perturba a tranquilidade e o *status quo*. Mas a urbanização no Brasil do século XX ampliou os espaços de sociabilidade feminina: não mais absolutamente restritas ao do lar, mães, esposas, donas de casa passaram a ser também consumidoras e leitoras de revistas femininas, a desfrutar do espaço público e a experimentar novas formas de sociabilidade.

O tema é objeto de pesquisa de Maria Claudia Bonadio (2019), que estudou sociabilidade feminina nos anos 1920 e fez um recorte de mulheres da elite paulistana. No Brasil, lojas de departamento como o *Mappin Stores* se consagraram como espaço de convivência para esta mulher que circulava também no espaço público - embora não sem regras, embora não exatamente “livre”.

Antes do *Mappin*, as lojas de departamento que surgiram na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos a partir da segunda metade do século XIX, denominadas *grands magasins*, já eram espaços protagonizados por mulheres: de

acordo com Everardo Rocha e Beatriz Beraldo (2019), fosse como consumidoras principais ou funcionárias contratadas, a frequência feminina nos *grands magasins* era extremamente significativa, por ser um dos primeiros espaços públicos que as mulheres podiam frequentar desacompanhadas. Eram também, segundo os autores, um lugar fundamental na construção do consumo como atividade prazerosa.

Também Erika Rappaport (2004, p. 164) observa que no ambiente dos grandes magazines as compras não eram um mero ato econômico, mas um evento social e cultural, e que tais espaços funcionavam como uma “instituição social e cultural para as mulheres”. A moda acompanha e dita a sociabilidade: ao longo da década de 1920 as formas das roupas mudam, dando mais conforto e liberdade de movimentos às mulheres, funcionando como “aliadas à participação da mulher no espaço público” (Bonadio, 2019, p. 14), ainda que estas continuassem passando a maior parte do tempo na esfera privada. O contato com o espaço público acontecia no momento das compras e de passeios – daí a importância das lojas de departamento -, incentivados pela publicidade estampada em revistas femininas e pelo estabelecimento do comércio de moda.

De acordo com Bonadio (2019), durante o século XIX a indumentária antagonizava homens e mulheres, marcando a distinção entre os sexos. As roupas do homem não deviam destacá-lo, ele deveria misturar-se à multidão uma vez que se ocupava das tarefas fora de casa. Em contrapartida, a moda para mulheres ressaltava seios e ancas, como corpos que celebravam a maternidade, “que completa sua feminilidade” (PERROT, 2019, p. 47). É por volta de 1920 que ocorre uma mudança considerável que, de acordo com Bonadio (2019, p. 109) remodela “a silhueta das mulheres, as relações de gênero e os espaços de sociabilidade feminina”: a popularização das bicicletas, que pede roupas mais leves para a mulher, ao passo que a medicina, por um lado, e os movimentos feministas, por outro, começam a bradar contra o uso do espartilho.

Moda e esporte propõem um novo padrão estético que começa a valorizar o corpo feminino, suas formas e seu aspecto jovial. Mas não foi simples: no século XIX a bicicleta, objeto de estudo de Beatriz Beraldo (2019) em sua tese de doutorado, sofreu interdições com relação ao seu uso por mulheres. Dentre os vários argumentos contra as pedaladas femininas, destacava-se o discurso médico que

alertava para prejuízos físicos e de saúde para a mulher, incluindo infertilidade e possibilidade de excitação sexual, em clara tentativa de controle do corpo feminino.

Com o tempo, segundo Rocha e Beraldo (2019), a bicicleta se tornou um símbolo de transformação na vida pública e política das mulheres, a ponto de a sufragista Susan Anthony (reconhecida como pioneira na atuação política feminista nos Estados Unidos) relacionar o bem de consumo ao movimento feminista, dizendo que a bicicleta “fez mais para a emancipação feminina do que qualquer outra coisa no mundo. Eu paro e me regozijo toda vez que vejo uma mulher pedalando” (ROCHA e BERALDO, 2019, p. 71). O uso da bicicleta por mulheres também alterou toda uma gramática do vestuário, uma vez que as roupas utilizadas até então não eram convenientes para as pedaladas femininas.

O diálogo entre moda, circulação no espaço público e bens de consumo importa porque historicamente a mulher é feita de aparências, e suas aparições em público são regidas por códigos precisos, como narra Perrot (2019, p. 50). O pouco interesse pelas pernas no século XIX é suplantado por vestidos mais acinturados e bainhas que deixam os tornozelos à mostra no século XX. A busca da esbeltez e a obsessão pela magreza substituem as formas arredondadas da “bela mulher de 1900”; a moda é importante porque “num misto de prazer e tirania” transforma as aparências e, no começo do século XX, concede mais liberdade de movimento para a mulher.

Entretanto, o papel que lhe é historicamente atribuído, de esposa e mãe, do lar, permanece intacto. Considerado por Perrot (2019) o ápice do estado de ser mulher, o casamento é a condição normal, sendo o celibato a situação da mulher que não foi escolhida, da desprezada. Ainda que o papel da mulher permanecesse mais restrito ao lar, as mulheres da elite paulistana e as do Rio de Janeiro, então Capital Federal, cada vez mais caminhavam pelas ruas praticando “pedestrianismo” (BONADIO, 2019, p. 112), que ganhou *status* de esporte, estimulado por médicos e higienistas; a nova configuração da cidade, a circulação de mulheres no espaço público, a moda e o consumo possibilitaram, para Bonadio (2019, p. 112), “uma reestruturação, embora modesta, na definição de feminilidade”.

E o que definia esta feminilidade? Os cabelos longos historicamente representam a sensualidade, sugerem uma “proximidade da natureza, da

animalidade, do sexo e do pecado” (PERROT, 2019, p. 54). Nas pinturas do Renascimento, a sensualidade é representada pelo corpo da mulher e sua cabeleira. Para Perrot (2019, p. 55) “os cabelos são a mulher, a carne, a feminilidade, a tentação, a sedução, o pecado”. No século XIX há uma erotização dos cabelos das mulheres, que raramente são deixados soltos em público, ainda de acordo com a historiadora francesa.

Nos anos 1870-1880 estudantes russas são as primeiras a cortar seus cabelos, esboçando uma silhueta da mulher jovem de cabelos curtos que se transformou em símbolo da “*new woman* da *Belle Époque*” (PERROT, 2019, p. 59). Junto ao desuso do espartilho, as saias e os cabelos ficam mais curtos a partir da reivindicação da libertação do corpo por parte do movimento feminista na Europa. Críticas à parte – “masculinização” e “falta de feminilidade” (PERROT, 2019, p. 60) eram algumas delas, o corte de cabelo curto confirma “a juventude, a modernidade, a vontade de se emancipar das modas de outrora, do mundo de antes da guerra [*a Primeira Guerra Mundial*], (...) um desejo de leveza, propício ao esporte. Assim se delineia uma silhueta andrógina” (PERROT, 2019, p. 60).

No Brasil, ser mulher nos anos 1920 estava mais atrelado à moda dos cabelos curtos, da maquiagem acentuada, da saia na altura dos joelhos, do hábito de fumar e de tomar sol na praia do que à luta por direitos políticos e trabalhistas e pela liberação sexual. A “nova” aparência feminina convivia com o velho lugar que a mulher ocupava, de esposa, mãe, do lar. Com os movimentos do corpo mais livres, a praticidade dos cabelos curtos e as novas modas de circulação, ainda assim a feminilidade da mulher permanecia atrelada a manter o casamento, a honra e a moral da mulher casada, como observa Bonadio (2019). A mulher representada nos anúncios do *Mappin Stores* acompanhou, pois, a ideia de feminilidade e beleza da época: jovens, brancas, esbeltas, com cabelos curtos, representavam a mulher a quem os anúncios se destinavam, atendendo a um padrão em conformidade com o grupo social que compraria no estabelecimento.

Embora a esbeltez já fosse sinônimo de beleza nas primeiras décadas do século XX, de acordo com Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2019, p. 110), nas revistas femininas entre 1930 e 1950 ainda não se falava em “boa forma”, apenas em “manter a linha”. O ideal feminino permanece atrelado à candidez e obediência da esposa, restringindo a vida pública da mulher e disciplinando seu corpo. Sem

citar a Socila, Sant'Anna (2019, p. 110) observa que nos anos 1950 as recomendações relacionadas ao comportamento passam a integrar conselhos de beleza: “A beleza rimava com uma certa contração da postura e alguma dose de cerimônia nos gestos”.

Saber andar, se sentar, descer as escadas, sair de um automóvel, conversar, sorrir passam a ser preocupação de quem preza pelas boas maneiras. Segundo Sant'Anna (2019, p. 111), “autoras de conselhos dirigidos à mulher da década de 1950 insistiam exaustivamente na necessidade de educar o corpo para a vida social”. Conquistar um marido e garantir a permanência do casamento era obrigação da mulher; somente assim seus ímpetos poderiam ser controlados, uma vez que “era mais natural do que hoje considerar a mulher um ser inferior ao homem e mais imprevisível do que ele” (SANT'ANNA, 2019, p. 114).

Manter-se bela era missão da mulher, e em meio ao universo dos concursos de miss que Maria Augusta organizava, ganhava foco “o corpo individual, com seu detalhamento de medidas e peso” (SANT'ANNA, 2019, p. 115). Segundo a autora, até 1960 não havia o hábito de se pesar; sabia-se o próprio peso em raras ocasiões, como em idas ao hospital ou ao médico. Quando a marca Filizola começou a aparecer na propaganda e nas drogarias, “saber o próprio peso virou algo natural, um conhecimento integrado à identidade de cada um” (SANT'ANNA, 2019, p. 117).

Cada vez mais “era necessário não apenas ser, mas sentir-se bela” (SANT'ANNA, 2019, p. 119), tornando o embelezamento mais complexo, condicionado a um conjunto de fatores, como ensinava Maria Augusta: “Hoje em dia é muito mais importante a mulher ter charme, classe e presença do que traços de boneca. Não basta a mulher ser linda. O importante é saber ser linda”²⁶⁶. Este aprendizado, que incluía uma pedagogia de disciplina do corpo, era o mote da Socila. Maria Augusta afirmava, sem hesitar, que beleza e educação da mulher eram “gênero de primeira necessidade”²⁶⁷.

Antes de adentrarmos na Socila como negócio e na beleza e na educação da mulher como produtos de primeira necessidade, a prosperidade da Socila deve ser

²⁶⁶ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

²⁶⁷ Ser miss não é mole. *O Cruzeiro*, ed. 0021, 1971, p. 112.

compreendida cotejada ao momento do Brasil, de industrialização e mobilidade social, e do Rio de Janeiro, então Capital Federal, onde ela é fundada em 1954. Dois anos depois, em 1956, Juscelino Kubitschek tomou posse como presidente (e governou até 1961), estabelecendo “uma alavanca estratégica imbatível”, nas palavras das historiadoras Lilia Schwarcz e Heloisa Starling (2018, p. 415); esta alavanca era o Plano de Metas, “primeiro e o mais ambicioso programa de modernização já apresentado ao país”. Com ele, JK buscou concretizar sua promessa de campanha de que faria o Brasil crescer “cinquenta anos em cinco”.

Segundo as historiadoras, o plano fez do governo um sucesso, viabilizando uma agenda de crescimento econômico acelerado, aprofundando o processo de industrialização e introduzindo novos hábitos na população a partir de bens de consumo, como eletrodomésticos modernos, produtos para casa, peças de vestuário fabricadas em massa e utensílios. JK “conseguiu transformar o Plano de Metas no projeto de um Brasil possível” (SCHWARCZ e STARLING, 2018, p. 417), cuja chave era o desenvolvimentismo.

Eram os chamados “Anos Dourados” (de 1945 a 1964²⁶⁸), período significativo para a história do Brasil e para as relações entre homens e mulheres, como pesquisa a historiadora Carla Bassanezi Pinsky (2014, p. 18): a segunda metade dos anos 1950 é “tempo de euforia”, com aceleração da indústria, crescimento dos setores de finanças e de serviços em geral, incentivo ao consumo e acesso aos produtos industrializados. Alteram-se os padrões de consumo, e tais transformações impactam no *status* socioeconômico das mulheres; para elas, há mais acesso à educação, ao mercado de trabalho, como veremos, e às informações sobre emancipação feminina. Entretanto, o modelo de família calcado no casamento e na criação dos filhos continua dominante. O lugar da mulher ainda é, preferencialmente, em casa, “dedicada ao lar e à procriação”.

A literatura de civilidade ressalta, ao longo dos tempos, a importância da contenção do corpo e dos comportamentos para o êxito da vida em sociedade. A falta de comedimento tem graves implicações sociais: quem não é civilizado, ou seja, quem não é capaz de se conter diante dos outros, seja nos gestos, na expressão de suas emoções ou mesmo na fala, sofre a sanção de não ser convidado para

²⁶⁸ Aqui tomamos o período a que se refere a historiadora Carla Bassanezi Pinsky (2014, p. 15).

reuniões sociais. Em um contexto de mobilidade social isso importa porque, como ressalta Maria Cecília Pilla (2004, p. 126), “nunca ser convidado significa não ter oportunidade de conhecer e se relacionar com pessoas, muitas vezes fora de seu círculo social, fechando-se uma das portas de acesso à integração social”.

A Socila sabia disso e nela o mote era ensinado às alunas que, ao longo dos módulos de preparação, recebiam conselhos e estudavam normas com afinco. Muitas senhoras alcançaram “êxito social” depois de terem frequentado os cursos da Socila²⁶⁹, pois “a pessoa que não comete gafes ou exageros tem seu sucesso social quase garantido”²⁷⁰. Os manuais de civilidade e etiqueta que circulavam no Rio de Janeiro nos séculos XIX e XX e a Socila, ainda que em tempos e contextos diferentes, têm em comum o ensino de regras que ditam como se portar frente à sociedade na qual se esteja inserido, ou à qual se deseja pertencer. O domínio destas regras, como veremos, consiste em um *habitus* (BOURDIEU, 1983) que distingue quem é civilizada, bela e educada, de quem não é. E na Socila ele poderia ser aprendido.

2.6. O que faz de uma mulher, mulher?

Já mencionei que em minha dissertação de mestrado (MEDEIROS, 2017) analisei manuais de civilidade, tendo como fio condutor o conceito de processo civilizador de Norbert Elias ([1939] 2011). Para o sociólogo, nada é natural ao ser humano, tudo é fruto de um condicionamento e de aprendizado. É com esta lente que passamos à perspectiva de Simone de Beauvoir ([1949] 2019). No volume 2 de seu *O segundo sexo: a experiência vivida*, a filósofa busca compreender o que faz de uma mulher, mulher²⁷¹.

Já na introdução ela dá pistas da teoria que desenvolverá e na qual se apoia sua famosa frase “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 11): a existência feminina acontece mediante o desempenho do papel social do que é ser mulher, o que refuta teorias anteriores sobre diferenças biológicas, psíquicas e econômicas que justificariam a desigualdade entre homens e mulheres.

²⁶⁹ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

²⁷⁰ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

²⁷¹ Parafrazeando o título do livro de Roberto DaMatta (1984), *O que faz o brasil, Brasil?*.

Cabe recordar que, de acordo com Michelle Perrot (2019), no século XVIII ainda se discutia se as mulheres eram seres humanos, tal qual os homens, ou se mais se assemelhavam a animais irracionais.

Beauvoir ([1949] 2019) questiona, então, o destino tradicional da mulher, incluindo o casamento, buscando desvendar a construção dessa condição tida como natural. A teoria que desenvolve é a de que a existência feminina é um aprendizado, portanto se referir aos termos “mulher” e “feminino” é necessariamente remeter a um “estado atual da educação e dos costumes” (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 7). Tal existência se confirma por meio da educação do corpo, dos hábitos, do comportamento e das emoções da mulher, uma vez que “é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino” (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 11).

A lente de Beauvoir ([1949] 2019) sobre a socialização como determinante na construção da feminilidade, da mulher como esposa e mãe, da beleza e da educação do corpo feminino desde a infância, perpassa o presente trabalho e alicerça o estudo que aqui se pretende desenvolver. Além da socialização, não se pode desprezar a história das mulheres desde o nascimento: de acordo com Perrot (2019), historicamente as meninas são menos desejadas em função do valor atribuído ao sexo masculino, sinônimo de força; os sinos soavam por menos tempo para o batismo de uma menina nos campos de antigamente, e o mesmo ocorria no enterro de uma mulher. O infanticídio de meninas ainda é prática na China²⁷² e na Índia²⁷³, países em que a frase “é uma menina!” ao nascimento pode vir a significar uma sentença de morte.

A inculcação de regras de civilidade em crianças é ferramenta do processo civilizador. Elias ([1939] 2011) considera a obra do humanista Erasmo de Rotterdam, *De civilitate morum puerilium (Da civilidade em crianças)*, de 1530, como ponto de partida para o significado de civilidade tal como hoje o conhecemos. A sociedade do século XVI estava em transição, e o mesmo acontecia com as maneiras. Para ele, a relevância da obra de Erasmo, que teve mais de 130 edições,

²⁷² Sobram 25 milhões de homens na China. *Folha de S. Paulo*, 21 de julho de 2005. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2107200512.htm>. Acesso em 24 de março de 2021.

²⁷³ Médico luta contra o assassinato de bebês do sexo feminino na Índia. *GI*, 24 de março de 2017. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/medico-luta-contra-assassinatos-de-bebes-do-sexo-feminino-na-india.ghtml>. Acesso em 24 de março de 2021.

está justamente no fato de se situar ora inteiramente na tradição medieval, ora anunciando algo novo, formando assim uma ponte entre as maneiras da Idade Média e os tempos modernos.

Para o sociólogo, o tratado de Erasmo “reveste-se de uma importância especial menos como fenômeno ou obra isolada do que como sintoma de mudança, uma concretização de processos sociais” (ELIAS, [1939] 2011, p. 66). Jacques Revel ([1986] 2009) observa com surpresa o fato de o tratado se voltar às regras para crianças, em um período em que não havia esta diferenciação entre o mundo infantil e o mundo adulto.

Para o antropólogo José Carlos Rodrigues (1995), o que na cultura medieval se configurava como um amálgama começa a se fragmentar na modernidade, separando corpos e ambientes. Esta nova sensibilidade que separa corpos e é definidora da modernidade exige atenção na contenção e aprisionamento de cheiros e toques. A separação dos corpos, o incômodo com os toques, cheiros, excreções e comportamentos resulta na criação de hospícios, hospitais e prisões para separar os sãos dos doentes; da mesma forma, em uma nova configuração em relação à pedagogia medieval, na qual as idades se misturavam e as crianças se limitavam a imitar os adultos, cria-se um universo infantil destacado, com crianças isoladas em colégios, sendo educadas por meio de metodologias específicas para sua idade.

Mais à frente, no final do século XVII, quando boa parte da educação fornecida na França estava nas mãos da Igreja, regras de civilidade eram disseminadas no país a partir da inculcação em crianças, por meio da educação cristã. O padre João Batista de La Salle escrevia livretos que eram impressos e distribuídos como manuais de educação elementar às crianças, juntamente com as primeiras lições de leitura e escrita.

Para Rodrigues (1995, p. 117), um estudo do processo de socialização muito provavelmente revelaria que as maiores violências praticadas na sociedade contra uma criança estão relacionadas ao ensino das regras de higiene, a fim de nelas inculcar um sistema de signos apoiado na superioridade do puro sobre o impuro. Este processo é uma espécie de treinamento, cujo objetivo é fazer com que a criança abra mão da autonomia fisiológica para aceitar o controle cultural. “A inculcação das

regras gerais implica sempre uma ameaça em termos de higiene e posição social: se você não estudar, vai ser lixeiro”.

Embora os autores mencionados tenham tratado a inculcação de regras de civilidade em crianças de maneira geral, Beauvoir ([1949] 2019) pensa a socialização da menina somada a outros processos de disciplinarização. A passividade, para citar um deles, caracterizará a mulher tida como feminina. A filósofa não entende “feminino” e “feminilidade” como características inatas da mulher, uma vez que esta própria condição, a de ser mulher, não é ela própria inata, e sim construída. Este processo de condicionamento se dá desde a infância para Beauvoir ([1949] 2019), quando o menino também cumpre um papel social, com a diferença de que este desempenho não conflita com quem ele é; ao passo que a menina aprende desde cedo que seu papel, o que se espera dela, a sua forma de agradar, está ligada a agradar a outrem.

No caso do menino, seu papel social vai *ao encontro de* si mesmo: assume sua subjetividade, lida com o próprio pênis, enaltece-o, sobe em árvores, enfrenta os colegas em jogos violentos, “apreende seu corpo como um meio de dominar a natureza e um instrumento de luta” (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 24). Não há oposição entre ser quem se é e sua vontade de se afirmar em projetos concretos. Para Beauvoir, o homem simplesmente é. Na menina, a construção da feminilidade vai *de encontro a*, tem embate, está atrelada a agradar o outro; nela é incutida a necessidade de ser admirada, de existir para outrem desde a infância. O conflito entre quem se é e quem se precisa *tornar-se* coloca a menina, e posteriormente a mulher, em permanente posição de desvantagem, pois entende desde cedo que para agradar precisa renunciar à sua autonomia. Quanto mais renuncia, menos recursos apreende, e quanto menos recursos tem, mais renuncia, em um círculo vicioso de perpetuação da desigualdade entre os sexos.

Esta perspectiva não se aplica a todo o mundo igualmente, por óbvio; cá nos atentamos à perspectiva do Ocidente dito civilizado. Antes de Beauvoir, que escreveu em 1949, Margaret Mead ([1950] 2015), antropóloga apresentada na introdução, se propôs a estudar quão maleável seria a natureza humana. Para isso, conviveu no início da década de 1930 com, em suas palavras, três “sociedades primitivas” (MEAD, [1950] 2015, p. 22) da Nova Guiné. Naquele território ela observou que os papéis do sexo nas culturas eram diferentes entre si e diferentes

daqueles dos Estados Unidos, concluindo que “a natureza humana é quase incrivelmente maleável”.

Mead ([1950] 2015, p. 22) constatou que homens de uma sociedade eram “feminizados e desmasculinizados”; noutra sociedade, homens e mulheres eram “masculinos”; numa terceira, os papéis de masculino e feminino como entendemos no Ocidente tinham sinal trocado: mulheres eram “dominantes” e homens eram “emocionalmente dependentes”. Além de ter sido precursora no entendimento de que é a cultura e não a biologia que nos faz os indivíduos que somos, e sim o temperamento, Mead contribuiu com seus estudos no combate ao racismo e sexismo na Europa e América em tempos de ascensão do nazismo, fornecendo “evidência de que homens e mulheres de todos os grupos étnicos e sociais eram inerentemente iguais (MEAD, [1950] 2015, p. 2):

Não é um tratado sobre os direitos da mulher, nem uma pesquisa das bases do feminismo. É muito simplesmente um relato de como três sociedades primitivas agruparam suas atitudes sociais em relação ao temperamento em torno dos fatos realmente evidentes das diferenças sexuais. (...) Cada uma dessas tribos dispunha, como toda sociedade humana, do ponto de diferença de sexo para empregar como tema na trama da vida social, que cada um desses três povos desenvolveu de forma diferente. Comparando o modo como dramatizaram a diferença de sexo, é possível perceber melhor que elementos são construções sociais, originalmente irrelevantes aos fatos biológicos do gênero de sexo (MEAD, [1950] 2015, p. 22).

Mead ([1950] 2015, p. 25) ressalta que em todos os aspectos da vida social, da divisão do trabalho, das maneiras, homens e mulheres são diferenciados socialmente, e que “cada sexo, como sexo, é forçado a conformar-se ao papel que lhe é atribuído”. Entretanto, os temperamentos que consideramos naturais para um determinado sexo poderiam ser assimilados por outro por meio da educação, uma vez que tais comportamentos são culturalmente construídos, como ela viu em seu trabalho de campo. Este é o ponto.

Beauvoir ([1949] 2019) se atém aos estudos na sociedade ocidental, de modo que não considera a maleabilidade dos papéis sociais que Mead ([1950] 2015) testemunhou na Nova Guiné. Para a filósofa, as supostas vocações da mulher lhes são ditadas desde a infância, notadamente o casamento e a maternidade, e mesmo a mais zelosa das mães teria um entendimento de que tornar a filha uma “mulher de

verdade” (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 26) passa pela educação do corpo, para o seu próprio bem: deve ensiná-la a reprimir seus movimentos espontâneos, vesti-la com roupas incômodas, penteá-la, mandá-la endireitar seu corpo, ler livros que endossam este destino, além de, é claro, ensinar a cozinhar, costurar, cuidar da casa.

Embora crianças não fossem o foco do ensino das boas maneiras na Socila, a escola chegou a ter pelo menos uma criança como aluna. Segundo reportagem da revista *Manchete*²⁷⁴, a filha do então governador do Ceará, Parsifal Barroso, frequentou a instituição quando tinha 10 anos. Lá aprendeu a “arrumar mesa como gente grande, a ajudar sua mãe a receber, a fazer ginástica diária, a se pentear como menina, a manter as roupas em ordem etc”. Não teria saído “excessivamente vaidosa, mas ao contrário, pronta a fazer com naturalidade coisas que as adolescentes detestam”.

Era importante evitar que na adolescência, chamada na reportagem de “idade difícil”, houvesse “atitudes de rebeldia contra o jugo materno”, e ao contrário das reprovações familiares, que poderiam “agravar o problema”, “os conselhos de uma escola de manequins costumam ser bem aceitos”. Ainda segundo a reportagem, “por este motivo, vários colégios têm requisitado esta espécie de ajuda”, embora não tenha sido identificado a que instituições tal afirmação se referia.

A descrição do aprendizado supostamente exitoso da filha do político cearense na reportagem²⁷⁵ reforça a ideia de que desde criança cabe à mulher o aprendizado dos cuidados com o lar (“arrumar mesa como gente grande, ajudar sua mãe a receber”), a disciplinarização do corpo e do comportamento (“fazer ginástica diária”, “manter as roupas em ordem”), a passividade (aprendeu a evitar que mais à frente, na “idade difícil” da adolescência, houvesse “atitudes de rebeldia contra o jugo materno”), e a beleza como virtude (aprendeu “a se pentear como menina”). O sentido de palavras como “bonita” e “feia” é aprendido desde cedo pela menina, que descobre logo que para agradar “é preciso ser bonita como uma imagem” (BEAUVOIR, [1949] 2019), p. 23).

Embalando sua boneca e enfeitando-a, ela aspira para si ser aquela boneca. Um pouco mais tarde, nos contos, nas canções, a mulher aprende que sua suprema

²⁷⁴ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

²⁷⁵ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

necessidade é seduzir um coração masculino, e que para isso “no mais das vezes não lhes é pedida outra virtude senão a beleza. (...) É preciso sempre ser bonita para conquistar o amor e a felicidade” (BEAUVOIR, [1949] 2019), p. 37). Esse argumento explica muito da construção da necessidade de “aperfeiçoamento”, dos “tratamentos”, das “correções” que veremos daqui em diante.

2.7. Socialização feminina e “aperfeiçoamento social”

A noção de “aperfeiçoamento” presente nas reportagens tomadas aqui como objeto de estudo foi também observada por Adriana Braga em *Corpo-verão: jornalismo e discurso na imprensa feminina* (2016). A pesquisadora aponta discursos na imprensa feminina que apresentam o corpo feminino como um composto de partes, todas elas passíveis de “melhoramento”, além de investigar a subjetividade nos textos prescritores de comportamentos. As revistas femininas atuam como mediadoras deste processo de melhoramento, criando um certo “vínculo de cumplicidade” (BRAGA, 2016, p. 100) com a leitora, que é atraída pela promessa de acesso a truques, dicas e mágicas em prol do que a autora chama de “corpo-verão”.

As revistas femininas historicamente compõem “o fluxo em que se encontra a construção das identidades sociais femininas” (BRAGA, 2016, p. 20), sendo necessário entender a lógica dessa mídia para compreender o processo de construção da identidade da mulher. No caso das reportagens estudadas, a imprensa é igualmente mediadora do discurso, mas por não se serem mídias voltadas especificamente para o público feminino (no caso das revistas *Manchete* e *O Cruzeiro* e do jornal *O Globo*), entende-se que a subjetividade do que é ser mulher é construída menos pela imprensa e mais pela razão de ser da *Socila*; é a instituição que pauta códigos comunicacionais, que pauta o dever ser da mulher nas páginas da imprensa. *Socila* é notícia, não é a imprensa em si. O “aperfeiçoamento” era promessa da instituição, não da revista, tendo a imprensa como suporte para tornar públicas as possibilidades às quais a mulher que fazia *Socila* teria acesso.

E que possibilidades eram essas? Bassanezi (2002, p. 609) lembra que nos Anos Dourados “ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres”, o que Beauvoir ([1949] 2019, p. 27) entende como “vocação

imperiosamente ditada”, uma vez que é culturalmente construída, como vimos em Mead ([1950] 2015). Se o casamento era o “destino natural”, colocando o homem na posição de escolher e a mulher na posição de ser escolhida, era fundamental a “ênfase na educação para o autocontrole das moças” (BASSANEZI, 2002, p. 610), sob pena de se desviarem do “bom caminho”, o que colocaria em risco sua reputação e a possibilidade do casamento.

As “moças de família”, segundo Bassanezi (2002, p. 613), seriam respeitadas pelos rapazes e teriam muito mais chances de conseguir um “bom casamento”, afinal, “eram os homens quem as escolhiam e, com certeza, procuravam para esposa uma pessoa recatada, dócil, que não lhes trouxesse problemas – especialmente contestando o poder masculino”. Reportagem de 1970²⁷⁶ sobre os métodos da Socila explica que uma mulher “bonita, mas de aspecto descuidado” encontrou o marido abraçado a outra mulher. Como “mulher inteligente”, preferiu não brigar, o que “não iria resolver nada e só agravar o problema”. A reportagem arremata com a sugestão: “quem sabe a solução não estaria em si mesma?”. Era a Socila atuando “no mundo feminino, visando orientar e ajudar a mulher no aspecto cultural, social e físico”, vendendo educação e embelezamento para mulheres. Na visão da escola, isso garantiria não apenas a conquista de um casamento, como a manutenção da relação. Que, claro, dependia sobretudo da mulher e da sua dedicação.

O objetivo da Socila desde a sua fundação, como explica o anúncio²⁷⁷ de 1971, é “a emancipação feminina. Emancipação sem passeatas ou greves contra os homens. Liberdade, sim, de ter um corpo mais bonito. De ser atualizada. De ter confiança em si mesma e saber o que quer”. Emancipação condicionada aqui a dois fatores: liberdade relacionada ao embelezamento - algo como “a mulher é livre pra escolher, desde que escolha ter um corpo bonito”, e a não se insurgir contra os homens. A passividade, afinal, como observa Beauvoir ([1949] 2019, p. 24-25) é característica essencialmente feminina, “destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade”.

²⁷⁶ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

²⁷⁷ Socila nela (anúncio). *O Globo*, Geral, 22 de novembro de 1971, p. 3.

A riqueza dos estudos da filósofa está no fato de questionar por que o homem é autônomo, é *Sujeito*, calcado em si mesmo, enquanto a mulher é o *Outro*, o segundo sexo, a alteridade. Este conflito entre o que ela chama de existência autônoma e seu ser-outro da mulher lhe ensina que para agradar deve se fazer objeto, o que implica manter-se sempre em posição de desvantagem em relação ao homem. Se há alguém que precisa renunciar à sua autonomia, é a mulher; o homem é sinônimo do ser humano, representa a Humanidade.

Essa relação de subordinação mantém a mulher em posição de desvantagem, sendo preciso, portanto, se esforçar para agradar. Esse esforço, para Beauvoir ([1949] 2019) é construído desde a infância e vai se sofisticando, exigindo da mulher sempre um “aperfeiçoamento”, como proposto pela Socila. Emancipação sim, mas nada de discursos sobre independência financeira e busca por direitos já garantidos aos homens. Liberdade, desde que a mulher fosse mantida sob controle – do corpo, dos gestos, das emoções – pensando-se livre, acreditando que as inculcações dos seus “desejos”, desde a infância são escolhas genuinamente suas:

(...) escolhem para ela livros e jogos que a iniciem em seu destino, insuflam-lhe tesouros de sabedoria feminina, propõem-lhe virtudes femininas, ensinam-lhe a cozinhar, a costurar, a cuidar da casa ao mesmo tempo que da toaleta, da arte de seduzir, do pudor; vestem-na com roupas incômodas e preciosas das quais precisa cuidar, penteiam-na de maneira complicada, impõem-lhe regras de comportamento: “Endireite o corpo, não ande como uma pata”. Para ser graciosa, ela deverá reprimir seus movimentos espontâneos; pedem-lhe que não tome atitudes de menino, (...) em suma, a menina é incitada a torna-se, como as mais velhas, uma serva e um ídolo. Hoje, graças às conquistas do feminismo, torna-se dia a dia mais normal encorajá-la a estudar; (...) [mas] tornam-lhe mais difícil o êxito, exigindo dela outro tipo de realização: querem, pelo menos, que ela seja também uma mulher, que não perca sua feminilidade (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 26).

Sendo a beleza virtude feminina, tem papel preponderante na conquista do amor e da felicidade, de modo que “a feiura associa-se cruelmente à maldade” (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 37). A conquista de um marido “é para ela o mais importante dos empreendimentos” (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 76), passaporte para “atingir a sua integral dignidade social” (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 76). Os esforços para alcançar e manter o objetivo do casamento perpetuam na mulher a passividade; se a movimentação livre de seu corpo lhe foi tolhida desde a infância,

se lhe foram sistematicamente desaconselhados os movimentos espontâneos que poderiam se assemelhar a “coisas de menino”, Beauvoir ([1949] 2019, p. 79) entende que a impotência física se traduz na mulher de modo mais amplo: ela não acredita em uma força que nunca pôde experimentar, “não ousa empreender, revoltar-se, inventar”; mantém-se resignada, aceita o lugar que lhe foi destinado, se volta à docilidade.

Essa mulher dificilmente se aventuraria em passeatas reivindicando a emancipação feminina; se contentaria com a “emancipação” prometida pela Socila, que prega a confiança em si e o “aperfeiçoamento social” como forma de liberdade, mantendo-se resignada e aceitando como escolha o que na verdade lhe foi “imperiosamente ditado” (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 27). Na ordem das coisas como dadas, a Socila propagava que autonomia da mulher era a capacidade de circular em espaços públicos. Para a mulher que até então estivesse restrita ao lar e aos afazeres domésticos, parecia algum ganho.

3. Não se tem uma segunda chance de causar uma primeira impressão: *habitus* e capital feminino na Socila

Quando entramos em qualquer lugar, pela primeira vez, temos um momento a descoberto, no qual recebemos a atenção, total e una, dos que nos cercam. Nesse momento, o mundo à nossa volta decide se somos uma ameaça ou uma atração. E o que acontece nesse momento por certo irá afetar todo o relacionamento posterior²⁷⁸.

Quando foi que causar uma “boa impressão” se tornou um objetivo a ser alcançado? E quais são os códigos que compõem essa “boa impressão”? A noção de civilidade e elegância e o aprendizado de um “aperfeiçoamento social” que possibilitasse causar uma boa impressão não começou, claro, com a Socila. Como ensina o sociólogo Norbert Elias ([1939] 2011, p. 70), a civilização que nos acostumamos a considerar como algo que “nos chega pronta e acabada” é, na verdade, parte de um processo em que nós mesmas estamos envolvidas e que pode, indefinidamente, ser remontado ao passado. E “de onde quer que comecemos, observamos movimento, algo que aconteceu antes”.

Tomando a literatura de civilidade como representação do funcionamento da própria sociedade, Elias ([1939] 2011) considerou o período do fim da Idade Média e a transição para a Renascença como ponto de partida para a reflexão sobre o processo civilizador, como vimos, notadamente em relação aos hábitos à mesa, representando, ao longo de quatro séculos, os modos de conduta e a civilização dos costumes²⁷⁹, registrando como os antigos costumes “bárbaros” foram abandonados em nome dos preceitos de civilidade. Na visão de Elias ([1939] 2011; [1969] 2001) os comportamentos vão sendo modificados em nome de um processo civilizador, tendo como causa dois fatores fundamentais: a instauração das monarquias absolutistas, com a figura central do rei, e o estreitamento das relações pessoais, que implica em um controle dos gestos e emoções.

²⁷⁸ Trecho da apostila que acompanhava o curso *Bem Vestir*, método Maria Augusta, p. 1.

²⁷⁹ Em minha dissertação de mestrado (MEDEIROS, 2017), me aprofundi neste tema analisando dois manuais de etiqueta, publicados com um século de diferença. Ver referências bibliográficas.

Esse modelo de civilidade presente na sociedade de corte tinha centralidade no rei Luís XIV, que governou a França de 1643 a 1715. Em seu reinado, o monarca construiu o luxuoso Palácio de Versalhes, instaurando um complexo cerimonial no qual a civilidade passou a ser distintiva e requeria controle de si, com um aprendizado sobre distanciamento dos corpos. Um intenso esforço de codificar e controlar os comportamentos se consolidou, destinando a linguagem dos corpos à aprovação do grupo. Com o tempo, a noção de civilidade então restrita à corte foi absorvida na França, e no decorrer do século XVIII passou a ser largamente difundida por meio de manuais de etiqueta, inclusive nos meios rurais, segundo Rainho (1995).

No Brasil, esse processo começou pouco mais de um século antes da fundação da Sociedade em 1954. O Brasil se “europeizava” nas modas e nos modos com a chegada da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro, em 1808; Rainho (1995) aponta que os bailes imperiais e as alterações na paisagem urbana passaram a exigir uma nova sociabilidade no Rio de Janeiro do século XIX, algo que passava pelos modos. Era imperativo para a sociedade se aristocratizar, adotando valores e costumes que a nivelassem, pelo menos na aparência, aos seus pares europeus; também era importante se distinguir do restante da população, por meio dos gestos, do discurso, dos comportamentos em geral, que se transformaram em insígnia da “boa sociedade” (RAINHO, 1995, p.148).

Para Maria Teresa Cunha (2004), a regulamentação da etiqueta, do gosto, do modo de vestir, de falar e de se portar marca historicamente, por meio da prescrição de gestos concretos, as distâncias que separam uns dos outros. Vejamos a ritualização dos hábitos à mesa; a forma de se sentar, prevendo uma determinada ocupação do espaço físico, tem relação com não incomodar as demais pessoas presentes à mesa. O controle dos gestos que hoje configura um modo de ser civilizado, como não cuspir ou escarrar estando à mesa, também é puramente social, uma vez que tais hábitos já foram aceitáveis e hoje são sinônimos do grotesco, de falta de educação e de cortesia.

O uso do guardanapo, o modo correto de utilizar os utensílios, os ruídos que vão sendo banidos, até mesmo os assuntos que convêm ou não abordar durante as refeições, tudo isso lembra o complicado cerimonial presente na sociedade de corte, e todos são gestos repletos de significados para mostrar quem é e quem não é

civilizada ou civilizado. Aprender como se comportar à mesa é apenas uma das formas que compõem um dever ser civilizado; existem muitas outras que se atualizam com o passar dos tempos. Maria Augusta, tendo como ferramenta apostilas sobre Comportamento Social (anexo A), Bem Vestir (anexo B) e Linguagem do corpo (anexo C) parecia saber e ensinar minuciosamente todas elas.

3.1. As regras do comportamento social

Historicamente o domínio das regras de etiqueta distinguia quem era civilizado de quem não era, e possibilitava a inserção em grupos sociais. Desde os tratados estudados por Elias ([1939] 2011) aos manuais de etiqueta publicados no Brasil no século XX, a máxima era a mesma: não incomodar o outro (MEDEIROS, 2017). Nas recomendações presentes na apostila sobre “Comportamento Social”²⁸⁰ do método Maria Augusta, a razão de ser da etiqueta está “perdida no tempo”, mas “seu valor presente, ao tornar a vida mais fácil, é incontestável”:

Atualmente, etiqueta é muito mais do que elegância social, já não é privilégio das altas elites como se julgava, mas entrou para o consumo cotidiano de todos nós; está presente em todas as atividades, nas ruas, nos salões, nos escritórios, nas lojas, nos lares, e pode ser considerada “artigo de primeira necessidade”, sendo reconhecido o seu sentido prático.

Por vezes ignorando que o comportamento nada tem de natural, é aprendido, fruto de um condicionamento, como mostra Elias ([1939] 2011), o texto da apostila questiona: “quem não aprecia conviver com pessoas educadas, descontraídas, cultas, elegantes e naturais?”²⁸¹, para depois ressaltar que “é preciso terem força de vontade e se submeterem a considerável observação e constante treinamento”²⁸² para mudar as atitudes, sendo todo gesto “comedido, gracioso e harmonioso”²⁸³ a fim de demonstrar segurança: “quanto mais segura de si é a pessoa, menos uso ela faz de gesticulação. É preciso ter classe para tudo”, até mesmo para “suportar uma pisadela, em caso de necessidade”²⁸⁴.

²⁸⁰ Apostila *Comportamento Social*, método Maria Augusta, p. 1.

²⁸¹ Apostila *Comportamento Social*, método Maria Augusta, p. 1.

²⁸² Apostila *Comportamento Social*, método Maria Augusta, p. 8.

²⁸³ Apostila *Comportamento Social*, método Maria Augusta, p. 9.

²⁸⁴ Apostila *Comportamento Social*, método Maria Augusta, p. 9.

É importante e esclarecedor compreender os processos históricos que levam ao surgimento de uma instituição como a *Socila* no Brasil do século XX. Para além da civilização dos costumes estudada por Elias ([1939] 2011), é preciso observar a “teia de prescrições” que ergue o muro da vida privada, separando-a da esfera pública, mas entendendo que, conforme Antoine Prost (1992, p. 16), uma só tem sentido em relação à outra. A separação dos corpos que denota civilidade provoca também a separação dos espaços, dado o devido recorte de classe: é a burguesia francesa que habita imóveis com vários cômodos, o que permite a separação entre o que a família mostra de si e pode vir a público, e o que deseja conservar “ao abrigo de olhares indiscretos”.

Do mesmo modo que a vida privada só tem sentido em oposição à vida pública, um papel social só tem sentido se se distingue de outro. Para o sociólogo Richard Sennett ([1974] 2018, p. 61), a mudança da importância que se atribui às duas esferas, pública e privada, é fundamental para compreender a ideia de papel e de representação. Ele observa que “um papel é geralmente definido como um comportamento apropriado a algumas situações, mas não a outras”; utiliza o conceito de *theatrum mundi* para explicar a concepção da sociedade como um teatro e as imagens deste *theatrum* como retratos da arte praticada na vida cotidiana: “é a arte de representar, e as pessoas que a praticam estão desempenhando “papéis”. Para o historiador Roger Chartier ([1986] 2009, p. 165), “a civilidade é acima de tudo uma arte, sempre controlada, da representação de si mesmo para os outros, um modo estritamente regulamentado de mostrar a identidade que se deseja ver reconhecida”.

Nesse sentido, Sennett ([1974] 2018) dialoga com Goffman ([1959] 2014), para quem o indivíduo exerce múltiplos papéis. Goffman compara as interações sociais à lógica da atuação: a vida social seria então constituída das interações entre indivíduos, que agem como atores em palcos, utilizando máscaras sociais e constantemente representando uns para os outros. A atuação teatral, ainda que inconsciente, tem como objetivo causar uma determinada impressão a quem observa, a fim de obter respostas que lhe interessam.

Na metade do século XIX a personalidade adentrou o domínio público de modo estruturado e houve uma “descodificação do corpo nas ruas” (SENNETT, [1974] 2018, p. 237) que afetou as fronteiras entre espaço público e privado. A

aparência de si e dos outros nas ruas era levada a sério, com minuciosa investigação que possibilitasse pistas de quem o outro era. A convivência no espaço público requeria domínio das regras que “governavam as aparências particulares” (SENNETT, [1974] 2018, p. 246): o nó de gravata, o comportamento, o uso de determinado acessório possibilitava a leitura de com quem se estava falando.

Na perspectiva do antropólogo Roberto DaMatta (1997), o normal, esperado e até legitimado é que haja códigos distintos para espaços diferentes, todos eles envolvendo mudanças de atitude, gestos, roupas, assuntos e papéis sociais: o código da casa é um, o código da rua é outro, e qualquer evento pode ser lido por meio destas lentes. Em sua visão, “não se pode misturar o espaço da rua com o da casa sem criar alguma forma de grave confusão ou até mesmo conflito. Sabemos e aprendemos muito cedo que certas coisas só podem ser feitas em casa, e mesmo assim, dentro de alguns dos seus espaços” (DAMATTA, 1997, p. 46).

As 123 páginas da apostila destinada ao ensino do Comportamento Social são minuciosas quanto à etiqueta específica e apropriada a cada espaço. Há regras para tudo: da casa à rua, da forma de receber um hóspede em casa às maneiras de se hospedar na casa de outras pessoas, como se portar em hotéis e durante viagens, em locais públicos – há regras específicas para frequentar desde cinema e teatro, aos clubes, conferências, passando por templos religiosos, lojas e restaurantes. Somente o índice ocupa seis páginas, com oito capítulos, que por sua vez se subdividem em mais tópicos (ver anexo A), tamanhas eram as prescrições.

Historicamente os códigos de civilidade são compreendidos como demarcadores de pertencimento social, notadamente em momentos em que a mobilidade social se coloca como forma de tensão entre uma classe anterior estabelecida, segundo um código comportamental, e uma nova classe ascendente. De acordo com Revel ([1986] 2009, p. 177), sociedades em plena transformação precisam de “uma linguagem comum e de novos pontos de referência, já que as relações provisoriamente se tornam mais livres e densas”. Surgem demandas por novas formas de agir, de se relacionar, de viver que regulamentem a vida em sociedade, contribuindo para estabelecer novos papéis sociais e dar segurança frente às mudanças do período.

Depois da profusão de manuais de etiqueta circulando no Rio de Janeiro do século XIX, quando da chegada da Corte à cidade, vemos esse processo ocorrer novamente pouco mais de cem anos depois, em 1954, com a fundação e posterior consolidação da Socila. Como observa Elias ([1939] 2011), tudo é processo, e se notarmos o movimento, sempre há algo que aconteceu antes. A Socila não teve êxito à toa: havia algo, um espírito do tempo, que possibilitou seu surgimento e suas cerca de duas décadas de sucesso.

Os códigos são reguladores das relações sociais. A relação entre sujeitos demanda a existência de um denominador comum, algo que se configure como uma linguagem capaz de mediar o que é dito, visto, sentido entre as partes. É o domínio do código que distingue quem é de quem não é civilizado, e essa linguagem comum, como vimos, é fundamental em sociedades em transformação. Stuart Hall (2016) se refere a uma produção de sentido pela linguagem como representação; o sentido depende da relação entre as coisas no mundo, e só acontece se os mapas conceituais de um e de outro forem o mesmo.

Desse modo, nossa capacidade de nos comunicarmos vem do fato de que compartilhamos mapas conceituais, o que possibilita darmos sentido ou interpretarmos o mundo de formas mais ou menos semelhantes. E julgando o mundo de forma similar é possível construir uma “cultura de sentidos compartilhada e, então, criar um mundo que habitamos juntos” (HALL, 2016, p. 36). Maria Augusta ensina²⁸⁵ que etiqueta social consiste em “regras essenciais para a convivência em sociedade”, e funciona como “a arte da comunicação”, ou seja, “um conjunto harmonioso de atributos, tais como: atitudes, gestos, palavras, voz, olhar, fisionomia, traje e aparência, traduzindo um estreito relacionamento entre os indivíduos e o mundo exterior”.

Logo, um modo de pensar a cultura é a partir dos mapas conceituais, que possibilitam o compartilhamento de uma linguagem e de, como observa Hall (2016, p. 42), “códigos que governam as relações de tradução entre eles”; são estes códigos que estabelecem a “tradutibilidade” entre nossos conceitos e línguas. Compreender isso é fundamental para entender a razão de ser de uma instituição como a Socila. Os cursos, apoiados pelo conteúdo das apostilas, funcionavam justamente como

²⁸⁵ Apostila *Comportamento Social*, método Maria Augusta, p. 8.

mediadores entre esse “mundo exterior” e o indivíduo, notadamente a mulher, a quem o texto majoritariamente se destina.

Nos dá, inclusive, pistas de quem era essa mulher; embora não se tenha conseguido precisar quanto custava um curso ministrado por Maria Augusta ou por demais professoras da Socila, depoimentos de quem frequentou a escola e contribuiu para esta pesquisa apontam que os valores não eram baixos. O capítulo de ensino sobre “etiqueta doméstica”²⁸⁶ na apostila de Comportamento Social reforça: se tratava de um curso para uma dona de casa que tinha empregados, portanto abastada, cabendo a ela administrar o lar. “Só pode mandar quem sabe fazer”, diz o texto, rico em instruções sobre como organizar a casa e comandar os funcionários. A mulher continua tendo protagonismo como dona de casa, mesmo que trabalhe fora; e “embora não tenha a necessidade de fazer todos os serviços, deve ter obrigação de saber tudo”.

Fora a administração do lar, a ela cabe aprender noções de enfermagem, etiqueta (claro) e psicologia (autodomínio, tato, compreensão e senso de humor). Apesar de reconhecer que “adquirir perfeição em todas essas artes é difícil”, o texto ressalta que “não é impossível. Depende de capacidade e força de vontade”, afinal, “um lar malconduzido está fadado ao fracasso”. E a condução, por óbvio, é obrigação da mulher, que “deve ser a primeira a levantar-se” e a adotar esquemas básicos de supervisão do serviço doméstico (considerando que tem empregados), incluindo providenciar que “o almoço ou jantar do cônjuge que trabalha e faz as refeições em casa deve já estar aquecido para ser servido no momento que for ordenado”.

E o que fazer se “o cônjuge que trabalha” for ela mesma? Essa hipótese não é contemplada na apostila; inclusive há a ressalva para “evitar a intervenção do seu marido nas questões domésticas”, coadunando com a visão de Beauvoir ([1949] 2019, p. 189) de que o casamento se apresenta de maneira muito diferente para homens e mulheres. Enquanto Sujeito, homens escolhem, decidem, “casam-se, resolvem casar”, buscando no casamento “uma expansão, uma confirmação de sua existência, mas não o direito mesmo de existir: é um encargo que assume livremente”.

²⁸⁶ Apostila *Comportamento Social*, método Maria Augusta, p. 22-27.

Como o Outro, a mulher é dada em casamento pelos pais – pior seria, nesse tempo, ficar solteira; “o casamento é seu ganha-pão e a única justificativa social de sua existência” (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 187). Cada qual tem sua função, de modo que, para ambos, “o casamento é a um tempo um encargo e um benefício”. Entretanto, Beauvoir salienta, não há simetria nas situações; “para as jovens, o casamento é o único meio de se integrarem na coletividade. (...) Eis por que as mães sempre procuraram tão avidamente casá-las” (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 187). Para ele, o casamento é transcendência, enquanto para ela, “votada à perpetuação da espécie e à manutenção do lar”, é a “imanência” (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 189).

O aprendizado das boas maneiras e de um dever ser feminino só se justifica quando o sentido que lhe é atribuído é partilhado socialmente. Ser civilizada implica em ser civilizada *para* o outro, *aos olhos do* outro; e mudanças sociais trazem consigo a demanda por uma linguagem que estabeleça a conexão entre novos papéis sociais, papéis esses que, enquanto não são naturalizados, requerem um esforço de aprendizagem. Hall (2016) observa que o sentido não é intrínseco ao objeto, à coisa ou à pessoa; é fixado socialmente de tal modo que, com o tempo, nos parece natural. Ledo engano: como mostra Elias ([1939] 2011), o código do ser civilizado é fruto de aprendizado, requer a habilidade de controlar gestos e expressões corporais, gerando uma “compulsão de policiar o próprio comportamento” (ELIAS, [1939] 2011, p. 89). Pode-se aprender determinados comportamentos. No caso da mulher, deve-se aprender. E a Socila se dispunha a ensinar.

3.2. As regras do bem vestir

Para Maria Augusta, elegância e educação andavam lado a lado, uma estava contida na outra. Uma mulher elegante certamente era bem-vestida, além de necessariamente educada. O significado de Socila, como vimos, sigla para Sociedade Civil de Intercâmbio Literário e Artístico, denotava que Maria Augusta e Ligia Bastos pretendiam inicialmente atuar no campo da cultura. Mas a ideia de dedicar a Socila às atividades culturais logo foi suplantada: a fama de mulher elegante de Maria Augusta atropelou os planos e, em pouco tempo, as damas da sociedade levavam à Socila suas jovens filhas, em busca de uma orientação.

“Reclamavam que os colégios instruíam, mas não educavam”²⁸⁷, e pediam a ajuda da mestra da elegância para dar “burilamento social” às moças:

Naquele momento, o país passava por uma transformação. Aquelas moças eram de boas famílias, mas suas mães já não tinham mais tempo para educá-las, a vida estava mais agitada, as mulheres começando a trabalhar... sentimos que havia a necessidade de formar jovens da sociedade com aulas de etiqueta, postura, maquiagem, etc²⁸⁸.

A preocupação das mães com o futuro das filhas encontra respaldo e explicação na socialização feminina, ou seja, na forma como as mulheres, desde meninas, são educadas. Beauvoir ([1949] 2019, p. 26) diz que mesmo a mãe mais zelosa, aquela que “deseja sinceramente o bem da criança”, criará a menina para ser uma “mulher de verdade, porquanto assim é que a sociedade a acolherá mais facilmente”. O ser “mulher de verdade” remete à célebre frase da filósofa, “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 11), não em um sentido de negação da biologia, mas como ressalva de que a existência da mulher precisa ser confirmada por meio da educação do corpo.

Há um pano de fundo que permeia a existência feminina: a construção da feminilidade que dita à mulher comportamentos “ideais”, incluindo a educação que objetiva o casamento e privilegia a beleza, resultando no aprendizado de uma condição feminina, atrelada à subordinação ao homem. Essas seriam as características ensinadas à mulher desde criança; para Beauvoir ([1949] 2019), não basta ter nascido mulher, há que se confirmar o tempo todo que se é mulher, por meio da educação e dos costumes.

Diante dessa perspectiva, a mãe zelosa terá o entendimento de que ensinar à filha as “virtudes femininas” (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 26) - vesti-la com “roupas incômodas”, penteá-la “de maneira complicada”, ensiná-la a endireitar o corpo, a não tomar “atitudes de menino” - é prepará-la para a vida. E uma vez que os colégios “instruíam, mas não educavam”²⁸⁹, e as mães, a quem o cuidado com as crianças era relegado, passaram a trabalhar fora, como afirma Maria Augusta no trecho acima, a Socila ocupou esse espaço e passou a ser destino certo das moças

²⁸⁷ Trecho do livro *O Brasil na moda* (2003, p. 891). Ver referências bibliográficas.

²⁸⁸ Depoimento de Maria Augusta ao livro *O Brasil na moda* (2003, p. 891). Ver referências bibliográficas.

²⁸⁹ *O Brasil na moda* (2003, p. 891). Ver referências bibliográficas.

que buscavam o tal “burilamento social”, se transformando rapidamente em adjetivo: “Garota com boa postura, bem-educada, bem maquiada, era uma ‘garota Socila’”²⁹⁰.

Na equação do que a Socila passou a chamar de “aperfeiçoamento social”, embora não fosse o único requisito, a moda tinha suma importância; dentre as apostilas elaboradas com o “método Maria Augusta”, consultadas para esta pesquisa, há uma específica sobre o “Bem Vestir”, totalizando 113 páginas sobre o tema (ver anexo B). As minúcias de Maria Augusta indicam que ser uma “garota Socila”, sinônimo de elegância, beleza e educação, era um somatório de preferências manifestadas, do gosto (BOURDIEU, 1983), uma construção na qual a moda tinha significativa contribuição.

Georg Simmel (1908) analisa a moda como fenômeno de diferenciação e imitação entre as classes que, assim como a noção de gosto para Bourdieu (1983), ora une, ora separa. O que em um momento é raro, inacessível para uma determinada classe e, portanto, distintivo para outra, depois por esta classe é absorvido, tornando-se banal - e o que antes era distintivo fica relegado à ordem do necessário. A moda cumpre um papel social, como observa Diana Crane (2006, p. 273): no século XIX e início do século XX, por exemplo, a “moda de classe” se constituía em regras rígidas sobre a forma de usar certos itens de vestuário, como sapatos e luvas.

Renata Cidreira (2009; 2012), em artigos sobre a moda como reveladora dos valores de uma cultura, observa o fenômeno como vetor expressivo, que ora possibilita sentimento de adesão e identificação, ora pressupõe singularidade, demarcação de um espaço próprio, de afirmação de uma subjetividade, na qual moda, vestimenta e adornos são exemplos do processo de afirmação de si. A moda tece a teia das relações sociais, e seria o visível de uma força invisível, em que a vestimenta visibiliza quem o indivíduo pode vir a ser.

O uso de cada acessório, bem como sua classificação de acordo com a utilidade que tem na aparência, é ensinado minuciosamente por Maria Augusta na apostila “Bem Vestir”. Luvas, por exemplo, são classificadas²⁹¹ como acessórios de

²⁹⁰ *O Brasil na moda* (2003, p. 891). Ver referências bibliográficas.

²⁹¹ Apostila *Bem Vestir*, método Maria Augusta, p. 47.

quarta classe, junto com chapéus e peles, e menos importantes portanto do que os acessórios de primeira classe (sapatos, bolsas e meias), segunda classe (cintos, óculos e perfumes) e terceira classe (joias, lenços e flores). Essa classificação coaduna com o papel social da moda observado por Crane (2006), em que os estilos de roupa expressavam a posição social das mulheres que as vestiam, ou aquela à qual aspiravam. Crane (2006) diz que havia também cores e tecidos para cada estação do ano, o que vemos explicitado na apostila de Maria Augusta.

Embora, claro, tenha havido nos manuais de civilidade e etiqueta regras também sobre o vestir dos homens, o público feminino era o alvo: de acordo com Crane (2006, p. 273), “a moda expressava ideais sociais de atitude e comportamentos femininos”, que eram aceitos por “medo da exclusão em virtude da não-conformidade, a qual significaria que uma mulher não tinha consciência do modo correto de se comportar”. Para além dessa “consciência”, a moda teria também uma função de distinção a partir do gosto, ou seja, mediante as preferências manifestadas seria possível classificar, estratificar e distinguir os indivíduos uns dos outros, servindo como base para classificar a si mesma e por meio da qual também se é classificada. Há um mecanismo de distinção que se reflete nas escolhas das roupas, do estilo de vida, sobre o qual discutiremos mais no tópico sobre *habitus*, considerando que, para Bourdieu (1983), o refinamento na linguagem ou vestuário é percebido como algo efeminado, da ordem do feminino.

Na época da Socila havia empecilhos para usar a moda como afirmação de uma singularidade; de acordo com Maria Augusta, era inclusive difícil vestir as jovens, pois “a moda era toda importada, coisas muito finas, muito caras, totalmente dirigidas às senhoras”²⁹². As moças com melhores condições financeiras chegavam na Socila vestidas com “roupas emprestadas da mãe, colares de pérolas, broches de brilhantes”²⁹³, e eram orientadas a usar “uma moda mais jovem, mais leve, com cores mais claras, decotes diferentes”²⁹⁴. Segundo Maria Augusta:

Era tudo muito bonito, mas não tinha roupa jovem. E as meninas iam para as aulas com vestidos das mães. Vestidos maravilhosos, importados, mas completamente fora da idade delas. E tínhamos que falar que era muito cedo para aquilo, que não se usava joias à tarde, que a roupa tinha que ser mais leve. E começamos a

²⁹² *O Brasil na moda* (2003, p. 892). Ver referências bibliográficas.

²⁹³ *O Brasil na moda* (2003, p. 892). Ver referências bibliográficas.

²⁹⁴ *O Brasil na moda* (2003, p. 892). Ver referências bibliográficas.

arranjar costureiras para produzir o que queríamos. Hoje, no entanto, a dificuldade é encontrar roupas para quem é mais velho. Agora é tudo jovem. Você vê as pessoas de mais idade vestidas como juvenzinhas²⁹⁵.

A política desenvolvimentista dos anos 1950 também já estimulava um novo estilo de vida. De acordo com Bassanezi (2002), o fim da Segunda Guerra Mundial levou o Brasil a um otimismo em relação ao crescimento urbano e a uma industrialização sem precedentes, ampliando o acesso à informação, ao consumo e ao lazer. O Rio de Janeiro, capital da República até 1960, era modelo de comportamento e responsável por lançar modismos. Embora a cidade ainda refletisse padrões advindos de uma europeização dos costumes, notadamente da cultura francesa, o cinema americano já disseminava o *american way of life*, sendo inclusive criticado pelos mais conservadores por fazer chegar ao Brasil o que seriam “más influências” (BASSANEZI, 2002, p. 610) para as moças.

Em paralelo, a Socila “tomou outro rumo”²⁹⁶, com mulheres que “tinham personalidade e elegância próprias”²⁹⁷ em vez serem “cópias das estrelas de cinema”²⁹⁸; “para liderar e oficializar esse tipo, surgiu uma primeira-dama preocupada com a elegância: d. Sarah Kubitschek”²⁹⁹, ela própria aluna da Socila ao lado das filhas Márcia e Maria Estela. Foi assim que Maria Augusta percebeu que poderia ensinar mulheres brasileiras a serem elegantes³⁰⁰. Até aquele momento os costureiros “copiavam fielmente a moda europeia. Quem podia viajar e gastar fortunas comprava vestidos em Paris. As outras por aqui roíam-se de inveja, pregando, quando possível, etiqueta dos costureiros franceses e italianos em cópias feitas em casa”³⁰¹. Eis que surgem jovens profissionais, ainda imitando a alta costura francesa, mas procurando adaptá-la “ao clima e ao temperamento”³⁰² carioca, e “a mulher brasileira começou a se libertar do papel carbono”³⁰³.

²⁹⁵ A batuta mágica. *Revista Carioquice*, seção Chão de estrelas. Instituto Cultural Cravo Albin. Ano II, número 5, abr-jun 2005, p. 56-61. Edição em pdf.

²⁹⁶ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

²⁹⁷ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

²⁹⁸ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

²⁹⁹ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

³⁰⁰ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

³⁰¹ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

³⁰² Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

³⁰³ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

Nesse contexto, determinados saberes como quais cores favoreciam uma mulher eram de grande valia para quem se pretendia elegante. Márcia Kubitschek, ao ser perguntada sobre como definiria elegância, não titubeia: “Todas as cores são belas, mas a elegância consiste em saber escolher a cor que nos vai melhor”³⁰⁴. A irmã Maria Estela concorda: “Elegância é uma questão de "equilíbrio de gosto". Eu adoro o azul, por exemplo, e sei que posso usá-lo com sucesso”³⁰⁵. O estudo das cores que favorecessem cada aluna era parte dos testes da Socila “em busca da mulher ideal”³⁰⁶.

Bonadio (2009) cita a expressão “revolução no vestuário” (CARDOSO DE MELLO e NOVAIS, 2000, p. 507) para traduzir o que ocorreu na moda no Brasil a partir dos anos 1960, dada a introdução de filamentos sintéticos no mercado (o preço final, mais barato, possibilitou o acesso das camadas médias da população às roupas), além dos já citados editoriais de moda produzidos pela empresa têxtil Rhodia, que popularizou os desfiles de moda e contribuiu para consolidar uma imagem de que a moda nacional também tinha qualidade. Apostando na atenção aos detalhes que fariam com que uma moça fosse considerada bem-vestida, a apostila que ensinava o “Bem vestir”, de acordo com o “método Maria Augusta”, se divide em cinco grandes tópicos, acrescidos de um “dicionário da moda” (ver anexo B).

Segundo o texto³⁰⁷ da apostila e destinado às mulheres, na vida moderna os contatos são breves, o que demanda que cada momento seja aproveitado como oportunidade para dizer às pessoas quem somos; dentre os “sinais precisos” que podemos emitir, é fundamental “falar através do que vestimos”. O primeiro capítulo se destina a isso: a “arte do bem vestir”, pois “quando nos vestimos, mostramos a alma”. As mulheres aprendem que o modo como se vestem projeta seus “talentos, necessidades, personalidade, aptidões e rumos”. E que quando se vestem bem, são mais bem tratadas.

O vestuário pode revelar até sinais de depressão, funcionando como um autorretrato: “por vezes, as roupas são as únicas pistas visíveis para a descoberta da

³⁰⁴ Conversa de bom gosto com Márcia e Maristela. *O Globo*, Geral, 24 de março de 1960, p. 7.

³⁰⁵ Conversa de bom gosto com Márcia e Maristela. *O Globo*, Geral, 24 de março de 1960, p. 7.

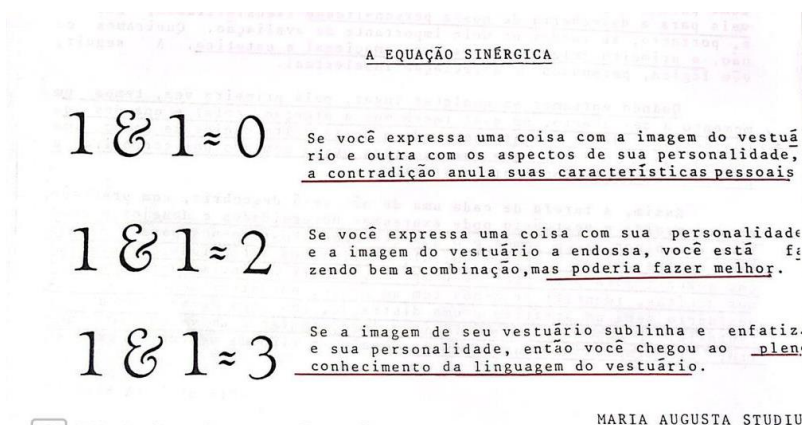
³⁰⁶ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

³⁰⁷ Apostila *Bem Vestir*, método Maria Augusta, p. 1-5.

nossa personalidade e, portanto, se tornam um meio importante de avaliação”. Segundo a apostila, um vestuário neutro “simplesmente não existe”: “qualquer tipo de vestuário traz em si uma mensagem. Existirá, sempre, uma escolha”.

Com esse entendimento, o curso de “Bem Vestir” ajudaria a mulher a descobrir sua “linguagem do vestuário”, a partir de uma complicada “equação sinérgica” que, a partir de uma pontuação, considera se há equilíbrio entre a personalidade da mulher e a imagem que seu vestuário emite. Isso importa porque “vestuário e conduta se integram”, e o objetivo a ser alcançado é a “sinergia”, um “todo harmonioso”; quando isso ocorre, chega-se a um “círculo vitorioso”, onde a mulher “se sente cada vez mais segura e confiante em si mesma, seu comportamento e seu desempenho melhoram” e há “identificação com o sucesso”. Caso contrário, enreda-se em um “círculo vicioso”, onde a escolha equivocada do vestuário implicaria em a mulher se sentir “tímida, retraída e deslocada”. Como consequência, “os outros reagem negativamente, ignorando-a ou agredindo-a”, provocando “depressão e isolamento”.

Figura 18 – A equação sinérgica



Fonte: Apostila Bem Vestir, p. 2.

Maria Augusta cita até o escritor francês Anatole France ao dizer que “uma revista de moda feminina diz mais sobre as mudanças da Humanidade que os filósofos, romancistas, profetas ou intelectuais”³⁰⁸, afirmando que o vestuário é

³⁰⁸ A citação a que Maria Augusta se refere é: “Se, do amontoado de obras que serão publicadas cem anos depois da minha morte, eu tivesse a possibilidade de escolher uma, vocês sabem o que eu escolheria. (...) Dessa biblioteca do futuro eu não pegaria, não, um romance, nem um livro de história (...) simplesmente, meu amigo, eu pegaria uma revista de moda, para saber como as mulheres se vestirão um século depois da minha morte. E tais vestidos me dariam mais informações sobre a humanidade futura do que todos os filósofos, os romancistas, os pregadores e os cientistas juntos” (FRANCE apud MALFITANO, 2008, p.71).

“uma extensão do corpo” e “contribui para a História como um reflexo dos tempos”. É interessante observar que Maria Augusta alterna prescrições contundentes para as mulheres, um “faça isso, não faça aquilo” em tom quase intimidador - como quando diz que “ir trabalhar usando um vestido de coquetel não só será pouco apropriado, como acabará deixando confusos os demais”, ou “é pelo vestuário que a mulher cria uma nova imagem e, através dela, estabelece metas e decide que aspectos projetar de sua própria personalidade”, com uma compreensão de que se exige demais da mulher:

A questão é que os homens sempre ditaram os padrões de beleza – e esperam medidas perfeitas. Publicidade e veículos de comunicação de massa tampouco ajudam muito à mulher, pois levam à comparação. (...) Além disso, à medida que a moda muda, diferentes tipos de corpo entram em voga. E é simplesmente impossível acompanhar a moda com o corpo – ter muito busto hoje, e pouco amanhã; pernas longas hoje, e diferentes amanhã.

Em dado momento do texto, Maria Augusta aponta que “caminhamos, sem dúvida, em direção à igualdade para as mulheres”³⁰⁹, mas é curioso notar que “igualdade” é essa: uma igualdade que demanda ser uma “mulher total, integrada”, que equilibra e concilia “os diversos papéis que tem a desempenhar na vida: mulher, companheira, mãe, anfitriã, dona de casa, estudante, profissional”. Ou seja, um acúmulo de papéis sociais que a mulher deve desempenhar de forma exímia, seguindo as orientações da apostila.

E mesmo supostamente rumo à “igualdade”, à aluna que procura aprimorar sua “linguagem de vestuário” são dadas orientações³¹⁰ como “tente obter três cumprimentos sinceros pela sua nova aparência”. Há um cotejo entre a ideia de que a mulher deve se valorizar, valorizar sua personalidade, que a aparência importa menos frente a quem se é, e de que se você não sabe quem você é, a moda é apenas um adorno, com considerações como “saber vestir-se bem pode constituir-se um talento, um dom essencial a qualquer mulher”, lembrando a citação de Perrot (2019, p. 50) quando diz que a moda atua como um “misto de prazer e tirania”.

³⁰⁹ Possivelmente algumas partes da apostila foram modificadas para fazer sentido para as alunas do Maria Augusta *Studios* e não mais da Socila.

³¹⁰ Apostila *Bem Vestir*, método Maria Augusta, p. 7.

Não bastava dominar o código do vestuário a partir de complicadas prescrições acerca de acessórios de primeira, segunda, terceira e quarta classe, conhecer os tecidos e comprimento das bainhas, compreender o que usar em cada ocasião, entender a composição de perfumes e como reconhecer uma pedra preciosa; era preciso aliar todo esse conhecimento à capacidade de se analisar fisicamente (a apostila inclui uma “tabela para suas medidas secretas”³¹¹) e psicologicamente (descobrir as principais “tendências psicológicas da mulher”³¹² para ajustá-las ao perfil físico e conseguir a “sinergia”).

Uma mulher “feminina” apreciaria detalhes românticos, enquanto a “dinâmica” se vestiria com simplicidade, “dando preferência a trajes esportivos”. A mulher “conservadora” seria discreta e gostaria de roupas clássicas; enquanto a “sofisticada” se atentaria aos detalhes da moda. A “displicente” teria pouco interesse na impressão que causaria – nota-se o adjetivo pejorativo, como se fosse um “perfil psicológico” a ser evitado -, e, por fim, a “exótica” seria “extravagante” e “não gosta do trivial”.

Se o casamento era o objetivo, e nesse jogo os homens escolhiam e as mulheres eram escolhidas, os homens como seres transcendentais e as mulheres imanentes, como aponta Beauvoir ([1949] 2019), desenvolver tais aptidões, ter um “aperfeiçoamento social” significava ter mais chances de êxito. A *Socila*, portanto, prescrevia regras, contribuindo para a construção de uma fachada (GOFFMAN, [1959] 2014) que denotava um pertencimento legítimo a um determinado grupo, em vez de parecer sedenta por fazer parte dele. O ganho da distinção, na visão de Bourdieu ([1981] 2019, p. 13), é justamente esse “ganho de desinteresse: o ganho que existe em se ver - e em ser visto – como não buscando o ganho, como totalmente desinteressado”.

A moda não é o único fator de distinção: elegância depende do aprendizado de códigos que incluem vestir o tecido certo, usar roupas condizentes com a idade em vez de emprestadas da mãe, dominar a etiqueta dentro e fora do lar, e inclui também ter a postura adequada, saber conter os gestos, tirar partido de uma *hexis* corporal (BOURDIEU, [1981] 2019), de modo que roupa e corpo se amalgamam em uma produção de sentido que reflita um desembaraço, um *pertencer* que não

³¹¹ Apostila *Bem Vestir*, método Maria Augusta, p. 11.

³¹² Apostila *Bem Vestir*, método Maria Augusta, p. 24.

deixe dúvidas de que aquela mulher domina os códigos da feminilidade, como se já tivesse nascido sabendo todos eles.

3.3. Educação do corpo e *hexis* corporal

Mas havia rigores a aceitar e vigiar: era preciso saber andar, se sentar, dançar, descer as escadas, sair de um automóvel e ainda conversar, usar os talheres e sorrir. (...) Conselheiras da década de 1950 insistiam exaustivamente na necessidade de educar o corpo para vida social em seus mínimos detalhes. Clarice Lispector também escreveu conselhos dessa natureza, incluindo dicas de beleza. As brasileiras eram estimuladas a se examinarem diante do espelho, a treinarem gestos e posturas dentro de casa, antes de exercê-los perante os outros. O detalhamento das regras atingia pequenos gestos cotidianos que passaram a ser considerados feios. (...) Os conselhos foram exaustivos em suas repetições e insistências. Tratava-se de conter qualquer exagero, de controlar meticulosamente a presença corporal emocional. Mulher bela devia saber se conter: gritos, risos longos, choros compulsivos, bocejos, tudo isso podia enfeiar o brotinho e deixá-la solteira para sempre (SANT'ANNA, 2014, p. 47).

Embora a beleza seja algo historicamente associado às mulheres como virtude feminina, o processo de tornar-se bela não está sozinho no rol de itens de “primeira necessidade” (SANT'ANNA, 2014, p. 9) para a mulher “saber se conduzir”³¹³. É também a educação do corpo para a vida social que garantiria, segundo Maria Augusta, “segurança, bem-estar, alegria e sucesso, com aproveitamento máximo das possibilidades de cada uma”³¹⁴.

Procurada por “moças e senhoras que não pretendiam desfilarem em passarelas, mas gostariam de entrar numa sala e andar na rua com a elegância de um manequim”³¹⁵, a Socila – e posteriormente, a própria Maria Augusta em seu Maria Augusta *Studios* - oferecia cursos para aquelas que tivessem um “simples desejo de aperfeiçoamento”³¹⁶, com “defeitos de atitude”³¹⁷ que não soubessem como corrigir sozinhas. A vantagem? Tanto embelezamento como educação poderiam ser

³¹³ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

³¹⁴ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

³¹⁵ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

³¹⁶ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

³¹⁷ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

adquiridos na Socila: “Nossa mercadoria é a beleza e a educação da mulher. Estamos seguros de que vendemos um gênero de primeira necessidade”³¹⁸.

A educação do corpo é, para José Carlos Rodrigues (1986, p. 98), uma “gramática de vital importância para o convívio social”. De acordo com o antropólogo, quem não domina os códigos da vida social é alguém “sem modos” que tende a ser discriminado, o que torna necessário o conhecimento dos limites do corpo e as condições de controle a que ele deve ser submetido. “Não basta sabermos bem a língua pátria, é preciso que saibamos a dicção correta e a altura apropriada” (RODRIGUES, 1986, p. 99):

Na realidade, quando nos comunicamos socialmente situamo-nos simultaneamente em diferentes planos, nem todos igualmente conscientes. Recebemos signos verbais e não-verbais, táteis, visíveis e audíveis: contatos corporais de diferentes tipos, posturas, aromas, aparência física, expressões faciais, movimentos das diferentes partes do corpo, posição das mãos, direção do olhar, tom emocional, altura da voz, timbre – enfim, um complexo de informações que tendemos a considerar naturais, mas que estão altamente codificadas e que variam de sociedade para sociedade: uma linguagem, tão coletiva como qualquer outra (RODRIGUES, 1986, p. 99).

Esta noção de linguagem se coaduna com a visão de Stuart Hall (2016, p. 42) quando afirma que os códigos estabelecem uma “tradutibilidade” a partir das convenções sociais, como já falado. Parece óbvio, mas é este entendimento se não único, ao menos similar, do que é educado, que possibilita a própria razão de ser da Socila, a ideia de que há um ideal a ser alcançado, há o que ser corrigido, há um “aperfeiçoamento social” a ser empreendido. Há sempre algo a ser “melhorado”. Segundo Rodrigues (1986, p. 97), “o social se faz presente nas menores ações humanas”, de modo que práticas aparentemente insignificantes traduzem mensagens sobre o que é certo e errado, sobre o que é educada ou mal-educada, uma vez que há regras para tudo que diz respeito ao corpo.

As implicações do ser civilizada e saber controlar o próprio corpo para participar da vida social não são, por óbvio, exclusividade da mulher; o homem também tem seu comportamento condicionado ao longo do “processo civilizador” (ELIAS, [1939] 2011). Entretanto, tanto na minha dissertação de mestrado

³¹⁸ Ser miss não é mole. *O Cruzeiro*, ed. 0021, 1971, p. 112.

(MEDEIROS, 2017) quanto nesta pesquisa de doutorado, as regras impostas à mulher estão incomparavelmente em maior número e nível de exigência. Se a mulher precisa permanentemente tornar-se mulher, como aponta Beauvoir ([1949] 2019), isso se dá a partir do desempenho do papel social que invoque, comprove, confirme sua feminilidade ao longo de toda a vida. E se havia algo fundamental na educação das moças da Socila era o aprendizado da *hexis* corporal (BOURDIEU, [1981] 2019), uma das dimensões que compõem o *habitus*, relacionada ao aprendizado e à internalização de maneiras relativas ao corpo, a compreensão do corpo como *signum* social, como veremos à frente.

O sociólogo e antropólogo Marcel Mauss ([1950] 2003, p. 405) chama de técnicas do corpo os modos de agir, aprendidos por meio da educação e do que ele denomina como imitação prestigiosa. Fazendo referência a um documento que descreve a maneira de andar da mulher maori, da Nova Zelândia, conta que as indígenas tinham um certo balanceio dos quadris enquanto andavam, algo solto e, no entanto, articulado, muito admirado. As mães exercitavam as filhas na forma de andar; era, portanto, um saber a ser adquirido, e não uma maneira natural de andar. “Em suma, talvez não exista maneira natural no adulto”, Mauss diz; esse ponto também nos é caro nessa pesquisa a partir da perspectiva de Elias ([1939] 2011).

Mauss ([1950] 2003, p. 407), diz que é um erro considerar que só há técnica quando há instrumento; para ele, técnica é um “ato tradicional eficaz”, que nisso “não difere do ato mágico, religioso, simbólico”. O ato precisa ser apenas “tradicional e eficaz”, pois não há técnica nem transmissão se não houver tradição. “Eis em que o homem se distingue antes de tudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral”, afirma. “O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo” (MAUSS, [1950] 2003, p. 407). “Tudo em nós nos é imposto”, observa Mauss ([1950] 2003, p. 408).

A posição dos braços e das mãos enquanto se anda, por exemplo, não é da ordem individual; Mauss acredita que poderia reconhecer uma jovem educada em convento, por exemplo, porque ela andaria com as mãos fechadas. As técnicas também mudam com o tempo: Mauss conta que aprendeu a correr com um excelente professor de ginástica no século XIX; décadas depois, ver corredores

profissionais lhe fez perceber que deveria correr de outro modo - a técnica, a arte de utilizar o corpo humano era outra, e os fatos de educação predominavam. É por meio do que ele chamou de imitação prestigiosa que cada cultura constrói os comportamentos, e os costumes e tradições de uma cultura também contemplam a educação do corpo, de modo que “a noção de educação podia sobrepor-se à de imitação”, diz Mauss ([1950] 2003, p. 405):

Pois há crianças, em particular, que têm faculdades de imitação muito grandes, outras muito pequenas, mas todas se submetem à mesma educação, de modo que podemos compreender a sequência dos encadeamentos. O que se passa é uma imitação prestigiosa. A criança, como o adulto, imita atos bem-sucedidos que ela viu serem efetuados por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela. O ato se impõe de fora, do alto, mesmo um ato exclusivamente biológico, relativo ao corpo. O indivíduo assimila a série dos movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros. É precisamente nessa noção de prestígio da pessoa que faz o ato ordenado, autorizado, provado, em relação ao indivíduo imitador, que se verifica todo o elemento social. No ato imitador que se segue, verificam-se o elemento psicológico e o elemento biológico. Mas o todo, o conjunto é condicionado pelos três elementos indissolivelmente misturados”.

Fato é que, para Mauss ([1950] 2003), em cada sociedade os indivíduos se servem de seu corpo por meio de técnicas, levando em consideram os hábitos e *habitus* de cada grupo. Um corpo imóvel, olhando fixo, em um contexto significa uma coisa; em outro contexto, pode ter outro valor atribuído. É importante dominar as técnicas do corpo e os significados que elas têm em cada contexto; são muitos os detalhes a serem observados, e são eles que vão compor a educação do corpo de um indivíduo, desde criança. Chamamos de detalhes o que, na verdade, nos é essencial.

Mauss ([1950] 2003) afirma que não há técnica nem transmissão se não houver tradição; Maria Augusta dominava a técnica e a transmitia para as alunas, perpetuando a tradição da educação do corpo, a partir do aprendizado de determinada *hexis* corporal. Fazia isso com riqueza de detalhes: considerando o objetivo de “orientar e ajudar a mulher no aspecto cultural, social e físico”³¹⁹, das quatro apostilas a que tive acesso para esta pesquisa, o maior número de páginas,

³¹⁹ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

193 no total, é dedicado à temática denominada Linguagem do corpo – Método Maria Augusta, volumes um e dois (ver anexo C).

O conteúdo da apostila Linguagem do corpo – volume um é dedicado majoritariamente à postura. Dividido em duas partes: “Exercícios de trabalho corporal” e “Postura correta e graciosa”, ora se refere à postura³²⁰ como questão de saúde (“muito prejudicial principalmente à saúde é a postura abatida, desencaixada”), ora como ativo no convívio social (“tão importante que atua como cartão de visitas individual, influenciando a atitude e a reação das pessoas em relação a nós”), são 102 páginas dedicadas a identificar se a postura da mulher (representada em figuras ilustrativas e na linguagem) é adequada e como melhorá-la a todo custo.

Figura 19 – Aula de postura na Socila. Posição das pernas.



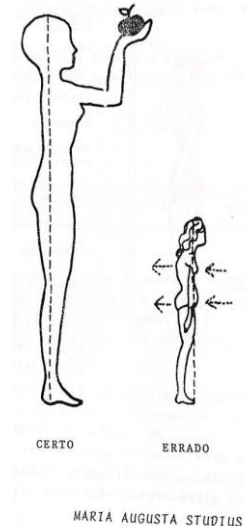
Fonte: *O Brasil na moda*, p. 634-635.

Afinal, “a postura correta, repetimos, é responsável pela boa impressão que você causa nos outros, pois determina o seu modo de andar, o seu porte, a sua aparência e até mesmo o seu próprio bem-estar”³²¹. Faz sentido quando pensamos que classificamos as pessoas quanto sua aparência, aplicando ao corpo “crenças e sentimentos que estão na base da nossa vida social” (RODRIGUES, 1986, p. 46). Rodrigues (1986, p. 45) entende o corpo como “se tornando cada vez mais carregado de conotações, (...) cultivado higiênica, dietética e terapeuticamente, objeto de obsessão de juventude, elegância e cuidados”, utilizado como um “sistema de expressão” (RODRIGUES, 1986, p. 97) sem limites.

³²⁰ Linguagem do corpo, volume um. Maria Augusta *Stadius*, p. 1.

³²¹ Linguagem do corpo, volume um. Maria Augusta *Stadius*, p. 7.

Figura 20 – Postura certa e errada



Fonte: Apostila Linguagem do corpo, vol.1, p. 5

Tendo isto em mente, as orientações posturais³²² de Maria Augusta variam de colocar “um saco comum de tecido ou papel com dois orifícios no lugar dos olhos, e alguns metros de cadarço branco” a fim de fazer “um levantamento sincero das impressões gerais de sua silhueta” para “verificar que áreas de seu corpo vão precisar de maior concentração de exercícios corretivos”; passando por colocar “um saco de areia na cabeça, mantendo o queixo paralelo ao chão”³²³, até sugestões de como corrigir questões físicas, como “defeitos mecânicos dos pés”³²⁴ e pernas arqueadas.

São tantas as prescrições físicas que por vezes a sensação é de que se está lendo um manual ortopédico escrito por um médico ou fisioterapeuta. Este discurso situado entre saúde e convívio social lembra a vocação universal dos remédios anunciados nos jornais do início do século XX que, de acordo com Sant’Anna (2014), podiam ser prescritos tanto para a saúde quanto para a beleza. Educar a postura, portanto, não seria uma “escolha”, mas um imperativo.

Alcançar a postura adequada se mostra tarefa árdua nas mais de 100 páginas deste volume um da apostila, exigindo esforço e dedicação: “a única forma de ensinar ao corpo o que é correto é lutando com ele o tempo inteiro”³²⁵. A ideia de condicionar o corpo a um comportamento por repetição, de tal modo que nos pareça

³²² Linguagem do corpo, volume um. Maria Augusta *Studius*, p. 3.

³²³ Linguagem do corpo, volume um. Maria Augusta *Studius*, p. 21.

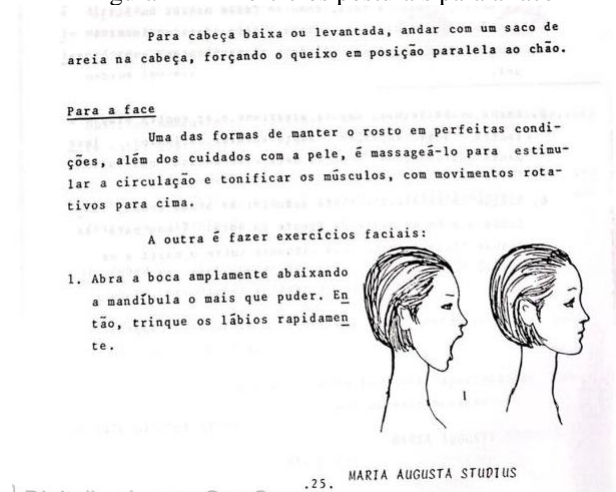
³²⁴ Linguagem do corpo, volume um. Maria Augusta *Studius*, p. 11.

³²⁵ Linguagem do corpo, volume um. Maria Augusta *Studius*, p. 3.

que o que foi aprendido é intrínseco à natureza humana, é fruto do processo civilizador (ELIAS, [1939] 2011). Na medida em que novas regras são assimiladas, vai deixando de ser necessário prescrevê-las: “finalmente, um dia, esta luta entre corpo e mente terá fim, pois o corpo se acostumará a manter-se na postura correta automaticamente”³²⁶.

Chama a atenção também a quantidade de páginas minuciosamente dedicadas às descrições de “exercícios de trabalho corporal” para fortalecer, alongar, prevenir flacidez, afinar. São exercícios para a face, olhos, pescoço, braços, ombros, mãos, busto, tórax, diafragma, cintura, ventre (“não pode haver elegância de porte se há uma barriguinha atrapalhando a silhueta”³²⁷), quadris e nádegas, coxas (para afinar ou aumentar), joelhos, pernas, tornozelos, pés, até os dedos dos pés. Todo o corpo poderia – deveria – ser melhorado.

Figura 21 – Exercícios posturais para a face



Fonte: Apostila Linguagem do corpo, vol. 1, p. 25

Uma hipótese para essa profusão de orientações é que foi na década de 1980 que “malhar o corpo em academias, parques, grandes avenidas, condomínios fechados e praias modificou o antigo imaginário dos clubes” (SANT’ANNA, 2014, p. 77), e possivelmente Maria Augusta entendeu que precisava também atuar nesta frente. Na parte dois da apostila, “Postura correta e graciosa”, são prescritos exercícios de manutenção da postura geral, lembrando especificidades como “para as altas: permaneça alta! Não queira diminuir o seu tamanho relaxando o corpo. Você só conseguirá destruir o porte majestoso que é seu atributo natural”, enquanto

³²⁶ Linguagem do corpo, volume um. Maria Augusta *Studios*, p. 3.

³²⁷ Linguagem do corpo, volume um. Maria Augusta *Studios*, p. 60.

“para as baixas: estique-se!”³²⁸, mostrando o quão complexo é tornar-se mulher. O lembrete final é dirigido a todas:

O que você julga que é mais importante? A confiança interior ou a aparência exterior? Na verdade, esta seria uma discussão eterna e estéril, porque uma coisa está intimamente ligada à outra. Por via das dúvidas, você precisa apenas olhar-se no espelho ainda uma vez para certificar-se de como uma postura correta e imponente contribui para aumentar sua elegância e embelezar sua aparência. Esta certeza lhe trará confiança em si mesma, sempre renovada³²⁹.

O discurso da educação do corpo como ativo para a mulher, com a promessa de que lhe traria saúde, confiança, bem-estar e emancipação, tinha na publicidade e nos jornais seus principais divulgadores. “No lugar de sugerir que seria preciso se embelezar e se curar porque, caso contrário, a mulher não arrumaria marido e estaria condenada à tristeza, os anúncios reforçavam as vantagens dos produtos. Afirmavam que vale a pena cuidar do corpo porque beleza rimava com felicidade e saúde” (SANT’ANNA, 2014, p. 43). As promessas se multiplicavam em prol de uma “aura de felicidade em torno do consumo” (SANT’ANNA, 2014, p. 45), lembrando à mulher que agora ela supostamente tinha escolha: o objetivo de Maria Augusta era dar “ajuda muito grande à mulher de hoje, disposta a atingir um padrão de beleza, de cultura e de conduta social que lhe permita desfrutar de uma vida melhor”³³⁰.

A vida melhor, entretanto, pressupunha ter disponibilidade financeira para arcar com todas essas promessas, mas não só. Sob o sugestivo título *Como se faz uma nova mulher*, reportagem de 1970 menciona uma mulher casada que, insegura, olhava para outra mulher como adversária: “Pensava no marido. Quantas vezes por dia ele não enfrentaria um perigo assim?”³³¹. O objetivo maior do embelezamento e da educação do corpo permanecia, portanto, atrelado ao projeto de conseguir se casar e, para as casadas, ao medo de perder o marido, pois como mostra Beauvoir ([1949] 2019, p. 190), mesmo nos casos em que a mulher é emancipada, o privilégio econômico dos homens sugere que manter o casamento é melhor do que manter um

³²⁸ Linguagem do corpo, volume um. Maria Augusta *Studios*, p. 102.

³²⁹ Linguagem do corpo, volume um. Maria Augusta *Studios*, p. 103.

³³⁰ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

³³¹ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

ofício: “ela procurará um marido de situação superior à sua, esperando que ele vença mais depressa, vá mais longe do que ela seria capaz”.

O volume dois da apostila “Linguagem do corpo” está dividido em duas partes: postura e andamento. Entendendo que no volume um a aluna aprendeu o alinhamento da postura, o volume dois se dedica ao ensino da variação das poses, aprender o que fazer com o próprio corpo e como se posicionar na vida social. “O número de variações que você pode injetar na própria postura surpreenderá você”³³², ensina. Aprender “apenas uma postura correta dificilmente constituirá a postura por excelência”³³³, era preciso “saber o que fazer com os braços, mãos e pés”³³⁴, pois “uma mesma pose, embora graciosa, não constituirá a posição adequada para todos e quaisquer momentos e ocasiões”³³⁵ (ver anexo C).

Ao lado da maioria das posições, há a indicação se é uma postura “profissional” (indicada para aspirantes a modelo) ou “social” (dedicada a mulheres “comuns”). A maioria, entretanto, está voltada para “social”; além disso, o tópico “Na passarela”, além de ser o último item da apostila, tem apenas cinco páginas, o que denota que o tempo de escola de manequins já havia passado e o foco eram mesmo as mulheres “comuns” que quisessem “melhorar um pouco”³³⁶.

E as possibilidades de “melhorar”, em tese, eram muitas: aprendia-se, por exemplo, que existem quatro posições básicas de pernas quando a mulher está sentada; que mudar a perna de um lado para o outro, cruzando-a, denota nervosismo (“logo saberão que você está nervosa ou pouco à vontade”³³⁷), e que demonstrar esforço para se sentar e se levantar implica em “além de desgraciosa, dará a impressão de ter mais peso e idade do que tem”³³⁸, o que seria um problema no contexto em que juventude e esbeltez eram enaltecidos.

De acordo com Sant’Anna (2014, p. 64-65), é na década de 1960 que ocorrem os primeiros congressos europeus sobre envelhecimento da pele, que modificam os significados sobre o que é ruga. A pele impecavelmente lisa passa a

³³² Linguagem do corpo, volume dois. Maria Augusta *Studios*, p. 104.

³³³ Linguagem do corpo, volume dois. Maria Augusta *Studios*, p. 104.

³³⁴ Linguagem do corpo, volume dois. Maria Augusta *Studios*, p. 104.

³³⁵ Linguagem do corpo, volume dois. Maria Augusta *Studios*, p. 104.

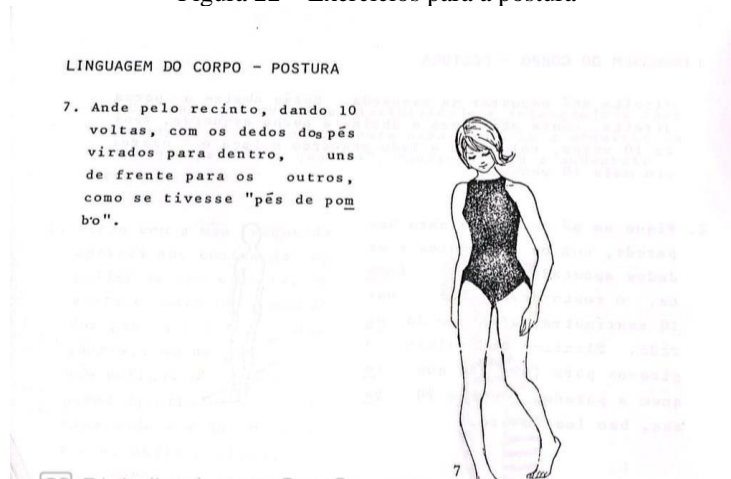
³³⁶ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

³³⁷ Linguagem do corpo, volume dois. Maria Augusta *Studios*, p. 111.

³³⁸ Linguagem do corpo, volume dois. Maria Augusta *Studios*, p. 111.

ser valor importante. Conferir o próprio peso, algo que só era feito no consultório médico, também se torna um hábito, com balanças vendidas em drogarias e propaganda de produtos para emagrecer na imprensa. Assim, “uma nova valorização da magreza dos braços e pernas alongou a mulher e ampliou as possibilidades do embelezamento. Todo o corpo precisava ser trabalhado”, é o que ensinavam didaticamente as apostilas aqui estudadas.

Figura 22 – Exercícios para a postura



Fonte: Apostila Linguagem do corpo, vol. 1, p. 73

Como afirma Rodrigues (1986), os signos não-verbais configuram uma linguagem tão coletiva como qualquer outra, e conhecer os limites do corpo e das condições de controle às quais ele deve ser submetido significa participar da vida social. Segundo a apostila, o jeito de andar revelaria muito sobre a mulher: “se observar alguém andar, de imediato você formará uma opinião a seu respeito, porque o caminhar reflete a personalidade, o estado de espírito, a saúde”³³⁹. O andar se configura, assim, como “uma arte, uma coordenação completa dos movimentos”³⁴⁰.

E mais: o objetivo central era aprender a ter um “andar deslizante”³⁴¹. Esta expressão reflete, segundo as lições, um andar gracioso, elegante, equilibrado, coordenado, com flexibilidade e ritmo, que simbolizava “não um toque apenas profissional, mas um atributo essencialmente feminino”³⁴². A postura correta ao

³³⁹ Linguagem do corpo, volume dois. Maria Augusta *Studios*, p. 168.

³⁴⁰ Linguagem do corpo, volume dois. Maria Augusta *Studios*, p. 171.

³⁴¹ Linguagem do corpo, volume dois. Maria Augusta *Studios*, p. 171.

³⁴² Linguagem do corpo, volume dois. Maria Augusta *Studios*, p. 171.

caminhar ou sentar-se eram “fatores importantíssimos para que as alunas se incluíssem na categoria de finas e educadas”³⁴³.

Sabemos que há uma gramática no corpo e nos gestos que possibilita a participação na vida social, e que tal desejo de inclusão é comum a homens e mulheres. Não espirrar no outro, não tossir em cima de alguém, não acotovelar alguém à mesa, por exemplo, são regras disseminadas no Brasil por meio de manuais de etiqueta nos séculos XIX e XX, como vimos, e o domínio destes códigos permitia distinguir quem era civilizado de quem não era. Entretanto, pode-se afirmar com o que vimos até aqui que a cobrança social em relação à mulher é evidentemente maior; ou terá havido escolas de etiqueta ensinando um homem a aprender um andar masculino?

De onde vem a inspiração para um “andar deslizante”? “O melhor meio de compreender a interrelação peso do corpo/andar é inspirar-se num desfile militar a passos lentos”³⁴⁴, diz a apostila de Maria Augusta. O corpo militar como corpo disciplinado é discutido por Foucault ([1975] 1997, p. 125), perpassando por mudanças: do corpo do soldado que se reconhece de longe no início do século XVII, cuja marcha e porte da cabeça se originam em uma “retórica corporal da honra”, ao corpo do século XVIII, que se fabrica, do qual se fez “a máquina de que se precisa”, se tornando um corpo que “se manipula, se modela, se treina, que obedece”.

A partir da correção da postura no soldado, “lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos” (FOUCAULT, [1975] 1997, p. 125). Esta coação gradual que tem como objetivo que o novo hábito seja assimilado está presente na linguagem do corpo ensinada nas apostilas que, como vimos, têm como lição lutar com o corpo o tempo inteiro³⁴⁵, até que o corpo passe, enfim, a “manter-se na postura correta automaticamente”³⁴⁶. A contenção do corpo, por certo, garantia o êxito na vida social³⁴⁷.

³⁴³ A batuta mágica. *Revista Carioquice*, seção Chão de estrelas. Instituto Cultural Cravo Albin. Ano II, número 5, abr/mai/jun 2005, p. 56-61. Edição em pdf.

³⁴⁴ Linguagem do corpo, volume dois. Maria Augusta *Studius*, p. 177.

³⁴⁵ Linguagem do corpo, volume um. Maria Augusta *Studius*, p. 3.

³⁴⁶ Linguagem do corpo, volume um. Maria Augusta *Studius*, p. 3.

³⁴⁷ Ver capítulo 2 sobre civilidade e etiqueta (a ser escrito).

A ideia de que a educação do corpo proporcionava confiança e bem-estar, ingredientes necessários para a almejada emancipação da mulher, estava permanentemente presente nos discursos da Socila e de Maria Augusta. A própria projeção da escola, que se deu a partir das aulas dadas às filhas do então presidente Juscelino Kubitschek, teve como cerne o ensino postural.

A “postura graciosa” e o “andar deslizante” como atributos femininos e garantidores de uma segurança para a mulher frente à vida social podem ser pensados de duas formas que se relacionam: o “tornar-se mulher” como algo a ser alcançado mediante o desempenho do papel social da feminilidade, e o casamento como confirmação desta mesma feminilidade. Beauvoir ([1949] 2019, p. 191) afirma que a mulher é vista como um ser “socialmente incompleto”, mesmo que trabalhe e ganhe seu próprio dinheiro: “cumpre que traga uma aliança no dedo para que conquiste a dignidade integral de uma pessoa e a plenitude de seus direitos”.

Estava bem claro que este era o objetivo da Socila: “Maria Augusta, com movimentos de maestrina, regia a sociedade carioca com a sua bengalinha. Surgia a batuta mágica que marcaria o andar, a coreografia e o estilo das moçoilas candidatas a modelo, miss e bons casamentos”³⁴⁸. E mesmo as que desfilassem tinham na profissão algo transitório, aguardando o objetivo maior: “Na profissão de manequim, a glória é maior do que a remuneração. Mas às vezes elas se casam”³⁴⁹, diz reportagem. Outra publicação enfatiza: “O casamento tem feito com que a maioria dos manequins abandone pra sempre a profissão”³⁵⁰.

O dever ser da feminilidade é, portanto, a submissão e conformação estética e comportamental voltada ao desejo masculino, para alcançar o ideal do casamento. Ser civilizada é tornar-se aceitável ao outro, e uma vez que a mulher só existe legitimada pelo homem (BEAUVOIR, [1949] 2019), ter boas maneiras e ser bela têm como finalidade a aceitação masculina. A mulher, afinal, se valorizará aos olhos do homem moldando-se aos sonhos masculinos. Neste sentido, a educação do corpo feminino busca um corpo dócil, e porque dócil, compatível com o que se entende como ser mulher. “Ser feminina é mostrar-se impotente, fútil, passiva,

³⁴⁸ A batuta mágica. *Revista Carioquice*, seção Chão de estrelas. Instituto Cultural Cravo Albin. Ano II, número 5, abr/mai/jun 2005, p. 56-61. Edição em pdf.

³⁴⁹ Da passarela ao casamento. *Manchete*, ed. 0490, 1961, p. 42-44.

³⁵⁰ Vida de manequim. *Manchete*, ed. 0615, 1966, p. 50-58.

dócil”, diz Beauvoir ([1949] 2019, p. 83). A Socila se configuraria então como uma preparação para o casamento, mas não só; também como uma escola de formação para mulheres que surge e perdura mesmo ante a colocação do feminismo e a pauta da emancipação feminina.

3.4. O ensino do *habitus*

Em *Ethos emergente: notas etnográficas sobre o sucesso*, Diana Lima (2007, p. 75) faz uma investigação entre integrantes de um grupo que permaneceu em evidência nas colunas sociais da imprensa do Rio de Janeiro entre os anos de 1994 e 2000. Seu objetivo era observar o *ethos* do grupo denominado “os emergentes da Barra”, em referência aos moradores do bairro novo, planejado, que até 1980 mal tinha saneamento³⁵¹ e servia mais como veraneio para os próprios habitantes da cidade, em paralelo ao estilo de vida de segmentos do que seria a elite da cidade.

Conforme Lima (2007, p. 75), associados ao sucesso conquistado por meio de trabalho árduo, os “emergentes” costumavam exibir coleção de bens de alto custo, sendo “repetidamente retratados na mídia, rodeados de carros importados, mansões cinematográficas, vestindo ‘roupas de marca’ etc”. No caso das mulheres, o estereótipo da “emergente” era o de uma mulher “loira de cabelos lisos”, que tem a pele “tratada com recursos de dermatologia estética e o corpo moldado por uma lipoaspiração e mantido na academia de ginástica sob a orientação de um *personal trainer*”. Essa mulher está sempre “produzida com grifes, joias e brilhos de um modo geral, é ‘batalhadora’ e casada com um empreendedor ‘de sucesso’”.

À pesquisadora interessava também observar a imprensa para compreender uma suposta disputa entre essa rede de relações denominada “emergentes” e grupos entendidos pelo jornalismo social como “tradicionais”, pela condição de “elite moderna”. Segundo Lima (2007, p. 76), sua própria rede de relações se referia aos “emergentes” com frases como “aquela gente é absurda”, “pessoas vazias”, “pessoas que só consomem por consumir”, “que não têm educação”, “que não têm

³⁵¹ Antigos moradores relembram o começo da urbanização da Barra. *O Globo*, 30 de julho de 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/antigos-moradores-relembram-comeco-da-urbanizacao-da-barra-1-21644014>. Acesso em 05 de maio de 2022.

berço”, “que adoram aparecer”. De acordo com o jornalismo social e aqueles que o liam, os “emergentes” jamais pertenceriam a uma “verdadeira elite”, por não terem “educação e nem berço”; essa seria a razão para investirem “somente e de maneira conspícua em estética corporal, marcas famosas, decoração, carros importados, festas e assim por diante”.

De modo geral, a ideia dos informantes e da mídia convergia para o fato de que os “emergentes, porque não foram socializados no código adequado, não foram educados em contato com a arte e não aprenderam a relacionar-se esteticamente com o mundo, jamais poderão pertencer à verdadeira elite”. A “separação” entre “emergentes” e “verdadeira elite” se dá por meio do que Bourdieu ([1979] 2015, p. 9) chamou de fronteira de *status*; gosto não seria um “dom da natureza”, mas sim produto da educação, de modo que funciona como marcador de classe, e as maneiras de adquirir o gosto sobrevivem na maneira de utilizá-los:

A atenção prestada às maneiras tem sua explicação se observarmos que, por meio destes imponderáveis da prática, são reconhecidos os diferentes modos de aquisição, hierarquizados, da cultura, precoce ou tardio, familiar ou escolar, assim como as classes de indivíduos que elas caracterizam (BOURDIEU, [1979] 2015, p. 9).

Para Bourdieu ([1979] 2015, p. 56), é o gosto que diferencia uns dos outros; é o que une e separa - une os que são produtos de condições semelhantes, e separa na medida que os distingue dos demais. O sociólogo entende os gostos, que chama de “preferências manifestadas”, como “afirmação prática de uma diferença inevitável”. “O gosto é o princípio de tudo que se tem”, diz. Assim, toda decisão, toda tomada de posição, desde a roupa que se veste até como se decora a casa, constitui para ele uma oportunidade de “afirmar a posição ocupada no espaço social”, bem como assegura o “distanciamento a manter”.

Nesse sentido, Bourdieu³⁵² remete à antiga noção aristotélica de *habitus*, em sua perspectiva um “princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis”, também um “sistema de classificação” dessas práticas (BOURDIEU, [1979] 2015, p. 162). *Habitus* remete a um processo pelo qual os indivíduos interiorizam as

³⁵² Para este entendimento, além das obras aqui referenciadas, foram consultadas notas de aula da disciplina Teorias da Comunicação II, ministrada pelo prof. Dr. José Carlos Rodrigues no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUC-Rio, no primeiro semestre de 2019.

estruturas do mundo social; funciona como esquemas de classificação que orientam comportamentos, condutas, gostos; as categorias de pensamento, bem como seus sistemas de valores, são produto da incorporação das estruturas sociais. Os agentes têm uma história que, por sua vez, são produto de uma educação associada a um meio. O olho, ou o modo de ver, por exemplo, é “um produto da história reproduzido pela educação” (BOURDIEU, [1979] 2015, p. 10).

Como uma estrutura objetiva se torna subjetiva, um sistema de preferências? A partir de qual mediação? Para Bourdieu ([1988] 2017, p. 62), *habitus* não é um destino, “trata-se de um sistema aberto de disposições que estará submetido constantemente a experiências e, desse modo, transformado por essas experiências”. De acordo com o sociólogo francês (1983, p. 105), o *habitus* constitui a situação e a situação constitui o *habitus*, ou seja, “aquilo que se adquiriu, mas que se encarnou no corpo de forma durável sob a forma de disposições permanentes”, como produto das condições sociais; *habitus* é “um capital que, sendo incorporado, se apresenta com as aparências de algo inato”.

Há esforço para que o *habitus* seja constituído, mas não de modo que pareça forçado; “é semelhante a uma mola, mas é necessário algo desencadeador”, diz. Quando Bourdieu (1983, p. 105) observa que o *habitus* é como um jogo social incorporado, transformado em natureza, ele se refere a essa noção como produto dos condicionamentos, uma espécie de “máquina transformadora” que faz com que reproduzamos as condições sociais da nossa própria produção, uma “interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade”.

Diferente do cálculo e da estratégia, o *habitus* não supõe uma ação consciente – é um ganho desinteressado e, de certo modo, é produto da história. É por meio do *habitus* que o passado sobrevive no presente e tende a se perpetuar, como uma tradição. Para o sociólogo, existem dois modos de aquisição da cultura: o aprendizado total, que se dá de forma precoce, desde a primeira infância no seio da família, e o aprendizado tardio, por método, *acelerado*, garantido por ações pedagógicas:

O aprendizado quase natural e espontâneo da cultura se distingue de todas as formas de aprendizado forçado, não tanto, como o quer a ideologia do "verniz" cultural, pela profundidade e a durabilidade de seus efeitos, mas pela modalidade da relação com a cultura que ele favorece. Ele confere a certeza de si, correlativa

à certeza de deter a legitimidade cultural, verdadeiro princípio do desembaraço ao qual identificamos a excelência; ele produz uma relação mais familiar, ao mesmo tempo mais próxima e mais desenvolta, com a cultura, espécie de bem de família que sempre conhecemos e do qual nos sentimos o herdeiro legítimo: a música não são os discos e a eletrola dos vinte anos, graças aos quais descobrimos Bach e Vivaldi, mas o piano da família, ouvido desde a infância e vagamente praticado até a adolescência; a pintura não são os museus, de repente descobertos no prolongamento de um aprendizado escolar, mas o cenário do universo familiar. (BOURDIEU, 1983, p. 15).

Na Socila, as fronteiras eram borradas; a proposta de Maria Augusta era que, uma vez que passasse pelos seus cursos, não se distinguiria uma moça que adquiriu cultura ao longo da vida, a partir do universo familiar, de forma “natural e espontânea”, daquela que estivesse tendo contato com o universo de etiqueta, vestuário, educação do corpo pela primeira vez. O *habitus* poderia ser aprendido, adquirido, incorporado. O resultado prometido era o Maria Augusta chamava de “sucesso social quase garantido”³⁵³.

Seus cursos prometiam que a mulher conseguiria adquirir confiança em si mesma, se emancipar, aprender a “se conduzir”³⁵⁴, a ter “segurança, bem-estar, alegria e sucesso, com aproveitamento máximo das possibilidades de cada uma”³⁵⁵. Ninguém repararia nos “defeitos” uma vez que a mulher fosse “elegante, bem-vestida, bem maquilada, desembaraçada e segura de si”³⁵⁶. Desembaraço é justamente o termo usado por Bourdieu (1983) para designar quem tem o *habitus*, quem realmente *faz parte* de um campo, de modo que seja reconhecido pelos demais agentes daquele campo.

É possível inferir que as alunas da Socila eram, em sua maioria, jovens de classes abastadas (ao menos no começo da escola, nos anos 1950 e 1960). Moças que já detinham um determinado *habitus*, um determinado gosto, e demandavam um “aperfeiçoamento social” para atingirem seus objetivos, circularem com mais desenvoltura, se casarem. Ao que tudo indica, uma parcela das jovens que frequentavam a Socila já tinha o “verniz cultural”, que lhes conferia “a certeza de si”, a certeza de “deter legitimidade cultural”. Desenvolviam o gosto desde cedo,

³⁵³ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

³⁵⁴ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

³⁵⁵ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

³⁵⁶ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

em famílias cujas mães vestiam alta costura francesa e usavam broches de brilhantes, que as meninas tomavam emprestado.

As primeiras turmas de moças da Socila eram de filhas de estrangeiros, supostamente mais familiarizados com a profissão de modelo. A própria Maria Augusta dizia que o início foi difícil, “consegui algumas moças, mas todas estrangeiras ou filhas de estrangeiros. Com isso foi bom, chamou a atenção e eu fiz o primeiro grupo de manequins”³⁵⁷. O sucesso, como vimos, foi sacramentado com a adesão da então primeira-dama Sarah Kubitschek e suas filhas. Dali em diante as mães procuravam a escola para oferecer às filhas a educação que entendiam que a escola não lhes dava, o “aperfeiçoamento social”.

Mas não foi assim com todas: veremos mais à frente que Maria Augusta teve momentos de fada madrinha, lapidando moças cujo “modo de aquisição da cultura”, como aponta Bourdieu (1983, p. 15), foi tardio. Daí a importância do aprendizado das técnicas do corpo, como aponta Mauss ([1959] 2003), da etiqueta, também do vestuário, mas sobretudo, de um *je ne sais quoi*³⁵⁸, algo que soe como tão natural que não seja possível precisar se foi aprendido forçosa ou espontaneamente, se foi sendo introjetado ao longo da vida ou por meio de cursos, consistindo no “verdadeiro princípio do desembaraço ao qual identificamos a excelência” (BOURDIEU, 1983, p. 15). Esse era o mérito da Socila, personificado em Maria Augusta.

As práticas e representações do *habitus* são percebidas pelos agentes que possuem o mesmo código, os mesmos esquemas classificatórios para compreender o sentido social, assemelhando-se ao que Hall (2016) entende como tradutibilidade. A obra de arte, por exemplo, só adquire sentido e só tem interesse para quem é dotado do código segundo o qual ela é codificada, os agentes do campo, aponta Bourdieu (1983). Ou seja, é preciso partilhar do mesmo entendimento social sobre o que é ser educada, elegante, para que se possa definir um modo de ser que exprima essa noção e que, ao ser observado, permita tachar: “aquela mulher é elegante, é educada, tem boas maneiras”.

³⁵⁷ Em entrevista ao Programa Almanaque, da *GloboNews*, exibido em 22 de agosto de 2005.

³⁵⁸ Expressão em francês que significa “não sei o quê” e é utilizada para designar algo a mais, algo que não pode ser explicado.

O *habitus*, esse conjunto de códigos, era tão importante para Maria Augusta que, quando houve a personagem inspirada nela na minissérie JK, da *TV Globo* (2006) - Maria Alice era declaradamente baseada na fundadora da Socila, como já foi dito nesse trabalho -, ela disse não se sentir representada, uma vez que a personagem tinha “hábitos morais muito duvidosos”³⁵⁹. Para Mauro Alencar, doutor e consultor em teledramaturgia, o incômodo de Maria Augusta provavelmente se devia ao fato de que a personagem, na ficção, “resvalava em certa cafetinagem com as manequins”³⁶⁰.

Embora tenha sido assumidamente inspirada em Maria Augusta, Maria Alice era personagem ficcional; mesmo assim, despertou incômodo na “original”, não só pela postura “moral”, mas também física, já que ensinava etiqueta e postura com erros³⁶¹. E se havia algo fundamental na educação das moças da Socila era o aprendizado da *hexis* corporal, como vimos, na construção do corpo como *signum* social, parte da tradutibilidade (HALL, 2016), da importância do *habitus* e de sua perpetuação como a interiorização da exterioridade, e pensarmos nessa noção como algo que pode ser adquirido. E por que importava aprendê-lo?

Goffman ([1959] 2014, p. 16) divide o que denomina como a expressividade do sujeito, conseqüentemente sua capacidade de dar impressão, em duas frentes: a expressão transmitida, ou seja, os símbolos verbais, o que se fala objetivamente, e a expressão que emitida, constituída a partir de uma ampla gama de ações – e ambas, a mais objetiva e a mais subjetiva, podem ser dissimuladas a fim de causar uma determinada impressão. Não importa o objetivo que se tenha em mente nem a razão deste objetivo, para Goffman será do interesse do sujeito regular a conduta dos outros a partir da impressão que lhes causa, de modo que “quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitir”.

Essa cautela, essa estratégia de causar uma determinada impressão se relaciona ao que Bourdieu (1983) chama de campo, que se define a partir dos objetos de disputas e dos interesses específicos – disputas e interesses que só são percebidos por quem faz parte do campo. Para que um campo funcione, portanto, é

³⁵⁹ KOGUT, Patricia. *O Globo*, Segundo Caderno. Controle Remoto, 14 de março de 2006, p. 6.

³⁶⁰ Em depoimento para esta pesquisa, concedido em abril de 2022.

³⁶¹ KOGUT, Patricia. *O Globo*, Segundo Caderno. Controle Remoto, 14 de março de 2006, p. 6.

preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar, e que tais indivíduos sejam dotados de *habitus* que os façam ser reconhecidos como parte desse campo. Como observa Hall (2016), se os mapas mentais compartilhados não forem os mesmos, não há comunicação. É preciso que haja um certo reconhecimento do *habitus*, que passa pela *hexis* corporal (mas não só), para que haja a legitimação de fazer-se parte de um determinado campo. E o fazer parte, como dito inicialmente sobre a distinção, é algo desinteressado, que beira o natural, sem esforço.

De fato, para Bourdieu ([1979] 2015, p. 13) nada determina mais a classe do que a capacidade de aplicar uma estética “pura” mesmo, ou principalmente, nas “escolhas mais comuns da existência comum”, como na seleção de um cardápio, no vestuário ou na decoração da casa. A distinção mora nos detalhes. A Socila era procurada “por moças e senhoras que não pretendiam desfilar em passarelas, mas gostariam de entrar numa sala e andar na rua com a elegância de um manequim”³⁶². O que desejavam com isso? Adquirir um determinado *habitus* que lhes possibilitasse fazer parte de um campo.

Apesar de algumas dessas mulheres desejarem ser manequins, não era o objetivo de todas: “elas não queriam posar para as capas de revistas, mas eram constantemente fotografadas em reuniões sociais. Tinham defeitos de atitude ou falha de maquilagem, que não sabiam como corrigir”³⁶³. Pode-se inferir que eram mulheres de classes mais abastadas, já que a imprensa nos dá pistas quando se refere a moças que usavam broches de brilhantes das mães, e/ou frequentavam reuniões sociais. E mais, importa pensar na correção dos chamados “defeitos de atitude”; esse era o diferencial da Socila, afinal; nela, o *habitus* poderia ser aprendido.

Das vestimentas à *hexis* corporal, passando pelo *habitus* linguístico, a Socila ensinava não apenas como parecer ser, mas como efetivamente pertencer, concedia legitimidade ao que se imaginava só ser possível aprender de modo lento, no seio familiar; abarcava dimensões do *habitus* de classe, de todo um capital simbólico necessário para pertencer ao campo de uma classe dominante.

³⁶² Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

³⁶³ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

3.5. *My fair lady*: mito, cinema e vida real

Uma reportagem de 1962³⁶⁴ ressalta que o “aperfeiçoamento social” oferecido pela Socila era uma chance para mulheres que aspirassem à carreira de manequim, ou que simplesmente quisessem “melhorar um pouco”, alcançando assim maior “sucesso social depois de terem frequentado os seus cursos”. A promessa era tornar realidade os “sonhos de *my fair lady*³⁶⁵”, uma referência ao filme estadunidense de mesmo nome, estrelado por Audrey Hepburn e Rex Harrison em 1964. O filme é uma adaptação da peça de Bernard Shaw que, por sua vez, se baseia no mito grego de Pigmalião e Galatéia. E a Socila teve sua fair lady, uma paraibana de nome Josefa, empregada doméstica que virou princesa. Aqui, as três histórias se cruzam.

Pigmalião, de acordo com Thomas Bulfinch (2006, p. 71), via defeitos em todas as mulheres, a ponto de abominá-las. Determinado a não se unir a nenhuma mulher, e escultor que era, decidiu ele mesmo criar uma estátua de marfim que chamou de Galatéia, “tão bela que nenhuma mulher de verdade com ela poderia comparar-se”. Passou a adorná-la, a acariciá-la, a encher-lhe de joias, a vestir-lhe, a deitar-lhe em lençóis macios e a chamá-la de esposa. Pigmalião havia criado a mulher perfeita para si; de tão perfeita que a estátua lhe parecia, ele se apaixonou por ela. Um dia, de pé, diante do altar dos deuses, pediu que lhe dessem por esposa alguém semelhante à sua virgem de marfim. Quando voltou para casa, beijou os lábios da estátua e percebeu que estavam quentes e macios. A deusa Vênus havia transformado o sonho de Pigmalião em realidade, dando vida à Galatéia.

No filme *My Fair Lady* (1964), premiado musical dirigido por George Cukor, Audrey Hepburn interpreta Eliza Doolittle, uma simples vendedora de flores que trabalha na rua e se torna objeto de aposta de Henry Higgins - professor de fonética, rico, solteirão e avesso às mulheres, assim como Pigmalião - e de seu amigo, o elegante Coronel Pickering, também um estudioso de línguas. Por diversão, Higgins garante a Pickering que consegue transformar a simples Eliza em uma dama. O filme se desenrola, portanto, tendo o eixo do “aperfeiçoamento”, calcado nas boas maneiras, no vestuário e, principalmente, na fala de Eliza, área de

³⁶⁴ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

³⁶⁵ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

atuação de Higgins, com o objetivo de que a jovem consiga se passar por uma “verdadeira dama” em um baile que acontecerá dali a seis meses.

A primeira cena se passa na saída de uma ópera em Londres. Começa a chover, mulheres e homens em roupas de gala correm para seus carros, alguns se abrigam sob marquises. Ali, sob chuva, conhecemos Eliza: de posse de seu cesto de flores, em trajes simples, descabelada, ela tromba com um jovem bem-vestido e deixa cair na lama dois maços de violetas, “o ganho de um dia inteiro”, ela brada. A florista, então, aborda outras pessoas, na expectativa de vender o que lhe sobrou, quando é avisada que há um homem anotando tudo o que ela diz.

Temendo que o homem a esteja observando esteja ali para puni-la, Eliza começa um estardalhaço, dizendo que é “moça de respeito”, honesta, que só abordou os cavalheiros para vender suas flores, e que se for acusada pagará um preço alto: “vão manchar minha honra e me largar na rua só por falar com cavalheiros”. A essa altura, já temos uma leitura sobre a expressividade do sujeito (GOFFMAN, [1959] 2014), ou seja, Eliza já causou uma impressão, tanto por meio da expressão transmitida, do que fala, quanto pela expressão emitida, aquilo que se percebe: suas roupas são simples, sua pele está suja, seus cabelos estão desarrumados, ela grita sem parar.

Mas mesmo uma moça pobre, que trabalhava para sobreviver, que não se enquadraria no perfil designado como “moça de família” (BASSANEZI, 2002, p. 612), que não estava em busca do casamento e nem faria Socila, se preocupava em não parecer “leviana”. Nada era pior para as mulheres do que serem tidas como “fáceis” – e Eliza pensou correr esse risco simplesmente por se dirigir à alguns homens, tentando vender-lhes suas flores.

O homem que observa mostra à Eliza suas anotações: são símbolos que ela não entende. Todos em volta especulam se ele é policial, até que um outro homem aponta: “dá para ver” que se trata de um cavalheiro, pelas botas que usa. O “dá para ver” a que ele se refere é “a vestimenta confundindo-se com a própria vida em sociedade”, é a moda distribuindo os indivíduos nos grupos e camadas sociais, como aponta Gilda de Mello e Souza (1987, p. 145). Diferente dos homens que recém-saíram da ópera, ele não está tão bem-arrumado, mas a distinção mora nos detalhes (BOURDIEU, [1979] 2015).

Munido de papel e caneta, começa a apontar a região de onde cada uma das pessoas ali presente seria. Estaria ele “lendo a sorte”, chegam a indagar? Participa de algum teatro de variedades? Nada disso, ele explica: “simples fonética. A ciência da fala”. Trata-se de Henry Higgins, professor, que gosta de ouvir as pessoas e descobrir de onde elas são por meio da pronúncia, como profissão e passatempo. Eliza não está interessada e continua protestando; Higgins lhe diz que “uma mulher que emite ruídos tão desagradáveis e deprimentes não tem o direito de estar em lugar algum, nem mesmo de viver”. Diz que ela é um ser humano, dotado de alma e do divino dom de articular os sons da fala, e que não deveria arrulhar como um pombo, assassinando a língua inglesa, o “idioma de Shakespeare”.

Higgins diz à Eliza - e esse é um ponto importante - que são os grunhidos e pronúncias dela que “a mantêm em seu lugar, e não suas roupas miseráveis nem seu rosto sujo”. Se dirigindo a um cavalheiro, muito bem-vestido, lhe diz que se falasse como a moça, provavelmente estaria vendendo flores como ela. Então, na frente de todos na rua, propõe um desafio: transformar a vendedora de flores em uma dama em seis meses, a ponto de fazê-la se passar por uma duquesa em um baile de gala. Ou, no mínimo, lhe conseguiria um trabalho como vendedora de loja em vez de vender flores na rua, o que de toda forma requeria um inglês melhor.

No dia seguinte, Eliza vai à casa do professor. A governanta anuncia a visita, dizendo se tratar de uma jovem claramente muito simples – ela sabe disso por seu “sotaque horrível”. Eliza explica que deseja ter aulas para trabalhar em uma loja de flores em vez de vendê-las na rua, mas que não lhe dão o emprego se ela não falar “fino”, ou seja, com refinamento. Higgins é novamente grosseiro e hesita em ensiná-la. A jovem chora e ele lhe empresta um lenço, com ressalvas: que ela não confunda o acessório com a manga do vestido, caso contrário não se tornará florista em uma loja. Não era apenas a fala que faria diferença, afinal – a moda também é fator de distinção.

Coronel Pickering, que a essa altura é hóspede de Higgins e testemunha o diálogo, provoca o professor: se ele for mesmo capaz de transformar Eliza em dama para o baile, será enaltecido como o maior dos mestres da fala. Transformar “em duquesa essa moça desmazelada”, será uma “experiência pedagógica”. O combinado: se ao final de seis meses Eliza for ao baile e todos acreditaram que ela é uma dama, receberá dinheiro para abrir sua própria floricultura. A governanta,

atenta, questiona se ela não é casada, em resposta ao fato de Higgins tratá-la mal; a própria Eliza caçoa dessa possibilidade e pergunta “quem se casaria comigo?”. Ao que Higgins responde que antes mesmo dele terminar o trabalho, haverá uma fila de homens querendo se casar com ela. É a mulher se preparando para “ser escolhida”.

Eliza é uma moça bonita, mas ainda que a beleza, historicamente uma virtude feminina, se constitua como um capital na troca matrimonial, de modo que “um homem de posses pode desejar uma jovem pobre, mas bela” (PERROT, 2019, p. 47), a beleza é um somatório: quem se casaria com Eliza tão desmazelada? A aposta, no entanto, é que muitos homens a desejarão depois da transformação: Eliza poderá, talvez, adquirir um *habitus* que a colocará na mesma posição de damas da sociedade, e terá enfim, ter chances de “ser escolhida”.

A socialização feminina, como vimos, faz com que as jovens enxerguem o casamento como o “ápice do estado de mulher” (PERROT, 2019, p. 46), o que justificaria enormes esforços ao longo de toda a vida para alcançar esse objetivo. Perrot (2019, p. 50) aponta que é, no entanto, uma troca desigual, “em que o homem se reserva o papel de sedutor ativo, enquanto sua parceira deve contentar-se em ser o objeto da sedução”.

Na construção do personagem, Higgins não faz parte do rol de homens que poderiam se encantar com Eliza, solteirão convicto que é. Lembrando Pigmalião, para quem nenhuma mulher era boa o suficiente, diz que é “um homem comum que nada deseja senão a banal oportunidade de viver exatamente como quer e fazer exatamente o que deseja”, e que permitir uma mulher em sua vida seria “o fim da sua serenidade”. Afinal, a mulher só iria se preocupar em redecorar continuamente a casa, falar de amor e pensar em roupas. Ao menos era assim que as meninas eram ensinadas, desde a infância: a embalar sua boneca e enfeitá-la “como aspira a ser enfeitada e embalada”, pensando a si mesma “como uma maravilhosa boneca” (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 23).

O primeiro passo para a mudança de Eliza é tomar banho de corpo inteiro: “não pode ser uma boa moça por dentro se estiver suja por fora”, diz a governanta. Ela vê a banheira e pergunta se é para lavar roupas – as preferências manifestadas (BOURDIEU, [1979] 2015) aqui separam com clareza quem tem o gosto de quem

não tem. Eliza diz que nunca tomou um banho de corpo inteiro e que aquilo é indecente. Depois de muito relutar, ela está limpa e vestida com roupas novas. Basta para que não seja reconhecida pelo próprio pai, que vai atrás dela na casa do professor. A transformação tinha começado. Mas era preciso mais, muito mais para transformá-la em uma dama.

Higgins exige que Eliza aprenda a pronunciar as letras do jeito “certo”. O professor tem vários aparelhos para avaliar a fala – a técnica a serviço do aprendizado do *habitus*. Dá orientações como “avance a língua até que ela se comprima contra os dentes inferiores”, quer que ela treine pronúncia com a boca cheia de bolinhas de gude, não deixa que coma os doces que acompanham o chá enquanto ela não progride. O tempo passa e não há avanços. Todos se preocupam - o *habitus* linguístico (BOURDIEU, 1983) é um marcador importante de classe, da distinção, severamente ensinado nos cursos da Socila. Voz e dicção estavam na lista do que avaliar e aperfeiçoar, uma vez que “o timbre de voz de uma mulher pode torná-la muito mais bonita. Esta é uma das frases que se ouve com mais frequência na Socila. Por isso as moças que comparecem aos seus cursos cuidam atentamente deste problema”³⁶⁶.

Na apostila de Maria Augusta dedicada ao ensino do “Comportamento Social”³⁶⁷, indica-se que a voz “é um dos fatores que mais revela sobre a personalidade. Uma voz equilibrada é sinal de uma personalidade ajustada”, e a voz feminina deve, portanto, “ser suave e baixa”, mas “não tão baixa que os ouvintes precisem fazer esforço para ouvi-la”. “O controle é a chave da voz correta”: “o tom vulgar prejudica”, “as vozes mal colocadas incomodam os ouvidos”, uma gargalhada rouca também incomoda”. A sequência que a Socila aplicava como um checklist em busca de “aperfeiçoamento social” nas jovens incluía voz e dicção³⁶⁸: “as moças que comparecem aos seus cursos cuidam atentamente deste problema”.

Não era fácil aprender o *habitus linguístico*, ainda mais porque não bastava aprender a falar corretamente; era preciso fazê-lo de modo tão desembaraçado que não deixasse dúvidas de que aquilo era legítimo, não adquirido de forma apressada, intencionada. O desembaraço, o relaxamento na fala e no modo de mover o corpo

³⁶⁶ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

³⁶⁷ Apostila *Comportamento Social*, método Maria Augusta, p. 10.

³⁶⁸ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

é próprio de quem se familiarizou de forma precoce com a classe dominante: “é nas maneiras de falar – e, em particular, nas mais inconscientes, nas mais inacessíveis, em todo caso, ao controle consciente, como a pronúncia – que se conserva e se denuncia a lembrança, por vezes renegada, das origens”, aponta Bourdieu (1983, p. 177):

A relação burguesa com o corpo ou com a língua é uma relação de quem se sente à vontade no seu ambiente tendo as leis do mercado a seu favor. A experiência de se sentir à vontade é uma experiência quase divina. Sentir-se da maneira certa, ideal, é a experiência do absoluto. (...) O sentimento de ser o que se deve ser é um dos lucros mais absolutos dos dominantes” (BOURDIEU, 1983, p. 103-104).

Eis que um dia, Eliza consegue. Pronuncia corretamente o trava-línguas que Higgins propõe, tem um tom de voz comedido, fala com desembaraço. Ela, o professor e Pickering celebram. Higgins decide que é hora de testar Eliza em público e a leva a uma corrida de cavalos, em um ambiente com pessoas elegantes. Descobrimos que Higgins tem origem nobre, sua mãe tem um camarote no evento e claramente tem a distinção típica das classes dominantes (BOURDIEU, 1983). Higgins orienta Eliza a se ater a dois assuntos: o tempo e a saúde de todos, “evitando se perder em assuntos gerais”. Saber o que dizer e a hora de dizer é fundamental para manter a elegância, aprendia-se na Socila.

Eliza surge linda, bem-vestida, marcando os passos no chão de posse de um guarda-sol (em posição que lembra o uso da bengala por Maria Augusta). Ninguém imagina que se trata de uma simples vendedora de flores; Freddy, o jovem que esbarra nela no começo do filme, se mostra encantado. Eliza vira o centro das atenções, mas não se atém a falar amenidades. Usa expressões, gírias que os agentes daquele campo desconhecem, enquanto Higgins tenta contornar dizendo que são “expressões da moda”.

Eliza não passa no teste, afinal; perguntada se ela está pronta, a mãe de Higgins diz que “ela está pronta para vender peixe” e o aconselha a desistir. Ele recusa; diz orientar, vestir, ensinar Eliza preenche seus dias e de Pickering, e ouve como resposta que os dois estão brincando com uma boneca viva (tal qual Pigmalião e sua estátua). De volta à casa, Eliza está desanimada e Pickering quer pôr fim ao “experimento”. Diz que as semanas anteriores haviam sido exaustivas,

e ensinar Eliza a “andar, falar, dirigir-se a um duque, a um lorde, a um bispo, a um embaixador, é absolutamente impossível”.

Chega o dia do baile. Pickering se preocupa com Eliza, insiste que se a moça passar por algum constrangimento, será culpa de Higgins. O professor se defende: diz que se importa tanto com ela a ponto de transformá-la em “outro ser humano, criando para ela uma nova forma de falar”. E continua: “isso é preencher o maior abismo que separa uma classe da outra, uma alma da outra”, enfatizando a importância do *habitus* linguístico como elemento de distinção. Eliza desce as escadas devagar, com um vestido deslumbrante de um estilista francês; para Souza (1987, p. 145), é na “vida de exceção”, nas festas, que melhor se esclarece o sentido da moda. “ponto de transição entre a vida real e o mundo da arte”; a roupa simples do dia a dia é substituída para que se ofereça a melhor imagem de si mesma, resultando em uma “metamorfose das relações [que] é acompanhada pela metamorfose do ser” (SOUZA, 1987, p. 151).

Eliza, além da vestimenta, caminha com a postura ereta e o andar seguro. Se dirige aos dois cavalheiros falando de forma suave e pausada. Possui a vestimenta, o *habitus* linguístico, a postura, domina as técnicas do corpo. No baile, seu grande teste, Higgins encontra um antigo aluno, um rapaz húngaro que lhe agradece por seus ensinamentos sobre fonética. Ele diz que fala 32 idiomas e que conhece tão bem as pronúncias que é capaz de identificar qualquer impostor. Nesse cenário, o ex-aluno de Higgins funciona como agente do campo: é ele que poderá determinar se Eliza é uma fraude ou se será lida como uma verdadeira dama; caberá a ele reconhecer se a fachada (GOFFMAN, [1959] 2014) é legítima ou não.

O ex-aluno dá demonstrações de que não está blefando. É cumprimentado pelo embaixador da Grécia, e comenta que duvida que ele seja grego - seu sotaque é inglês e tão medonho que, segundo ele, basta uma palavra basta para entregar sua origem. Fica implícito que se Eliza passar pela perícia do antigo aluno de Higgins, terá passado no teste. Evidentemente tudo nela está treinado: das roupas à postura, do andar ao olhar – seguro, confiante, “um olhar etéreo, como se ela vivesse em um jardim”, diz a anfitriã da noite, o que nos remete à estátua de Galatéia. Essa mesma dama pede que o “detector de impostores” descubra quem é Eliza. Pickering e Higgins tentam evitar, mas era tarde: a Rainha da Transilvânia põe os olhos em

Eliza e diz que ela é encantadora, chamando a atenção de todos os presentes para a florista; todos querem cumprimentá-la.

Eliza é convidada para dançar com o príncipe, o filho da Rainha. E se sai muito bem: não só pelos passos, mas pela desenvoltura do corpo. Ela sabe para onde olhar, como segurar a cauda do vestido, como se portar. Ao dançar com ela, o ex-aluno de Higgins faz um comentário com a anfitriã. Vemos as pessoas comentando umas com as outras, repercutindo a fofoca, mas não sabemos do que se trata. Até que chega em Higgins, que gargalha quando ouve. Na volta para casa, Higgins diz que Eliza foi absolutamente fantástica, “um triunfo absoluto”. E conta aos empregados o que o ex-aluno disse sobre ela: que Eliza era uma fraude. A razão: seu inglês era perfeito demais, “sinal certo de que é uma estrangeira”; em sua avaliação, ela seria húngara, assim como ele; e tão refinada que claramente fazia parte da nobreza. “A realeza está estampada em seu rosto”, disse o “detector de impostores” sobre Eliza.

O baile funciona como a “grande fantasia, o mito de Borracheira”, como aponta Souza (1987, p. 161), na qual os “espezinhados”, que vivem à margem, se igualam aos dominantes. O sucesso depende “da capacidade de evoluir com desenvoltura num meio estranho, fazendo com que se esqueça a procedência”. Se para Bourdieu (1983) a sociedade se organiza em campos, cada qual com seu capital, determinado capital vale em relação a um campo específico. O capital simbólico, que abrange relações culturais e sociais, só faz sentido se validado pelos demais agentes daquele campo, que reconhecem e legitimam o valor daquele capital. Eliza passou no teste.

O filme ainda segue com algumas reviravoltas, mas temos o suficiente para traçar um paralelo com a Socila. Lembremos que a escola oferecia “serviços de aperfeiçoamento que tornavam realidade os sonhos de *my fair lady*³⁶⁹”. Para isso, eram aplicados testes para verificar o nível de conhecimento de cada mulher em relação às técnicas de beleza, etiqueta, vestuário e educação do corpo, “em busca da mulher ideal”³⁷⁰:

1 – Maquilagem: Neste departamento a mulher estuda inicialmente os ângulos que lhe são mais favoráveis. Depois, a

³⁶⁹ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

³⁷⁰ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

técnica de usar os lápis, as sombras, etc, torna-se perfeita.

2 – Cabeleireiro: Os cientistas da beleza dizem que somente duas entre vinte mulheres sabem qual o penteado que melhor lhes assenta. Preferem usar "o que está na moda" e isso nem sempre convém. No cabeleireiro, após combinar a anatomia de sua cabeça com a cor dos cabelos, a mulher aprende que tipo de penteado lhe vai bem.

3 – Ginástica: Maria Augusta afirma que a mulher só atinge a postura ideal depois de fazer exercícios de ginástica rítmica e sueca e de "*rock pock*" (aparelho especial).

4 – Andar: Findos os treinos de ginástica, a moça realiza exercícios de movimentação, durante os quais estuda as poses ideais para as fotografias.

5 – Vestuário: Ainda é a voz da técnica que determina: "A mulher se revela na maneira de trajar". Por esta razão, suas roupas devem combinar com seu tipo físico e sua personalidade. Há cores, por exemplo, que não se adaptam ao temperamento de certas pessoas.

6 - Voz e dicção: O timbre de voz de uma mulher pode torná-la muito mais bonita. Esta é uma das frases que se ouve com mais frequência na Socila. Por isso as moças que comparecem aos seus cursos cuidam atentamente deste problema.

7 – Etiqueta: Ali a mulher aprende, em linhas gerais, a "se conduzir". Recebe conselhos e estuda normas, "pois a pessoa que não comete gafes ou exageros tem seu sucesso social quase garantido".

8 - Extensão cultural: As sete lições anteriores não terão qualquer valor se a pessoa for incapaz de sustentar uma conversa interessante. Por este motivo, ela recebe lições de literatura, pintura, arte em geral, política etc.

Na Socila, mulheres aprendiam sobre a aparência adequada, como se vestir, o modo de se portar, a postura, o cruzar de pernas, a dicção, o tom de voz, o modo de falar. *Hexis* corporal e *habitus* linguístico eram elementos que se somavam na construção do capital simbólico; para adquiri-lo, era preciso passar pelo processo de “aperfeiçoamento social” prometido pela Socila. Ao fim e ao cabo, o aperfeiçoamento social era a introjeção do *habitus*, tão natural que não pareceria ter sido adquirido por meio dos cursos.

Pensar que uma mulher “comum” poderia se tornar uma *lady* frequentando a Socila, sem ter familiaridade com etiqueta e técnicas do corpo desde o seio familiar, soa como “modo de dizer”, mas Maria Augusta viveu seu momento de

“fada madrinha”, com direito à gata borralheira transformada em Cinderela, tal qual nos contos de fadas: ela ficou conhecida como Josepha, mulher paraibana que trabalhava como empregada doméstica no Rio de Janeiro.

Descoberta e transformada em manequim pelas mãos de Maria Augusta, se casou com um príncipe italiano, transformando-se, literalmente, em princesa. Uma “nordestina determinada e talentosa, que subverteu todos os prognósticos possíveis que acompanham uma jovem nascida numa humilde família interiorana da Paraíba” (CHAVES, 2020, p. 23³⁷¹). Parece história de filme, mas aconteceu tendo a Socila como cenário e a marcação dos passos com a bengala de Maria Augusta como varinha de condão.

Figura 23 – Josepha Massimo



Fonte: *Manchete*, ed. 1815, 1987, p. 73-77.

Josepha e Maria Augusta, grandes amigas, faleceram no mesmo ano, 2009. Josepha tinha 63 anos, Maria Augusta, 86. Não foi possível, portanto, ouvir delas próprias como o “conto de fadas” se desenrolou, motivo pelo qual me apoiarei novamente na imprensa para tentar recompor a trajetória de vida e profissional da paraibana. Serão usadas também informações do livro *Josepha, romance histórico* (2020), autopublicação de Jonas Leite Chaves, hoje escritor, ex-deputado estadual pelo estado da Paraíba estadual pela ARENA³⁷², que chegou a ser presidente da Assembleia Legislativa do estado nos anos 1970.

³⁷¹ Como se trata de um e-book sem paginação, onde lê-se *p. 23*, trata-se de *posição 23* no suporte de leitura digital *kindle*. Assim será feito em todas as citações do livro de Chaves, 2020.

³⁷² Partido de apoio ao regime militar instaurado no Brasil com o Golpe de 1964.

Chaves (2020) se tornou amigo de Josepha e do seu marido, o príncipe italiano Vittorio Massimo, e discorre sobre histórias a ele contadas pelo casal e por Maria Augusta, que ele entrevistou com o objetivo de fazer um filme sobre a manequim paraibana. Assim como o documentário *A batuta mágica*, que Anselmo Duarte Jr., afilhado de Maria Augusta, tentou produzir nos anos 2000, o filme sobre Josepha não foi realizado. São duas histórias que se cruzam e que tento recontar nessa pesquisa.

Chaves (2020, p. 79) diz que a ideia de registrar a vida de Josepha em livro surgiu em conversa com a manequim e seu marido, na última vez em que estiveram juntos em Roma, na Itália, onde o casal morava. Também paraibano, o escritor tinha interesse em compreender “como mudanças desse porte podem repercutir na vida de alguém”, considerando que Josepha nascera em uma cidade pequena e migrou “para um contexto não somente diferente, quanto glamouroso e sofisticado, como a nobreza europeia”.

Segundo o autor, a ideia de registrar em livro tinha o apoio do príncipe, que achava a trajetória da esposa relevante pelo sucesso como manequim no exterior, “além da sua postura de dama da sociedade europeia”. Josepha hesitava, mas em 2020 o autor considerou a história relevante o suficiente para “ser registrada e divulgada da melhor maneira possível, com toda fidelidade, pelos meios de comunicação social” (CHAVES, 2020, p. 88). Tomou para si essa missão.

Josepha nasceu Josefa Domingos Soares em Itabaiana, na Paraíba, em 1946. Segundo Chaves (2020), a família era pobre e ela não pôde estudar, mas com a mudança da família para Alagoa Grande, no mesmo estado, em 1963, sua formação cultural passou a ter influência de músicos da região, como Severino Araújo, o nome por trás da famosa Orquestra Tabajara, que teve também Jackson do Pandeiro como integrante. Segundo o jornal *O Globo*, a Orquestra “se tornou um ícone nacional ao emprestar o sotaque musical brasileiro à formação clássica das big bands americanas”³⁷³. Acreditava-se, inclusive, que a jovem Josefa, sem ainda a grafia *ph*, seria cantora. Nessa época ela já chamava a atenção por sua “beleza

³⁷³ Morre o maestro Severino Araújo, aos 95 anos. *O Globo*, 03 de agosto de 2012. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/morre-maestro-severino-araujo-aos-95-anos-5682302>, acesso em 08 de maio de 2022.

exótica”, segundo Chaves (2020), que misturavam traços indígenas e um rosto anguloso, algo oriental.

Em algum momento Josefa veio para o Rio de Janeiro em busca de trabalho, “depois de enfrentar uma longa e demorada viagem de ônibus por estradas empoeiradas e com muito pouco dinheiro” (CHAVES, 2020, p. 330), e conseguiu emprego como empregada doméstica de uma família em Copacabana. A revista *O Cruzeiro*³⁷⁴ conta uma versão diferente: diz que Josefa veio porque “a família Bello a trouxe como cozinheira para o Rio” antes dela completar 21 anos, portanto em 1966/1967, e que “com a ideia de vir para a cidade grande, fez tudo o que estava ao seu alcance: aumentou a idade, convenceu os pais, em segundos preparou um embrulho com as poucas roupas que tinha”. A reportagem que reconta a trajetória de Josepha, a essa altura já manequim famosa, é a capa da revista, com os questionáveis dizeres “De empregadinha à modelo”, mostrando a jovem em um vestido de festa, segurando uma miniatura dela mesma vestida de empregada doméstica em sua mão.

Figura 24 – Josepha na capa de *O Cruzeiro*



Fonte: *O Cruzeiro*, 10 de maio de 1972.

³⁷⁴ A Cinderela de Balmain. *O Cruzeiro*, 10 de maio de 1972. Disponível em: <http://passarelacultural.blogspot.com/2014/05/sessao-nostalgia.html>, acesso em 08 de maio de 2022.

Muito antes de ser capa de revista, Josepha, ainda Josefa, viu sua sorte mudar. No final dos anos 1960 o “destino”, acreditam algumas, “conto de fadas”, diriam outras, ou a história real de *my fair lady* aconteceu. Nessa época a Socila tinha endereço na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, número 1120. A patroa de Josefa (ainda com f) teria lhe enviado para fazer um pagamento no mesmo prédio. Reza a lenda - e as histórias contadas no livro de Chaves (2020), em tese ditas a ele pela própria manequim e por Maria Augusta - que foi aí que os caminhos das duas se cruzaram.

Ambas entraram no elevador, Maria Augusta teria olhado a jovem, se impressionado com sua beleza e pensando que ela certamente estaria indo à Socila fazer algum tipo de teste. Quando chegaram ao andar, Josefa não desceu. Questionada por Maria Augusta se não estava indo à escola, Josefa explicou que ia a outro andar fazer um pagamento, ao que Maria Augusta lhe pediu que, na volta, passasse em seu andar. E assim foi: Maria Augusta entrevistou Josefa, que teria lhe dito que seu grande sonho era mesmo ser manequim, mas que não tinha dinheiro para começar a carreira, tampouco disponibilidade de tempo, pois trabalhava como doméstica todos os dias.

Maria Augusta, então, teria convidado Josefa a ficar, sem custo, e se prontificou a falar com a patroa da jovem, que não se opôs a negociar o horário de trabalho, mas não deixou de manifestar surpresa, pois ela mesma havia tentado matricular sua filha na Socila, sem sucesso. E assim a mágica se fez. Josefa começou a trabalhar como manequim e passou a ter em Maria Augusta sua mentora e grande amiga até o fim da vida.

Há outra versão para esse primeiro encontro, publicada na revista *O Cruzeiro*³⁷⁵. Josefa, procurando a sala na qual deveria ir, no mesmo prédio da Socila, viu descer do elevador “uma loura elegantíssima”, que lhe perguntou se ela era manequim e se espantou ao descobrir que a jovem era cozinheira, nascida na Paraíba e nunca tinha ouvido falar em Socila. A loura, segundo a revista, era Ligia, sócia de Maria Augusta, e teria dito que Josefa a tinha impressionado: “Senti de imediato que poderia fazer daquela mulher uma modelo excepcional”.

³⁷⁵ A Cinderela de Balmain. *O Cruzeiro*, 10 de maio de 1972. Disponível em: <http://passarelacultural.blogspot.com/2014/05/sessao-nostalgia.html>, acesso em 08 de maio de 2022.

A reportagem enfatiza que “não é a primeira vez que o olho clínico de Ligia funciona. Mulher dinâmica, sensível, criativa, acostumada a lidar com gente que sonha com beleza e elegância, (...) ofereceu a Josefa um curso completo na Socila”. A oferta contemplava seis meses de aulas sobre “postura, andamento, etiqueta, maquilagem, vestuário”. A reportagem destaca também “a paciência da família, que passou a ter uma cozinheira-modelo com falta de tempo para ser um modelo de cozinheira”.

Já a revista *Manchete*³⁷⁶ corrobora que quem deu o primeiro passo foi Maria Augusta, lembrando que “num encontro ocasional com a experiente e consagrada produtora de moda Maria Augusta” é que a jovem “encontrou o seu caminho”; “portadora de sensível olho clínico, Maria Augusta vislumbrou um futuro brilhante nos traços predominantemente indígenas daquela moça humilde”. Como todas as envolvidas na história morreram, não é possível desfazer o mistério de quem abriu as portas da Socila para a jovem.

Mas o fato é que a imprensa consolidou, com declarações de Josefa – em vias de se tornar Josepha – Maria Augusta como sua fada madrinha. “Paraibana, 35 anos, Josepha foi empregada doméstica no Rio antes de ser descoberta por Maria Augusta, da Socila”³⁷⁷. Em 1987³⁷⁸ se noticia que ela “está de volta ao Brasil para passar o Natal com a família e com sua ‘segunda mãe’, a produtora de moda Maria Augusta”. No livro sobre a vida da modelo, Chaves³⁷⁹ (2020, p. 366) confirma que Josepha considerava Maria Augusta uma grande amiga e sua segunda mãe, e que “o encontro casual (...) foi o começo de tudo. Juntou-se o talento da modelo à capacidade profissional e figura humana da sua sempre confidente”, referindo-se à amizade entre as duas, que durou até o fim da vida. As duas morreram com apenas quatro meses de diferença. Maria Augusta, já vimos, teve dificuldades financeiras no fim da vida; em reportagem de 2005³⁸⁰, diz-se que complementava a

³⁷⁶ Josepha Massimo, a manequim brasileira que virou princesa na Itália volta às passarelas. *Manchete*, ed. 1815, 1987, p. 73-77.

³⁷⁷ Príncipe Vittorio Massimo. *Manchete*, ed. 1534, 1981, p. 32.

³⁷⁸ Josepha Massimo, a manequim brasileira que virou princesa na Itália volta às passarelas. *Manchete*, ed. 1815, 1987, p. 73-77.

³⁷⁹ Chaves (2020) diz que Maria Augusta lhe concedeu três entrevistas de cerca de duas horas cada uma. Só tive conhecimento desse material em maio de 2022, às vésperas da entrega da tese, mas pretendo contatar Chaves para desdobramentos dessa pesquisa.

³⁸⁰ Gugu: porque elegância é fundamental. *O Globo*, Ela, 02 de julho de 2005, p. 2.

aposentadoria que recebia do INSS³⁸¹ com a ajuda dos muitos amigos, incluindo Josepha.

Se nos basearmos no que a imprensa publicava sobre Josepha, a gratidão à Maria Augusta tinha razão de ser. A manequim começou a fazer sucesso e, mesmo antes de se casar com um príncipe, já era mencionada na imprensa como Cinderela: “os ingredientes são do conto de Cinderela”³⁸², “começa a ser reconhecida como a Cinderela apresentada pelos jornais e televisão”³⁸³. Após o casamento, recontam a trajetória da ex-empregada doméstica que se casa com um príncipe como “aventura de Cinderela”³⁸⁴.

Josepha tem sua beleza enaltecida: um “tipo esguio realçado pela elegância adquirida, o rosto de uma beleza estranha, inconfundível, chamam a atenção por onde quer que ande”³⁸⁵. Maquiadoras acham que ela tem um “rosto perfeito: nada a corrigir”³⁸⁶, tido como “um dos poucos modelos de rosto tipicamente brasileiro”³⁸⁷.

Chaves (2020) considera que o apogeu como manequim aconteceu em 1972, em um desfile que o famoso costureiro brasileiro Dener³⁸⁸ fez no estado natal da modelo, a Paraíba. Dener estaria lançando uma coleção utilizando artesanato nordestino e as esposas dos deputados da Paraíba propuseram que ele fizesse um desfile da coleção, a fim de atrair visibilidade para o artesanato local. Foi feito o

³⁸¹ Instituto Nacional do Seguro Social.

³⁸²A Cinderela de Balmain. *O Cruzeiro*, 10 de maio de 1972. Disponível em: <http://passarelacultural.blogspot.com/2014/05/sessao-nostalgia.html>, acesso em 08 de maio de 2022.

³⁸³A Cinderela de Balmain. *O Cruzeiro*, 10 de maio de 1972. Disponível em: <http://passarelacultural.blogspot.com/2014/05/sessao-nostalgia.html>, acesso em 08 de maio de 2022.

³⁸⁴ Josepha Massimo, a manequim brasileira que virou princesa na Itália volta às passarelas. *Manchete*, ed. 1815, 1987, p. 73-77.

³⁸⁵ A Cinderela de Balmain. *O Cruzeiro*, 10 de maio de 1972. Disponível em: <http://passarelacultural.blogspot.com/2014/05/sessao-nostalgia.html>, acesso em 08 de maio de 2022.

³⁸⁶ A Cinderela de Balmain. *O Cruzeiro*, 10 de maio de 1972. Disponível em: <http://passarelacultural.blogspot.com/2014/05/sessao-nostalgia.html>, acesso em 08 de maio de 2022.

³⁸⁷ A Cinderela de Balmain. *O Cruzeiro*, 10 de maio de 1972. Disponível em: <http://passarelacultural.blogspot.com/2014/05/sessao-nostalgia.html>, acesso em 08 de maio de 2022.

³⁸⁸ Para conhecer mais sobre o costureiro Dener Pamplona de Abreu, sugiro a leitura de: BONADIO, Maria Claudia. As roupas do costureiro, ou Dener Pamplona Abreu e as representações de si. 12º Colóquio de Moda, 2016.

convite ao costureiro, o próprio Jonas Chaves presidia a Assembleia Legislativa do Estado e participou dos trâmites.

Ele conta que Josefa o cumprimentou no saguão do hotel, contou ser da cidade de Itabaiana, e que participaria do desfile, substituindo uma manequim que adoecera. O então deputado teria procurado Dener para dizer da importância “política e profissional” de Josefa, mulher paraibana, ser a manequim principal do desfile. Dener, “um homem inteligente e sensível”, segundo Chaves (2020, p. 502), mesmo sem conhecer a modelo teria aceitado na hora. O resultado: Josefa foi a grande estrela da noite, ovacionada de pé pelos que assistiram ao desfile no “Cabo Branco, um dos principais clubes sociais do Nordeste” (CHAVES, 2020, p. 510).

Dali em diante ela se tornou *top model* do elenco que desfilava para Dener. De acordo com o autor, partiu dele a avaliação de que o nome Josefa era “inapropriado” para o “glamouroso mundo da moda, por ser popular demais” (CHAVES, 2020, p. 510). Alega, então, que foi dele a sugestão de mudar a grafia do nome da manequim para Josepha, o que teria sido prontamente aceito por ela e por Dener, que participara da conversa. Josefa, agora Josepha, teria sido então orientada por Maria Augusta de que era hora de buscar carreira internacional, e a teria apresentado ao estilista francês Pierre Balmain.

É digno de nota que a mesma reportagem³⁸⁹ que diz que Ligia “descobriu” a manequim, e não Maria Augusta, também dá o crédito da apresentação ao estilista francês a um cabelereiro de nome Silvinho, do salão Jambert³⁹⁰, famoso cabelereiro espanhol, naturalizado brasileiro, que fez sucesso e foi o preferido de muitas mulheres famosas. “Estou entusiasmado com ela e não hesitei em indicá-la ao Pierre Balmain. Foi o sucesso que se viu. Ele até a convidou para desfilarem em Paris. Uma glória total”³⁹¹.

³⁸⁹ A Cinderela de Balmain. *O Cruzeiro*, 10 de maio de 1972. Disponível em: <http://passarelacultural.blogspot.com/2014/05/sessao-nostalgia.html>, acesso em 08 de maio de 2022.

³⁹⁰ Cabelereiro Jambert morre aos 71. *Folha de S. Paulo*, 25 de abril de 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2504200022.htm>, acesso em 14 de maio de 2022.

³⁹¹ A Cinderela de Balmain. *O Cruzeiro*, 10 de maio de 1972. Disponível em: <http://passarelacultural.blogspot.com/2014/05/sessao-nostalgia.html>, acesso em 08 de maio de 2022.

Figura 25 – Josepha e o estilista Pierre Balmain



Fonte: *O Globo*, 02 de julho de 2005.

Mas em reportagem de 1987³⁹², as páginas que reconstituem a trajetória da “Cinderela” enfatizam que Maria Augusta foi mesmo a “fada madrinha” de Josepha, e ainda estaria preparando as irmãs da manequim, Ilona e Maria José, para serem modelos: “a varinha de condão de Maria Augusta tocou as silhuetas de suas irmãs, Ilona e Maria José. Preparadas com a mesma dedicação, as irmãs de Josepha também pousaram nas passarelas do velho mundo”, diz o texto, referindo-se à Europa, e citando ainda que Maria Augusta estaria preparando uma sobrinha de Josepha para uma carreira internacional de modelo. Já Chaves (2020) diz que Josepha viajou para a Europa pela primeira vez com recursos próprios, encorajada por uma colega modelo que teria dito que a receberia; uma vez em Roma, despistada pela “amiga”, teria sido contratada como modelo pelo estilista Valentino Garavani.

Em paralelo, no Brasil, segundo Chaves (2020, p. 600), Maria Augusta continuava a zelar por Josepha. Um ator italiano de nome Massimo Serato teria vindo ao país para uma cirurgia plástica com Rogério Carrato, casado com Ligia, sócia de Maria Augusta (o próprio Rogério foi sócio das duas em algum momento na Socila). O ator teria se hospedado na casa de Maria Augusta e, ao seu pedido, quando retornou à Itália, teria orientado e ajudado Josepha a adentrar na sociedade italiana, criando uma estória que considerou interessante: de que Josepha era filha de uma “princesa indígena” com um português, e descendia de uma grande “tribo

³⁹² Josepha Massimo, a manequim brasileira que virou princesa na Itália volta às passarelas. *Manchete*, ed. 1815, 1987, p. 73-77.

de índios do Brasil”. A visão estereotipada funcionou na época e Josepha viu as portas da sociedade italiana se abrirem para ela.

Segundo Chaves (2020, p. 670), Josepha circulava junto à nobreza; em 1975 teria sido recebida por Grace Kelly, a princesa de Mônaco; e teria sido cortejada por muitos homens ricos e famosos, dentre eles o ator estadunidense Kirk Douglas. Ela dizia que não se casaria por interesse – “nada material irá me prender a homem nenhum”, e que tinha ido para a Europa para vencer por meio do próprio trabalho – de acordo com o autor, ensinamento que Maria Augusta lhe deu e que ela seguia à risca.

Josepha desejava se casar por amor. E aconteceu: a convite de uma colega, passou um fim de semana no *Castello di Scoranno*, nos arredores de Roma, residência do Príncipe Vittorio Emanuele Massimo, descendente de uma antiga família da nobreza italiana da comuna de Roccasecca dei Volsci, na região do Lácio. Logo em seguida, em 1976, ele a pediu em casamento (seria sua terceira união). Josepha tinha 30 anos e Vittorio, 65 anos. Em 1978 nasceu a filha, Domizia, chamada de Mizina. Viveram juntos e felizes até 1983, quando Vittorio morreu, aos 72 anos.

Maria Augusta contou à Chaves (2020, p. 677) “que passou vários dias com Josepha e Mizina em Roma, logo depois que o príncipe faleceu, e que quase todas as noites Josepha chorava muito”. Viúva, Josepha teria mantido uma boa relação com a família do marido, “procurou aprender a conviver com a nobreza, seguindo todo o ritual da sociedade e da etiqueta, ajudada pelo que lhe ensinou D. Maria Augusta” (CHAVES, 2020, p. 684).

Três histórias se cruzam. Três criadores/as, três criaturas. Galatéia foi esculpida em marfim e ganhou vida pela vontade da deusa Vênus, atendendo ao desejo de Pigmalião; é pelas mãos do professor Higgins que Eliza se transforma em dama, atrai a atenção da alta sociedade em um baile em Londres por sua beleza e elegância e chega a ser confundida com a realeza. Josefa, ex-empregada doméstica, nascida e criada em uma pequena cidade da Paraíba, se torna Josepha, manequim internacional, que circulava em meio à nobreza com o desembaraço próprio de quem está absolutamente familiarizada com o ambiente, a ponto de se casar com um príncipe e se tornar, literalmente, princesa. Personifica o “mito da Borracheira”

(SOUZA, 1987, p. 161) tal qual Eliza em *My fair lady*, evoluindo “com desenvoltura num meio estranho, fazendo com que se esqueça a procedência”.

Nos três casos há lapidação: no caso de Pigmalião, o lapidar é literal, ao esculpir a estátua da mulher ideal, que depois ganha vida. De certa forma, Eliza e Josepha também “ganham vida” pelas mãos, respectivamente, de Higgins e Maria Augusta. Elas foram lapidadas: orientadas, corrigidas, aperfeiçoadas. São os ensinamentos, as técnicas, a postura, a fala, o vestuário, o *habitus* adquirido pelas duas mulheres pobres, sem nenhuma familiaridade com algo distintivo, que lhes possibilitam participar de determinados ambientes que, até então, lhes eram interditados. Isso se configuraria como uma espécie de capital?

3.6. Feminilidade, emancipação e capital feminino

A inquietação sobre a Socila parte da frequente menção da escola na imprensa atualmente, sobretudo no jornal carioca *O Globo*, como foi justificado na introdução. Considerando que o auge da escola se deu nos anos 1950 e 1960, lá se vão 60 anos do tempo em que Socila era pauta. Por que continua sendo? O que pessoas que não tiveram relação com a Socila, não foram necessariamente alunas da escola nem são da imprensa, teriam a dizer sobre ela? Buscando respostas e procurando encontrar mulheres que tivessem frequentado a Socila, em junho de 2021 elaborei um breve questionário online³⁹³ intitulado “Você se lembra da Socila?”, que continha três perguntas:

- 1 - Quando você pensa na Socila, o que vem à sua mente?
- 2 - Como você explicaria o que era a Socila?
- 3 - Você frequentou ou conhece alguém que tenha frequentado a Socila? Qual era a motivação? Em que época isso aconteceu?

Além das perguntas, pedi que assinalassem se eram do sexo feminino ou masculino, e a faixa etária: até 45 anos, de 46 a 55 anos, de 56 a 65 anos, de 66 a 75 anos, mais de 75 anos. Fiz uma primeira divulgação no meu perfil da rede social

³⁹³ Utilizei a ferramenta “Formulários” do Google.

Facebook no mês de junho de 2021 – escolhi essa rede por ser, dentre as que utilizo, a rede em que tenho mais contatos com idade acima de 60 anos, o que aumentaria as chances de encontrar contemporâneas da Socila, mulheres que se lembrassem da escola e que tivessem uma opinião acerca do que ela representava.

A meu pedido, o formulário foi compartilhado também por mulheres com mais de 60 anos em suas próprias redes sociais, consistindo na técnica de amostragem “bola de neve”, sem representatividade estatística, apenas com o objetivo de compreender o que é a Socila no imaginário das respondentes. Uma semana após a publicação original do formulário e consequentes compartilhamentos, obtive 165 respostas para as perguntas feitas. A maioria (93,9%) de respondentes era mulher, com idade entre 56 a 65 anos (37%) e 66 a 75 anos (30,3%) em 2021, portanto, nascidas entre 1946 e 1965. As perguntas eram abertas e as respostas, espontâneas.

Conforme dito no tópico sobre o percurso metodológico aqui trilhado, e dada a natureza do objeto pesquisado, as análises das respostas se deram muito mais no âmbito dos conceitos de artesanato intelectual (WRIGHT MILLS, 2009), antropologia social (DAMATTA, 1978; [1981] 2011; SICILIANO, 2014) e observação do familiar (VELHO, 2013), do que a partir de métodos “duros”. Tais conceitos fornecem uma lente, um modo de ver que possibilita uma análise mais ampla e relacional do corpus com o objeto. A centralidade, como aponta Roberto DaMatta ([1981] 2011, p. 261³⁹⁴), se dá em *como* observar o fenômeno; esse modo de ver, que Wright Mills ([1959] 2009) chamou de artesanato intelectual, se molda a partir de olhar sociológico que confia na própria experiência, mas que também se mantém cético a ela.

Quando perguntado “Quando você pensa na Socila, o que vem à sua mente?”, muitas respondentes mencionaram mais de um termo (por exemplo, “elegância, educação e bons modos”, em vez de apenas um deles). Abaixo, foram agrupadas as respostas que remetiam a significados semelhantes, em ordem decrescente:

³⁹⁴ Trata-se de e-book disponível no dispositivo *Kindle*, sem paginação. Aqui, p. 261 significa posição 261.

Figura 26 – Tabela

1 – Quando você pensa na Socila, o que vem à sua mente?	Número de vezes que o termo foi mencionado:
Etiqueta/ Escola de etiqueta/ Regras de etiqueta/ Aulas de etiqueta/ Curso de etiqueta / Comportamento social	51
Boas maneiras/ Escola de boas maneiras/ Bons modos	30
Elegância/ Maneiras elegantes/ Pessoas elegantes	25
Desfiles/ Modelos/ Escola de modelos/ Curso de modelo	12
Maria Augusta	9
Andamento/ Postura	8
Miss/ Concursos de miss	7
Estética/ Tratamentos estéticos/ Procedimentos de beleza/ Clínica de beleza/ Salão de beleza	7
Educação	6
Classe	5
Moda	3
Maquiagem	3

A quantificação aqui é possível diante da esmagadora maioria das respostas associando Socila aos termos etiqueta, boas maneiras e elegância. Embora, como dito, não haja representatividade estatística na amostragem, é interessante constatar que, neste recorte (composto majoritariamente por mulheres acima de 56 anos), a Socila é fortemente associada ao ensino de etiqueta e boas maneiras, embora tenha sido também um marco na preparação das candidatas aos concursos de miss e pioneira nos cursos de manequim, com histórias de sucesso em ambas as frentes.

Quando pensam na Socila, as respondentes também citaram “mulheres bonitas”, “pessoas de fino trato/pessoas refinadas” e “beleza” (duas vezes cada); diversos outros termos foram mencionados uma vez cada: “alta sociedade”, “traquejo social/traquejo”, “finesse/requite”, “estilo”, “posicionamento social e cultural”, “coisas bonitas”, “comportamento”, “cursos”, “mulher comportada”, “jovens mulheres”, “feminilidade”, “cuidados pessoais”, “cuidar do corpo”, “liberdade”, “empoderamento”, “controle do corpo feminino”, “brega”. Uma pessoa respondeu que se lembrou da própria adolescência e outra, de sua mãe.

As respostas à segunda pergunta, “Como você explicaria o que era a Socila?”, foram as mais interessantes e reveladoras. Foram cotejadas com algumas respostas da pergunta de número três, “qual era a motivação para fazer Socila?”.

Confirmando as respostas à pergunta de número um - quando perguntadas “o que vem à sua mente quando pensa na Socila”, em que a maioria respondeu “etiqueta, escola de etiqueta e afins -, também aqui a maioria “explicou o que era a Socila” referindo-se a ela como uma escola de etiqueta, muitas ressaltando que era voltada para jovens de classe média alta “aprenderem a se portar”, o que já se supunha.

Tendo como chave de leitura Gilberto Velho (2013) e sua concepção de observação do familiar - considerando que o que é familiar não é necessariamente conhecido - houve aqui um estranhamento importante em relação ao que a Socila significa no imaginário das pessoas. Seguindo a forma de pensar artesanalmente de Wright Mills ([1959] 2009), confiando na experiência e me mantendo cética a ela, percebi que as respostas ao formulário corroboram a percepção que já havia surgido na análise das narrativas na imprensa e nas entrevistas que fiz.

A despeito de ser uma escola disciplinadora de corpos das mulheres, hoje vista como algo opressora, ensinando um sem-número de regras impossíveis de serem seguidas à risca no campo do bem vestir, do comportamento social (etiqueta nos mais diversos ambientes e situações) e da linguagem e educação do corpo, a Socila é majoritariamente vista pelas respondentes (e aqui citarei algumas aspas de respostas dadas) como “marca de uma época”.

Mais do que “uma escola para treinar jovens para que soubessem como se comportar na alta sociedade”, com objetivos como “aprender a caminhar com elegância”, “comer torradas sem fazer barulho” e “acender um cigarro segurando também a caixa de fósforo na mesma mão”, nessa pesquisa a Socila é lembrada pelas respondentes como um local onde se “aprimorava a educação”, onde se aprendia “elegância, civilidade para além das aparências”, “uma escola de estímulo à elegância em todas as formas de expressão”. Uma preparação das moças para a vida em sociedade.

Na lembrança da maioria das respondentes, a Socila era voltada para “moças da classe média e alta”, “lugar elitizado na época”, e mulheres que não frequentaram comentaram que não o fizeram “porque o curso era muito caro. Ouvia falar e ficava imaginando como seria”, “não frequentei, pois minha família era de classe média e a Socila era mais para uma classe social acima”, “era muito cara e só moças de classe alta conseguiam frequentar, o que não era o meu caso e nem das moças do

meu círculo de amizades”, “pensei em entrar, mas não tinha condições financeiras”, “atendia às meninas da sociedade, dos mais ricos. Não era classe média”.

A Socila era, para a maioria das respondentes, um lugar para “mulheres que queriam estar na moda e, sobretudo, ter postura e compostura, que era o desejável na época”, “muito conhecida e conceituada”, onde “as alunas eram preparadas para viverem de acordo com o que a sociedade esperava delas”. “Na década de 1950, 60 e 70 era o glamour das moças da sociedade carioca”, e “era o sonho das adolescentes da minha geração”. A Socila era um lugar onde se aprendia “a usar talheres, como cruzar pernas, descer escadas e se parecer com uma *lady*”, e mesmo que alguns dos ensinamentos não fizessem muito sentido para algumas, a maior parte parecia ter sua função: “posso afirmar que muito daquilo nunca usei, mas a postura, o tom, a classe, o andar de salto 12cm como se levitasse... isso eu nunca perdi”.

Para além do ensino de etiqueta e postura, a Socila é lembrada como “um lugar que lapidava as pessoas”, no caso, as mulheres. Essa “lapidação”, lá chamada de “aperfeiçoamento social”, contemplava oito passos básicos³⁹⁵: maquiagem, cabelereiro, ginástica, andar, vestuário, voz e dicção, etiqueta e extensão cultural. Um repertório bem amplo que não se restringia a ensinar apenas ângulos e poses mais favoráveis para as fotografias, combinação das roupas com o tipo físico e personalidade, penteado que melhor conviesse, timbre de voz, aprendizado das técnicas do corpo e da *hexis* corporal; ensinava também que tudo isso não teria valor “se a pessoa for incapaz de sustentar uma conversa interessante”³⁹⁶. Na visão da Socila, todo esse aprendizado era importante para a mulher “se conduzir”³⁹⁷.

À frente dessa empreitada, duas mulheres, Maria Augusta e Ligia Bastos que, “audaciosamente, penetraram no mundo brasileiro do *Show Business*”³⁹⁸. Mas que, embora participassem do mercado de trabalho como donas de um negócio de sucesso, disputando e conquistando “posições que muitos homens invejam”, não perdiam “sua condição de mulher”³⁹⁹, ou seja, se mantinham “femininas”.

³⁹⁵ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

³⁹⁶ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

³⁹⁷ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

³⁹⁸ Os agentes é quem devem tratar dos interesses dos artistas. *O Globo Feminino*, 11 de julho de 1957, p. 9.

³⁹⁹ As chefonas. *O Globo*, Geral, 01 de maio de 1972, p. 4.

O discurso da emancipação feminina e o feminismo eram vistos com ressalvas, em oposição à feminilidade. A pesquisadora Heloisa Buarque de Hollanda⁴⁰⁰ observa que nessa época o feminismo era visto como “coisa de duronas e mal-amadas”, e que mesmo no âmbito artístico havia mulheres em cuja obra percebemos o feminismo, mas que não falavam abertamente sobre o tema (a cantora Nara Leão, citada neste trabalho, poderia ser considerada um exemplo disso).

Nos anos 1950 os impactos do fim da Segunda Guerra Mundial reverberavam em todo o mundo. Como observam Carla Bassanezi (2002) e Cristina Seixas (2015), o Brasil viveu um período de ascensão da classe média, crescimento urbano e industrialização, ampliando o acesso à informação, ao lazer e ao consumo. O Brasil dos anos 1950 visava o desenvolvimento nacional e a superação do atraso tecnológico com o presidente JK e seu projeto de desenvolver o Brasil “50 anos em 5”. “São os Anos Dourados, um período de euforia e de grandeza, um espelho natural do desejo de esquecer momentos duros e difíceis passados durante a época da Segunda Guerra Mundial” (SEIXAS, 2015, p. 23).

Neste contexto pós-guerra, e a partir dele, ganha força o discurso da emancipação feminina; o conflito mundial obrigara a mulher a compor as forças de trabalho e no Brasil não foi diferente. Entretanto, Bassanezi (2002) recorda que finda a guerra, campanhas estrangeiras pregavam a volta da mulher ao lar, bem como uma retomada dos valores tradicionais da sociedade. Pinsky (2014, p. 18) aponta que, no Brasil dos Anos Dourados, mesmo com o aumento do nível de escolaridade de mulheres, a concepção de que deveriam se dedicar prioritariamente ao lar e aos filhos continuava arraigada, de modo que seu trabalho “continua cercado de preconceitos e sendo visto como subsidiário ao do chefe da família”.

Ainda que a participação da mulher no mercado de trabalho tenha ganhado aceitação nos 1960 em relação às décadas anteriores, o espaço ocupado era pequeno e havia enorme restrição quanto às profissões a elas destinadas. Bonadio (2004, p. 59) observa⁴⁰¹ que, entre 1960 e 1970, as taxas de ocupação feminina no mercado de trabalho passam de 16,6% para 18,4%, com moças de classe média sendo professoras, secretárias ou bibliotecárias. Estamos falando de um contexto em que a mulher havia recém-conquistado o direito de exercer uma profissão sem

⁴⁰⁰ A luta continua. *O Globo*, Revista Ela, 15 de maio de 2022, p. 7.

⁴⁰¹ Citando um levantamento feito pela jornalista Ana Arruda.

autorização do marido - é apenas em 1962 que o chamado Estatuto da Mulher Casada⁴⁰² passa a conferir à mulher alguma emancipação na vida conjugal em comparação ao Código Civil de 1916. O artigo 246 rege que “a mulher que exercer profissão lucrativa, distinta da do marido terá direito de praticar todos os atos inerentes ao seu exercício e a sua defesa”, e que o produto do seu trabalho passa a ser um bem reservado a ela, do qual poderá dispor.

Mas as narrativas da *Socila* na imprensa⁴⁰³ tensionavam o papel da mulher que trabalhava fora e o da mulher “do lar”, reforçando que o principal papel feminino era o de esposa e mãe exemplar. A mulher que participasse do mercado de trabalho precisaria desempenhar papéis que não rivalizassem com o do “chefe da casa”, do homem provedor. E assim mesmo, que não conflitassem com seu papel de esposa e mãe, uma vez que “na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina, sem possibilidades de contestação” (BASSANEZI, 2002, p. 609).

Se, ainda assim, a mulher trabalhasse fora, precisaria dar conta de manter o ambiente doméstico impecável e aprender a conjugar as duas rotinas sem ameaçar o poder masculino. A ideia de que a mulher não era talhada para o trabalho fora de casa e que sucumbiria a qualquer desconforto também era propagada pela *Socila*, com dizeres como “poucas têm consciência profissional, e quando se empregam acham natural faltar ao trabalho na primeira dor de cabeça, queixar-se o tempo todo e chorar quando as coisas não dão certo”⁴⁰⁴. A mulher, assim, faria melhor negócio se se conformasse com seu papel “do lar”, pois quando “experimentam trabalhar fora, desprezam os de casa, metem os pés pelas mãos”⁴⁰⁵. O fato de o mundo do trabalho ter sido até então dominado pelo homem resultou em um imaginário que contrapunha feminilidade, atrelada ao papel de esposa e mãe, ao exercício de uma profissão.

Beauvoir ([1949] 2019) ressalta que a educação patriarcal estabelece que a mulher é a responsável pela harmonia no lar, e as apostilas de Maria Augusta

⁴⁰² Lei 4.121 de 27 de agosto de 1962. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4121.htm. Acesso em 17 de junho de 2021.

⁴⁰³ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

⁴⁰⁴ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

⁴⁰⁵ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

repetem isso diversas vezes. Na apostila de “Comportamento Social”⁴⁰⁶, por exemplo, a mulher é ensinada a “conhecer o homem pela fisionomia”. O “homem colérico”, eufemismo para homem violento, é descrito como “de vontade segura e naturalmente dominador”, com “temperamento viril por excelência”. À mulher cabe identificar esse comportamento para “saber compreendê-lo: poderá ser um homem mal-educado, mas será sempre uma criatura sincera”.

Aprende também que “um lar malconduzido está fadado ao fracasso”⁴⁰⁷, e que, claro, a responsabilidade é sua: “a harmonia do lar e o seu sucesso como dona de casa dependerão, exclusivamente, das seguintes regras: um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar; horário certo para tudo; previsão e supervisão dos serviços”⁴⁰⁸. Naturaliza-se, para Beauvoir ([1949] 2019, p. 519) que “ela trate da casa, que assegure sozinha o cuidado e a educação das crianças”. Além disso, quer e precisa ser “uma mulher de verdade”:

(...) quer ser elegante, boa dona de casa, mãe dedicada, como o são tradicionalmente as esposas. É uma tarefa que se torna facilmente extenuante. Ela a assume ao mesmo tempo por consideração para com seu parceiro e por fidelidade a si mesma: porque faz questão, já o vimos, de não falhar em seu destino de mulher (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 519).

Essa é a crueldade que a feminilidade impõe: uma vez que participe do mercado de trabalho, a mulher somente adiciona funções à sua vida. Continuará tendo de exercer o que lhe parece seu destino natural, o de esposa e mãe exemplar, e deverá manter-se elegante, bela, dócil, para continuar a ser vista como “mulher de verdade”, como mostra Beauvoir ([1949] 2019, p. 519). E não é preciso que o marido seja, necessariamente, o cobrador desse desempenho; a própria mulher, “educada no respeito à superioridade masculina”, entende que a ela cabe deixar que o homem ocupe o primeiro lugar; “por vezes teme também, o reivindicando, arruinar o lar; indecisa entre o desejo de se afirmar e o de se anular, fica dividida, dilacerada”.

Isso lhe é inculcado desde a infância; geralmente os meninos são dispensados do trabalho doméstico, enquanto a menina é ensinada a ver nessa função uma

⁴⁰⁶ Apostila *Comportamento Social*, método Maria Augusta, p. 2-4.

⁴⁰⁷ Apostila *Comportamento Social*, método Maria Augusta, p. 23.

⁴⁰⁸ Apostila *Comportamento Social*, método Maria Augusta, p. 23.

“possibilidade de afirmação” (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 30), aprendendo desde cedo a varrer, tirar o pó, descascar legumes, tomar conta de um irmão mais novo, sendo integrada ao universo das tarefas domésticas de forma precoce. Acaba por entender que há ali alguma vantagem, sente-se lisonjeada por fazer parte do mundo adulto, e esse “sentido de importância a ajudará a assumir sua feminilidade” (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 30).

Tendo vivido seu auge nos anos 1960, a Socila encarna o espírito do seu tempo. Na escola, as boas maneiras eram ensinadas de modo a garantir que “a moça que pretendesse um cargo de secretária, recepcionista ou vendedora saberia como ser amável sem vulgaridade e como ser profissional sem embrutecer”⁴⁰⁹. Não apenas estas eram as únicas profissões a serem consideradas pela mulher, além do magistério, como havia todo um dever ser que as compunham. Afinal, de acordo com Bassanezi (2002, p. 609), “a vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas de feminilidade”, logo, fora do recinto do lar a mulher ideal, constituída por características “próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura” só poderia desempenhar profissões que não fugissem tanto desse perfil.

Beauvoir ([1949] 2019, p. 462) aponta que o homem é criado para o trabalho e o sustento, a mulher é criada para ser esposa e mãe; subverter esse destino não é tarefa fácil; “um ser destinado à imanência não pode realizar-se em atos”, diz, referindo-se à mulher. Além disso, a mulher que eventualmente trabalha recebe “salário de fome” (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 505), fazendo com que se convença de que é mais vantajoso casar-se do que se sustentar. “Acabam comumente recorrendo ao casamento como meio de sustento. Depois dizem que não nasceram para a vida doméstica”⁴¹⁰, alfineta uma reportagem sobre a Socila. Fora isso, em geral para a mulher casada o salário representa um complemento, sendo a renda mais significativa proveniente do trabalho do homem.

Mas de todos os entraves, perder a feminilidade continuava sendo a grande ameaça à mulher que trabalhasse fora. As revistas femininas aconselhavam às mulheres que exercessem atividades fora do lar que não descuidassem de sua aparência e soubessem “manter-se femininas” (BASSANEZI, 2002, p. 624);

⁴⁰⁹ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

⁴¹⁰ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

segundo Pinsky (2014, p. 183), tais publicações repercutiam que homens não gostam de mulheres independentes, e que as que são “senhoras de si” não serviam para se casar. E se o casamento, o “ser escolhida” era o objetivo da mulher dessa época, ela deveria se desdobrar se quisesse os dois - se casar e trabalhar fora.

Como aponta Beauvoir ([1949] 2019, p. 26), mesmo ante o avanço do feminismo e o encorajamento ao estudo, da mulher exige-se outro tipo de realização, tornando o êxito ainda mais difícil; “querem, pelo menos, que ela seja também uma mulher, que não perca sua feminilidade”. Para Beauvoir ([1949] 2019, p. 522), quando se julga as realizações profissionais de uma mulher, é preciso lembrar-se que ela se empenha em uma carreira “no seio de uma situação atormentada, escravizada ainda aos encargos tradicionalmente implicados na feminilidade”.

Como uma espécie de encorajamento para que a mulher ficasse restrita ao espaço doméstico – e se sentisse feliz assim -, as revistas femininas dos Anos Dourados falavam em “poderes femininos” (PINSKY, 2014, p. 271). Havia o poder com sentido negativo, que se relacionaria às mulheres tidas como “dominadoras” ou “caprichosas”, que conseguiriam o que desejassem à custa do “sossego dos homens”; e o poder representado como algo positivo, resumido no emprego do chamado “jeitinho feminino”.

O argumento implícito nessas narrativas era que, representadas como “rainhas do lar”, as mulheres que soubessem usar o “jeitinho feminino” em seu favor, mantendo a casa impecável e a família em ordem, sem conflitos que desafiassem a autoridade masculina, seriam as reais detentoras de poder, dada a capacidade de influenciar os maridos. A “rainha do lar” seria, para Roberto DaMatta (1986, p. 58), “a mulher que põe à disposição do grupo (da família) seus serviços domésticos, seus favores sexuais e sua capacidade reprodutiva” e que, assim, “torna-se a fonte de virtude que, na sociedade brasileira, se define de modo pastoral e santificado”.

Tais narrativas, de acordo com Pinsky (2014), levavam a uma ideia de complementaridade entre homens e mulheres, deixando de lado a desigualdade de

sexos que se dava (e se dá) em diversos aspectos⁴¹¹. E se não havia desigualdade a questionar, conseqüentemente, não haveria conflitos. A feminilidade, afinal, não se restringe aos enfeites, aos adornos e vestimentas; é um modo de agir no mundo que inclui a passividade típica de quem não pode se afirmar como Sujeito. Beauvoir ([1949] 2019, p. 83) aponta que:

Ser feminina é mostrar-se impotente, fútil, passiva, dócil. A jovem deverá não somente enfeitar-se, arranjar-se, mas ainda reprimir sua espontaneidade e substituir, a esta, a graça e o encanto estudados que lhe ensinam as mais velhas. Toda afirmação de si própria diminui sua feminilidade e suas probabilidades de sedução. O que torna relativamente fácil o início do rapaz na existência é que sua vocação de ser humano não contraria a de macho: já sua infância anuncia esse destino feliz.

Para Pinsky (2014, p. 279), o “jeitinho feminino” mencionado pelas revistas femininas pode ser interpretado de duas formas: uma delas é como um “recurso concedido às mulheres para reduzir ou escamotear conflitos e tensões nas relações com os homens, uma mera adaptação do indivíduo às estruturas”, ou seja, é ilusório ao tentar convencer mulheres de que elas detêm o poder porque “mandam em casa”, já que são as “rainhas do lar”; esse argumento manteria a mulher passiva, no lugar do Outro sobre o qual fala Beauvoir (1949] 2019, p. 82), “moldando-se aos sonhos deles”, sem desafiar a estrutura das relações de poder desiguais entre os sexos.

A famosa expressão “tornar-se mulher” (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 11) considera justamente essas “confirmações de feminilidade” exigidas ao longo da vida, dentre elas um constante “controle de si a que a mulher é obrigada” (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 82). Outra possível interpretação é reconhecer as desigualdades, e entender o “jeitinho feminino” como uma manobra possível:

Caracterizar os truques utilizados pelas mulheres como uma forma de resistência à submissão que lhes é imposta ou como um espaço alternativo conquistado, admitindo que as mulheres são capazes, inclusive, de manipular estrategicamente a seu favor

⁴¹¹ Como exemplo da desigualdade, podemos citar a remuneração entre homens e mulheres no mercado de trabalho: em 2019 mulheres recebiam 20,5% a menos do que homens na mesma função. A diferença era ainda maior em cargos de gerência e direção, quando uma mulher ganhava quase 40% a menos do que homens no mesmo posto de trabalho. Fonte: Fonte: *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua*. Diferença do rendimento do trabalho de mulheres e homens nos grupos ocupacionais, 2018. IBGE. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/93fe55e0692c504efbc849b796921b18.pdf. Acesso em 20 de maio de 2022.

papéis e comportamentos que seriam subalternos; elas não são sujeitos passivos e destituídos de qualquer margem de manobra, apesar dos limites impostos (PINSKY, 2014, p. 281).

Nesse caso, o “jeitinho feminino” não ficaria completamente relegado a uma forma de submissão, uma vez que as mulheres o utilizariam de uma forma a subverter o *status quo*. Pinsky (2014, p. 287) observa que se a mulher toma a feminilidade “com um objetivo estratégico, participa, em certo sentido, da reformulação do significado de feminilidade”, que passa de “sinônimo de fragilidade” a “esperteza, iniciativa”. Na Socila se ensinava que o desejo de liberdade da mulher deveria se realizar mediante “coexistência pacífica”⁴¹², ou seja: que a mulher buscasse garantir seu espaço na sociedade sem desafiar o poder masculino, do “chefe da família”.

“Bater de frente” com os homens, fossem pais ou maridos, não era aconselhável. As mulheres contornavam, atuavam nas brechas. O que pode ser interpretado em um primeiro momento como submissão, não deixa de ser uma atuação dentro do campo de possibilidades (VELHO, 2013) que se apresenta às mulheres.

O documentário *Lobby do Batom* (2022), que conta a história do grupo de mulheres que em 1985 se uniu para criar o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, evidencia isso: o termo “lobby do batom”, cunhado em uma época em que a Câmara dos Deputados não tinha sequer banheiro feminino, era uma zombaria dos parlamentares com as mulheres. A pedagoga Schuma Schumacher, integrante do Conselho, propôs que o grupo assumisse o nome, subvertendo assim seu significado: batom não remeteria à feminilidade, mas sim à boca que fala, que articula demandas; a voz das mulheres.

Isso foi em 1985. Mais de uma década antes, Maria Augusta declarava que antes de fundar a Socila estava ela própria “a meio caminho da emancipação”⁴¹³. Com “uma expressão confiante”⁴¹⁴ e “um temperamento liberal”⁴¹⁵, sentia, no entanto, que lhe faltava “mais estrutura para se impor no mundo extra-

⁴¹² Socila nela. *O Globo*, 22 de novembro de 1971, Geral, p. 3.

⁴¹³ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

⁴¹⁴ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

⁴¹⁵ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

doméstico”⁴¹⁶. Via a “independência social e profissional do sexo feminino”⁴¹⁷ como fenômeno recente, fruto de um “desejo de emancipação”⁴¹⁸ sem que houvesse um preparo ou educação para alcançá-la, sendo “incompleta e deficiente”⁴¹⁹. Ela pensava nisso como uma questão para as mulheres daquela geração: a mulher “quer a liberdade, mas não sabe o que fazer com ela”⁴²⁰.

Foi justamente essa brecha que a Socila ocupou: segundo Maria Augusta⁴²¹, o processo de industrialização pelo qual o país passava levou as mulheres ao mercado de trabalho, a vida ficou mais agitada e as moças de “boa família” ficaram sem quem as educasse, de modo que a Socila percebeu a “necessidade de formar jovens da sociedade”. Que, de fato, eram levadas pelas mães – já vimos que, de acordo com Beauvoir ([1949] 2019), mesmo a mais zelosa das mães reproduz a socialização que recebeu, enfeitando a filha, lhe ensinando a conter os gestos, a agir com doçura, pensando que assim ela terá mais êxito na vida social. Impor à filha o destino que ela também recebeu é uma forma de a mãe “reivindicar orgulhosamente sua própria feminilidade” (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 26).

Esse comportamento se confirma na pesquisa realizada por meio do formulário aplicado via internet: a Socila é vista como “escola de mulheres que desejavam ser elegantes ou ter filhas consideradas elegantes”. Eram as mães ou outras mulheres que matriculavam as filhas na Socila, ou ameaçavam fazê-lo quando essas se comportavam mal. “Minha mãe me obrigou” foi uma resposta comum quando perguntadas se haviam feito Socila. “Minha lembrança era a minha madrinha dizendo que iria me matricular na Socila, pois eu estava me comportando como um menino, desajeitada e barulhenta”; “quando as mais jovens se comportavam mal, ameaçam colocá-las na Socila”; “frequentei nos anos 70. Minha mãe estava preocupada com meu comportamento ‘hippie’”. Uma delas disse que “foi um trauma da minha adolescência, pois minha mãe me ameaçou matricular, e me tirar o baile de debutantes ou a viagem da Disney nos 15 anos, caso eu não me comportasse como uma mocinha com movimentos leves, saia, fala mansa etc”.

⁴¹⁶ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

⁴¹⁷ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

⁴¹⁸ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

⁴¹⁹ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

⁴²⁰ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

⁴²¹ Em depoimento à Paulo Borges para o livro *O Brasil na moda* (2003, p. 891). Ver referências bibliográficas.

Aos olhos de hoje, soa quase absurdo pensar em uma escola onde as mulheres – e apenas as mulheres – precisavam aprender um sem-número de regras para “se conduzir” na sociedade. Se sucesso, na perspectiva de DaMatta (1997, p. 237), não é “transmissível ou transferível socialmente”, para uma parcela das mulheres “fazer Socila” talvez significasse um trampolim, a aquisição de um passe para participar do jogo da vida social. Essa é a grande diferença entre a narrativa do “jeitinho feminino” das revistas a que se refere Pinsky (2014) e da “emancipação” apregoada pela Socila: uma contém, a outra expande limites.

Enquanto o “jeitinho feminino” era uma narrativa empregada para convencer as mulheres de que eram detentoras de poder como “rainhas do lar”, fazendo com que se mantivessem resignadas na esfera privada, com autonomia restrita às decisões relativas à casa e aos filhos, a Socila oferecia um conjunto de aprendizado, um *habitus* (BOURDIEU, 1983) que se configuraria em uma espécie de capital simbólico (BOURDIEU, [1979] 2015) para as mulheres, a ser empregado dentro mas também fora do ambiente doméstico.

Bourdieu ([1979] 2015) amplia a concepção marxista de capital para além do acúmulo de bens, e entende que o que chama de capital simbólico, que compreende capital cultural (conferido por diplomas e títulos) e capital social (riqueza a partir das relações sociais) também é valioso. A Socila, portanto, oferecia não um “jeitinho”, termo com conotação pejorativa, que questiona a moralidade e gera desconfiança em relação ao cumprimento de regras (DAMATTA, 1997, p. 247), mas sim um capital feminino. Algo não para manter a mulher restrita à esfera privada, ao contrário: lhe daria ferramentas para ter “sucesso social quase garantido”⁴²².

O sucesso da escola era tamanho que, como vimos, “Socila transformou-se rapidamente num adjetivo. Garota com boa postura, bem-educada, bem maquiada, era uma garota Socila”⁴²³. Essa percepção também apareceu na pesquisa: “para mim, criança, [Socila] era um adjetivo que significava boas maneiras, ser *chic*”; “virou uma expressão de pessoas ou atos de bons modos”, que formava meninas “certinhas, educadas na Socila”. O contrário também acontecia: “quando queríamos fazer alguma crítica a algum comportamento inadequado, costumávamos dizer: ih,

⁴²² Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

⁴²³ *O Brasil na moda* (2003, p. 892). Ver referências bibliográficas.

a fulana precisa frequentar a Socila!”. Essa associação permanece nas páginas dos jornais ainda hoje.

No formulário aplicado via redes sociais, a maior parte das respondentes tem uma visão positiva sobre os aprendizados adquiridos na Socila: “minha memória é de que a escola ensinava a ter uma visão mais ampliada sobre a vida social”, que ensinava a mulher como agir “para além da casa, capaz de dialogar em meios políticos e sociais diversos”; outra mulher contou que “a motivação [para fazer Socila] era aprender a melhor forma de comunicar suas ideias para as pessoas sem gerar conflitos desnecessários, e aprender a construir uma imagem que fosse aceita pela sociedade da época”, e que “o importante era o uso que podia ser feito de tudo o que era aprendido”. Uma respondente resumiu o que parece ser a percepção da maior parte das mulheres que responderam ao formulário:

A Socila foi um movimento libertador da mulher. Com a Socila a mulher ganhou status e presença social e cultural. Viu que podia participar sem ser a mera “madame”, colocada atrás do marido ou do pai. Literalmente, saiu da cozinha e dos bastidores e aprendeu a lidar em sociedade, a falar e a ouvir. A participar. A ser uma peça importante no tabuleiro social. Os homens tinham orgulho de apresentar suas filhas e suas mulheres. Algumas pessoas discordavam e diziam que a mulher tinha sido transformada em um bibelô. Para mim a Socila foi uma porta aberta e um grande incentivo para a participação feminina na vida política, cultural e social.

O grande trunfo da Socila era, portanto, esse conjunto de saberes, vestuário, etiqueta, posturas, técnicas do corpo, *hexis* corporal que chamo aqui de capital feminino, e que possibilitaria alguma “liberdade”, uma “porta aberta” para participar da vida “política, cultural e social”. Nas narrativas na imprensa eram frequentes as menções de Maria Augusta sobre emancipação⁴²⁴ que, para ela, dependia absolutamente “da maneira de cada uma se portar”⁴²⁵. Para Beauvoir ([1949] 2019, p. 503), no entanto, mesmo depois de adquirir direitos políticos como o voto, a mulher que é sustentada pelo homem continua confinada em posição de submissão; “foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta”, diz ela.

⁴²⁴ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

⁴²⁵ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

A mulher emancipada “quer-se a si mesma ativa e recusa a passividade que o homem procura impor-lhe” (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 543). Mas convém ressaltar que se trata de uma questão social, não individual, e que a mudança requer também a participação masculina; entretanto, “seguramente a autonomia da mulher, embora poupe aos homens muitos aborrecimentos, lhes negará também muitas facilidades (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 555).

Nada disso era pauta na Socila, onde a liberdade da mulher estava atrelada a uma visão individual, ao cuidado de si, à disciplina do corpo, muito mais do que a busca por independência financeira e equidade de direitos em relação aos homens. Em anúncio⁴²⁶ publicado em 1971, a Socila defende que a liberdade da mulher começa “na confiança que ela tem no seu corpo”, e que a “emancipação feminina” seria conquistada por meio de “vários estágios”, que passavam por “massagens, dietas, saunas, ginástica, banhos de beleza, penteados, maquiagem, postura, andamento, arte de vestir e conquistar. Tudo isso entre um curso e outro de atualização”. Essa conjugação era, para a Socila, a “verdadeira emancipação feminina”.

Em contraponto, a Socila atuava no preparo de moças para o mercado de trabalho, no que concernia a tópicos como etiqueta e maquiagem – que eram a visão da escola sobre “emancipação feminina”. Reportagem de 1963⁴²⁷ divulga que “61 moças com idade entre 14 e 22 anos, em treinamento para exercerem a profissão de cobradoras da Companhia de Transportes Coletivos da Guanabara” receberão noções de “urbanidade, ética, saúde, higiene e relações públicas, além de instruções, pela Socila, sobre a técnica de sentar e usar maquiagem”. No que cabia à Socila, “as futuras trocadoras aprenderam, antes de tudo, que o passageiro está sempre com a razão, e que num único caso não devem lhe passar troco: quando lhes disserem os gracejos de praxe que, afinal de contas, também são passageiros”.

Convém observar que Maria Augusta proferia falas assim, mas ela própria se lançou para além do círculo doméstico e conquistou autonomia fundando a Socila com Ligia Bastos, “na base do hei de vencer”⁴²⁸. Segundo um dos entrevistados para essa pesquisa, houve uma época em que era ela a provedora da

⁴²⁶ Socila nela. *O Globo*, 22 de novembro de 1971, Geral, p. 3.

⁴²⁷ CTC dará o troco em sorrisos. *O Cruzeiro*, ed. 0032, 1963, p. s/n.

⁴²⁸ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

casa, sustentando o terceiro marido, “Pitt” Nielsen. No que parecia uma tentativa de antagonizar com a luta pelos direitos das mulheres, nas narrativas na imprensa dizia-se sobre ela: “nas metrópoles dos países ricos, as mulheres pisam duro nas ruas, reivindicando direitos sociais. Mas a brasileira Maria Augusta preferiu os passinhos leves e os pivôs para poder avançar um pouco”⁴²⁹.

Essa frase, talvez, resuma Maria Augusta e o capital feminino da Socila, resultado do conjunto de ensinamentos oferecidos às mulheres como ferramenta para que elas participassem da vida social que lhes era vedada; uma espécie de “se não pode com eles, junte-se a eles”, driblando a hegemonia masculina. Maria Augusta entendia a emancipação da mulher como algo a ser conquistado a partir da educação, da participação na vida social, sem confronto com os homens. Isso não significava, contudo, passividade e resignação; prova disso é que ela própria parece ter navegado como quis no campo de possibilidades (VELHO, 2013) que viu à frente. Era a razão de ser da Socila: “dar à mulher a consciência da sua importância e confiança nas suas possibilidades de vencer como mulher”⁴³⁰.

Figura 27 – Maria Augusta em diversos momentos



Fonte: acervo pessoal Maria Augusta

Uma das entrevistadas para essa pesquisa disse que Maria Augusta foi categórica em lhe dizer, quando lhe deu aulas: “nunca diga não”. O que não significava, na visão da aluna, submissão. Longe disso; “dinâmica, obstinada e

⁴²⁹ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

⁴³⁰ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

experiente”⁴³¹, Maria Augusta apenas pensava que melhor do que dizer um categórico “não”, era melhor “deixar no ar”. Segundo a entrevistada, ela dizia: “o não é talvez. Se você encontra alguém com o ego muito inflado e diz não, essa pessoa vai te perseguir pelo resto da vida”. Na visão dessa ex-aluna, “Maria Augusta entendia o que tinha que fazer em cada situação”. Para ela, Maria Augusta não tinha nada de fútil; simplesmente encontrou uma forma de ter o espaço que queria e, então, passar a sua mensagem. “É uma forma de revolução silenciosa”, disse. Outra entrevistada, sobrinha-neta de Maria Augusta, tem a seguinte lembrança da tia:

Ela era um mito. Chegava aquela mulher linda, com perfumes que a gente nunca tinha sentido na vida, presentes, as roupas maravilhosas. A Socila deu certo porque se a mulher não saíria para fazer faculdade ou trabalhar, para a Socila podia, porque se reverteria em benefício para os maridos. Para mim era algo parecido com um drible.

Que o diga Josefa, empregada doméstica que se tornou manequim de sucesso, se transformou em Josepha, se casou com um príncipe e circulou na alta sociedade italiana até sua morte. A manequim só teve tal desenvoltura, tal desembaraço (BOURDIEU, 1983) porque adquiriu a *hexis* corporal, a etiqueta, o *habitus* ensinado pela Socila. Josepha - e tantas outras que passaram pela escola – aprenderam com Maria Augusta o capital feminino, que ela própria utilizava muito bem: driblou o seu destino, fundou um negócio de sucesso, foi amiga do presidente JK – o que lhe permitiu oficializar a escola -, circulou em Paris, estampou jornais e revistas. E ainda hoje é lembrada como sinônimo de elegância.

⁴³¹ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

Figura 28 – Maria Augusta



Fonte: acervo pessoal Maria Augusta

O que chamamos aqui de capital feminino não significa poder de escolha amplo e irrestrito para mulheres. Isso as mulheres da época da Socila não tinham e, em muitos aspectos, continuam não tendo, sobretudo se entrecruzarmos patriarcado com capitalismo e outras estruturas de opressão, como raça e classe. Significa sim que, dentro de um campo de possibilidades, como assinala Gilberto Velho (2013), havia alguma agência sobre si e sobre seus projetos.

A ideia de capital feminino é essa: entre a total liberdade de escolha, vedada às mulheres ainda hoje, e a total opressão, haveria uma zona de mediação, na qual onde mulheres que soubessem usar ferramentas a seu favor poderia navegar. Essas brechas, essa zona de possibilidades, poderiam ser ocupadas por quem detivesse o capital feminino.

4. De “não basta ser linda” a “só é feia quem quer”

Os anos 1950, década em que surge a *Socila*, são também um marco para o entendimento da história da beleza no Brasil. Outrora um dom divino, algo inato com o qual se nascia ou não, a beleza passa a poder ser adquirida. A beleza como virtude da mulher é processo histórico e social; é um atributo feminino, assim tratado por autoras como Simone de Beauvoir ([1949] 2019) e Michelle Perrot (2019), também por Georges Vigarello (2006). Beauvoir ([1949] 2019) e Perrot (2019) apontam que a mulher é, antes de tudo, uma imagem, o que é acentuado em razão da cultura judaico-cristã que a constrange ao silêncio em público. “Ela deve ora se ocultar, ora se mostrar. Códigos bastante precisos regem suas aparições assim como as de tal ou qual parte de seu corpo. (...) Seja bela e cale-se é o que se lhe impõe” (PERROT, 2019, p. 50).

A beleza é historicamente capital na conquista e na busca matrimonial: “é preciso ser sempre bonita para conquistar o amor e a felicidade; a feiura associa-se cruelmente à maldade, e quando as desgraças desabam sobre as feias, não se sabe muito bem se são seus crimes ou sua feiura que o destino pune” (BEAUVOIR, [1949] 2019, p. 37). A história da beleza se entrelaça à história das mulheres; conforme Vigarello (2006, p. 11), “dinâmicas temporais deslocam as oposições sociais e culturais, desviam os critérios de beleza, seus efeitos diferenciadores”. O domínio exercido sobre as mulheres, segundo o historiador, tem correspondência no universo estético: “a exigência de uma beleza pudica, virginal, vigiada, impôs-se durante muito tempo antes que se afirmassem as alforrias decisivas repercutidas nas formas e nos perfis, movimentos mais bem aceitos, sorrisos mais expansivos, corpos mais desnudos”. Ainda para Vigarello (2006), a história da beleza carrega consigo o deslocamento dessas referências.

Vigarello (2006, p. 24) concorda que a beleza era o principal atributo da mulher, enquanto ao homem competia a força; a ele caberia “enfrentar trabalhos e intempéries” na cidade ou no campo, enquanto ela ficaria no “agasalho da casa”; na medida em que são estabelecidas “fronteiras decisivas entre os papéis”, se configuram também “fronteiras decisivas entre as aparências”. Aparência esta que, no caso feminino, tinha dentre outras finalidades “alegrar e deleitar o homem fatigado e enfasiado”.

Até o século XVI havia muitas referências às origens divinas da beleza; segundo Vigarello (2006, p. 13), sinal celeste, dom divino, “anjo descido do céu”, ela esteve por muitos séculos associada à parte mais alta do corpo – busto, rosto, olhos – que manifestavam a “verdadeira beleza, a mais perfeita também, porque mais elevada”. No século XVII a beleza era descrita com expressões subjetivas como “bela na medida do possível”, “cintura bonita”, “boca bem vermelha”, “olhos muito bonitos”, mostrando a dificuldade de evocar as “características precisas da beleza” (VIGARELLO, 2006, p. 9), que se configurava em um modelo único, um “conjunto acabado” difícil de definir, “princípios teóricos, com certeza, aparentemente afastados de comportamento concreto” (VIGARELLO, 2006, p. 13).

Como dom divino, a beleza não podia ser corrigida, tratada, retrabalhada. Mas na sociedade de corte europeia do século XVII, aos critérios de beleza são acrescidos a etiqueta e a postura, concretizando novos modos de ver e ser visto no teatro do cerimonial. A beleza passa a significar também, segundo Vigarello (2006, p. 46), “ação e comportamento”, traduzindo em comportamento “um mundo vindo de dentro”: “a beleza física ganha em profundidade e interioridade. Ganha também, no fim das contas, em nova legitimidade: a do artifício e do embelezamento”. Uma mulher bonita era também descrita como a que tinha “ar nobre e maneiras bem-educadas”, com graça feita para “encantar” (VIGARELLO, 2006, p. 9).

No século XVIII a beleza passa a ser comandada pelo sensível, e o critério do que é belo passa a ser relativo. A estética das formas, segundo Vigarello (2006, p. 72), passa a seguir o “testemunho dos sentidos”: a cintura não é mais “bonita”, e sim algo que “anuncia os prazeres mais delicados”; os braços são “feitos para dominar o universo”. A beleza passava a existir “inspirando a volúpia”, segundo critérios mais pragmáticos; variavam as referências coletivas e individuais, tornando a busca pela beleza algo mais personalizado, resultando em “uma estética física (...) onde a libertação teria sua parte”.

Na primeira metade do século XIX, a palavra feiura era comum na imprensa; de acordo com Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2014, p. 17), “as feias costumavam ser chamadas de narigudas, “pesudas”, bixiguentas, branquelas, encardidas, “zaroias”, incluindo brancas e negras de diferentes idades”, e a feiura era mais grave se havia “falta de elegância”. Até aqui, segundo Vigarello (2006), a noção do belo não contemplava a parte de baixo do corpo, havia pouco interesse

pelas pernas e a atenção se mantinha na parte superior, no rosto e no busto. Somente no século XX as pernas ganham atenção, junto com a busca por corpos magros.

Nas propagandas de produtos para saúde e beleza, a feiura era útil. No começo do século XX, “a propaganda insistia na possibilidade de os feios encontrarem algum consolo graças a remédios muito úteis” (SANT’ANNA, 2014, p. 18), com prescrições que misturavam crenças populares e referências científicas para resolver o sofrimento humano, incluindo o que resultava da falta de beleza. Na imprensa da época, de acordo com Sant’Anna (2014, p. 19), “o embelezamento estava longe de constituir uma indústria ou um domínio de especial relevância. A aversão às intervenções no corpo unicamente em nome de sua beleza ainda constrangia a decisão de se enfeitar”. Da mesma forma, os anúncios dos produtos não explicitavam a intenção de embelezar, tendo o mesmo produto uma “vocação universal” (SANT’ANNA, 2014, p. 21), servindo para pele e cabelos.

Se tomássemos como referência o ano de 1900, guarda-roupa e penteadeira seriam o centro das atenções da beleza, pois que o embelezamento se limitava   indumentária ou ao uso de poucos produtos para cabelos e rosto; maquiagem, por exemplo, era vista como algo artificial que sugeria “uma moral duvidosa” (SANT’ANNA, 2014, p. 9), pois que escondia o rosto. Até o século XIX a beleza comprada não modificava os corpos, era superficial: “Naquele tempo ainda era possível separar a beleza artificialmente criada, retirada do corpo na hora de dormir, daquela considerada natural, um dom de Deus” (SANT’ANNA, 2014, p. 14).

Sant’Anna (2014, p. 28) observa que a beleza ainda era vista como um dom, obra da Natureza que podia ser realç ada, mas sem mudanç as definitivas. A feiura não podia ser corrigida, portanto, por intervenções est ticas, de modo que restava aos feios e feias compensar a falta de beleza sendo, por exemplo, disciplinados, “bom pai ou mãe zelosa, manter-se no caminho da honra e do trabalho”, sendo que a mulher “bela de espírito devia ser honesta, cordata e trabalhadora”. Nos anos 1920 a maquiagem, por exemplo, era acusada de prejudicar a saúde, e o batom, objeto de desejo das moç as, era vedado às que se preocupassem com sua reputa o.

Segundo a autora, até meados do século XX os corpos pertenciam a uma comunidade, tinham um sentido de coletivo para ambos os sexos. Ter direitos sobre

o próprio corpo era visto como algo excêntrico, coisa de “malandros, libertinos, homossexuais e prostitutas” (SANT’ANNA, 2014, p. 30). No caso das mulheres, pior ainda: mesmo que o tema da beleza despertasse interesse, a possibilidade de embelezar a si mesma significaria alguma autonomia sobre seu próprio corpo, e se contrapunha ao modelo de controle masculino do corpo feminino; para Sant’Anna (2014, p. 29) era difícil “admitir que o corpo da mulher pertence em primeiro lugar a ela”. Para manter o corpo feminino sob controle, o embelezamento era associado ao pecado.

Havia também, claro, racismo. Sant’Anna (2014) mostra que a beleza feminina tinha um padrão: branca, alva, sem manchas nem cicatrizes, propagandeada nos concursos de miss e em anúncios. Na visão de médicos eugenistas da época, essa beleza externa simbolizava limpeza, saúde, e indicava o bom funcionamento do sistema reprodutivo. A partir da década de 1930 os anúncios ganharam um verniz de otimismo, passando a reforçar a vantagem dos produtos e a associar beleza com saúde e felicidade. Passa a haver uma “aura de felicidade em torno do consumo, bem maior do que no passado” (SANT’ANNA, 2014, p. 45). E a Socila sabia fazer uso disso.

4.1. Embelezamento, de dom à realização pessoal

O final do século XIX e o início do século XX são pano de fundo para mudanças significativas que alteraram sensibilidades e a noção de embelezamento, autonomia e quiçá de liberdade, e que tiveram consequências no Brasil. De acordo com Vigarello (2006, p. 135), beneficiada pelo maior acesso à água em casa, a elite francesa passou a ver o banheiro, ou quarto de toalete, como a conquista de um espaço para si, um “lugar que permite não ser vista, para melhor se consagrar ao culto da beleza”. Ali era possível “observar-se com toda a liberdade”.

Na Europa, a industrialização mudou também o panorama das lojas de departamento, importante espaço de sociabilidade feminina lá e também no Brasil, um pouco mais tarde, como falamos noutro capítulo. As cifras de perfumaria, segundo Vigarello (2006, p. 136) ultrapassavam “12 milhões de francos em 1836, 26 milhões em 1866, 90 milhões em 1900”. Mesmo sem saber qual seria esse valor

na moeda corrente, é possível ter noção do aumento: de 12 para 90 milhões em 64 anos não soa como pouca coisa.

Os cosméticos, antes destinados à saúde, uma vez que cuidar apenas da beleza era visto como vulgaridade, agora representam uma categoria: a de “produtos de beleza”, expressão inédita, segundo Vigarello (2006, p. 139): “uma marca idêntica pode associar cremes, maquiagens, águas de toalete, sabonetes, dentifrícios, em torno de um mesmo objetivo: os cuidados do corpo e do rosto por novos processos e novos produtos. Segundo o autor, uma das marcas que melhor ilustra esse caminho é Helena Rubinstein – que era utilizada na Socila, segundo anúncios publicado no jornal *O Globo*.”

No Brasil, é a segunda metade do século XX, exatamente quando surge a Socila, que marca mudanças nos cuidados com o corpo, que se torna objeto de embelezamento diário. O consumo de cosméticos aumenta também aqui: Sant’Anna (2014, p. 56) observa que a modernização defendida por Juscelino Kubitschek, cujo lema era “50 anos em 5”, remetia também a um “estilo de governo que parecia rejuvenescedor”.

Neste contexto, de acordo com Sant’Anna (2014, p. 9-11), o embelezamento passa a ser “gênero de primeira necessidade” e implica na “aquisição de supostas maravilhas em forma de cosméticos, mas também o consumo de medicamentos, disciplina alimentar e atividade física”, que configuram “aquisição de prazer acompanhado por despesas significativas de tempo e dinheiro”. O tema passa a estar na ordem do dia na imprensa, o que somado ao apelo publicitário e à evolução dos próprios produtos e serviços, torna o embelezamento um tema “ambicioso e vasto, exigindo cuidados rigorosos para além das partes físicas mais expostas ao olhar alheio. Das sobrancelhas à genitália, tudo no corpo tornou-se objeto de embelezamento diário”.

Há também uma mudança de percepção sobre a beleza, de acordo com Sant’Anna (2014, p. 10-12), que passa a ser desejada como algo mais permanente do que a indumentária possibilitava, mais duradoura do que as “armações de saias que eram retiradas na hora de dormir”. Se até o início do século XX “enfeitar-se devia ser um gesto comedido; caso contrário corria-se o risco de enfeitar qualquer

beldade”, a mudança de percepção é crucial: complica “as maneiras de ver e examinar a própria imagem” e amplia “o direito de intervir no desenho dos corpos”.

Esta noção de reinventar as formas e intervir na própria imagem se relaciona à possibilidade de tornar belo, ou seja, embelezar. Vigarello (2006, p. 10-11) discorre sobre o que ele chama de invenção, uma “maneira de inventar a beleza com o tempo”. Para o historiador, é uma história que não está feita, que “carrega o que agrada ou desagrade a respeito do corpo numa cultura e num tempo. (...) Ela carrega o deslocamento dessas referências de uma época a outra”.

No Brasil, o deslocamento no embelezamento como algo externo e passível de ser adquirido se aprofunda na segunda metade do século XX. De acordo com Renata Neiva (2018) em sua pesquisa sobre pedagogias da beleza no jornal *Correio da Manhã*, foi na década de 1950 que as mulheres brasileiras, ao folhearem as páginas do impresso repletas de cosméticos e maquiagem, compreenderam que a partir dali a beleza seria resultado da vontade. “Não se trata mais de dom. Beleza, agora, é obtida a partir de uma rotina de sacrifícios” (NEIVA, 2018, p. 73), de modo que, como observa Perrot (2019, p. 50), “as feias caem em desgraça, até que o século XX as resgate: todas as mulheres podem ser belas”.

O modelo de beleza que antes não era passível de modificação, pois que era um atributo divino, acaba por sugerir um “direito quase impensável até então: o do acesso à beleza para todos” (VIGARELLO, 2006, p. 102). Essa percepção, de acordo com Vigarello (2006, p. 165), desloca a relação de autoridade, distinguindo quem tem força de vontade (para ser bela) de quem não tem, pressupondo uma participação ativa e engajada. A silhueta deixa de ser aperfeiçoada pelo espartilho para ser aperfeiçoada pela vontade: “instaura-se um imperativo: seja escultor de sua silhueta. Impôs-se uma convergência, da estética e do trabalho”. A beleza deixa de ser uma questão de destino e passa a ser uma questão moral, já que é preciso investir tempo, ter disciplina e força de vontade para obtê-la.

Há, para Vigarello (2006), uma psicologização do comportamento que passa sempre a associar estética à percepção sobre si. Beleza e cuidados que dela decorrem corresponderiam a uma sensação de bem-estar, de saúde, de estar bem consigo mesma. A feiura passa a se relacionar não apenas com a falta de sorte e de saúde, mas com “ausência de sensibilidade” (SANT’ANNA, 2014, p. 57), uma vez

que a beleza se torna resultado de um empreendimento pessoal e escuta dos sentimentos. “Se a escuta fosse acurada e se a mulher fosse empenhada e disciplinada, a feiura teria sempre alguma solução”.

O embelezamento se transforma em gênero de primeira necessidade e vira uma prova de cuidado - daí a ideia de que uma mulher gorda, ou com os cabelos grisalhos, é “descuidada, desleixada”. O discurso disseminado no cinema, na publicidade e nas revistas femininas diz em coro: a beleza passa a ser obtida com trabalho, como um dever. É neste contexto que ganham força primeiro o uso de cosméticos e maquiagem, depois as intervenções permanentes, como cirurgia plástica.

Embelezar-se, algo até então visto como de moral duvidosa, passa a ser um processo, algo a ser adquirido mediante esforço, força de vontade e cuidado consigo mesma. De acordo com Sant’Anna (2014, p. 10), deixa de ser um tema secundário na imprensa; os produtos, antes restritos às penteadeiras, ocupam os banheiros, as bolsas, os salões de cabeleiros, as prateleiras de supermercados e farmácias. E sua vocação universal (um produto para tudo) dá lugar à vasta publicidade sobre os supostos benefícios de cremes para cada parte do corpo, propagando sua capacidade de “agir nas profundezas da epiderme, restituir o colágeno, hidratar, rejuvenescer de dentro para fora e ainda ser prático, perfumado, agradável ao toque extremamente discreto” (SANT’ANNA, 2014, p. 10).

São várias as razões que contribuíram para o embelezamento passar a ser visto como “gênero de primeira necessidade” (SANT’ANNA, 2014, p. 10). A difusão das fotografias, a publicidade de produtos, os artigos sobre beleza na imprensa, como mostra Neiva (2018), estimularam que se pensasse mais sobre a aparência física. De acordo com Vigarello (2006, p. 134), o armário com espelho também contribuiu imensamente para “renovar os gestos de observação e autocorreção”; os tratados de beleza recomendavam que haja espelhos de “todos os tamanhos e todos os tipos”, desdobrado em “vários batentes para melhor multiplicar as vistas frontais e laterais da silhueta em conjunto ou do corpo desnudo”, de modo que pela primeira vez, segundo o autor, observava-se o corpo nu de alto a baixo.

Depois do espelho, aconteceu o mesmo com a balança. Sant’Anna (2016) afirma que, antes restrita aos consultórios médicos, ela passou a ser vista como

objeto indispensável para o controle de si – principalmente para a mulher. A ideia de peso médio foi convertida em uma noção de peso ideal, mudança promovida em grande parte por empresas de seguros, segundo Sant’Anna (2016). Vigarello (2006, p. 151) relembra que houve campanhas europeias que repetiam “quem se pesa muitas vezes, se conhece bem”. Segundo ele, o peso foi escolhido como “elemento primordial da beleza feminina”, mas ainda associado à saúde; o excesso de peso seria perigoso e a gordura implicaria em “riscos sanitários”.

A flutuação de acordo com as modas e os interesses passa a dificultar ainda mais a ideia de meio-termo em relação à beleza feminina. Para Sant’Anna (2016), era a oportunidade para atualizar estereótipos e emplacar o discurso de que as mulheres eram mais propensas a engordar do que os homens, e a balança seria uma aliada confiável para “manter-se no peso”.

Além do espelho e da balança, para Vigarello (2006) o cinema, com sua explosão de imagens, impôs uma vigilância redobrada da silhueta, a precisão da maquiagem, a celebração de corpos delicados e bronzeados. O cinema *hollywoodiano* “democratiza aqui a vontade de embelezamento, transformando gradualmente a maneira de sonhar e também de ter acesso à beleza” (VIGARELLO, 2006, p. 157). Sant’Anna (2014, p. 48) concorda que o cinema e o *american way of life* estadunidense se tornam grandes referências para a moda e o embelezamento:

A influência do *american way of life* sobre os modelos de beleza divulgados pela imprensa aumentou a partir dessa época, contribuindo para modernizar os manuais de beleza: no lugar de descrever os modelos de beleza do passado grego, eles começaram a prescrever conselhos breves e diretos, incluindo exercícios para “manter a linha”, cremes e regimes embelezadores. (...) Uma parte significativa dos cuidados com a beleza continuou, contudo, focada na necessidade de levar as jovens ao altar, encaminhando-as para a construção de um lar feliz. (...) O rosto permaneceu o ponto alto da beleza vendida na propaganda, mas o corpo inteiro insinuava ser no cinema nas fotonovelas.

Já para Umberto Eco (2004, p. 414), a beleza da primeira metade do século XX contrapõe uma “beleza de provocação”, relacionada à arte, aos movimentos artísticos de vanguarda, a uma “beleza de consumo”, inspirada no cinema, nas revistas, na televisão. Esta “beleza de consumo”, segundo ele, segue ideais do consumo comercial contra os quais a arte sempre lutou, gerando uma tensão e uma

contradição em si mesma, uma vez que “os *mass media* (...) não apresentam mais nenhum modelo unificado, nenhum ideal único de beleza” (ECO, 2004, p. 418), no que ele considera uma “orgia de tolerância, de sincretismo total, de absoluto e irrefreável politeísmo da beleza” (ECO, 2004, p. 428). Dito assim, soa como se não houvesse mais um padrão de beleza, como se a beleza fosse tantas coisas que não dependesse mais de classificações e enquadramentos.

Se, por um lado, este “politeísmo da beleza” desconsidera a pressão social para que a mulher, notadamente ela, se encaixe em determinados padrões, dando a entender que há muitas belezas possíveis, por outro lado este modo de ver ajudava a vender. Nas publicações dos anos 1960 há uma profusão de produtos que, antes nominados remédios para a beleza, passam a ser chamados cosméticos. Fabricada em larga escala, a beleza se torna produto que, segundo Sant’Anna (2014, p. 57), “convidava a mulher a adquirir uma aparência juvenil e bela 24 horas por dia”.

É assim que a beleza ultrapassa a ideia de dom divino para ser interpretada como o resultado de uma conquista individual, mas que exigia esforço; segundo Sant’Anna (2014, p. 60), “um labor que não demorou a se revelar um direito, e não apenas um dever; um prazer sem, contudo, deixar de ser uma obrigação”. A beleza pode, enfim, ser adquirida; mas dispense tempo e depende de dinheiro.

4.2. Socila-Escola: “o importante é saber ser linda”

A ideia da beleza como produto a ser adquirido a partir de uma gestão de si (SANT’ANNA, 2014), como conquista individual, foi amplamente explorada na Socila. Fosse o desejo da aspirante a manequim que quisesse brilhar nas passarelas, fosse por parte da mulher que desejasse “simplesmente melhorar um pouco”⁴³², as moças iam aos “laboratórios da beleza”⁴³³ da Socila, assim chamados nas narrativas da imprensa, onde se entregariam aos cuidados dos “cientistas da beleza”⁴³⁴, um time composto desde cabelereiros até professores de ética e psicólogos, passando por professores de ginástica, que ensinava às alunas o passo a passo para tornarem-

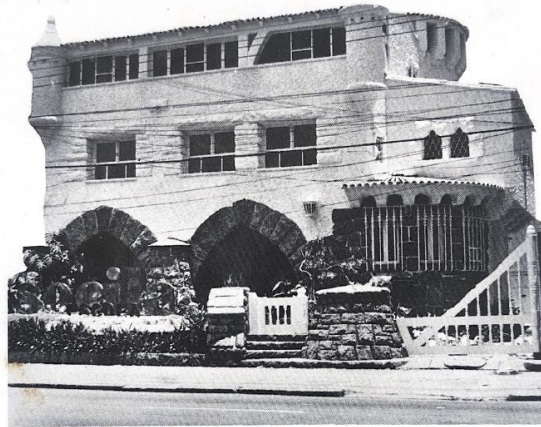
⁴³² Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

⁴³³ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

⁴³⁴ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

nas “aptas para brilhar na sociedade e nas passarelas⁴³⁵” e que, “contrariando os poetas e sonhadores, (...) conseguiram provar que beleza também se aprende”⁴³⁶.

Figura 29 - Socila-Escola, na época situada à Av. Borges de Medeiros, 2415, Lagoa, Rio de Janeiro



Fonte: acervo pessoal Maria Augusta

O “aprendizado” da beleza era possível seguindo o passo a passo que já vimos: ensinamentos sobre maquiagem (para usar o termo empregado na Socila), cabelereiro, ginástica, andar, vestuário, voz e dicção, etiqueta e extensão cultural (uma espécie de apanhado de aulas sobre cultura geral). A ideia de beleza na Socila dos anos 1950 e 1960 não se restringia à aparência física. Por isso, era possível “saber ser linda”⁴³⁷; era ensinado e poderia ser aprendido.

Não muito antes disso, no Rio de Janeiro do final do século XIX, pintar o rosto era um “gesto duvidoso, sujeito a reprovações. (...) O rosto pintado lembrava um reboque destinado a esconder uma falha do caráter ou alguma imperfeição da alma” (SANT’ANNA, 2014, p. 16). A maquiagem era considerada um verniz que escondia as imperfeições da pele, uma “máscara para encobrir defeitos” (SANT’ANNA, 2014, p. 24) – em francês o verbo *maquiller* significava falsificar as aparências - e, por isso, vista como artifício negativo.

Antes disso, a preocupação com “falsear” a beleza era manifestada também em textos que ressaltavam o perigo dos “postiços” que feriam a “confiança dos homens em relação à veracidade exigida das mulheres” (SANT’ANNA, 2014, p. 14). Dentro do espectro da vida no lar, a mulher era vista como um “anjo de guarda da família”, que precisava se mostrar “cândida e obediente diante da

⁴³⁵ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

⁴³⁶ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

⁴³⁷ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

autoridade masculina” para ser confiável como esposa e mãe. A obediência não combinava com algo que lembrasse a vadiagem: “O receio de ter em casa uma mãe, irmã ou filha cuja imagem lembrasse uma vadia dificultava a introdução dos produtos de embelezamento na rotina feminina” (SANT’ANNA, 2014, p. 24).

Mas isso mudou. De algo que falseava aparências e enganava sobre a moral da mulher, a maquiagem passou a ser cobiçada e bem-vista, muito graças ao cinema *hollywoodiano*. Sant’Anna (2014, p. 115) aponta que a partir da década de 1950, os conselhos de beleza e inúmeras publicidades declararam sem hesitação que “toda mulher tem o direito de se tornar bela e tão sedutora quanto suas artistas prediletas”. Tratava-se não apenas de uma promessa. Era um aviso, um alerta, algo que mudaria o modo de ser feminino. Em vez de um dom, a beleza, mostrava a imprensa, seria resultado de uma conquista individual e de um trabalho que não tem hora para acabar: “hoje é feia somente quem quer”.

Nisso apostava a Socila. De acordo com as narrativas na imprensa, Maria Augusta conhecia “o segredo e a arte de usar novos e sensacionais cosméticos. Suas lições são tão perfeitas que não raro conseguem substituir uma operação plástica por um tipo moderno e funcional de maquilagem”⁴³⁸. Maria Augusta soube aproveitar o contexto e vender o embelezamento como algo que dependia do esforço individual. Mas não apenas a beleza: educação também era, para a Socila, um gênero de primeira necessidade: “[as mulheres] chegam cheias de complexos, inibidas e amarguradas. E aprendem desde logo que uma mulher só é feia quando se sente feia”⁴³⁹, diz uma reportagem, confirmando o que autoras como Perrot (2019) e Beauvoir ([1949] 2019) observaram: a beleza como virtude feminina, capital matrimonial e aspecto fundamental para alcançar a felicidade.

A diferença é que o conjunto de 48 aulas preparadas pela Socila possibilitaria, enfim, “beleza ao alcance de todas”⁴⁴⁰. E eram muitas: nos cursos da Socila passavam por mês cerca de 800 mulheres com “defeitos de atitude ou falha de maquilagem que não sabiam como corrigir”⁴⁴¹. Em comum entre elas, um “desejo de aperfeiçoamento” que lhes proporcionasse confiança em si mesmas.

⁴³⁸ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

⁴³⁹ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

⁴⁴⁰ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

⁴⁴¹ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

Na imprensa⁴⁴² se propagava que parte dessas mulheres chegava à escola por recomendação de médicos e psicanalistas. Ou porque “assistiram à surpreendente transformação de amigas e parentes”. Os complexos que tornavam essas mulheres “inibidas e amarguradas” eram trabalhados pelos cientistas da beleza, ensinando que “uma mulher só é feia quando se sente feia”. O lema era que “quase todos os defeitos físicos são facilmente corrigidos pela ginástica e por uma maquiagem correta”. Assim, era possível inclusive salvar casamentos: “Um dia uma senhora que havia se separado do marido procurou Maria Augusta achando-se ‘o fim’. Em alguns meses melhorou tanto que foi convidada para pertencer ao grupo de modelos da Socila. Resultado: o marido voltou e ela abandonou a profissão”⁴⁴³.

Maria Augusta acreditava que “até um bucho pode se tornar uma mulher bem diferente”⁴⁴⁴, dizia a “criadora de belezas”. A esta operação, ou “trabalho salvador”⁴⁴⁵, se dava o inusitado nome de Operação Mata-Bagulho, “porque se trata de morte com direito a uma pronta ressurreição. A mulher reformada por fora, renasce por dentro. Esta é a maior conquista da técnica a serviço da beleza”⁴⁴⁶, dizia ela, confirmando a ideia vendida pela Socila de que a emancipação da mulher passava pela confiança no próprio corpo.

Ademais, a mulher “quando é elegante, bem-vestida, bem maquilada, desembaraçada e segura de si, ninguém, nem ela mesma se lembra que seus olhos poderiam ser mais puxados e a sua boca, um pouco menor”⁴⁴⁷, atrelando a beleza à uma “rotina de sacrifícios” (NEIVA, 2018, p. 73) não apenas estéticos para o embelezamento, mas também de disciplinarização do corpo via ginástica, regras de etiqueta, fora o aprendizado cultural.

⁴⁴² Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

⁴⁴³ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

⁴⁴⁴ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

⁴⁴⁵ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

⁴⁴⁶ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, ed. 0571, 1963, p. 100-102.

⁴⁴⁷ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

4.3. Socila-*Beauté*: técnicas a serviço da beleza

Beleza sempre foi assunto na Socila. Mas nota-se, observando as narrativas na imprensa, um deslocamento da noção de embelezamento. Nas décadas de 1950 e 1960 a beleza estava muito atrelada ao comportamento, à etiqueta, à *hexis* corporal (BOURDIEU, 1983), evidenciada em frases como “Não basta a mulher ser linda. O importante é saber ser linda”⁴⁴⁸. Na década de 1970, em reportagens sobre a Socila lemos coisas como “sentar de pernas cruzadas para a direita ou para a esquerda, cigarrinho na ponta dos dedos, pés juntinhos, pescoço esticado não têm mais o mesmo charme de antigamente”⁴⁴⁹, sugerindo que o foco deixava de ser o aprendizado de um certo *habitus* (BOURDIEU, 1983) da elegância a partir do ensino da etiqueta e de toda uma *hexis* corporal.

A ideia de que Maria Augusta tinha descoberto “uma verdadeira mina”⁴⁵⁰ com a escola de boas maneiras, onde “a esposa de um político recém-eleito ou de um industrial em ascensão aprenderia a frequentar e a receber segundo a melhor etiqueta”⁴⁵¹ começou a mudar de rumo. “Algumas investidas tiveram (...) que ser interrompidas para que ela pudesse acertar o passo”⁴⁵², diz reportagem de 1970. Mirando em novo nicho de mercado, neste mesmo ano a Socila já aparecia na imprensa dividida entre Socila-Escola, com “aulas de andamento, maquiagem, etiqueta, estilo de cabelo, vestuário e cursos de educação social”⁴⁵³, e Socila-*Beauté*, “clínica de emagrecimento, de rejuvenescimento e beleza. Orienta ainda nos setores de cirurgia plástica, ortopedia, odontologia”⁴⁵⁴.

Segundo o dicionário *Michaelis*, laboratório é “local ou sala especial de trabalho, experimentação e investigações científicas, equipada com aparelhagem específica para pesquisa e experimentos”⁴⁵⁵, e cientista é “aquele que é especializado em uma ciência”⁴⁵⁶. A Socila tratava a beleza como experimento

⁴⁴⁸ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

⁴⁴⁹ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

⁴⁵⁰ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

⁴⁵¹ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

⁴⁵² Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, ed. 0967, 1970, p. 136-139.

⁴⁵³ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

⁴⁵⁴ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

⁴⁵⁵ Dicionário Michaelis online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/laboratorio>. Acesso em 24 de maio de 2022.

⁴⁵⁶ Dicionário Michaelis online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cientista/>. Acesso em 24 de maio de 2022.

“científico”, por meio do qual “mulheres aparentemente sem charme passam por uma transformação total”⁴⁵⁷, mas com uma dose de fé: o local “tem operado milagres”⁴⁵⁸.

Os “cientistas da beleza”⁴⁵⁹ tinham o mérito de já terem conseguido, muitas vezes, “após cursos intensivos, transformar radicalmente uma mulher”⁴⁶⁰. Pelos “laboratórios de beleza” passavam “todos os dias cerca de cinquenta moças”⁴⁶¹, segundo Maria Augusta. “Nem todas podem ser transformadas e melhoradas por completo, mas extraímos o máximo de cada uma”⁴⁶², dizia ela, fazendo jus à máxima da transformação alardeada em propagandas de “antes e depois”: “eu era assim e fiquei assim”⁴⁶³. Material publicitário da Socila-Beauté ilustra essa mudança: as mulheres chegariam na “clínica de beleza feminina”, passariam por diversas etapas de beleza e sairiam com homens aos seus pés:

Figura 30 –Socila-Beauté mostrando “antes e depois” das mulheres.



Fonte: acervo pessoal Maria Augusta

A transformação proposta pela Socila se coaduna com o que Vigarello (2006, p. 163) chamou de “metamorfose”, quando “maquiagem, penteado, roupa aproximam bruscamente a jovem banal da estrela de cinema. A transmutação é possível”. A conclusão a que se pode chegar é que, se tudo é possível quando se fala em embelezamento, “não há mulher feia. Só há mulheres que se descuidam”, diz ele, pressupondo uma participação ativa, engajada da mulher, que é culpabilizada e responsável por essa gestão de si.

⁴⁵⁷ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

⁴⁵⁸ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

⁴⁵⁹ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

⁴⁶⁰ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

⁴⁶¹ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

⁴⁶² Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

⁴⁶³ Operação Charme. *Manchete*, ed. 0528, 1962, p. 54-59.

Há, então, notório destaque aos procedimentos diretamente ligados à estética. Parece haver um deslocamento da beleza como algo a ser “aprendido”, de forma mais subjetiva, para a beleza como algo a ser “adquirido” por meio de tratamentos para o corpo, mirando o “combate” à flacidez, à celulite, à gordura, eventualmente até com cirurgia plástica. Várias reportagens, como essa de 1970⁴⁶⁴, mostram os inimigos a serem combatidos na “nova fase” da Socila: flacidez, celulite, envelhecimento. Outras menções na mesma época se referem à Socila⁴⁶⁵ como Socila Clínicas de Beleza, indicando que a parte de “escola” possivelmente já não tinha tanto destaque. Uma hipótese para o novo enfoque é o fato de Ligia Bastos ter sido casada com um cirurgião plástico, de nome Rogério Carrato, como vimos, que em 1970⁴⁶⁶ aparece à frente dos tratamentos médicos da Socila.

Em 1970⁴⁶⁷ divulgava-se a expansão da Socila com um discurso para mulheres que trabalhavam fora, além das donas de casa: “novas clínicas e escolas serão abertas numa rede que visa a facilitar o atendimento da mulher que trabalha ou da dona de casa que dispõe de poucas horas livres”, tendo ainda Ligia e Maria Augusta à frente do negócio. Com a beleza como resultado da força de vontade, Vigarello (2006, p. 147) comenta que as mulheres que trabalhavam fora liam artigos que ensinavam a “permanecer bonita o dia inteiro”. Havia, segundo ele, uma “ligação imaginária entre ociosidade e cuidados de beleza”, de modo que tais mulheres precisariam redobrar os cuidados para continuarem belas, apesar do trabalho fora do lar.

Se trabalhar fora e continuar sendo responsável pelas tarefas domésticas imputavam uma dupla jornada às mulheres, embelezar-se configuraria a terceira demanda, resultando em jornada tripla, para dizer o mínimo. O embelezamento na palma da mão pressupunha, claro, “instrumentos redimensionados”, de acordo com Vigarello (2006, p. 147): espelhos, caixinhas de pó-de-arroz, batom de lábios, perfumes, acessórios diversos. Tudo ao alcance da mão, afinal, “a mulher que trabalha deve ser também agradável de ver ao chegar e ao sair do trabalho” (VIGARELLO, 2006, p. 147), reforçando a ideia de Beauvoir ([1949] 2019) e

⁴⁶⁴ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

⁴⁶⁵ *O Cruzeiro*, ed. 0024, 12 de junho de 1974, p. 8.

⁴⁶⁶ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

⁴⁶⁷ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

Pinsky (2014) de que nada seria pior para a mulher que trabalha fora do que “perder a feminilidade”.

Em tempos de “metamorfose” (VIGARELLO, 2006), força de vontade e gestão de si, o sentido coletivo do corpo, de acordo com Sant’Anna (2014) se transmuta: o corpo se torna um capital, como aponta Mirian Goldenberg (2006, p. 118): “além do corpo ser muito mais importante do que a roupa, ele é a verdadeira roupa: é o corpo que deve ser exibido, moldado, manipulado, trabalhado, costurado, enfeitado, escolhido, construído, produzido, imitado. É o corpo que entra e sai da moda”. A Socila, então, envereda para a estética, com um discurso onde a beleza seria resultado da força de vontade, aliada à técnica, à tecnologia, à “ciência”. Se considerarmos que a beleza historicamente era vista como um dom e que o uso de cosméticos e maquiagem era imoral, parece mesmo ser “liberdade sedutora essa de reinventar, com ajuda da ciência e da técnica, as formas daquilo que já foi considerado a morada da alma, a sede do pecado, o sustentáculo da vida” (SANT’ANNA, 2014, p. 10-11).

Há algumas hipóteses para esse deslocamento do ensino da etiqueta como valor para as intervenções no corpo. O discurso da ciência e da tecnologia como solução para tudo, inclusive para o embelezamento, é característico da modernidade, e tende a se acentuar na medida em que ganha força o embelezamento como realização pessoal. Cotejado a isso, Vigarello (2006, p. 185) aponta como um ideal a ser alcançado passou a ser prescrito na “insistência das escolhas individuais”, na realização de si, a partir de uma convicção que “vem de dentro”. A expressão “cuidados de beleza” (VIGARELLO, 2006, p. 139) reforça a ideia de que o embelezamento está atrelado a uma noção de bem-estar, de cuidado consigo mesma. Os “institutos de beleza”, segundo o autor, são espaços concebidos para oferecer “consultas” e realizar “tratamentos”, ou seja, “corrigir as imperfeições do corpo e do rosto”, atenuando as intervenções:

Produziu-se uma metamorfose definitiva, discreta, mas decisiva: o corpo “embelezado” não é apenas dirigido aos cuidados do rosto ou aos movimentos físicos genéricos, ou ainda aos banhos adelgaçadores, e sim a aplicações corretivas precisas, a massagens, a intervenções topológicas variadas. O ideal primeiro se tornou o de um projeto global, uma promessa servida pela técnica e a instrumentação: uma ação sobre si (VIGARELLO, 2006, p. 134).

Ora, se “só depende de você”, se de agora em diante “só é feita quem quer”, por óbvio esse discurso atinge majoritariamente as mulheres, socializadas para agradar e com a compreensão de que a beleza é um ativo feminino que aumenta as chances de “ser escolhida” nas relações amorosas. Goldenberg (2006) observa que, em uma pesquisa sobre relações conjugais, o corpo apareceu como valor fundamental nas respostas sobre inveja, admiração e atração. Não se trata de um corpo indistinto, dado pela natureza; de acordo com a antropóloga, é um corpo trabalhado, bem cuidado.

Ao citar outro estudo sobre corpo, dessa vez realizado pelo antropólogo francês Stéphane Malysse, que comparou o corpo de mulheres francesas com o de mulheres brasileiras, Goldenberg (2006) comenta que na França a aparência pessoal é centrada na roupa, enquanto no Brasil o corpo é central no vestir. As francesas se produzem de modo que a moda valorize partes do corpo e disfarce outras; as brasileiras veem a roupa como um ornamento, sendo o corpo em si o elemento central.

Nos anos 1970 o Brasil vivia o endurecimento da ditadura militar (1964-1985). Enquanto isso, por razões que escapam à essa pesquisa, Sant’Anna (2014, p. 132) aponta que imprensa e publicidade anunciavam “a década do eu”, de valorização do “amor por si mesmo” e da importância do tema “corpo”. Havia um discurso de liberdade, de autonomia, que foi oportunamente aproveitado para enaltecer práticas de embelezamento do corpo. Vigarello (2006, p. 145) aponta uma ilusão de libertação que sugeriria uma “nova mulher”: “ilusão de ter conquistado direitos. Pelo menos o de recusar o espartilho. Grandes passadas, ombros soltos, porte que não é mais apertado. A linha convence, mesmo se a realidade da libertação é evidentemente mais complexa na banalidade dos dias”.

De fato, “como se faz uma nova mulher” é justamente o título de uma reportagem sobre a Socila, publicada em 1970⁴⁶⁸ com três exemplos do que seria esta “nova mulher”. O texto, do início da década, ainda aborda o aprendizado da etiqueta como fundamental para participar da vida social. Cita o exemplo (real ou fictício, não sabemos) de uma mulher “beirando os 40 anos”, casada com um deputado recém-eleito, que se mudará para Brasília, enquanto ela ficará no Rio de

⁴⁶⁸ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

Janeiro com os filhos do casal. A essa mulher, diz o texto, “faltava desenvoltura, aparência física, traquejo social” para frequentar os novos ambientes nos quais o marido adentraria dali em diante. Daí a escolha (dele) em se mudar sozinho para a capital do país: “preferia enfrentar esses compromissos sozinho, sem se preocupar com possíveis gafes [dela]”.

Mas já aparecem com destaque as aflições que o corpo provocaria: em outro exemplo quase lúdico, a reportagem⁴⁶⁹ cita “uma manhã azul de Ipanema”, quando uma mulher “resolveu enfrentar a realidade” em vez de “esconder a cabeça na areia, como avestruz quando vê o perigo”. O problema: “sentia-se gorda, gordíssima”, com a pele flácida e “a celulite dando-lhe horror de se olhar nua no espelho”, o que a afligia de ir à praia, onde “o sol implacável lhe ressaltasse todas as gorduras”. Para completar, ela olha para o lado e se depara com o que o texto chama de “o perigo”: uma mulher que desfila sua esbeltez em um minúsculo biquini preto e se bronzeia “com uma tranquilidade de fazer inveja”. A mulher gorda pensava no marido: “quantas vezes por dia ele não enfrentaria um perigo assim?”.

Por fim, o terceiro exemplo da reportagem⁴⁷⁰ menciona “uma mulher bonita, mas de aspecto descuidado”, que se apavora quando vê, por acaso, o marido passar com outra mulher. “Era um golpe muito forte para seus nervos”, mas como “era uma mulher inteligente”, sabia que brigas só iriam “agravar o problema”. Sugere-se, então: “quem sabe a solução não estaria em si mesma?”.

Em comum nos três exemplos, a narrativa de que a mulher tem nas mãos as ferramentas para construir seu próprio destino, basta escolher. Seja a esposa do político que precisa aprender a ter traquejo social para frequentar os eventos ao lado do marido, seja a mulher que se aflige com a beleza da outra mulher, que para ela representa “o perigo”, ou a que tem aspecto “descuidado”, a solução estaria em si mesma. E a mulher que não se entregasse a esses “cuidados” seria a que “não se cuida”. Embelezar-se nos gestos e no corpo é prova de amor consigo mesma. E claro, em um contexto em que o divórcio não era permitido (o que só ocorre em 1977), o foco é manter-se “adequada” para não perder o marido.

⁴⁶⁹ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

⁴⁷⁰ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

Seja por meio da etiqueta, de “combate” à celulite, flacidez e gordura, ou “se cuidando” um pouco mais, a questão feminina continua atrelada a um “aperfeiçoamento” de si, promovido como bem-estar e escolha individual – basta querer -, falseando a sensação de autonomia do próprio corpo, quando, na verdade, trata-se de “aquisição de prazer acompanhado por despesas significativas de tempo e dinheiro” (SANT’ANNA, 2014, p. 10), como já dito.

Embora não seja o foco deste trabalho, aqui cabe pensar no consumo como configurador de identidades, tal qual estuda Colin Campbell (2006). Buscando compreender por que esse tema tem tanta importância na vida das pessoas, o autor defende que há uma dimensão que se relaciona às questões do ser e saber da existência humana. O consumo moderno seria marcado por produtos e serviços comprados pelo indivíduo para uso próprio, em vez de para a coletividade; em vez de satisfazer necessidades, busca-se saciar vontades, tornando o consumo mais subjetivo e mais individualista: quem melhor do que o próprio indivíduo para saber o que deseja?

A noção de que há sempre algo a melhorar no corpo e que a via para isso é o consumo – o “compro, logo sei que existo”, como menciona Campbell (2006, p. 53), entendendo o consumo como comprovação da existência de um indivíduo, a mulher se encontra no que Goldenberg (2006) chama de equilíbrio de antagonismos: hoje tem acesso ao ensino formal, às universidades, ao mercado de trabalho, ao divórcio, à autonomia financeira (claro que com os devidos recortes de desigualdades), mas se vê submetida a uma contínua e interminável necessidade de aperfeiçoamento.

Há razões para isso, claro. Beauvoir ([1949] 2019, p. 25) já apontava que na mulher há um conflito entre sua existência autônoma e seu “ser-outro”; desde a infância é tratada como uma boneca viva e sem liberdade. A feminilidade é como um desempenho pelo qual a mulher é cobrada a vida toda, e vai de encontro a quem ela é, na medida que está atrelada a agradar ao outro, à necessidade de ser admirada. A ideia de que liberdade tem a ver com a escolha individual, com a possibilidade de “escolher ser bonita” – afinal, com o embelezamento ao alcance de todas, “só é feia quem quer” – é falaciosa e mantém a mulher no círculo vicioso, em busca permanente pelo inalcançável “tornar-se mulher”.

Se o corpo é um capital (GOLDENBERG, 2006), demanda investimento para sua manutenção. Na Socila, “até um bucho pode se tornar uma mulher bem diferente. Por mais desajeitada que a mulher pareça, sempre existe uma fórmula capaz de melhorar o seu aspecto físico”⁴⁷¹. A busca pelo aperfeiçoamento, portanto, não cessa, e na medida em que há uma “libertação” para a mulher em um aspecto, inventa-se exigências por outro. Um exemplo é a celulite; de acordo com Rachel Moreno (2016, p. 15), foi “descoberta” em 1924 pelo médico Louis Alquier, definida como “grânulos de nodosidade perceptíveis” quando a pele da mulher era beliscada, produzindo a sensação de “pele de casca de laranja”. No Brasil, o uso do biquini pelas mulheres, em tese uma “liberdade”, foi acompanhado pela difusão dos “males da celulite”, de acordo com Sant’Anna (2014, p. 146): “o amor por si mesma mal a florava e já parecia coxo diante daqueles furinhos detestáveis”, diz ela.

As revistas femininas da segunda metade do século XX tiveram papel importante na disseminação da celulite como um problema a ser combatido. Segundo Sant’Anna (2014, p. 146), em meados dos anos 1960 a celulite passou a ocupar páginas inteiras e a ser considerada uma patologia que exigia uma operação de guerra: dieta, ginástica, cremes e tratamentos no “cuidado de si”. A expressão “operação de guerra” não é exagerada. Palavras que remetiam ao confronto, como “combate”, “inimiga”, “armas”, “trincheira”, “defesa” eram utilizadas na imprensa⁴⁷² para descrever a “luta” contra males como “flacidez e celulite, o binômio mais odiado pela mulher”.

Tais problemas seriam “combatidos” na Socila, “onde está montada uma das trincheiras em defesa da beleza feminina”. Segundo Sant’Anna (2014, p. 139-140), na história do embelezamento os termos associados aos cosméticos “tendem a coincidir de modo flagrante com muito do que ocorre nos planos social e político de cada época”. Após a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, os produtos de beleza eram vendidos com benefícios que associavam “um duplo dever: ser carinhoso e delicado e, ao mesmo tempo, penetrante e destruidor”. Pode ser o caso aqui.

⁴⁷¹ Maria Augusta: qualquer moça pode ser miss. *Manchete*, ed. 0896, 1969, p. 32-33.

⁴⁷² Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

Para Maria Augusta⁴⁷³, “que fez do assunto beleza o seu *métier*”, a celulite é “a inimiga número um da mulher”. Mas a tecnologia dá conta: “um aparelho chamado robô pode resolver o problema. Gorduras e celulites são eficazmente combatidas por uma combinação de aparelhos muito mais eficientes e rápidos do que a massagem manual”. Também “banhos de algas, hidromassagens, jatos quentes e frios, vibros, robôs, ventosas, placas, banhos de parafinas e bicicleta elétrica podem resolver o seu problema”; “eletrovácuos e outros nomes estranhos são armas usadas por Maria Augusta, da Socila, na guerra que move contra o envelhecimento precoce”.

Beleza é sinônimo de juventude. Na concepção do século XIX, segundo Perrot (2019, p. 49), quando o destino da mulher era casar-se e ter filhos, a confirmação da feminilidade está ligada à sua capacidade reprodutiva. A menopausa marca o final da vida fértil e, por consequência, o fim da feminilidade. “Não ver mais seu sangue é sair do campo da maternidade, da sexualidade e da sedução”, diz a historiadora. Beauvoir ([1970] 2018, p. 10), que chama a velhice de “última idade”, em contraponto aos eufemismos “terceira idade” ou “melhor idade”, cita o relato de Lévi-Strauss sobre os *nambiquaras*, povo indígena brasileiro estudado pelo antropólogo, para fazer a seguinte associação: “usam uma única palavra para dizer ‘jovem e bonito’, e uma para ‘velho e feio’”, como se um fosse consequência do outro.

Paula Sibilia (2012, p. 88) observa que, ainda nestes começos do século XXI, é difícil ser velho, e mais ainda, ser velha. Até a palavra “velhice” soa ofensiva, “como uma espécie de insulto que deveria ser suavizado com o uso de expressões mais politicamente corretas”. Segundo Sant’Anna (2014, p. 167), os conselhos de beleza depois da década de 1960 se referem à velhice como estado passageiro, “uma indecência passível de ser revertida, curada ou pelo menos amenizada”. Entretanto, as “míticas potências da ciência e da técnica prometem tudo manter sob controle” (SIBILIA, 2012, p. 89), oferecendo soluções menos ou mais permanentes, deixando que cada um decida sobre seu destino e prometendo a “eterna juventude” a quem desejar ou, ao menos, puder pagar por ela.

⁴⁷³ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

Na Socila, se tornar “uma nova mulher”⁴⁷⁴ passava inexoravelmente por “cuidados com a pele”. Tudo começava com uma limpeza de pele, fosse qual fosse a idade da mulher: bastava se olhar no espelho e se deparar com a pele “sem viço, flácida: você sabe que não tem idade para estar desse jeito”, diz reportagem⁴⁷⁵ que explica, em detalhes, o procedimento: “durante uma hora, uma das especialistas da Socila comandará o trabalho de remoção das impurezas absorvidas e lhe dará o tratamento adequado”. A cliente vestiria “uma bata alvíssima de linho branco”, deitada em “uma cama que lhe deixa os nervos relaxados”.

Aqui, um pequeno desvio: além dos cuidados com a beleza, Renata Neiva (2018, p. 67) reforça que a mulher do século XX precisava estar equilibrada emocionalmente, não se desviando das normas prescritas pela imprensa, ou seja, mantendo os gestos e as emoções controladas: “as neuróticas deveriam aprender a administrar o temperamento”. Também poderiam contar com a Socila para isso: “se o caso for de cuca, uma psicóloga procurará aliviar seus nervos”, afinal, “tensão também engorda”⁴⁷⁶.

No Brasil, a aparência juvenil é um capital (GOLDENBERG, 2006), de tal modo que até uma adolescente está sujeita à avaliação masculina; a Socila faz o alerta⁴⁷⁷: “sua filha, que é um brotinho lindo, está ficando com complexos desde que o irmão menor olhou para ela e disse, rindo: poxa, Cláudia, teu rosto está parecendo um canteiro!”. Nesse caso, “é hora de ir correndo tratar da pele”. Mesmo para as jovens, a tecnologia seria aliada na “conservação e revitalização da pele”, partindo de uma “massagem manual para relaxar os músculos da face, depois, o aparelho de vibração para ativar a circulação”.

Se a juventude é um capital, a velhice é motivo de vergonha. Sibilía (2012, p. 100) aponta que os traços visíveis do envelhecimento são marcas de fraqueza que se pretende esconder: “as rugas constituem uma afronta à tirania da pele lisa sob a qual vivemos”. Para combatê-las, a Socila⁴⁷⁸ empregava técnicas que hoje soam como de difícil compreensão. Havia um aparelho que “passava as rugas a ferro”; depois de “alisá-las no eletrovácuo”, a sequência continuava com uma máscara

⁴⁷⁴ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

⁴⁷⁵ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

⁴⁷⁶ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

⁴⁷⁷ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

⁴⁷⁸ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

quente de “geleia real” para “nutrir e hidratar”. Em seguida, “para enrijecer os músculos, levantar a expressão, tirar o aspecto de envelhecimento - refletido pelo cansaço físico e mental”, a mulher passava por um aparelho chamado “eletroplástica”, “aplicado com placenta em ampolas”, fosse lá o que isso significasse. Depois, “essa mesma placenta será empregada com um lápis especial para riscar as rugas”. Por fim, “uma ducha gelada de oxigênio depois de uma máscara vegetal e da ducha morna tonificante, dá por encerrado o tratamento que consiste em 10 aplicações, em dias alternados”. Ufa.

O estigma da velhice, embora atinja ambos os sexos, recai sobre a mulher de forma brutal, insinuando que ela deixa de ser mulher na medida em que deixa de ser desejável, de acordo com Sibilía (2012); como prenunciou Perrot (2019), o fim da idade fértil é o fim da feminilidade, pois que a mulher perde seu principal ativo: ser desejada, vista, admirada pelos homens. Apesar de todos os avanços e conquistas de direitos, o valor da mulher continua atrelado à “noção do corpo juvenil da fêmea humana como um capital que convém investir com bom tino, porque vai se desgastando inelutavelmente” (SIBILIA, 2012, p. 94). Quem deixa de ser jovem “dilapida boa parte do seu capital corporal e, após esse esgotamento, encontrar-se-ia à beira de uma virtual inexistência (SIBILIA, 2012, p. 91).

Diante do medo de envelhecer, valia tudo. A Socila⁴⁷⁹ ressaltava que o tratamento para as rugas não fazia milagres: “não se trata de mágica, e se forem profundas, somente a cirurgia plástica resolverá o caso”. Se fosse o caso, dizia a Socila, não haveria o que temer: “a própria paciente saberá a hora exata de fazer uma cirurgia plástica. Nunca deve ser induzida: isto seria um erro básico”, nas palavras de Rogério Carrato, cirurgião plástico e marido de Ligia, sócia de Maria Augusta (ao que tudo indica, ele também se tornou sócio do negócio em algum momento).

Apesar da fala do médico que parece não incentivar a banalização da cirurgia plástica, a reportagem⁴⁸⁰ prossegue com um discurso da ordem do “só é feia quem quer”: “se você não se sente feliz com o nariz que tem; se nota em sua pele um envelhecimento que a assusta; procure o médico”. Afinal, “com os progressos da técnica, a mulher não tem razão para se permitir imperfeições que

⁴⁷⁹ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

⁴⁸⁰ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

maltratam os nervos, nem uma velhice que pode ser combatida”. O otimismo diante da cirurgia se dava justamente pelo medo de envelhecer, segundo Sant’Anna (2014, p. 167), quando rejuvenescer se configura uma “necessidade cada vez menos discutível para garantir emprego, cônjuge e aceitação social”.

Além dos efeitos físicos, a cirurgia plástica teria “resultado psicológico”, segundo as declarações de Rogério Carrato na reportagem⁴⁸¹. Invocando o lema da Socila, de que a mulher “aprende a ser linda” e “tudo depende da confiança em si mesma”, o cirurgião plástico afirma que “muitos divãs de psicanalistas seriam abolidos” a partir das intervenções. “Tenho vistos casos surpreendentes. A mulher adquire confiança em si renovando seu aspecto, e esta autoconfiança consequentemente lhe garante uma vida muito melhor”. E o principal, a mulher não deveria “se permitir envelhecer para depois recorrer à cirurgia plástica. Quanto mais oportuna a operação, mais eficazes os resultados”, diz ele, enfatizando que “os defeitos de face ou de perfil podem ser corrigidos desde os 15 anos e os defeitos de flacidez independem da idade”. Mesmo quando se está na “flor da idade”, segundo Sant’Anna (2014, p. 167), há sinais de velhice a prevenir e a combater.

Ainda para Carrato, era imperativo “separar as marcas de expressão das verdadeiras rugas”; dessas últimas, a mulher deveria livrar-se. “Olhe à sua volta, veja as granfinas nas revistas e as artistas: não notou que muitas delas, apesar da idade que você sabe que elas têm, de repente ficaram esplendorosas?”. E ele (e a Socila) não estavam sozinhos na divulgação das vantagens das cirurgias plásticas, principalmente para as mulheres; segundo Sant’Anna (2014, p. 169-170), imprensa e publicidade difundiram o procedimento como “poderosa alavanca para a felicidade, a saúde, a ascensão social e o sucesso”, alardeando como “recurso sério, bom e acessível para melhorar anatomicamente as feiuras típicas de qualquer raça, cor ou idade”.

À ampla divulgação se somam os progressos das técnicas. Em 1842 os trabalhos do cirurgião geral Joaquim Carneiro sobre reparação em lábios leporinos mostravam alguma preocupação com embelezamento, segundo Sant’Anna (2014). No começo do século XX, por volta dos anos 1910, de acordo com Vigarello (2006, p. 140), a cirurgia ainda era um ramo incipiente, voltado para “remediar fealdades

⁴⁸¹ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

e deformidades”, corrigindo “deformações do nariz, das orelhas, dos lábios, das maçãs do rosto, difundindo as primeiras fotos de rinoplastias, aventurando-se fora do patológico”. Trata-se de uma “ciência nova” para, supostamente, atender a uma “reivindicação social”, onde “o assalariado sonharia com um ajuste das aparências e das condições”.

As narrativas dos tratados a esse respeito corroboravam que não se tratava “de coqueteria pura e simples, mas do valor social do indivíduo e da luta pela vida”. O discurso se volta sobretudo para a “reparação”, como se a cirurgia desempenhasse um papel social “que ela não ousa ainda chamar de prazer pessoal, apontando-a como necessidade coletiva” (VIGARELLO, 2006, p. 140).

Pouco depois, em 1915, de acordo com Sant’Anna (2014), uma publicação chamada *Cirurgia Estética*, de José Rebello Neto, enfatizava a necessidade de o cirurgião não apenas corrigir e reparar, mas também se guiar por um certo senso artístico, estabelecendo proximidade entre saúde, correção, cura e embelezamento. Não se tratava mais de rejuvenescimento apenas; as narrativas foram passando mais leveza e segurança sobre o tema, sobretudo na segunda metade do século XX, de acordo com Sant’Anna (2014), até chegarmos ao cenário atual: o Brasil é o líder mundial em cirurgias plásticas⁴⁸².

De acordo com o levantamento, que tem como base dados de 2018, foram registradas mais de 1 milhão e meio de cirurgias plásticas no país, fora mais de 900 mil procedimentos estéticos não-cirúrgicos. As intervenções campeãs são, nessa ordem, aumento mamário com prótese de silicone, lipoaspiração, abdominoplastia (retirada de excesso de pele e flacidez do abdome), plástica das pálpebras, suspensão das mamas, redução mamária, rinoplastia e lifting facial. Os procedimentos estéticos não cirúrgicos, segundo o artigo, “surgem como alternativa ou como complemento das cirurgias” para suavizar “sinais de envelhecimento da face e as marcas de expressão”, com destaque para a toxina botulínica, os preenchedores de ácido hialurônico e os bioestimuladores de colágeno. “Com foco

⁴⁸² Líder mundial. *Site da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica*, 13 de fevereiro de 2020. Disponível em: <http://www2.cirurgioplastica.org.br/blog/2020/02/13/lider-mundial/#:~:text=Os%20dados%20s%C3%A3o%20de%20uma,mil%20procedimentos%20est%C3%A9ticos%20n%C3%A3o%20cir%C3%BArgicos>. Acesso em 26 de maio de 2022.

na qualidade de vida e na autoestima, brasileiros colocam o país no topo do ranking das cirurgias plásticas”.

Quando o Brasil estava em segundo lugar nesse *ranking*, ainda atrás dos Estados Unidos, Goldenberg (2006) já havia pesquisado uma peculiaridade. Segundo a antropóloga, o que torna o Brasil especial nessa área são o ímpeto e a rapidez com que se toma a decisão de submeter-se a uma cirurgia plástica. As principais motivações seriam atenuar os efeitos do envelhecimento, corrigir defeitos físicos e esculpir um corpo perfeito, esta última a que mais cresce, segundo ela – suspeita confirmada pelos dados mais recentes divulgados pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, como se nota acima.

Para Sant’Anna (2014, p. 170), uma hipótese que coloca o Brasil no topo do ranking é ser um país com uma sociedade majoritariamente jovem, o que aumentaria a concorrência para “adquirir e manter tanto os empregos quanto os cônjuges”, especialmente para mulheres com mais de 40 anos. Além disso, as cirurgias tendem a ser vistas como um “merecido presente”. Ocorre uma inversão: na sociedade em que a beleza é sinônimo de “cuidado”, está atrelada ao esforço e mérito de cada indivíduo, o embelezar-se por embelezar-se, outrora malvisto, passa a significar autoestima – a ponto de, em maio de 2022, enquanto essa tese está sendo desenvolvida, um vereador da cidade de São Paulo colocar em votação (e conseguir aprovar) um projeto de lei que cria o Dia da Harmonização Facial no município. A justificativa: “a preocupação com a aparência leva as pessoas a recorrerem a profissionais da psicologia, terapeutas e psiquiatras para lidar com essas questões, e por isso a harmonização teria um papel importante e merece reconhecimento”⁴⁸³.

Nessa cruzada pelo embelezamento – se não mais para conquistar ou manter um marido, mas sim para satisfação pessoal da mulher, da autoestima, Sibilia (2012) lembra que vale tudo, ou quase tudo na busca pelo corpo perfeito, inclusive o risco de perder a própria vida, seja pelos riscos inerentes a qualquer cirurgia (atenuados com nomenclaturas como “tratamentos” e “procedimentos” estéticos, como se fossem algo trivial), seja pela adoção de dietas restritivas ou mesmo pelo uso de anabolizantes para esculpir o corpo.

⁴⁸³ Sob risos de vereadores, Câmara de SP aprova Dia da Harmonização Facial. *UOL Notícias*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/05/26/camara-municipal-de-sp-aprova-dia-da-harmonizacao-facial.htm>. Acesso em 26 de maio de 2022.

Foi na década de 1980 que as academias de ginástica viraram moda. Segundo Sant’Anna (2018), as propagandas da época associavam sedentarismo à morte da saúde – e da beleza. Surgiram revistas específicas para tratar da “boa forma” do corpo, houve uma profusão de vitaminas, remédios, alimentos para tratar o corpo de dentro para fora e de fora para dentro. Nessa época, Maria Augusta saiu da Socila, e a instituição, que já se dedicava mais às atividades de beleza (cabelereiro, tratamentos estéticos), passa a ser bem menos mencionada na imprensa, com uma citação ou outra como Socila Clínicas de Beleza.

Reportagem de 1981⁴⁸⁴ sobre o lançamento do *shopping center Barrashopping*, hoje considerado um dos maiores complexos de compras, negócios e lazer da América Latina⁴⁸⁵, menciona estabelecimentos que farão parte do empreendimento, dentre eles “uma filial da Socila, onde a mulher pode cuidar dos cabelos, da pele e do corpo, enquanto os filhos se distraem no parquinho ou na patinação”. Um editorial de moda⁴⁸⁶ do mesmo ano menciona que cabelo e maquiagem da modelo foram feitos na Socila Ipanema. Dali em diante, o que se vê nas páginas de jornais e revistas sobre a Socila são basicamente anúncios das filiais que restaram como salão de beleza, cursos de modelos, maquiagem e clínicas de estética.

A pesquisa feita via redes sociais, já mencionada anteriormente, mostra que a maioria das respondentes, muito embora se lembrem da Socila majoritariamente como escola de etiqueta, frequentou o local na década de 1980: “frequentei sim, fiz tratamento para o corpo com uns aparelhos muito diferentes dos que vemos hoje em dia em academias. Tratamento de cabelo também”; “fiz o curso de modelo fotográfico. Tinha como motivação aprender a me maquiar e me vestir com mais harmonia. Isso foi na década de 80 quando era adolescente. Também fiz um pouco de ginástica”; “frequentei no fim da década de 70 apenas para cuidados estéticos”; “frequentei nos anos 70 e 80! Tratamento de emagrecimento nos diversos aparelhos!”; “fiz vários tratamentos para emagrecer”. Uma delas aponta a linha do tempo:

⁴⁸⁴ Barra, o fantástico shopping show. *Manchete*, ed. 1544, 1981, p. 74.

⁴⁸⁵ Informações do site da Multiplan. Disponível em: <https://www.barrashopping.com.br/shoppings-multiplan>. Acesso em 26 de maio de 2022.

⁴⁸⁶ Moda jovem para ele e para ela. *O Cruzeiro*, ed. s/n, 1981, p. 84

Frequentei nos anos 80. Me lembro que tinha cursos para formação de modelo, mas a ênfase maior era clínica de beleza. Era caríssimo e ainda tinha que ter aquele biotipo de modelo da época, começando em ser bonita, que pelo menos era a ideia que passava pra gente nas propagandas, ou melhor, o nosso imaginário traduzia assim. Mas a recordação maior era clínica de beleza. No início dos anos 90 tinha algo ligado aos casamentos, todo mundo queria passar o dia da noiva lá, outra novidade. Também caríssimo. Minha prima chegou a fazer cabelo e maquiagem lá no casamento e detestou. A ideia de curso de modelo já não fazia parte do imaginário porque já havia surgido muitos e perdido a ideia de glamour, e a clínica de beleza era o maior chamariz.

Em 1984, como vimos, Maria Augusta abriu o Maria Augusta *Studios*. Mas como disse uma respondente da pesquisa, “escola para moças nos anos 80 (...) já era uma coisa meio fora dos padrões da época”. A ideia de um “aperfeiçoamento social” deu lugar a um “aperfeiçoamento corporal”. Como mostra Sant’Anna (2018, p. 122), o corpo é turbinado com um “arsenal de vitaminas, próteses, preenchimentos e cremes extremamente diversificados”, o tabu da cirurgia plástica “desmorona” e naturaliza-se a decisão de intervir no próprio corpo, modificando cada parte dele. Luiz Fernando Dias Duarte (1999) desenvolve a noção de perfectibilidade, tema recorrente desde Rousseau, com a ideia de que a espécie humana é provida da capacidade de se aperfeiçoar indefinidamente, de desenvolver uma perfectibilidade constante e indefinida, e que essa capacidade inclusive nos distinguiria dos demais seres.

Essa perfectibilidade (DUARTE, 1999) decorre do fato do ser humano ser dotado de razão, e é o uso sistemático dessa razão que implicaria no avanço em suas condições de relação com o mundo, de modo que a perfectibilidade só se dá por meio da experiência em relação ao mundo exterior. Duarte (1999) relaciona a essa perfectibilidade o que ele denomina fisicalismo, uma consideração da corporalidade humana, decorrente da separação entre corpo e espírito. A corporalidade tem uma lógica própria e ela inclui os fenômenos relacionados ao uso do corpo, à construção de um “corpo ótimo” que demanda uso de medicamentos, de tecnologia em favor da prevenção e da maximização da saúde, e um consumo generalizado de drogas - não necessariamente drogas ilícitas, mas toda sorte de vitaminas e alimentos a que Sant’Anna (2018) se refere acima.

Duarte (1999) afirma que toda a sorte de estratégias para o que ele chama de otimização do corpo surgem a partir desse entendimento do corpo como sede de uma busca indefinida pela perfectibilidade. Nisso reside uma tensão: há o desejo de maximizar a vida, em uma aposta de longo prazo, e otimizar o corpo, buscando o prazer e intensidade a curto prazo, reflexo de uma exacerbação das sensibilidades. Para ele, essa tensão se coloca como central para compreender inúmeros fenômenos da sociedade.

Essa noção de perfectibilidade em Duarte (1999) se coaduna com a observação de Sant’Anna (2018, p. 122) de que os medos – de engordar, de envelhecer – se multiplicam, resultando também em fórmulas para prevenir todos os possíveis danos ao corpo, “entre eles, o mais geral e difícil de circunscrever: a falta de autoestima”. Nesse sentido, uma hipótese que parece plausível é que a ideia da beleza ao alcance de todas e das intervenções cirúrgicas e não-cirúrgicas como forma de cuidado consigo mesma passaram a representar um capital simbólico, deslocando o “aperfeiçoamento social” para um “aperfeiçoamento corporal”.

A mulher que pode pagar por uma cirurgia plástica é a que pode “usufruir de todo um aparato científico e tecnológico que, no decorrer da história nacional, foi considerado um luxo de poucos” (SANT’ANNA, 2014, p. 171), constituindo, portanto, um capital. Tal qual o *habitus* (BOURDIEU, 1983) adquirido na Socila nos anos 1950 e 1960, que representaria um capital feminino, um passaporte que possibilitava à mulher participar da vida social, sair da esfera privada e adentrar novos espaços - ganhando legitimidade por frequentar a Socila, a tal ponto que ainda hoje a imprensa menciona a instituição como sinônimo do ensino de etiqueta e boas maneiras – o “aperfeiçoamento corporal” representaria um passaporte que reafirmaria o amor por si mesma.

O problema disso é que o embelezamento, quando passível de ser adquirido, torna-se um processo sem fim. Enquanto for possível inventar novos produtos e intervenções, sempre haverá uma forma de “cuidar melhor de si”. Um exemplo recente é o “tratamento” que consiste na aplicação de ácido hialurônico na vulva. Contraindicado por especialistas, foi propagandeado como forma de melhorar a aparência e estreitar a região, aumentando o prazer (do homem) durante

a relação sexual. Artigo⁴⁸⁷ que comenta a prática está publicado na seção – adivinhem – denominada “Autoestima”. Como observa Sant’Anna (2014, p. 9) em citação já mencionada nesse trabalho, “das sobrancelhas à genitália, tudo no corpo tornou-se objeto de embelezamento diário”.

É um discurso que atinge mulheres de forma desproporcional, quando comparadas com os homens, em razão deste processo histórico, da beleza como principal virtude feminina; se beleza, agora, “é obtida a partir de uma rotina de sacrifícios” (NEIVA, 2018, p. 73), eles se tornam mais palatáveis ao serem embalados como “autocuidado”. O cuidado consigo mesma, pensado pela escritora e poetisa Audre Lorde ([1988] 2020) como forma de resistência política, virou ferramenta para vender embelezamento, agora “ao alcance de todas”.

A beleza, outrora sinônimo de elegância, de um conjunto de comportamentos a serem aprendidos que, de acordo com a Socila, fariam a mulher sentir-se bem consigo mesma, desloca-se para uma infinidade de “tratamentos” com cosméticos e intervenções cirúrgicas e não-cirúrgicas no corpo, incutidas como autoestima. Há uma transição do dever ser da feminilidade, que desloca a ideia de beleza como cultivo de si, por meio de uma *hexis* corporal (BOURDIEU, 1983) para algo que vem de fora, mediante intervenção no corpo; a legitimação da feminilidade, antes feita pelos agentes do campo (BOURDIEU, 1983), passa a se dar por meio de máquinas.

Em comum com a Socila, permanece a ideia de que a mulher precisa, permanentemente, se “aperfeiçoar”: há sempre algo a melhorar, de modo que “a perseverança é um fator importantíssimo na vida da mulher”⁴⁸⁸; tornar-se mulher, como aponta Beauvoir ([1949] 2019), é processo inesgotável, sobretudo quando apropriado pela lógica do capital.

⁴⁸⁷ Médicos injetam ácido hialurônico para criar ponto H da vagina. É seguro? *Universa UOL*, Autoestima, 06 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/10/06/ponto-h-acido-hialuronico-no-canal-vaginal.htm>. Acesso em 26 de maio de 2022.

⁴⁸⁸ Como se faz uma nova mulher. *O Cruzeiro*, ed. 0042, 1970, p. 54.

5. Considerações finais

Bourdieu ([1981] 2019) diz que na sociologia do conhecimento há uma hierarquia dos objetos de pesquisa, que separa os objetos dignos dos indignos de serem estudados. No processo de escrita da tese, eu passei pela fase de dúvidas quanto ao objeto: a Socila era digna de estudo? Em 2022, faria sentido falar sobre uma escola de etiqueta para mulheres cujo auge foi nos anos 1960? Ao final desse trabalho, entendo que a resposta é sim. Diversas razões me fizeram manter a escolha; algumas funcionaram como incentivo para eu começar o trabalho, outras descobri no desenvolvimento da pesquisa:

- a) Originalidade: é uma história que não foi contada;
- b) Perenidade: o tema sobreviveu ao tempo;
- c) Aderência ao campo da Comunicação: trata-se de um tema ainda presente nas narrativas da imprensa, a despeito de a Socila ter tido seu auge na década de 1960;
- d) Construção midiática: Maria Augusta construiu para si uma fachada similar ao que hoje chamamos de *storytelling*.
- e) Atualidade: temas tratados na Socila permanecem atuais, seja com mulheres ensinando etiqueta em perfis da rede social *Instagram*, seja a busca incessante pela beleza, mesmo que por meio de outras técnicas;

Quando entrei no mestrado também na PUC-Rio, em 2015, meu então orientador, professor Everardo Rocha, enfatizou que um critério fundamental para a escolha do objeto de pesquisa era a perenidade. Um tema que sobrevivesse ao tempo, em contraponto aos modismos que hoje nos parecem absolutamente importantes, mas que daqui a uma década ninguém se lembra do que se trata. A lição ficou para a vida. A Socila, como espero ter demonstrado ao longo desse trabalho, permanece viva no imaginário da sociedade e na imprensa, tendo destaque nos meios de Comunicação, por meio de textos de cronistas e jornalistas.

Uma das primeiras coisas que se aprende quando pretende-se pesquisar um tema é não ter certezas *a priori*. Ou seja, não se tem uma resposta de antemão. É essa a finalidade da pesquisa: investigar uma tese, responder a uma ou mais perguntas. E eu tinha várias. A essa altura da pesquisa, já é possível falar da complexidade que envolve ser mulher, escrever sobre socialização feminina, buscar reconstruir a trajetória de outra mulher - Maria Augusta -, e analisar pela primeira

vez um objeto. A Socila, como dito na introdução, nunca foi protagonista de uma pesquisa, acadêmica ou não, que se propusesse a destrinchar sua história e a de sua fundadora (digo no singular porque, apesar da sociedade com Ligia Bastos, é à Maria Augusta que a Socila é associada).

Apesar do desejo de estudar um objeto inédito que pairava também nas minhas lembranças de infância, os incômodos não demoraram a surgir. Ao fim e ao cabo, a Socila era uma escola que disciplinava mulheres, sugerindo que o melhor que elas poderiam fazer era se moldar à uma sociedade machista para conseguirem ótimos casamentos e mantê-los. Se posicionava contra o feminismo, dizendo que as mulheres não precisavam ir para as ruas e não deveriam confrontar diretamente os homens nem o *status quo*. Quando a escritora feminista Betty Friedan visitou o Brasil, a Socila escolheu comentar sobre sua aparência física, a despeito do ativismo da autora pelos direitos das mulheres. A mulher que fizesse Socila era ensinada a evitar o conflito; li isso em muitas e muitas das páginas escritas com o “método Maria Augusta”, aqui analisadas além das narrativas na imprensa.

Passado o impacto inicial provocado pelas leituras das regras propostas nas apostilas de Maria Augusta e nos discursos na imprensa, outros questionamentos vieram. Teria sido possível para as mulheres fazer tão diferente disso nos anos 1950 e 1960? Claro, já havia feministas no mundo naquela época, mesmo o Brasil já havia tido nomes como Nísia Floresta, Bertha Lutz e tantas outras, mulheres que buscavam o direito ao voto, que queriam trabalhar e viajar sem ter de pedir autorização ao marido, que desejavam uma vida diferente da que a socialização feminina lhes impunha.

Mas me parece, e isso pode ser objeto de investigação posterior, que houve uma espécie de hiato nos Anos Dourados. A chamada segunda onda do feminismo só chegou no Brasil para valer na década de 1970. Schuma Schumacher (2018), pedagoga, escritora, que fez parte da gestão do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher na Constituinte e atua até hoje como ativista, aponta que o feminismo brasileiro teria começado de forma organizada no final do século XIX, com mulheres se rebelando contra a escravidão, lutando pelo direito de trabalhar sem precisar da autorização do marido, de frequentar universidades, de votar e serem votadas; e que a chamada segunda onda teria tido início nos anos 1970, mas o foco

do campo progressista era a luta contra a ditadura militar. Os direitos das mulheres ficavam – e ficam – para depois.

Em paralelo, um determinado recorte da sociedade daquele tempo – jovens brancas e cuja família podia investir em “educação” -, em transição com os “50 anos em 5” do presidente JK, precisavam de novos pontos de referência, tal qual funcionavam os manuais de civilidade na chegada da Corte Portuguesa ao Brasil. Como acompanhar o brilho dos Anos Dourados? A Socila parecia ter a resposta. Fato é que, no Brasil de 2022, provoca calafrios ler 532 páginas de apostilas ensinando às mulheres o “faça isso, não faça aquilo”, sem contar os discursos na imprensa.

Aos poucos, porém, as perguntas, tão necessárias à pesquisa, começaram a surgir. Quem era Maria Augusta, a mulher que marcava os passos das moças batendo com a bengala no chão, que não aceitava erros de postura, que dizia às mulheres para nunca dizerem não e serem cordatas, para serem inteligentes e manterem seus casamentos, sendo boas esposas e boas mães? Era a mesma Maria Augusta que se casou três vezes, não teve filhos, associou seu nome a uma marca de sucesso, fundada porque ela queria ganhar o próprio dinheiro e viajar pelo mundo, foi amiga do presidente da República durante seu mandato, tinha livre trânsito na alta sociedade mundial. Uma mulher que circulou por onde quis e que, ao que essa pesquisa indica, estimulava que outras mulheres circulassem onde quisessem também, da maneira dela, por meio da lente pela qual ela enxergava o mundo – e o ser mulher no mundo – naquela época.

A exemplo de Clarice Lispector, que segundo a escritora e amiga Nélida Piñon em declaração à biógrafa Teresa Montero (2021), sentia o peso da formação patriarcal e não queria ser vista como alguém que traía seu destino de ser mulher e esposa, tinha “preconceitos da geração dela” e adotava uma postura de não competição com os homens, Maria Augusta - penso ter mostrado enquanto pesquisadora da socialização feminina -, atuava nas brechas. Michelle Perrot (2019, p. 34) diz que as mulheres que escreviam na imprensa feminina estavam, “por trás da fachada algo banal”, buscando emancipar outras mulheres pela educação. Maria Augusta não foi responsável por um projeto feminista de luta pelos direitos das mulheres, é bem verdade; mas teve alguma agência no que entendia como campo

de possibilidades (VELHO, 2013) para a mulher participar da esfera extra-doméstica, fora dos recônditos do lar.

A partir do paradigma indiciário de Ginzburg (1989), observei pormenores reveladores sobre Maria Augusta. Li os jornais dizendo que ela era extremamente exigente com as candidatas a miss. Ouvi pessoas que conviveram com ela lhe devotarem amor e saudades. Escutei familiares falando dela como a tia elegante, fora do comum, que aparecia com roupas, perfumes e notícias, trazendo consigo um mundo que as crianças só acessavam por meio dela. Acredito que Maria Augusta atuou como uma espécie de mediadora para mulheres “em trânsito”, para usar o termo da escritora Marina Colasanti sobre as mulheres daquela época. Mediou comportamentos entre o mundo do qual ela tanto desejou fazer parte – e conseguiu -, e outras mulheres desejosas de também fazer parte dele.

Por óbvio, enxergar Maria Augusta dessa forma não significa concordar que a educação fornecida pela Socila era o melhor caminho para as mulheres, tampouco que esse tipo de ensinamento de fato emancipava ou dava às mulheres autonomia real sobre si mesmas. Mas a desigualdade entre os sexos que estrutura a sociedade de forma desvantajosa e opressora para mulheres não foi inventada pela Socila, que era parte dessa estrutura. Nesse sentido, pode-se dizer que há nuances entre oprimir mulheres e lutar pelos seus direitos; no caminho, havia a possibilidade de dar-lhes ferramentas para participar da vida social. Para jogar o jogo.

Acredito que era o que a Socila fazia, ou pensava fazer. Imputar à instituição e à Maria Augusta o rótulo de “opressora” seria o mesmo que dizer que o regime patriarcal no qual vivíamos e vivemos é responsabilidade individual; não é. E compreender isso não é, de nenhum modo, negar a desigualdade e a opressão existentes. Para a mulher que não se lançaria diretamente na luta pelos direitos das mulheres, reivindicando a emancipação feminina, talvez fizesse sentido se resignar com a “emancipação” por meio do capital feminino prometido pela Socila. Para a mulher que até então estivesse restrita ao lar e aos afazeres domésticos, parecia algum ganho.

De certa forma, falar da Socila ainda hoje importa justamente porque quase 60 anos depois do auge da escola, a sociedade não mudou tanto assim. As mulheres não têm mais no casamento o seu único destino sonhado, mas continuam sendo

questionadas sobre se irão se casar – e vistas como “não escolhidas”, não desejadas caso não se casem, como se essa não pudesse ser uma escolha legítima. Podem não ter filhos, mas ouvem constantemente que não serão realizadas se não forem mães. Trabalham fora, mas naturaliza-se que sejam também as responsáveis pelo cuidado com o lar. Em geral ganham menos do que os homens - em 2018 as mulheres ganhavam em média 20,5% a menos do que os homens nas mesmas funções⁴⁸⁹-, desigualdade que sabidamente aumentou durante a pandemia, com quatro vezes mais mulheres do que homens abandonando seus empregos para se manterem nas funções de cuidado com a família, papel que lhes é socialmente atribuído⁴⁹⁰.

Como nos lembra Virginia Woolf ([1931] 2020, p. 18) em *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*, “mesmo quando o caminho está nominalmente aberto – quando nada impede que uma mulher seja médica, advogada, funcionária pública -, são muitos, imagino eu, os fantasmas e obstáculos pelo caminho”. Em alusão ao seu livro anterior, *Um quarto todo seu* ([1928] 2020), ela continua: “Vocês ganharam quartos próprios na casa que até agora era só dos homens. Podem, embora com muito trabalho e esforço, pagar o aluguel. (...) Mas essa liberdade é só o começo; o quarto é de vocês, mas ainda está vazio”. Maria Augusta ajudava a preencher o quarto, a retirar, ao seu modo, os obstáculos do caminho. Em um espectro coletivo, vítimas da desigualdade, mulheres têm agência - desde que o mundo é mundo, tentamos agir nas brechas, nas zonas proibidas a que se refere Perrot (2019).

Entretanto, é importante tensionar aqui que possibilidades individuais de sucesso para mulheres, seja na vida social, como prometia a Socila, seja no mercado de trabalho, já que hoje entendemos que não se pode falar em liberdade feminina sem autonomia financeira, não é a solução para os problemas das desigualdades entre homens e mulheres. Há mais em jogo do que a noção equivocada de “empoderamento” individual que domina as redes sociais e a publicidade, mas que não muda em nada a vida de 99% das mulheres, como observa Nancy Fraser (2019).

⁴⁸⁹ Fonte: *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua*. Diferença do rendimento do trabalho de mulheres e homens nos grupos ocupacionais, 2018. IBGE. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/93fe55e0692c504efbc849b796921b18.pdf. Acesso em 20 de maio de 2022.

⁴⁹⁰ Fonte: *Relatório McKinsey*. Disponível em: <https://www.mckinsey.com/featured-insights/gender-equality/the-future-of-women-at-work-transitions-in-the-age-of-automation/pt-br>. Acesso em 05 de março de 2022.

A perspectiva da Socila, se olhada com as lentes de hoje, se assemelharia ao chamado feminismo liberal, que além de não oferecer uma solução para as demandas das mulheres, é ele mesmo parte do problema, pois “se recusa a tratar das restrições socioeconômicas que tornam a liberdade e o empoderamento impossíveis para uma ampla maioria de mulheres” (ARUZZA, FRASER e BHATTACHARYA, 2019, p. 28). Algumas poucas mulheres obterão sucesso, que será creditado na conta da meritocracia, reforçando que, se as demais não conseguem, é porque não se esforçaram o suficiente. A divisão sexual do trabalho, que ainda mantém as mulheres em casa cuidando dos filhos – ou fazendo isso também trabalhando fora -, é uma questão a ser debatida dentro do âmbito do capitalismo. É dessa forma que, na perspectiva de estudiosas como Nancy Fraser, poderemos ir ao cerne das opressões, e não com soluções individuais. Eu não poderia encerrar este trabalho sem deixar claro que essa é também a minha perspectiva.

Como pesquisadora na área da Comunicação, cada vez que vejo o termo *storytelling* ser utilizado em iniciativas de *marketing* e publicidade, penso na construção da fachada de Maria Augusta na mídia. Vejamos o caso da fabricante de sorvetes Diletto; reportagem⁴⁹¹ conta que a marca paulistana vendeu, junto com o sabor do produto, uma inspiradora história de família. Dizia-se que o fundador, Leandro Scabin, tinha se inspirado em seu avô, sorveteiro italiano que veio para o Brasil fugindo da Segunda Guerra Mundial. A foto do avô e o carro supostamente usado para vender sorvete ajudaram a construir uma imagem de autenticidade para a marca e criaram aproximação com o consumidor. A história nunca aconteceu. O avô de Leandro não era sorveteiro; a foto que remetia à história de família era, na verdade, uma peça publicitária – mas funcionou para convencer o cliente de que o sorvete era diferenciado.

Caso semelhante aconteceu com a fabricante carioca de sucos Do Bem. Nas caixinhas do produto, ela diz que fabrica uma “bebida verdadeira”, sem açúcar, corantes ou conservantes, e que as laranjas utilizadas viriam de uma fazenda no interior de São Paulo. Mas, segundo a reportagem, o suco é vendido para a Do Bem

⁴⁹¹ Toda empresa quer ter uma boa história. Algumas são mentira. *Revista Exame*, 23 de outubro de 2014. Disponível em: <https://exame.com/revista-exame/marketing-ou-mentira/>. Acesso em 09 de junho de 2022.

pela mesma empresa que vende para outras marcas do mercado. Histórias assim não são exceção: na publicidade, cria-se a narrativa que se deseja criar.

A habilidade de contar histórias de modo a cativar a atenção, persuadir e criar uma narrativa sobre algo ou alguém, editando os fatos para construir a imagem que se deseja sobre um produto ou uma marca, foi parte da estratégia, consciente ou não, de Maria Augusta nos anos 1960. Construiu sua fachada (GOFFMAN, [1959] 2014) contando o que julgou conveniente sobre sua vida. Maria Augusta criou um *storytelling* sobre si mesma. Assim como foi feito com Josepha Massimo, apresentada à alta sociedade italiana como filha de uma “princesa indígena”, fato que, segundo Chaves (2020), teria sido decisivo para despertar o interesse sobre a manequim.

Por fim, cabe dizer que o ensino de etiqueta permanece assunto de interesse em 2022, tendo as redes sociais como plataforma de divulgação. Caroline Celico tem um milhão de seguidores em seu perfil no Instagram⁴⁹², onde dá dicas sobre vários assuntos, incluindo etiqueta. Em seu site⁴⁹³ vende aulas sobre boas maneiras à mesa por 460 reais ao lado de Fátima Scarpa. Ambas são conhecidas socialites de São Paulo. A finalidade das aulas, diz o texto de divulgação, é revelar “os segredos para se sentir confiante em qualquer situação e ser uma pessoa reconhecida por todos pela sua educação e elegância”.

Talita Dal Bó⁴⁹⁴ se apresenta como criadora do “capital visual”⁴⁹⁵, que tem como objetivo ensinar a combinação de cores para causar “uma primeira impressão de impacto” na vida profissional. O resultado prometido é “a fórmula infalível para transmitir segurança e confiança”. Ela é seguida por 304 mil pessoas. Com 111 mil seguidores no Instagram, Barbara Coral⁴⁹⁶ vende o curso Workshop Instagram Elegante por 149 reais e 90 centavos⁴⁹⁷. O objetivo é “solucionar todos os seus problemas quando se trata de uma imagem elegante virtual”, para “construir um perfil refinado e harmônico, que te destacará fortemente diante de qualquer pessoa

⁴⁹² Perfil disponível em: <https://www.instagram.com/cacelico/>. Acesso em 28 de maio de 2022.

⁴⁹³ Site disponível em: <https://www.cacelico.com.br/class/boas-maneiras-a-mesa>. Acesso em 28 de maio de 2022.

⁴⁹⁴ Perfil disponível em: <https://www.instagram.com/talitaldalbo/>. Acesso em 28 de maio de 2022.

⁴⁹⁵ Site disponível em: <https://talitaldalbo.com.br/aula-a>. Acesso em 28 de maio de 2022.

⁴⁹⁶ Perfil disponível em: <https://www.instagram.com/barbcoral/>. Acesso em 28 de maio de 2022.

⁴⁹⁷ Disponível em: <https://hotmart.com/pt-br/marketplace/produtos/workshop-instagram-elegante/R70584251M>. Acesso em 28 de maio de 2022.

que entrar em sua página”. Amanda Mirelly⁴⁹⁸, que se apresenta como “lady”, é seguida por 233 mil pessoas interessadas em “etiqueta de forma simples e usual”. Além, é claro, da Socila Escola de BH, já mencionada aqui.

Fora das redes, há em Natal, no Rio Grande do Norte, uma escola voltada para meninas, com o sugestivo nome de Escola Doméstica de Natal⁴⁹⁹. Fundada em 1914, permanece atuante e ensina sobre etiqueta social e profissional, técnicas culinárias, organização do lar, “com o objetivo de preparar a aluna para atuação em sua vida familiar, social e no mercado de trabalho”. No site da escola diz que o estado se orgulha de ser “pioneiro na emancipação da mulher na sociedade”. A escola “se atualizou”, mas “se manteve na tradição de valorizar aspectos especiais à condição feminina”.

Por fim, entendo esse trabalho como o começo de uma caminhada, na qual pretendeu-se contar pela primeira vez a história da Socila, pavimentando assim o caminho para desdobramentos. Como perspectivas futuras, penso em algumas abordagens: ao longo da pesquisa mencionei pessoas ligadas à história da Socila; nem todas foram entrevistadas nesse momento (como, por exemplo, os empresários da Natura e do Boticário, que se relacionaram com a marca), e podem ser contatadas para um desdobramento da história da escola.

Também ficou muito claro que a Socila era uma escola para mulheres brancas; seria interessante pensar a ausência das mulheres negras, que de certa forma invertiam a lógica da socialização. A busca pelo direito de trabalhar fora, por exemplo, não era uma luta das mulheres negras - eram elas as provedoras, as que sustentavam suas famílias, como observa Mônica Velloso (1990) em trabalho já citado. Outro ponto que pode ser interessante estudar é tensionar como a etiqueta, normativa por essência, sobrevive em um ambiente de busca por diversidade.

Além disso, o repertório adquirido no campo de estudos sobre socialização feminina e narrativas sobre mulheres amplia as ferramentas para abordar temas que não ficam restritos à Socila. Um exemplo é a tensão entre construção da beleza e autonomia. Até o século XX, o embelezamento estava associado ao pecado e à

⁴⁹⁸ Perfil disponível em: <https://www.instagram.com/ladyamandamirelly/>. Acesso em 28 de maio de 2022.

⁴⁹⁹ Site da escola disponível em: <https://noilderamalho.com.br/historia-2/>. Acesso em 28 de maio de 2022.

vulgaridade, de modo que quando isso se modifica, pelas razões que espero ter demonstrado nesta pesquisa, há uma inversão: a mulher passa a acreditar que se embelezar significa ter autonomia sobre seu corpo. A beleza passa a ser sinônimo de cuidado, de autoestima, e até de moral: quem não dedica tempo ao embelezamento é descuidada, desleixada, preguiçosa.

Outro possível desdobramento é colocar a mediação de Maria Augusta em perspectiva com a vivência de outras mulheres de sua época, inclusive feministas; a Socila teve presença importante na moda, como mostramos, e isso pode ser desenvolvido em trabalhos futuros. Também me interessa investigar temas relacionados à socialização feminina em narrativas audiovisuais.

Despeço-me cotejando duas autoras importantes para mim. Virginia Woolf ([1931] 2020) diz (e digo no presente porque sua obra vive e pulsa) que não dá para fazer nem mesmo uma resenha de livro sem ter opinião própria. Simone de Beauvoir ([1949] 2019, p. 531) diz que “mesmo falando de temas gerais, a mulher que escreve ainda falará de si”. A Socila não me deu apenas material para uma tese; me deu a possibilidade de contar uma história. De ver potência na escrita que é tão solitária e, ao mesmo tempo, possibilita tantas conexões. Espero que faça sentido para cada mulher que venha a ler este trabalho.

6. Referências bibliográficas

Acervo Digital do jornal O Globo. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/>>. Acesso em dezembro de 2021.

ARRUZZA, Cinzia, FRASER, Nancy, BHATTACHARYA, Tithi. **Feminismo para os 99%, um manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org), BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2002. p. 607-637.

BEAUVOIR, Simone de [1949]. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

_____. [1970]. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BERALDO, Beatriz. Mulheres em movimento: emancipação feminina, bicicletas e outros bens de consumo (1875-1930). **Tese de doutorado**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação Social, 2019.

BONADIO, Maria Claudia. A “revolução no vestuário”: publicidade de moda, nacionalismo e crescimento industrial no Brasil dos anos 1960. **Revista Mosaico**, v.2, n.1, p.73-86, jan./jun., 2009.

_____. Dignidade, celibato e bom comportamento: relatos sobre a profissão de modelo e manequim no Brasil dos anos 1960. **cadernos pagu**, n. 22, p. 47-81, 2004.

_____. **Moda e sociabilidade: mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920**. Ed. Senac São Paulo: São Paulo, 2019. e-book.

BOURDIEU, Pierre [1979]. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre (RS): Zouk, 2015.

BOURDIEU, Pierre [1981]. **Questões de sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

_____. [1986]. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes (coord). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006. p. 183-191.

_____. [1998]. **A dominação masculina**. 18ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BOURDIEU, Pierre, CHARTIER, Roger [1988]. **O sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. in: ORTIZ, Renato (org). **Pierre Bourdieu: Coleção Grandes Cientistas Sociais**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRAGA, Adriana. **Corpo-verão:** jornalismo e discurso na imprensa feminina. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia:** histórias de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CAMPBELL, Colin. Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno. in: BARBOSA, Livia, CAMPBELL, Colin. **Cultura, consumo e identidade.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CARDOSO DE MELLO, J. M. e N., F. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, L. (Org.). **História da Vida Privada no Brasil. (vol. 4).** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CARRASCOSA, João (ed). **O Brasil na moda** (Backstage – vol. 1 e 2). São Paulo: Editora Caras, 2003.

CHARTIER, Roger [1986] (org.). **História da vida privada, volume 3:** da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CHAVES, Jonas Leite. **Josepha, romance histórico.** e-book publicado em setembro de 2020.

CIDREIRA, Renata. P. A moda como modo de vida. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.]**, v. 3, n. 5, p. 56–61, 2009.

_____. P. O gosto na moda. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.]**, v. 5, n. 12, 2012.

COLASANTI, Marina. **Mulher daqui pra frente.** Rio de Janeiro: Editora Nórdica, 1981.

_____. **Vozes de batalha.** São Paulo: Planeta, 2021.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Os dizeres das regras:** um estudo sobre manuais de civilidade e etiqueta. Universidade do Estado de Santa Catarina. Santa Catarina, 2004.

DAMATTA, Roberto [1981]. **Relativizando:** uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

_____. **A casa e a rua:** espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Ed. Rocco: Rio de Janeiro, 1997.

_____. O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues. **Boletim do Museu Nacional.** Departamento de Antropologia, número 27, maio de 1978.

_____. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DAVIS, Angela [1981]. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016.

DE LUCA, Tania. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2008.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX,** dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna. In: HEILBORN, Maria Luiza. **Sexualidade: o olhar das ciências sociais.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 21-30, 1999.

DURKHEIM, Émile [1895]. O estudo dos fatos sociais e o método da sociologia. In: CASTRO, Celso. **Textos básicos de sociologia:** de Karl Marx a Zygmunt Bauman. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

ECO, Umberto. **História da beleza.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

ELIAS, Norbert [1939]. **O processo civilizador, volume 1:** Uma História dos Costumes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. [1969]. **A sociedade de corte:** investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FARIA, Amanda Beraldo. Amélias: Imagens da Mulher de Verdade na Canção de Ataulfo Alves. **Revista Brasileira de Estudos da Canção.** Natal, n.6, jul-dez 2014.

FOUCAULT, Michel [1970]. **A ordem do discurso.** São Paulo: Ed. Loyola, 2019.

_____. [1975]. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1997.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOFFMAN, Erving [1959]. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

_____. [1963]. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOLDENBERG, Mirian. **O corpo como capital:** para compreender a cultura brasileira. Revista Arquivos em Movimento, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 2, jul-dez/2006.

GOMES, Anderson. E por falar em mulheres: relatos, intimidades e ficções na escrita de Marina Colasanti. **Dissertação de mestrado**. Departamento de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em dezembro de 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Diferença do rendimento do trabalho de mulheres e homens nos grupos ocupacionais, 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/93fe55e0692c504efbc849b796921b18.pdf>. Acesso em dezembro de 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, 2019.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes (coord). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006. p. 167-182.

LÉVI-STRAUSS, Claude [1949]. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1982.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. *Ethos* emergente: notas etnográficas sobre o “sucesso”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, n. 65, outubro/2007.

LISPECTOR, Clarice [1977]. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. Organização de Aparecida Maria Nunes. **Correio Feminino**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

LISPECTOR, Clarice; organização de Aparecida Maria Nunes. **Só para mulheres: conselhos, receitas e segredos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

LOPES, Maria Estela Kubitschek. **Simple e princesa**. São Paulo: Arx, 2006.

LORDE, Audre [1988]. **Sou sua irmã: escritos reunidos e inéditos de Audre Lorde**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

MALFITANO, Alberto. O jornalismo de moda: aplicações no campo histórico. In: SORCINELLI, Paolo (org.). **Estudar a Moda: corpos, vestuários, estratégias**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

MAUSS, Marcel [1950]. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naif, 2003.

MEAD, Margaret [1950] **Sexo e temperamento**. Debates (5): Antropologia. São Paulo: Perspectiva, 2015.

MEDEIROS, Maria Carolina El-Huaik de. Regras de convivência: um estudo sobre etiqueta e manuais de civilidade no Brasil. **Dissertação (mestrado)**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

MENEZES, Thiago de. **A senhora de bengala e outras senhoras**: um pouco das mestras da elegância. São Paulo: All Print Editora, 2010.

MILLS, C. Wright [1959]. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Seleção de Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MONTERO, Teresa. **À procura da própria coisa**: uma biografia de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.

MORENO, Rachel. A beleza impossível: mulher, mídia e consumo. São Paulo: Ágora, 2016. e-book.

NEIVA, Renata M. de O. Pedagogias da beleza: a história da educação do corpo feminino no Correio da Manhã (1925-1972). **Tese (doutorado)**. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2018.

PERROT, Michelle [2006]. **Minha história das mulheres**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2019.

PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim. A arte de receber: distinção e poder à boa Mesa - 1900-1970. **Tese (doutorado)**. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

PINSKY, Carla Bassanezi, PEDRO, Joana Maria (orgs). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos Anos Dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, Antoine, VINCENT, Gérard (orgs). **História da vida privada, 5**: da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. A distinção e suas normas: leituras e leitores dos manuais de etiqueta e civilidade – Rio de Janeiro, século XIX. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 8, número 1-2, p. 139-152, jan/dez 1995.

RAPPAPORT, Erika D. **Uma nova era de compras**: a promoção do prazer feminino no West End londrino, 1909-1914. In: CHARNEY, Leo & SCHARTZ, Vanessa R. (orgs.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p.157-183.

REVEL, Jacques [1986]. Os usos da civilidade. In: **História da vida privada, volume 3: da Renascença ao Século das Luzes**. Organização de Roger Chartier. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ROCHA, Everardo, BERALDO, Beatriz. Saias, selins e sensibilidades: movimentos feministas e bens de consumo. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 16, p. 61-79, jan/abr 2019.

ROCHA, Everardo, LANA, Ligia. Fama e afetação: as passagens de Sarah Bernhardt pelo Rio de Janeiro (1886-1905). **Revista Famecos**, v. 24, n. 3, 2017.

ROCHA, Everardo, LANA, Ligia. Imagens de Pagu: trajetória midiática e construção de um mito. **cadernos Pagu**, Campinas, SP; n. 54, 2018.

RODRIGUES, José Carlos [1979]. **O tabu do corpo**. 4a edição. Rio de Janeiro: Dois Pontos Ed., 1986.

_____. [1999]. **O corpo na História**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2014.

RODRIGUES, José Carlos. **Higiene e ilusão: o lixo como invento social**. Rio de Janeiro: NAU, 1995.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

_____. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014. edição em pdf.

_____. Sempre bela. In: PINSKY, Carla Bassanezi, PEDRO, Joana Maria (orgs). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 105-125.

SCHUMAHER, Schuma. As veteranas ou um sinal de alerta sobre uma memória não escrita. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHWARCZ, Lilia M., STARLING, Heloisa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SEIXAS, Cristina. **Casa Canadá: a questão da cópia e da interpretação na produção de moda na década de 50**. Rio de Janeiro: Cassará Editora, 2015.

SENNETT, Richard [1974]. **O declínio do homem público**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SIBILIA, Paula. O corpo velho como uma imagem com falhas: a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. **Comunicação, mídia e consumo**. ESPM São Paulo, ano 9, vol. 9, n. 26, p. 83-114, nov. 2012.

SICILIANO, Tatiana Oliveira. A construção da fachada de Raymundo de Castro Maya como “benfeitor” da cidade e do patrimônio público: a coleção de Debret e o projeto de construção memorial. **Simpósio Nacional de História (ANPUH)**. Florianópolis, Santa Catarina, julho de 2015.

_____. **O Rio de Janeiro de Artur Azevedo: cenas de um teatro urbano**. Rio de Janeiro: Mauad x: Faperj, 2014.

SICILIANO, Tatiana Oliveira; ROCHA, Everardo; MEDEIROS, Maria Carolina; PORTER, Melba. Flagrantes e anúncios: temporalidades em perspectiva na revista ilustrada Fon-Fon! **Contracampo**, Niterói, v. 38, n.3, p. 5-21, dez.2019/mar. 2020.

SILVEIRA, Mauro. Clarice Lispector, uma flecha em direção ao futuro. Entrevista com Júlio Diniz, Silvano Santiago e Florencia Garramuño. **Alceu** (Rio de Janeiro, online), v. 21, n. 45, p. 5-12, set/dez 2021.

SIMILI, Ivana Guilherme; BONADIO, Maria Claudia (orgs). **Histórias do vestir masculino: narrativas de moda, beleza, elegância**. Maringá: Eduem, 2017.

SIMMEL, Georg [1908]. **A mulher e a moda**. Tradução de Artur Mourão. Disponível em: www.lusosofia.net. Acesso em 10 de maio de 2022.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana**. (orgs. VIANNA, Hermano; KUSCHINIR, Karina e CASTRO, Celso). Rio de Janeiro, Zahar, 2013. edição em pdf.

VELLOSO, Mônica Pimenta. As tias baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.3, n. 6, 1990, p. 207-228.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WOOLF, Virginia [1928]. **Um teto todo seu**. São Paulo: Lafonte, 2020.

_____. [1931]. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre: L&PM, 2020.

7. Anexos

ANEXO A – Índice da apostila de Comportamento Social

ÍNDICE	
I - INTRODUÇÃO	1
II - ETIQUETA E PERSONALIDADE	2
Tipo Físico	2
Temperamento	2
Caráter	4
Inteligência	4
Cultura	4
Diagnóstico da Personalidade	5
Auto-Imagem	7
III - ETIQUETA E COMPORTAMENTO	8
Atitudes	8
Gestos	9
O Olhar	9
Voz	10
Fisionomia	11
Traje/Aparência	11
1) A Arte de Conversar	11
- A Palavra e a Comunicação	12
- Como Iniciar uma Conversação	12
- Requisitos Indispensáveis	13
- Gafes e Foras	14
- Elogio	15
- Fofoca	15
- Piadas	15
- Saber Escutar	16
2) Nosso Linguajar e as Influências Estrangeiras.....	16
- Uso de Certas Palavras	16
- Palavras e Expressões Estrangeiras de Uso Internacional...	17

MARIA AUGUSTA STUDIUS

IV - ETIQUETA DOMÉSTICA	22
O Lar Ambiente	22
Qualidades da Dona-de-Casa	22
Regras da Etiqueta Doméstica	23
O Dia da Dona-de-Casa	23
Orientação aos Serviçais	26
Normas quanto a Empregados	27
O Que Deve Ser Exigido e Ensinado	28
Obrigações e Uniformes dos Empregados	28
V - HOSPEDAR, RECEBER E FREQUENTAR	31
Deveres de Quem Hospeda	31
Deveres dos Hóspedes	32
Quando os Donos da Casa Recebem	34
O Papel da Dona-de-Casa à Mesa	36
Lembretes aos Maridos	37
Deveres Sociais	37
Deveres do/a Convidado/a	37
Deveres do/a Anfitrião/ã	38
VI - ETIQUETA À MESA	41
1) Utensílios Indispensáveis	41
2) Tipos de Louças, Baixelas, Copos, Talheres.....	41
- Aparelhos de Jantar	41
- Baixelas	42
- Copos	42
- Aparelhos de Café e Chá	43
3) Decoração da Mesa	43
- Centro de Mesa	43
- Velas	44
- Toalhas	44
4) Material Básico Individual.....	44

MARIA AUGUSTA STUDIUS

5) Arrumação da Mesa	45
- O Prato	45
- Os Garfos	45
- As Facas	46
- As Colheres	46
- Prato Fundo	46
- Prato Base (Sous-Plat).....	46
- Consommê.....	47
- Guardanapo	47
- Pratinho p/ Pão	47
- Copo p/ Água	47
- Copo p/ Vinhos	47
- Taça de Champagne	47
- Prato p/ Sobremesa	47
- Talheres de Sobremesa	48
- Lavanda	48
- Réchaud	48
- Descansos	48
- Aparelho de Fondue	49
- Prato de Fondue	49
- Prato de Alcachofra	49
- Taça de Cocktail de Camarão	49
6) Como Usar os Copos	50
- Os Copos e as Bebidas	51
7) Como Usar os Talheres	51
8) Como Usar o Guardanapo.....	52
- Maneiras de Dobrar Guardanapos	52
9) Procedimento à Mesa	55
10) Maneira Correta de Servir-se	58
- Frutas	
(abacates, abacaxis, abios, ameixas, bananas, cajú, ca	

MARIA AUGUSTA STUDIUS

quis, cerejas, damascos, figos, framboesas, frutas-de-conde, goiabas, grape-fruits, jaboticabas, jacas, jambos, laranjas, mangas, maçãs, mamões, melões, melancias, morangos, peras, pêssegos, salada de frutas, saptis, tan gerinas, uvas)	58
- Vários	
(aipos, alcachofras, aspargos, azeitonas, bacon, caviar, coquilles Saint-Jacques, crustáceos, doces e bolos, escargots, espiga de milho, foie-gras, galinha, lagosta, macarrão, ostras, ovos quentes, pastel e empada, pernas de passarinho, pickles, queijos, rãs, salada de alface, sanduíches, siris)	61
VII - REFEIÇÕES, OCASIÕES, SERVIÇOS	65
1) Tipos de Jantares	65
- Jantar Íntimo	65
- Jantar Informal	66
- Jantar Formal	67
- Jantar Buffet	69
- Jantar à Americana	70
2) Cocktail-Parties	71
3) Souper ou Ceia	73
4) Ceia de Natal	74
5) Fondue	75
6) Queijos e Vinhos	77
7) Refeição Típica	78
8) Serviços	78
- À Francesa	78
- Precedência à Mesa	79
- À Americana	84
- À Brasileira	84
- Sem Criada	85

MARIA AUGUSTA STUDIUS

VIII - ETIQUETA SOCIAL	86
1) Boas Maneiras no Cotidiano	86
- Saudações e Agradecimentos	86
- Convivência com Conhecidos e Desconhecidos	86
- Meios de Comunicação (cartas, telefonemas, telegramas).....	89
2) Etiqueta ao Fumar	91
3) Atitudes Corretas em Sociedade	93
- Cumprimentos	93
- Aperto de Mão	93
- Beija-Mão	94
- A Pontualidade	94
- A Despedida	94
- Beijos no Rosto	95
- Visitas	95
4) Como Comportar-se em Locais Públicos	97
- No Templo	97
- No Cinema e Teatro	97
- No Clube	98
- Em Conferências	98
- Em Lojas	98
- Em Restaurantes	99
5) Boas Maneiras em Viagem	100
- Aérea	100
- Marítima	101
6) Boas Maneiras em Hotéis	101
7) Gorjetas	102
8) Etiqueta ao Jogar	103
9) Convivência em Sociedade	105
a) Apresentações	105
- Como Apresentar	106
- Quem é Apresentado a Quem	106
MARIA AUGUSTA SUTUDIUS	
- Regras Gerais	108
- Atitudes Corretas	111
b) A Arte de Convidar e ser Convidado.....	112
- Normas para Convites	112
- Cartões de Visita	115
- Quando Usar o Cartão de Visita	118
c) Correspondência Social	119
- Como Escrever uma Carta	119
- Formas de Tratamento	121


ANEXO B - Índice e imagens da apostila de Bem Vestir

Í N D I C E

A ARTE DE BEM VESTIR	pag. 1
- A Equação Sinérgica	" 2
- O Círculo Vitorioso x O Círculo Vicioso	" 3
- A Nova Imagem	" 5
TIPO FÍSICO E PERSONALIDADE	" 10
- Peso Estético	" 12
- Perfil Psicológico	" 24
- Linhas Básicas	" 25
- Pontos de Equilíbrio	" 28
GÊNEROS - OCASIÕES - TOILETTES	" 31
- Acessórios	" 32
- O Vestuário e a Hora	" 36
- Tecidos	" 40
- O Comprimento das Bainhas	" 44
ACESSÓRIOS	" 45
- Acessórios de 2. ^a Classe (cintos, óculos, perfumes).....	" 47
- Acessórios de 3. ^a Classe (jóias, lenços, flores).....	" 53
- Acessórios de 4. ^a Classe (chapéus, peles, luvas).....	" 73
GUARDA-ROUPA	" 82
- Básico	" 82
- Íntimo	" 89
- De Viagem	" 90
- Profissional	" 93
- Organização, Compras, A Moda	" 97
DICIONÁRIO DA MODA	" 109

MARIA AUGUSTA STUDIUS

TABELA PARA SUAS MEDIDAS SECRETAS



	DESCONTRAIDA	CONTRAIDA
pescoço		pescoço
ombros		ombros
braço		braço
estômago		estômago
cintura		cintura
abdômen		abdômen
coxa		coxa
joelho		joelho
perna		perna

MARIA AUGUSTA STUDIUS

TIPO FÍSICO E PERSONALIDADE

.29.

Cada detalhe na TABELA, tem um valor numérico, baseado na seguinte regra:

- UMA COR 1 PONTO
- DUAS OU MAIS CORES 2 PONTOS
- COMPLEMENTO DE COR CONTRASTANTE..... 2 PONTOS

Função da Tabela:

Não esqueçamos que vestir bem é uma técnica complexa exercida pelo correto uso de muitos detalhes. Exige sensibilidade, noção de equilíbrio, conhecimentos básicos de proporções, regras de etiqueta e de pequenos "truques".

Desta forma a TABELA DE PONTO DE EQUILÍBRIO é um dos elementos de ajuda, mas não esgota o assunto.

Uma toalette pode não alcançar 10 pontos mas estar em desarmonia quanto ao tipo físico que a veste, em contradição quanto ao estilo da pessoa e inconveniente quanto ao gênero exigido pela ocasião.

UTILIZE TODOS OS ELEMENTOS DE CORREÇÃO E SINTA O PONTO DE EQUILÍBRIO

ATENÇÃO: Jamais o valor numérico de sua toalette deverá ultrapassar os 10/12 pontos - o máximo permitido. O mínimo aconselhável é de 6 pontos.



TABELA DE PONTO DE EQUILÍBRIO

- Vestido liso 1 ponto
- " estampado..... 2 pontos
- " bordado 2 pontos
- " com aplicações, rendas, babados, penas..... 3 pontos
- " dourado ou prateado..... 4 pontos
- " com pailletés..... 4 pontos
- " comprido(soirée) liso..... 1 ponto
- " comprido(soirée) bordado... 2 pontos
- " comprido(soirée) estampado.. 2 pontos
- " comprido(soirée) com aplicações,rendas,babados,penas 3 pontos

- Tailleur liso, deux-pièces etc 1 ponto
- " estampado,pied-de-poule,
pied-de-coq,risca de giz,etc..... 2 pontos
- " estampado com blusa lisa..... 2 pontos
- " com bolsos, botões dourados ou de cores contrastantes..... 2 pontos

MARIA AUGUSTA STUDIUS

TIPO FÍSICO E PERSONALIDADE

.30.



Saia lisa..... 1 ponto
 " estampada 2 pontos
 " bordada 2 pontos
 " com babados..... 2 pontos
 " com bolsos, botões, pes
 pontos etc..... 3 pontos

Blusa lisa 1 ponto
 " estampada..... 2 pontos
 " bordada..... 2 pontos

Meias s/costura, cor de carne (neutra).... 0 ponto
 " c/costura, rendadas ou coloridas... 2 pontos
 " douradas ou prateadas..... 2 pontos

Óculos 1 ponto
 Echarpe..... 1 ponto
 Flores..... 1 ponto
 Gravata 1 ponto
 Chapéu..... 1 ponto
 " com flores, plumas..... 2 pontos
 Luvas lisas..... 1 ponto
 " com enfeites..... 2 pontos



Colar 1 ponto
 Brincos 1 ponto
 Broche 1 ponto
 Relógio 1 ponto
 Pulseiras (uma ou mais no
 mesmo braço) 1 ponto
 Anel/anéis..... 1 ponto
 Aliança 1 ponto



Bolsa lisa 1 ponto
 " c/duas ou mais cores..... 2 pontos
 " bordada c/pailletés..... 3 pontos

Sapato liso 1 ponto
 " com detalhes..... 2 pontos

ANEXO C - Índice e imagens da apostila Linguagem do corpo, vol. 1 e 2.

EXERCÍCIOS

. INTRODUÇÃO	1
. ANÁLISE CORPORAL INDIVIDUAL	3
. ENCAIXE: O ALINHAMENTO DO CORPO	5
. CORREÇÕES DE ERROS DE POSTURA MAIS FREQUENTES.....	11
- Defeitos Mecânicos dos Pés	11
- Postura com Curva em C	15
- Postura de Dorso Curvado	17
- Postura em Curva Espiralada	18
- Exercícios Gerais (para aperfeiçoar a Postura).....	20
- Exercícios Específicos(para corrigir a Silhueta)....	
(Cabeça, Face, Olhos, Pescoço, Ombros, Mãos,	
Busto, Tórax, Estômago, Cintura, Ventre,	
Quadris, Nádegas, Coxas, Joelhos, Pernas,	
Tornozelos, Pés)	25
POSTURA CORRETA E GRACIOSA	98

MARIA AUGUSTA STUDIUS

POSTURA

. POSIÇÕES BÁSICAS DE PÉS E PERNAS EM PÉ	104
. POSIÇÕES BÁSICAS DE MÃOS E BRAÇOS EM PÉ	107
. COMO SENTAR-SE E LEVANTAR-SE	111
. POSIÇÕES BÁSICAS DE PÉS E PERNAS SENTADA	117
. POSIÇÕES BÁSICAS DE MÃOS E BRAÇOS SENTADA	119
. COMO ABAIXAR-SE	122
. COMO ENTRAR E SAIR DE VEÍCULOS	126
. COMO CARREGAR, VESTIR E TIRAR LUVAS	129
. COMO USAR E CARREGAR BOLSAS	133
. COMO CARREGAR E USAR GUARDA-CHUVAS	142
. COMO CARREGAR, USAR, VESTIR E TIRAR ESTOLAS/XALES.....	147
. COMO CARREGAR, VESTIR E TIRAR CASACOS	156

MARTA AUGUSTA STUDIUS

LINGUAGEM DO CORPO - ANDAMENTO

Para descer

Desça em linha diagonal, corpo em posição ereta, com a cabeça por cima do ombro contrário, olhando em direção aos degraus. Calcule a altura dos degraus, de forma a não precisar dar passos largos. Também aqui, tenha em mente que deve manter-se ereta. A chave, para facilitar a postura, está na ação relaxada do joelho e quadril. Flexione os joelhos, apoiando nelos o peso do corpo, mantendo as pernas unidas. Também, para descer, não lance o peso do corpo para frente. Se, para manter o equilíbrio, precisar apoiar-se no corrimão, faça-o suavemente. Afinal, o que está em jogo é o porte, não a vida. Quando o ambiente não for familiar, dê uma olhada ao redor. Mova os olhos, não a cabeça. Lembre-se de regular a velocidade de seus movimentos: devagar ou rápido demais corremos o risco de perder o charme... e o equilíbrio.

Atenção: Para descer uma escada, mais que para subir, é importante utilizar a sola do pé como apoio, e não o calcanhar.

Subir CertoSubir Errado

.182.

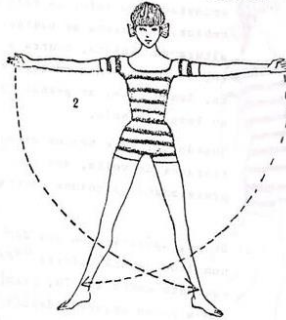
LINGUAGEM DO CORPO - POSTURA

- EXERCÍCIOS GERAIS PARA APERFEIÇOAR A POSTURA

1. Ajoelhe-se no solo e, a seguir, sente-se nos calcanhares. Erga-se para uma posição ajoelhada, mantendo as costas retas, a fim de que o torso faça um ângulo reto com o solo. Devagar, desça o tronco para trás o mais que puder, mantendo as costas retas. Volte à posição inicial e repita quatro vezes.



2. Fique de pé, ereta, com os pés separados, braços abertos para os lados, na altura dos ombros. Gire para a esquerda e curve-se tentando tocar os dedos do pé esquerdo com a mão direita. Volte à posição original. Agora, faça o mesmo movimento com o lado direito, tentando tocar os dedos do pé direito com a mão esquerda.



MARIA AUGUSTA STUDIUS

LINGUAGEM DO CORPO - POSTURA

Manejar graciosamente um guarda-chuva não é tarefa das mais fáceis, como poderia parecer à primeira vista. Há algumas maneiras, porém, de usar um guarda-chuva com graça sem que ele se torne embaraçoso. Tenha em mente que, na maioria das vezes, o guarda-chuva é carregado com a mão esquerda.

a) Como usar um Guarda-Chuva

Segure o punho do cabo com o dedo indicador esticado ao longo do cabo, na Posição Básica de haste de rosa. Assim o guarda-chuva estará seguro com firmeza, sem correr o risco de oscilar perigosamente.

Caminhe, então, em um ritmo de 4 (quatro) tempos, que devem ser decompostos e exagerados enquanto você treina, até que você encontre a medida ideal de seu próprio ritmo.

1. Levante e abaixe o guarda-chuva, de modo que ele toque verticalmente o chão por um instante quando você avançar o pé oposto.



MARIA AUGUSTA STUDIUS